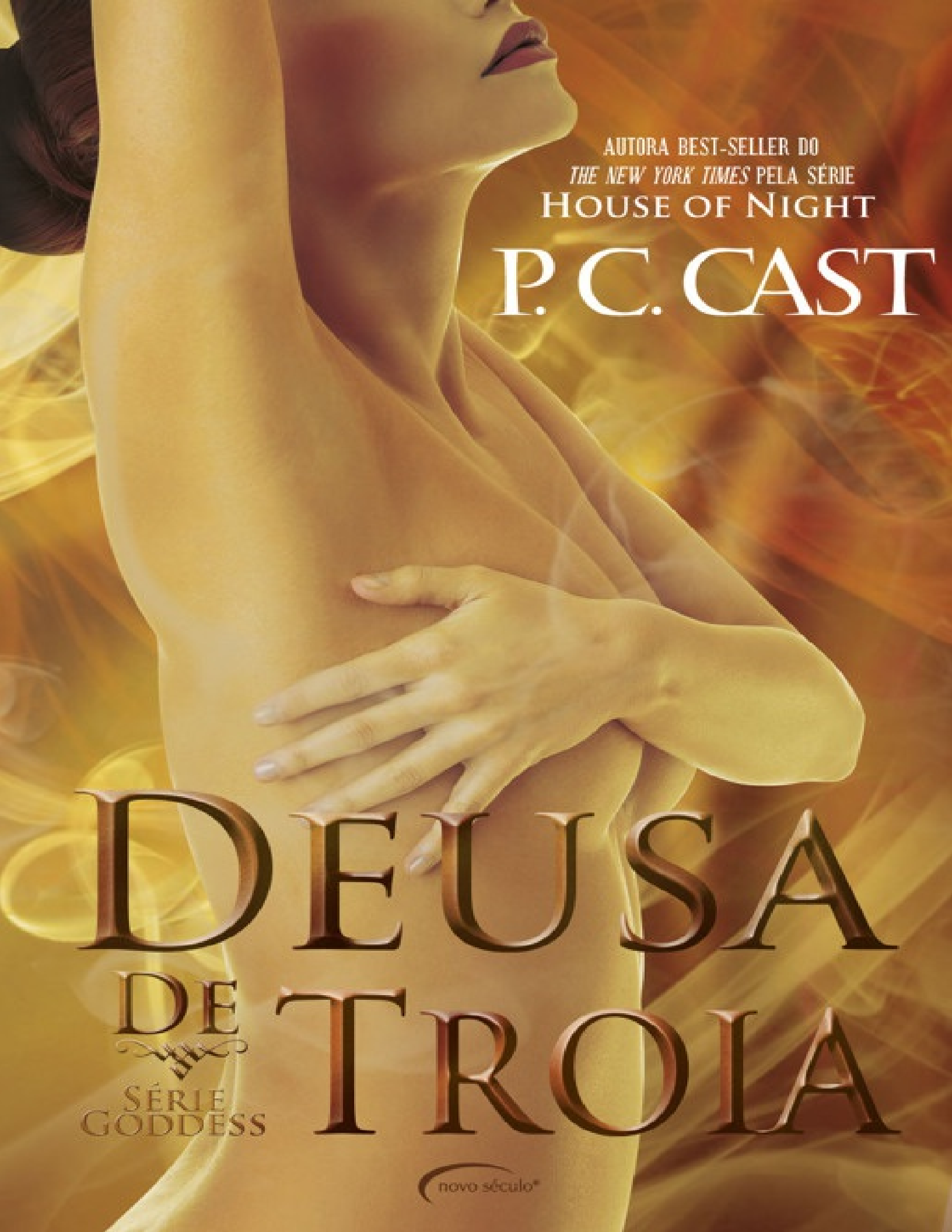




AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES PELA SÉRIE
HOUSE OF NIGHT

P. C. CAST

DEUSA
DE
TROIA

SÉRIE
GODDESS

novo século®



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

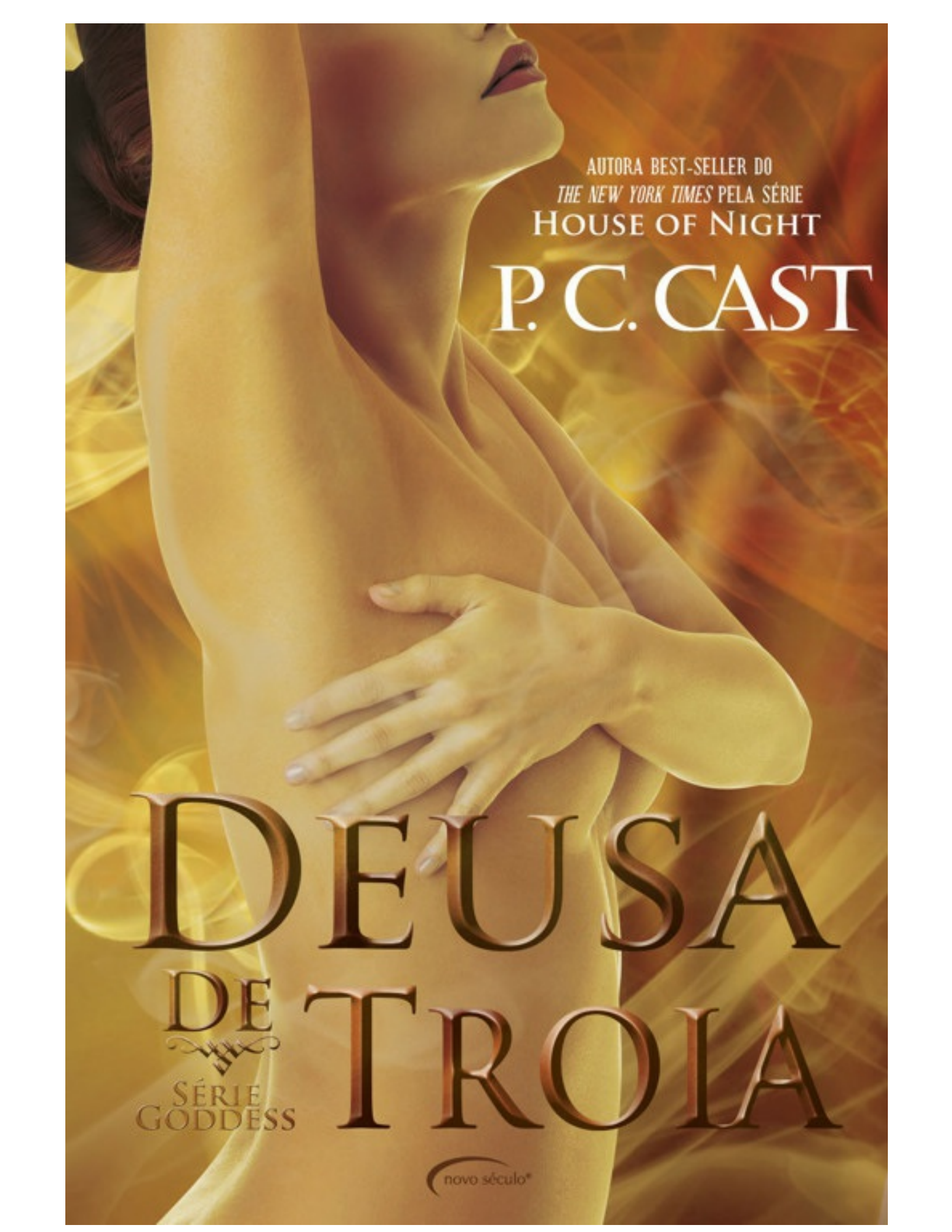
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES PELA SÉRIE
HOUSE OF NIGHT

P.C. CAST

DEUSA
DE
TROIA

SÉRIE
GODDESS

novo século*

P.C. CAST

DEUSA DE TROIA

Série Goddess
livro
6



SÃO PAULO, 2013



Copyright © 2008 by P.C. Cast
Excerpt from *Warrior Rising* Copyright © 2007 by P.C. Cast
All rights reserved including the right of reproduction in whole or in part in any form.
This edition published by arrangement with The Berkley Group, a member of Penguin
Group (USA) Inc.
Copyright © 2013 Novo Século

COORDENAÇÃO EDITORIAL Equipe Novo Século
TRADUÇÃO Vania Canto Buchala
DIAGRAMAÇÃO Claudio Tito Braghini Júnior
CAPA Monalisa Morato
REVISÃO Fernanda Guerriero

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA (DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cast, P. C.

Deusa de troia / P. C. Cast ; [tradução Vania Canto Buchala]. -- Barueri, SP :
Novo Século Editora, 2013. -- (Série Goddess - Livro 6)
Título original: *Warrior rising*.
I. Ficção - norte-americana I. Título.
II. Série.

13-03549

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Edição Digital: 2013

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri – SP

E-ISBN: 978-85-428-0063-0

Caros leitores,

OK, eu confesso: autores também têm seus livros favoritos.

Eu sei, eu sei... Livros são como crianças, e nós nem sempre queremos admitir que gostamos mais de um do que do outro, mas é verdade. Os livros da série *Goddess* são os meus filhos prediletos.

Tal como acontece em minha série best-seller para jovens adultos, *House of Night*, os livros da série *Goddess* celebram a independência, a inteligência e a beleza única da mulher moderna. Meus heróis têm uma coisa em comum: eles apreciam as mulheres poderosas e são sábios o suficiente para lhes valorizar o cérebro tanto quanto a beleza. Pois o respeito e o apreço não são excelentes afrodisíacos?

Pesquisar a Mitologia e reformular antigos mitos é pura diversão! Em *Deusa do Mar* eu reconto a história da sereia Undine, que troca de lugar com um sargento da Força Aérea dos EUA, pois precisa de um tempo para si própria.

Em *Deusa da Primavera*, concentro-me no mito Perséfone / Hades, e mando uma mulher moderna para o inferno! (Quem diria que o inferno e seu deus poderiam ser quentes em tantos aspectos sedutores e maravilhosos?)

De lá, tiramos férias deliciosas em Las Vegas com os divinos gêmeos, Apolo e Ártemis, em *Deusa da Luz*.

E, finalmente, chegamos àquele que é o meu conto de fadas favorito: “A Bela e a Fera”. Em *Deusa da Rosa*, criei a minha própria versão dessa história tão amada, construindo um reino mágico de onde se originam os sonhos — os bons e os ruins — e dando vida a uma fera que me tirou o fôlego.

Do conto de fadas, partimos para a comédia e o calor de *Deusa do Amor*, que é, talvez, o mais engraçado e sensual dos livros da série *Goddess*. Afinal, a própria Vênus é a minha heroína!

Por fim, passamos a uma história épica que me intriga há muito tempo: a Guerra de Troia e Aquiles, um herói que, penso eu, merecia um final feliz há dois mil anos. Confira como fiz isso em *Deusa de Troia*.

Espero que gostem dos meus mundos, e desejo que vocês também descubram uma centelha da magia das deusas em si próprias!

P. C. Cast

Este é para os amigos de todos os lugares!

AGRADECIMENTOS

Como sempre, eu gostaria de agradecer à minha agente e amiga, Meredith Bernstein. Sua confiança em mim significa mais do que posso expressar com estas poucas palavras.

Obrigada à minha nova editora da Berkley, Wendy McCurdy, que tornou o processo assustador de se mudar de editores praticamente indolor. É um prazer trabalhar com você!

Um enorme OBRIGADA a todos os fãs da minha série *Goddess* que enviaram cartas maravilhosas, compartilhando comigo o quanto meus livros os entretêm e os capacita. Espero que aproveitem esta viagem para a minha versão da Guerra de Troia!

PRÓLOGO

Tétis dos Pés Prateados subiu das profundezas da angra escondida. Seu filho já se encontrava ali, esperando por sua chegada. Com aquela calma estranha, quase sobrenatural, que lhe era peculiar desde criança, estava de pé na praia, mirando com intensidade o horizonte pálido a distância. Ainda não tinha percebido sua presença, por isso ela aproveitou a oportunidade para observá-lo com cuidado.

Embora vivesse havia apenas dezesseis verões, ele lembrava mais o homem e guerreiro que se tornaria do que a criança que ela carregara junto ao seio não muito tempo antes. Era magnífico. Seu *filhote de águia* dourado, seu orgulho, seu amor... seu Aquiles.

E agora a alma dela chorava pelo que o oráculo de Zeus manifestara.

Tétis desejou poder negar a verdade ou simplesmente fugir das escolhas que o grande deus revelara. Mas ela também era uma divindade, nascida da água, filha de Nereu, um antigo deus do mar, e sabia muito bem que as profecias dos deuses não podiam ser evitadas; que fugir delas deixava apenas caos e dor, e que vidas eram arruinadas como consequência. Não se podia evitar o destino, portanto era preciso suportá-lo.

Ao menos fora dada uma escolha a Aquiles.

A ponta de esperança que o pensamento proporcionou a Tétis não durou muito. Desvencilhou-se de seu coração enquanto ela continuava a olhar para o homem maravilhoso em que o filho estava se tornando.

Antes da concepção de Aquiles, o oráculo havia predito que ele seria melhor do que o pai — o que a libertaria dos aborrecidos assédios de Zeus e Apolo. Afinal, nenhum dos dois deuses suportaria que um filho o ofuscasse. E se casara com Peleu, o Rei dos Mirmidões.

Um leve sorriso tocou seus lábios rosados e benfeitos. Peleu a desejara tanto que, frente às suas coxas brancas e macias, as previsões do oráculo não tinham significado absolutamente nada para ele.

Tétis jogou para trás o cabelo loiro-platinado. Ela não havia, claro, conseguido se unir a um mortal, fosse ele rei ou não; mas ainda pensava em Peleu com muito carinho. Talvez fosse visitá-lo mais tarde, naquela noite. Ele sempre a acolhia com alegria em sua cama, e ela haveria de precisar da distração da paixão após ouvir a escolha de Aquiles.

Infelizmente, conhecia o filho bem demais. O que o oráculo de Dodona profetizara iria acontecer, sem dúvida.

Tétis respirou fundo e se preparou.

— Aquiles! — chamou.

A resposta dele foi instantânea. Virou-se para ela com um sorriso radiante e uma reverência tão profunda e respeitosa que até a própria Hera teria ficado satisfeita.

— Minha mãe, que notícias me traz do oráculo de Dodona e de Zeus?

Tétis deslizou até ele, estendendo a mão macia.

— Não vai dar nem mesmo um “Olá” à sua mãe? Oráculos e profecias são tudo o que lhe importam, filho meu?

Os olhos azuis de Aquiles, do mesmo turquesa das águas em que a mãe nascera, cintilaram com humor.

— Perdoa-me, grande deusa do mar! — Ele tomou-lhe a mão, beijou-a com carinho e, em seguida, colocou-a em torno do braço já bem musculoso enquanto a tirava das águas quentes do mar Egeu. — Como vai de saúde, minha mãe? Alguma mudança nestes dois dias, desde a última vez em que a vi?

Ela o empurrou no ombro, que parecia ainda mais sólido do que dois dias antes, quando haviam almoçado juntos naquela mesma enseada.

— Minha saúde é perfeita, como sabe muito bem. Sou apenas uma humilde deusa do mar, e não uma dos Doze Olímpicos; portanto, não precisa ficar me bajulando... como também bem sabe.

Aquiles se inclinou e a beijou na face.

— Você é a minha deusa, mãe; e mais divina para mim do que qualquer um dos Doze.

Em vez de responder com suas habituais brincadeiras, Tétis encontrou os olhos brilhantes do filho.

— Não se brinca com os deuses. Se eu desrespeitasse um dos Doze Olímpicos, mesmo que apenas em pensamento, seria um insulto muito grave, e minha arrogância poderia ser severamente punida.

Aquiles franziu a testa.

— O que aconteceu, minha mãe?

Tétis suspirou e se desvencilhou do braço do filho. Em silêncio, caminhou até uma pedra do tamanho de uma cadeira e sentou-se.

Então olhou para Aquiles. Ele estava de pé, com o mar às suas costas, o sol acariciando-lhe o corpo jovem com seus raios dourados. Por um momento, lembrou uma estátua de ouro de si mesmo; algo que as pessoas — talvez num futuro distante — erigiriam a fim de lembrar as façanhas de um guerreiro cuja vida ardera como um cometa e se desintegrara cedo demais.

Um arrepio atravessou o corpo de Tétis.

— Mãe? — Aquiles repetiu. Começou a andar em sua direção, porém ela ergueu a mão para detê-lo.

— Será mais fácil se permanecer onde está. — Dessa forma, ela não ficaria tentada a agarrá-lo como se ele ainda fosse um bebê, e lhe pedir que fosse sábio... que pensasse muito.

Tétis respirou fundo mais uma vez. Quando falou, sua voz soou impassível, como se ela própria fosse um oráculo.

— O oráculo de Zeus lhe apresentou duas opções, Aquiles. — Fechou os olhos e recitou: — Um dos caminhos para o futuro o levará a uma vida longa e próspera. Os Mirmidões irão florescer sob o seu comando. Terá uma esposa fértil que dará à luz muitos filhos e filhas. Irá conhecer a paz, a tranquilidade e o amor. Terá uma vida longa, plena e rica, e irá morrer tranquilo em seu leito quando sua barba estiver branca, cercado por aqueles que o amam. Será muito pranteado, mas eventualmente seu nome será esquecido, assim como um grão nas incontáveis areias da história. — Tétis respirou fundo e continuou, ainda sem abrir os olhos. — O outro caminho para o futuro o fará brilhar mais do que todos os outros reis e guerreiros. Você vai levar os Mirmidões à batalha com uma ferocidade que irá dizimar tudo à sua frente.

O seu fogo vai arder alto, de modo que o seu nome será lembrado por milhares de anos em terras além dos limites do mundo. Mas, como todo fogo que queima alto e forte, irá se consumir depressa e não chegará a ver o fim de trinta verões. A Fúria vai destruir sua vida. Irá apenas vislumbrar a paz, o amor e a tranquilidade; no entanto, nunca irá conhecê-los. — Tétis fez nova pausa a fim de se preparar para o que sabia que iria ver, e então abriu os olhos.

Aquiles já exultava. Ela soubera que aquilo iria acontecer no momento em que o oráculo havia recitado as escolhas de seu filho, mas não pudera deixar de alimentar um fio de esperança. Agora, como uma vela apagada, sua esperança se extinguiu.

— Precisa escolher com calma, meu filho. Pense bem. Lembre-se: uma vez que fizer sua escolha, Zeus decretará o seu destino, e o caminho estará definido.

O sorriso de Aquiles foi jovem e indômito.

— Já fiz a minha escolha, mãe. — Ergueu os braços para o céu, pendeu a cabeça para trás e gritou sua decisão para o Olimpo como uma oração aos deuses: — *Divino Zeus, eu te honro pelas escolhas que me deste. Escolho a vida de guerreiro e a fama eterna!*

No mesmo momento, o céu acima dele foi rasgado por um trovão ensurdecedor, e um relâmpago intenso, irregular e ofuscante disparou do firmamento sobre seu corpo, fazendo o rapaz cair de joelhos e preenchendo-o com um poder que literalmente mudou seu semblante, endureceu o rosto liso e o fez crescer a olhos vistos, tornando-o mais alto e forte. Muito mais do que era até então. Seus olhos brilharam com o fulgor do sangue, e seus lábios se retraíram sobre os dentes em um rosnado feroz quando. Mais uma vez, ele gritou sua decisão com uma voz irreconhecível:

— *Eu escolho a vida de guerreiro e a fama eterna!*

Lágrimas escorreram em silêncio pelas faces de Tétis enquanto ela via o filho optar por uma vida curta. Seu filhote de águia, seu Aquiles, parecia um deus dourado. Orgulhoso, bonito, feroz e imortal.

Mas ele não era imortal. Iria sucumbir em muito pouco tempo. E ela o veria brilhar e se apagar.

Inclinando a cabeça, Tétis enviou sua própria oração ao Olimpo. Não aos gritos, e sim entoada com o poder do coração partido de uma mãe.

— *Hera, Deusa de Todas as Mães, tem piedade de mim. Se for possível, deixa que meu filho amado conheça o amor e a paz antes de perecer. Atena, Deusa da Guerra e da Sabedoria, peço-te com minha alma imortal... Embora Aquiles tenha escolhido a vida de guerreiro, dê-lhe sabedoria para sobreviver à sua própria infantilidade.*

Novo trovão rasgou o claro céu grego, e Aquiles riu com alegria, sem perceber o gracioso pavão que, de repente, surgiu ao lado de sua mãe. A ave estendeu o pescoço, altiva, e pousou a cabeça cor de safira contra a coxa da deusa do mar. Em seguida, do outro lado, uma magnífica coruja apareceu, etérea em suas penas brancas. O olhar sábio da coruja encontrou o de Tétis, e a ave se curvou regamente para a deusa. Logo depois, ambos os pássaros divinos desapareceram em uma nuvem de poeira cintilante.

Treze anos mais tarde, no Monte Olimpo

— Vou dizer uma coisa, meus queridos, essa Guerra de Troia já está me torrando a paciência! — declarou Vênus, olhando para Atena com a sobrancelha levantada.

— Não sei por que está me olhando assim! — respondeu a outra deusa, exasperada.

— Atena, minha amiga, isso pode ter algo a ver com o fato de ser a Deusa da Guerra — apontou Hera.

— Sem falar nessa sua obsessão pela segurança de Ulisses, que não ajuda em nada lá em Troia — acrescentou Vênus, antes de erguer o cálice vazio. — Minha ambrosia acabou!

No mesmo instante, um sátiro galopou para perto, trazendo um jarro reluzente que continha o vinho dourado dos deuses. Vênus soprou dois beijos na direção do entusiasmado macho, e este exultou em agradecimento à atenção da deidade. Curvou-se para lhe acariciar os pés e, em seguida, trotou com relutância para longe do salão.

— Mima demais essas criaturas — acusou Atena, franzindo a testa para o sátiro. — E, continuando, foi você quem incitou Ulisses a se apaixonar por mim, lembra-se? — A deusa de olhos cinzentos jogou para trás o cabelo dourado. — Portanto, nosso relacionamento é culpa sua.

— Se não fosse tão gelada, talvez tivesse uma relação de verdade em vez de décadas de

frustração e obsessão sexual — Vênus resmungou.

— O quê!? — Atena exigiu, estreitando os olhos.

— Eu só estou dizendo...

— ... que a Guerra de Troia tornou-se muito aborrecida — Hera interrompeu com firmeza.

— Eu mesma estou revoltada com esses últimos rumores. Já é ruim o suficiente que Agamenon e Menelau culpem a pobre Helena pelo início dessa luta, quando a verdadeira causa foi sua cobiça pelas riquezas de Troia e seu orgulho exagerado.

Atena lançou um olhar enviesado na direção de Vênus.

— Por acaso você tem algo a ver com a paixão de Paris por Helena?

A Deusa do Amor bufou de leve.

— Menelau não deu a mínima para a beleza de Helena. O homem é um bronco, sem consideração. Tudo o que fiz foi criar um pequeno feitiço de amor para deixar o idiota com ciúme. Eu não fazia ideia de que Paris seria tão suscetível e Helena, tão carente.

— Seja qual for o motivo — interveio Hera —, é ridículo que os Gregos estejam atribuindo toda uma guerra a uma única mulher e ao homem que a raptou.

— Homem? Paris não passa de um adolescente controlado pelo excesso de hormônios. Por isso mesmo imaginei que o meu feitiço não fosse criar problemas.

— Por mais ridículo que seja uma mulher ser a causa de uma guerra, esse boato não é nada comparado ao que estão dizendo agora. Ouviram falar que os Troianos acham que nós três instigamos esse desastre entre Helena e Paris? E não estou me referindo apenas a um *feitiçozinho* que ficou fora de controle — emendou Vênus.

— Não tem a ver com aquela história da maçã, tem? Ouvi essa versão bizarra meses atrás. Não acredito que isso tenha vingado e ainda esteja se repetindo! — exclamou Atena.

— Como se nós três fôssemos realmente participar de um concurso de beleza! — Hera zombou.

— Culpa da Discórdia, você sabe. Ela ficou com ódio por não ter sido convidada para o casamento de Peleu e Tétis, então começou o boato — lembrou Vênus. — Sei que foi ela, pois em todas as fofocas sou chamada de Afrodite. Discórdia sabe que prefiro o meu nome romano. É bem típico dela começar rumores sobre mim usando o nome que eu menos gosto, só para me irritar. E eu nem estava naquela festa idiota!

— Discórdia sabe mesmo como incomodar — concordou Hera.

— Não é de se admirar que ela não seja convidada para a maioria das festas — emendou Vênus.

— O boato é que Vênus, ou melhor, Afrodite... — Hera fez uma pausa e sorriu para a deusa, desculpando-se — ... deu Helena a Paris como recompensa por ele tê-la escolhido

como a mais bela de nós três.

— Também ouvi esse absurdo. Por isso mesmo essa guerra está me dando nos nervos. Já estou farta de ver Gregos e Troianos culpando as mulheres por tudo. As deusas principalmente. Queridas, temos que fazer alguma coisa para pôr fim a essa guerra tola. Agora.

— Já faz quase dez anos. Ou melhor, até onde sei, a guerra tem se arrastado pelos últimos nove anos — corrigiu-se Hera.

— É isso mesmo — acedeu Vênus.

— Exatamente — Atena concordou.

— Então o que vamos fazer? — Vênus suspirou. — Eles culpam as mulheres, mas são esses malditos homens do mundo antigo, com suas atitudes arcaicas, que, na verdade, mantêm as coisas como estão.

— Você sabe que não é culpa de Ulisses — Atena emendou depressa, como sempre, defendendo seu favorito.

Vênus soltou uma risada seca.

— Acredito que esteja certa, Atena — opinou Hera com um gesto de cabeça. — Aquiles e sua ira é que são o ponto central dessa luta.

— Verdade — concordou Atena. — É ele o problema. Se nós o neutralizarmos, assim como seus Mirmidões, os Gregos decerto perderão o elã pela guerra e não manterão o cerco a Troia. — Visivelmente irritada, a deusa tamborilou um dedo afilado contra o vidro de seu cálice de vinho. — Devíamos ter imaginado que isso não iria dar em coisa boa anos atrás, quando Tétis evocou nossa ajuda. Se tivéssemos agido na hora, teríamos nos poupado de muitos aborrecimentos.

Hera suspirou.

— Não agimos apenas por conta dos problemas que isso teria causado entre mim e Zeus. De novo.

— Alguém pode me explicar do que vocês duas estão falando? — exigiu Vênus.

— Sabe que Tétis foi ao oráculo de Zeus em Dodona a fim de perguntar pelo futuro do filho, não sabe? — Hera indagou à Deusa do Amor.

— Mais ou menos. Foi algo sobre Aquiles ter uma escolha entre a fama e uma vida longa, não foi?

— Isso mesmo. E o pirralho escolheu a fama, claro — resmungou Atena. — Quando ele fez isso, Tétis invocou a nossa ajuda. Nós a ouvimos e, pelo menos eu, decidi agir de uma vez. — A deusa encolheu os ombros delicados. — Mas talvez não fosse o momento certo. Preciso admitir que isso nem passou pela minha cabeça.

— Eu também decidi agir. Não quis esperar, temendo que Zeus tentasse me dissuadir. E ainda há essa ira terrível com que Zeus contemplou Aquiles. No momento em que suas emoções são despertadas — sejam elas boas ou más — ele fica possuído. Parece que nem raciocina — Hera baixou o tom de voz.

— Ouvi dizer que as mulheres têm tanto pavor dele que Aquiles não tem uma amante há anos.

Vênus tornou a bufar.

— Aquiles precisa mais é de uma boa dose de uma dessas mulheres fortes e independentes do mundo moderno! Aposto que isso iria colocá-lo nos trilhos, curá-lo dessa ira absurda e lhe proporcionar equilíbrio. Tenho certeza de que ele não é mais nenhum adolescente imbecil. Tem um pouco de juízo, e duvido de que queira morrer antes mesmo que seu cabelo comece a ficar grisalho. — Vênus fez uma pausa para saborear a ambrosia e notou que Hera e Atena a fitavam, atentas. — O que foi?

— Acho que a Deusa do Amor acabou de apresentar a solução para o nosso problema — declarou Atena.

— Sim... E, se ela trazer uma mulher moderna para Troia, Zeus não vai me responsabilizar por tudo o que acontecer! — emendou Hera.

— Que bom poder ajudá-la em seus problemas conjugais — respondeu a Deusa do Amor, irônica.

— Vai fazer isso ou não? — indagou Atena, com sua habitual franqueza.

— Claro que vou. Estou tão farta quanto vocês duas dessa Guerra de Troia e desses rumores. — Vênus jogou os longos cabelos para trás e tomou um gole de ambrosia enquanto pensava no passo seguinte. — Estou muito familiarizada com a cidade de Tulsa, no mundo moderno. Seria fácil apontar o meu oráculo nessa direção. Talvez, se eu bisbilhotar um pouco, possa descobrir a mulher perfeita para Aquiles. — Ela sorriu e deu de ombros. — E, uma vez que eu encontrá-la, posso transportá-la para cá. Podemos ter uma conversinha com ela a respeito do guerreiro antes de enviá-la para o acampamento grego. Imagino que... — Vênus fez uma pausa e bebericou o vinho, enquanto as outras duas deusas aguardavam, impacientes.

— Imagina o quê? — incitou Hera.

— Que devemos oferecer a essa moça uma recompensa maravilhosa, ou qualquer coisa assim, por seus serviços.

— Recompensa? Já não é recompensador o suficiente que ela seja escolhida por uma deusa? — perguntou Atena de cenho franzido.

Vênus revirou os olhos.

— Atena, querida, você precisa sair mais. Os mortais modernos, principalmente os do sexo

feminino, não se curvam nem sorriem para nós como umas bobas, muito menos nos adoram. É um sossego andar no meio delas. — Vênus sorriu, lembrando-se de suas aventuras em Tulsa e do amor eterno que havia conquistado lá. — Confie em mim.

— Uma recompensa para a mortal me parece justa — declarou Hera enquanto Atena lançava um olhar enviesado na direção de Vênus. — Por que não lhe conceder uma bênção? Um favor da Deusa do Amor deveria satisfazer qualquer mortal, moderna ou não.

— Excelente ideia, Hera. — Vênus sorriu, maliciosa, para Atena.

— Parece um bom plano — aquiesceu Hera.

— Sim, estamos todas de acordo — declarou Atena, ainda que um pouco relutante.

Hera levantou a taça.

— À modernização de Aquiles e ao fim dessa maldita Guerra de Troia.

— E às mulheres modernas! — Vênus acrescentou sorrindo.

CAPÍTULO UM

— A *Iliada*? Será que ouvi direito? Está lendo essa *merda* de misoginia? — Jacqueline indagou enquanto procurava, na colorida coleção de vinho tinto da despensa, outro Shiraz para abrir.

— Anda com problemas para dormir? Quando eu estava na faculdade, Homero foi um santo remédio para a minha insônia — comentou Kat. — Jacky, se está procurando por outra garrafa do Coppola Shiraz, continua na sacola que deixei perto da porta.

— Como de costume, leu os meus pensamentos, Kat — Jacqueline falou por sobre o ombro enquanto se dirigia para o hall de entrada da casa elegante. Parou perto da entrada, diante do espelho *vintage* de corpo inteiro, e deu uma rebolada.

— Bota pra quebrar, garota! — Kat falou rindo.

Jacqueline apanhou a garrafa de Shiraz e voltou para o grupo.

— Eu queria saber rebolar assim! — continuou a outra moça.

— Kat, querida, eu *te* amo, mas você sabe que nenhuma branca tem molejo suficiente para requebrar como eu. Eu sou gostosa por natureza... — Jacqueline falou arrastado, num ronronar sexy, enquanto passava as mãos pelo corpo curvilíneo e jogava beijinhos para a melhor amiga.

Sorrindo, desapareceu na cozinha para abrir a garrafa. — Sobre o que estávamos falando mesmo? — gritou de lá de dentro.

— Sobre a pobre da Susie estar lendo a maldita *Iliada*. — Kat piscou para a pobre Susie. — Agora, explique exatamente por que decidiu passar por esse calvário.

Susie, a dona da fabulosa casa de 1920, onde o grupo de amigas se encontrava duas vezes por mês para uma noite só de mulheres, deu um longo suspiro e jogou as mãos para cima, num gesto frustrado.

— Em primeiro lugar, Katrina — usou o nome completo de Kat em um tom que dizia “você está sendo uma menina muito má” —, eu não estou morta, estou na faculdade... Então apenas me sinto morta. Em segundo lugar, estou lendo a *merda* da *Iliada* porque é leitura obrigatória daquele professor machista idiota, da droga da antepenúltima aula que sou obrigada a fazer antes de conseguir me formar, e, por fim, na ridícula idade de 48 anos, conseguir o meu maldito diploma.

— Está bem. Agora explique por que uma mulher que é tão bem-sucedida a ponto de a boutique maravilhosa dela — que começou como uma lojinha de acessórios femininos em uma parte não muito boa de Tulsa — estar agora na quadra mais elegante da Utica Square, assim como na Galleria em Dallas, na Magnificent Mile, em Chicago, e no delicioso centro de

Denver, acha que tem de conseguir um pedaço de papel que diz que ela é inteligente...? — provocou Kat em meio a alguns goles do champanhe que enchia o cálice alto, fino e gelado.

— *Fala sério!* — Christy levantou o cálice bojudado de vinho tinto. — Apoiado!

— Também concordo. — Heather levantou a própria taça; em seguida, franziu a testa para a bebida. — Vou dizer de novo. Vou ficar tão feliz quando eu der fim a este suco de uva espumante e voltar para aquele excelente *chardonnay*, que sou capaz de me *mijar* de prazer, ou então fazer isto aqui virar uma festa de arromba. De arromba mesmo!

— Parece uma boa ideia — concordou Kat. — A festa de arromba... não você se urinar inteira!

— Ei, só falta um mês. Não vai querer conservar esse bebê em álcool até lá — lembrou Christy, esticando-se para acariciar a barriga volumosa de Heather.

— Eu sei, mas estou desesperada por um copo de vinho!

— *Foco*, mulherada! Estávamos nos solidarizando com Susie por conta do trabalho horroroso que ela tem para fazer sobre a maldita *Iliada* — Jacqueline lembrou.

— E eu estava dizendo que não acho que ela precise de um pedaço de papel que prove o quanto é “inteligente” quando Susie já é incrivelmente bem-sucedida — completou Kat.

— Isso é fácil de dizer para uma mulher que tem mestrado em Psicologia — contrapôs Susie, apressando-se para não ser interrompida por Kat. — Na verdade, todas vocês têm esse “pedaço de papel inútil”; para não dizer dois deles! Certo? — Apontou primeiro para Jacqueline. — A sra. Enfermeira de Pronto-Atendimento é bacharel em Ciências. — Apontou para Heather. — E você tem Mestrado em Pedagogia, não é mesmo?

— Culpada — aquiesceu Heather.

— E você, Christy, é graduada em Educação Física, acertei?

— Verdade, mas, se quer mesmo saber, eu me dou bem como *personal trainer* por conta da minha experiência em academias, e não porque meus pais insistiram para eu ir para a faculdade.

— Tudo bem, eu entendo, mas será que não conseguem enxergar o denominador comum aqui? A faculdade faz parte do seu sucesso. Christy na certa ainda poderia estar trabalhando como *personal* sem o diploma, mas Kat e Jacqueline não poderiam fazer seu trabalho sem seus *pedaços de papel* e o conhecimento que adquiriram para obtê-los. Estou certa?

Kat e Jacky assentiram com relutância.

— E, Heather, não poderia lecionar sem o diploma que tirou antes de começar o mestrado. Certo?

Heather suspirou e acariciou a barriga de grávida.

— Certo, mas não ter que lecionar e ficar gritando feito uma louca com aqueles alunos de

Ensino Médio, enquanto meus tornozelos incham como um balão, seria uma maravilha.

Jacqueline estremeceu.

— Deus, adolescentes... Eles são insuportáveis! Não sei como consegue lidar com tanto hormônio.

— Não posso discordar. Eles são criaturas intragáveis mesmo — reforçou Heather.

— Só está mal-humorada porque seus tornozelos parecem dois troncos de árvore. Costumava gostar de lecionar, lembra-se? Volte no tempo, para antes dessa “era gravídica” — sugeriu Susie.

— Não consigo me lembrar de nenhuma época em que eu não estivesse grávida. Parece que fui enorme e horrorosa assim a vida toda.

— Coma um chocolate, querida — Jacqueline estendeu-lhe a bandeja de trufas.

— Vai estar melhor daqui a um mês — lembrou Kat.

Heather abriu um sorriso cansado para a amiga e devorou uma trufa.

— Sabe, Kat, fico espantada em ver como é otimista — resmungou enquanto dissolvia o chocolate na boca. — E quanto àqueles idiotas que abusam da sua boa vontade na clínica que gerencia? Se eu tivesse que lidar com aqueles cretinos seria uma verdadeira megera, mas você, não. — Heather fitou a amiga quase como se ela fosse um experimento científico. — Gosta mesmo daqueles caras, não gosta?

O riso de Kat foi desinibido e contagiante.

— Sim, eu gosto mesmo deles. Sem dizer que nem todos os cretinos com quem lido são homens. Há muitas *cretinas* também... E nem todos são uns idiotas inconvenientes, apesar de muitos me procurarem antes mesmo de se graduarem “parasitas profissionais”.

— Assim como eu — Susie proclamou. — Ainda vou me formar nisso um dia desses.

Jacqueline franziu a testa.

— Credo, Susie. Não acho que se formar “parasita profissional” seja algo a que se aspirar! A mulher mais velha revirou os olhos.

— Estou falando do meu próprio diploma, não no diploma de *babaquice*. Quando eu me livrar dessa maldita aula, daqui a alguns meses, será uma maravilha. Minhas duas últimas aulas vão ser moleza. Essa é a última aula infeliz que tenho de suportar. Assim que eu acabar essa maldita tese sobre a *Iliada*, as coisas vão melhorar muito.

— Eu sei! — Kat falou com uma trufa derretendo na boca. — Que tal escrever na sua tese sobre como é ridículo que as mulheres tenham sido culpadas por toda a desgraça que ocorreu na Guerra de Troia? Verdade que não leio essa coisa faz um zilhão de anos... — Franziu a testa. — Na verdade, acho que nunca li. Na certa só li o resumo das *CliffsNotes*, mas o que me lembro é que Helena levou toda a culpa pela guerra.

— Ei, eu me lembro disso! — Jacqueline exclamou. — Também não havia uma história sobre três deusas terem começado a coisa toda?

— Sim, Hera, Atena e Afrodite — respondeu Susie. — A deusa Discórdia estava chateada por não ter sido convidada para um casamento, por isso atirou uma maçã de ouro para o grupo, onde estava escrito “Para a mais bela”. Nenhum dos deuses foi cretino o bastante para julgar nesse concurso de beleza, então um sujeito chamado Paris, que era filho de Príamo, Rei de Troia, foi encarregado de fazer o trabalho. A coisa é que ele não chegou a escolher qual deusa era a mais bonita. Escolheu que propina ele gostava mais! Afrodite lhe ofereceu a mais bela mortal do mundo, e ele optou por esse suborno. Helena era a mortal mais bonita, mas ela já estava casada com o rei grego, Menelau. Paris a roubou de Menelau, com a bênção de Afrodite, e a Guerra de Troia teve início.

Jacqueline soltou uma risada seca.

— Isso tudo parece uma bela bobagem para mim. Quero dizer, por favor... Por que deusas iam dar ouvidos para o que pensava um mortal?

— Isso é verdade, Jacky — Kat interveio. — Você não é deusa e raramente se importa com os homens... sejam eles mortais ou não!

As sobrancelhas perfeitas de Jacqueline subiram quase até alcançar a linha do cabelo curto e ondulado ao estilo Halle Berry.

— Não sou uma deusa?... Acabou de dizer que não sou nenhuma deusa, Kat?

Kat ergueu as mãos, simulando rendição.

— Deve ter sido esta garrafa de champanhe.

— E quanto a esse comentário de que não dá a mínima para os homens? — Christy provocou.

Jacky encolheu os ombros.

— Ela que fale. Eu gosto dos homens. Em teoria.

— Viram? Por isso Jacky e eu vamos ser amigas para sempre! — declarou Kat. — Eu sou uma eterna otimista, e ela é a Sra. Pessimismo. Jacky me põe um freio quando vou longe demais, e eu a faço dar uma chance às pessoas, afinal elas não são de todo ruins.

— As pessoas não são más. Já os homens são outra história — resmungou Jacky.

— Que cascavel! — exclamou Kat.

Jacqueline fixou os olhos cor de chocolate na melhor amiga.

— Acho que vou impedi-la de tomar essa segunda garrafa de champanhe.

Kat sorriu para ela.

— Não vai, não! Lembre-se do nosso pacto: eu pago a corrida do táxi, portanto bebo quanto champanhe quiser.

— *Ahn*, senhoras, antes que comecem a falar sobre táxis e tal, poderíamos conversar um pouco mais sobre essa tese que vou escrever para o imbecil do meu professor? — De algum lugar, Susie fez surgir um caderno da faculdade e um lápis número dois afiado, que já segurava no ponto certo do papel.

— O imbecil do seu professor não vai gostar de uma tese feminista — lembrou Kat.

— Ei, eu disse que queria o diploma, não um “A”. — Ela sorriu para as amigas, maliciosa. — Parafraseando o fabuloso Bonnie Raitt, “Vamos lhe dar algo do que falar”...

Vênus riu alto.

— Foi exatamente por isso que o meu oráculo as encontrou, minhas queridas! — falou baixinho e bateu palmas, embora o grupo de mulheres mortais modernas não pudesse ouvi-la e ignorasse que ela as observava por meio de seu brilhante oráculo, o qual funcionava como um comprido telescópio, do Olimpo para Tulsa. Vênus se concentrou na mulher com a contagiante risada, brilhantes olhos azuis e o adorável apelido de Kat.

— Pelas nádegas resplandecentemente *gays* de Hermes! Ela é perfeita! — A deusa levantou um dedo bem-cuidado para cada ponto que ressaltava: — Aconselha as pessoas, então deve ser capaz de lidar com Aquiles e aquela sua ira idiota; é otimista e gosta dos homens. — O sorriso da deusa foi contido. — Gostar de homens é sempre uma vantagem quando se trata de seduzi-los. E ela ainda foi esperta o bastante para saber por intuição que essa versão sobre a Guerra de Troia, que tem sido repetida há... — parou e fez uma careta — ... há mais tempo do que eu imaginava ser possível, é ridícula! — A deusa voltou a atenção para o pequeno grupo de amigas e riu com elas ao ouvi-las elaborando uma tese muito engraçada, inteligente e feminista para o professor a quem chamavam de sr. Ânus.

Vênus gostou de todas as cinco mulheres, o que a deixou ainda mais segura de que Kat era a escolha acertada para a missão das deusas. As amigas de uma mulher refletiam quem ela era, e Vênus adorou a imagem que estava obtendo de Tulsa. Gostou principalmente da exótica Jacqueline, que era, sem dúvida, a melhor amiga de Kat. Jacky, como a chamavam, era ousada, atrevida e muito persuasiva com aquele seu raciocínio rápido e sua adorável pele cor de caramelo.

Por um momento, a deusa considerou se Jacky poderia ser uma escolha melhor do que Kat, mas decidiu que não. Jacqueline era maravilhosa, contudo Kat possuía mais das habilidades necessárias para conquistar Aquiles. Além disso, o lindo tom escuro de pele de Jacqueline seria muito difícil de explicar em meio aos dourados Gregos.

— Azar deles — resmungou.

Desviou a atenção para Kat, concentrando-se com todos os seus vastos poderes.

Então a Deusa do Amor sorriu, aliviada. Não, Kat não estava apaixonada por nenhum mortal. Se estivesse, ela, Vênus, que era o amor personificado, teria percebido.

Na verdade, agora que estava pensando no assunto, reparou que, das cinco, apenas a gravidíssima Heather se encontrava comprometida e apaixonada por um homem.

— Bem... — Vênus tamborilou os dedos na lateral do oráculo de mármore. — Quem sabe, quando eu puser fim nesta Guerra de Troia, eu possa formar mais alguns pares? — O pensamento a fez cantarolar, feliz. Encontrar um amante para a maravilhosa Jacqueline seria sua primeira missão. — Não! — Ela conteve o próprio entusiasmo. — Primeiro Aquiles. Depois poderei brincar de formar pares no mundo mortal moderno outra vez. — Sorriu. Tinha coisas mais importantes para fazer antes disso. Precisava trazer Kat do mundo moderno para o Olimpo, o que não seria muito difícil.

A deusa ergueu as mãos e se pôs a invocar o poder que — por ser ela um dos Doze Olímpicos — seria para sempre seu. O ar entre as palmas de suas mãos começou a cintilar com pequenas faíscas de energia, tão brilhantes como diamantes em miniatura. Assim que Kat estivesse sozinha, ela, Vênus, poderia usar o oráculo e transportar a moça para o portal que unia o mundo moderno ao Olimpo, e que continuava aberto, porém invisível, em Tulsa. Em seguida, iria simplesmente se transferir para lá e teria uma breve conversa com Kat.

A deusa bateu no queixo com a ponta de um dedo enquanto pensava. Decerto precisaria operar algum tipo de magia a fim de provar para a mortal que era Vênus, a Deusa do Amor. Mas isso não levaria muito tempo. Iria dar cabo da tarefa e, depois, retornar ao Olimpo com a mortal. Em seguida, chamaria Hera e Atena ali, em seu templo, de modo que as três pudessem explicar em detalhes para a moça qual seria a sua missão.

Como diria sua amiga mortal, Pea Chamberlain, era *moleza*.

Ainda concentrando poder entre as mãos, Vênus espiou através do oráculo. Viu Kat e Jacqueline rindo enquanto mais do que cambaleavam pelos degraus da escada da linda casa de Susie até um veículo que as aguardava.

A deusa riu também.

— Ainda bem que elas não estão dirigindo. Nenhuma delas me parece sóbria o bastante para lidar com essa máquina de metal.

Assim como nenhuma das duas mulheres — especificamente Kat — parecia sóbria o bastante para ser transportada até o Olimpo naquela noite.

Talvez fosse melhor assim, concluiu Vênus. Precisava se reunir com Hera e Atena mais uma vez a fim de decidir a melhor maneira de transportar Kat até o acampamento de Aquiles. Kat precisaria adquirir algum tipo de status real. Ou talvez uma delas pudesse aparecer para Aquiles e prever a vinda de uma “sacerdotisa” que necessitava da proteção dele.

Vênus suspirou. Aquilo poderia ser mais complicado do que tinha imaginado a princípio.

Mas não importava. Usaria o oráculo para seguir Kat até a casa dela, guardaria o endereço da mortal e lhe faria uma pequena visita divina no dia seguinte.

Sorrindo, voltou a atenção para o oráculo... bem a tempo de ver uma gigantesca caminhonete Suburban passar pelo sinal fechado e colidir com o pequeno carro amarelo que levava Kat e Jacqueline.

— Não!... *PARE!* — gritou a deusa, lançando o poder que vinha erigindo através do oráculo a fim de proteger e circundar o carro, e também congelando o tempo, de modo que a cena se transformou em uma terrível pintura.

Mas, mesmo enquanto dava a ordem, Vênus sabia: era tarde demais.

A deusa respirou fundo e agitou as mãos sobre o oráculo.

— Permita que eu veja Katrina e Jacqueline — ordenou, solene.

A visão do oráculo se estreitou para dentro do carro batido. Vênus prendeu a respiração, abafando um soluço. As mulheres deviam ter percebido a iminência do acidente. Havia se abraçado, e agora pareciam duas bonecas quebradas, agarradas uma à outra. Kat estava com um corte horrível na cabeça, e seu pescoço se inclinara em um ângulo pouco natural. Jacqueline se encontrava mais próxima do local do impacto, e seu peito fora completamente esmagado.

Estavam ambas mortas.

Vênus sentiu uma terrível e despropositada sensação de perda diante do pouco que tinha conhecido das mortais.

— Eu devia ter prestado mais atenção. Eu devia ter sido capaz de impedir isso! — sussurrou, combalida. — Elas eram tão jovens, tão cheias de energia!... Suas vidas foram ceifadas cedo demais.

Enquanto a deusa observava, duas esferas douradas e brilhantes se ergueram dos corpos alquebrados das mortais. Vênus arregalou os olhos.

— Talvez eu ainda possa fazer alguma coisa!

Concentrando seu poder, bradou um comando através do oráculo:

Vida e amor aclaram tuas almas

livres para recomeçar, para longe voar...

É o próprio Amor quem clama:

Vinde a mim, abençoados espíritos

A tua missão vos chama!

Lançou ainda mais poder no oráculo e, como uma chama açambarcando os espíritos

esvoaçantes das mortais, este fez com que as almas de Katrina e Jacqueline flutuassem para dentro do fluxo de energia criado por ela, até que, com um ruído que lembrava o de uma garrafa de champanhe sendo aberta, estas brotaram da bacia de mármore e pairaram no ar à sua frente.

Quando a deusa olhou através do portal, viu o carro amarelo explodindo em chamas.

Suspirou.

— Bem, queridas, e agora? O que vamos fazer?

CAPÍTULO DOIS

— Você fez o quê!? — Atena quase cuspiu (aliás, de modo bem pouco elegante, observou Vênus) enquanto fitava com olhos arregalados as orbes brilhantes que continham os espíritos das duas mortais.

— Bem, eu não podia simplesmente deixá-las morrer! — a Deusa do Amor falou na defensiva, acariciando a esfera que flutuava mais próximo dela. — Foi terrível e cedo demais. Elas são tão jovens!...

— Mortais morrem, Vênus. Ponto-final. Não devia ter interferido no que o destino reservou para elas — declarou Atena.

— Ah, por favor! Elas são mortais modernas. Não acreditam em destino.

Hera entrou correndo na câmara do oráculo de Vênus.

— O que aconteceu? Vim assim que o sátiro me passou a mensagem urgente e... — A deusa se interrompeu ao avistar as esferas flutuantes e enrugou a testa. — São almas mortais?!

— Isso mesmo — concordou Atena.

— E o que estão fazendo aqui? Estão perdidas?

— Não. Elas não estão perdidas. São os espíritos de duas mortais modernas, e Vênus os trouxe para cá.

Vênus franziu o cenho para Atena.

— Por acaso tem orgasmos regulares, Atena? Se não, é por isso que é tão mal-humorada e crítica!

— Vênus! — A voz de Hera soou enérgica, fazendo a Deusa do Amor se lembrar de que se encontrava na presença da Rainha do Olimpo. — Por que os espíritos dessas mortais modernas estão nesta câmara?

— Um deles... — Vênus fez uma pausa para estudar as esferas e, finalmente, apontou para a mais próxima dela — ... este, creio eu, é o espírito da mortal que escolhi para nos ajudar no nosso problema com Aquiles. O outro é o da sua melhor amiga.

— O que ainda não explica por que suas almas estão aqui, no Olimpo, em vez de em seus corpos, no mundo mortal moderno ao qual elas pertencem — observou Hera.

— Elas não poderiam estar em seus corpos porque estes estão sem vida — Atena esclareceu. — Na verdade, eles foram reduzidos a cinzas.

— Elas morreram queimadas?... Como pôde escolher uma alma cujo corpo foi incinerado para Aquiles?! — Hera esfregou a têmpora com uma das mãos, enquanto, com graça, acenava com a outra, fazendo surgir um cálice de ambrosia do qual tomou um longo gole.

— Na verdade, é fácil de explicar — Vênus minimizou, lançando a Atena um olhar enviesado.

— Então explique, por favor — ordenou Hera.

— Escolhi a mortal para Aquiles quando ela ainda estava viva. Logo em seguida, houve um acidente. Ela e a amiga haviam acabado de sair de uma festa e, bem, acabaram morrendo. Eu não pude suportar. Elas eram tão jovens e felizes!... E Kat era perfeita para Aquiles — afirmou, determinada.

— E, por isso, trouxe seus espíritos desencarnados para cá...? — Hera fez uma pausa e suspirou. — Vênus, compreendo que seja fácil se apegar aos mortais, mas não fez nenhum favor a essas mulheres. Elas deviam estar a caminho da vida após a morte que as espera. Não há nada que possamos... — A deusa se interrompeu de súbito. Uma expressão de choque transformou seu rosto adorável, e o cálice de ambrosia deslizou de seus dedos para se espatifar no chão de mármore.

— Hera! O que foi?! — indagou Vênus, e Atena correu para o lado da divindade ao ver que seu rosto ficara terrivelmente pálido.

— Minhas sacerdotisas! Elas estão aos prantos, chamando por mim.

— Aqui, sente-se. Respire fundo e conte-nos o que aconteceu. — Vênus conduziu Hera até uma *chaise* macia enquanto Atena fazia surgir um cálice de ambrosia gelada, que levou aos lábios de Hera.

A deusa dispensou a bebida, porém.

— São os Gregos. Eles estão invadindo o meu templo que fica do lado de fora da muralha, a oeste de Troia. — Passou a mão trêmula sobre os olhos, como se para apagar a imagem da cabeça, e olhou para as duas deusas. — Não compreendo. Meus templos não costumam ser violados. Eu sou a Deusa do Lar, a Deusa do Casamento e da Família, Rainha dos Olímpicos! Não há razão para que eles me aviltem. — Hera oscilou de leve, como se fosse desmaiar. — Preciso me sentar.

— Está sentada — falou Atena.

— O que posso fazer? — O suor escorreu pelo rosto pálido da deusa. — Minhas sacerdotisas estão suplicando por mim!

— Não sei! — Vênus sentou-se pesadamente no banco ao lado de Hera, tomou o cálice de ambrosia da mão de Atena e o esvaziou em um só gole. — Eu sou a Deusa do Amor. As pessoas fornicam nos meus templos, o que eu não considero nenhuma profanação. De vez em quando um amante traído — desses meio loucos, verdade — se lança sobre a própria espada. Mas não tenho como impedir esse tipo de coisa.

— Eu sei o que podemos fazer.

Vênus e Hera ergueram os olhares para Atena, vendo-a colocar um capacete de guerra que acabara de se materializar.

— Preciso lembrá-las de que sou a Deusa da Guerra?

Vênus e Hera negaram em conjunto com um gesto de cabeça.

— Então, vamos. Ninguém viola um de nossos templos e sai impune. — Os olhos cinzentos de Atena se estreitaram. — Ou vocês duas podem ficar aqui... Ainda que Zeus vá ficar louco ao saber que me envolvi nessa história.

Hera se ergueu devagar. Sentia os joelhos fracos, entretanto sua voz soou dura como rocha.

— Que Zeus e suas ordens fiquem fora disto! Ninguém que ataca minhas sacerdotisas pode sair ileso.

Vênus e Hera trocaram um olhar.

— Vamos com você — declarou a Deusa do Amor. — Se Zeus vai ficar zangado, que fique com todas nós.

— Assim seja — concordou Atena. — Fiquem perto de mim.

Antes que as três deusas desaparecessem, Vênus agitou a mão na direção do oráculo e um círculo brilhante surgiu em torno dele, mantendo as esferas dos dois espíritos em segurança.

Rematerializaram-se bem no rescaldo da destruição.

— Oh, não! — Hera exclamou com um soluço. Mas então endireitou a espinha e comprimiu os lábios com força. — Estas são as minhas mulheres. Não vou abandoná-las! — bradou, contundente, antes de correr para o primeiro corpo.

— Fique com Hera. Vou lidar com os açougueiros que continuam aqui — Atena disse a Vênus, caminhando para fora do salão em direção ao som abafado de gritos que vinham do lado de fora do templo.

Vênus se juntou a Hera quando esta se curvou sobre o corpo de uma sacerdotisa. Assim como o restante das mulheres naquela parte do templo, a morta usava a túnica de linho azul, típica daqueles que juravam servir a Rainha do Olimpo. Sentindo-se enjoada, a Deusa do Amor pensou que o escarlate fresco de seu sangue parecia grotesco, além de uma profanação suprema no templo de Hera, que normalmente era repleto de cores suaves, de um delicioso perfume de incenso, e preenchido pela musicalidade das vozes e dos risos das mulheres.

— Era uma das minhas sacerdotisas mais antigas! — A voz de Hera soou embargada pelas lágrimas. — Cuidou deste templo por mais de 40 anos! — A deusa tocou a cabeça da mulher morta. — Que a sua jornada até os Campos Elíseos seja rápida e tranquila — murmurou, e o ar em torno delas se agitou com o poder de sua oração. Hera olhou para Vênus, então. — Precisamos abençoar todas elas.

— Claro. — Vênus apertou a mão de sua amiga e rainha; em seguida, ambas foram de

corpo em corpo, conferindo a cada sacerdotisa tombada uma bênção eterna de paz e felicidade.

Foi na base da estátua de Hera, no santuário que ficava na parte mais central, que elas as encontraram: duas moças que haviam morrido abraçadas. A mulher de cabelos escuros tinha um ferimento medonho na cabeça. A loira que se juntara a ela na hora da morte fora atravessada no peito por uma espada.

— Sacrilégio! Blasfêmia! — Hera sibilou as palavras, a tristeza e o horror finalmente substituídos por um ódio mortal. — Estas duas nem sequer são minhas sacerdotisas... Sem dúvida estavam aqui suplicando pela minha bênção! — Apontou o cálice de vinho derramado e o frasco quebrado de mel que jazia, estragado, ao lado dos corpos.

— Ela me parece familiar. — Vênus apontou a mulher de cabelos escuros. — Essa linda barra púrpura e dourada em sua estola... não é usada apenas pelos que pertencem à Casa Real de Troia?

— Hera! — O grito de Atena as interrompeu, e a deusa de olhos cinzentos entrou no salão. Estava suja de sangue e carregava uma moça também vestida de azul nos braços.

A sacerdotisa gemia e, com um grito estrangulado, Hera correu até ela, ajudando Atena a deitá-la no chão de mármore. Aflita, a Rainha do Olimpo usou o próprio colo como apoio para a cabeça da moça ferida.

Vênus olhou a moça e percebeu que esta não passava de uma menina recém-saída da puberdade. Tinha um corte horroroso de espada no braço, que agora ensopava Hera e a ela própria num rio de sangue fresco. Seus olhos estavam fechados, porém ela gemeu outra vez, provando que se encontrava viva.

— Quem fez isso?! — A voz de Hera soou gelada e ríspida.

— Foram os homens de Agamenon. A menina me contou que a maioria deles tomou as sacerdotisas que quis e voltou para o acampamento grego. Garanto que os poucos que permaneceram irão acampar nas sombras do Submundo à noite — declarou, feroz.

— Temos de curá-la.

— Curá-la? — Atena franziu a testa.

— Sim, nós três. Temos que curá-la! — a Rainha do Olimpo repetiu, olhando para as duas amigas numa súplica.

— Não quer que a transformemos em uma linda árvore ou, talvez, em uma fonte eterna para simbolizar seu pranto? — sugeriu Atena.

— Não. Quero que me ajudem a curá-la e que ela continue a ser o que é.

— Que estranho — murmurou Atena. — Costumamos salvar mortais transformando-os em outra coisa.

Vênus revirou os olhos.

— Precisa relaxar um pouco. — Resoluta, ela segurou a mão de Hera e estendeu a outra para Atena. — Vamos curar essa criança — decidiu.

A Deusa da Guerra franziu a testa.

— Não é assim que costuma ser feito — resmungou, porém tomou a mão que a outra divindade lhe oferecia e, em seguida, completou o círculo segurando também a mão de Hera.

Vênus começava a compor em pensamento adoráveis versos de cura quando a voz raivosa da Rainha do Olimpo se sobrepôs à dela:

— *Ouçame, Destino... Com o poder deste círculo de deusas, elimino o ferimento mortal desta criança ferida e ordeno que ela sobreviva a este brutal ataque!*

Vênus e Atena soltaram uma exclamação ao sentir a energia do poder divino fluir por meio de suas palmas e tomar a jovem sacerdotisa que continuava com os olhos fechados no colo de Hera. As costas da menina se arquearam e seu corpo cintilou. Em seguida, tão repentinamente como tinham vindo, a luz e o poder se foram.

Com um pequeno grito, a sacerdotisa sentou-se, levando a mão à ferida horrorosa que antes ostentava no braço. Arregalou os olhos ao não encontrar nada, a não ser uma pele saudável, recém-curada.

Desviou o olhar para Hera.

— Minha Deusa! — entoou numa voz suave e musical. — É você mesma! Pensei que tivesse sido abençoada com um lindo sonho antes da minha morte.

Hera sorriu e tocou a face da menina.

— Não vai morrer hoje, criança. Qual é o seu nome?

— Ilítia — ela murmurou, abaixando a cabeça até tocar o solo ao lado de Hera. — Perdoe-me por não ter protegido o seu templo, Grande deusa!

— Ilítia, minha querida, esta profanação não é culpa sua. Não espero que minhas sacerdotisas combatam guerreiros! Levante-se, filha, e não tema ter me desagradado. Eu só gostaria de ter sabido desta invasão mais cedo a fim de ter salvado a vida das outras sacerdotisas.

Devagar, a menina ergueu a cabeça e fitou Hera com olhos arregalados, cheios de adoração.

— Não fazíamos ideia. Todos esses anos, os Gregos deixaram os templos do lado de fora da muralha em paz. Não havia nenhuma razão para que esperássemos um ataque tão repentino. — A moça mordeu o lábio para não chorar.

— Ilítia, disse que os homens de Agamenon raptaram as sacerdotisas de Hera? — indagou Atena.

A menina baixou a cabeça respeitosamente para a deusa antes de responder.

— Isso foi o que eles disseram, Atena. Primeiro fingiram que não seriam violentos. Seu líder, Taltíbio, falou que Agamenon estava furioso. Sua noiva de guerra, Criseida, foi devolvida ao pai, e Aquiles se recusou a abrir mão de sua própria noiva de guerra, Briseida. Então eles estavam procurando por uma jovem donzela que tomasse o lugar da moça e apaziguasse seu rei.

Atena assentiu com um gesto de cabeça.

— Eu ouvi Artemis falando a respeito.

Criseida é filha de um dos sacerdotes favoritos de Apolo. Artemis ficou tão irritada com isso que derramou trevas e morte sobre o acampamento grego até que eles devolvessem a moça.

— Artemis e Apolo ficam muito zangados quando qualquer um deles é ofendido — comentou Vênus. — É uma mentalidade típica de gêmeos.

— Sim, todos sabemos como aqueles dois podem ser sentimentais — Hera resmungou, impaciente. — Mas notaram que o problema sempre acaba em Aquiles? — As outras duas deusas acenaram com a cabeça, mais uma vez em completo acordo com sua rainha. — Continue, Ilítia. Estava dizendo que os Gregos vieram ao templo após Criseida ter sido devolvida ao pai.

Ilítia passou a mão trêmula sobre a testa.

— Sim, eles eram tão bonitos e foram tão encantadores, a princípio, que imaginamos que eles estavam brincando a respeito dessa história de nos levar. Tanto que até rimos com eles. Explicamos a eles que aquelas de nós que haviam jurado servir à Grande deusa não poderiam se tornar noivas de guerra, e eles pareceram compreender. Foi então que eles viram Leis. — Ela fez uma pausa. Estremecendo, respirou fundo antes de continuar. — Leis é uma linda sacerdotisa que recentemente se pôs a seu serviço, minha Deusa.

Hera concordou, balançando a cabeça.

— Eu me lembro da linda Leis fazendo seu juramento. — Uma sombra passou pelo rosto encantador da deusa. — Mas não me lembro de ter visto seu corpo entre as mortas. Ela está aqui?

Ilítia balançou a cabeça, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Não. Os Gregos a levaram. Nós tentamos detê-los, e os homens ficaram irados por isso. Foi daí que passaram a matar qualquer uma de nós que cruzasse seu caminho! — A moça sacudiu os ombros na tentativa de conter o choro, contudo se esforçou para continuar falando em meio aos soluços. — Eles violaram até o seu santuário mais íntimo, Grande deusa. Descobriram a princesa lá, e a assassinaram ao pé da sua estátua.

— Por isso ela me pareceu tão familiar! Eles mataram a filha mais moça do rei Príamo, Polixena! — exclamou Vênus.

Ilítia assentiu.

— A serva da princesa, Melia, vem sempre aqui para orar por sua ajuda e pedir pelo fim da guerra, de modo que sua patroa possa se casar com o jovem Rei de Sardes. E hoje Polixena veio acompanhando Melia para derramar libações e queimar incenso. — Ilítia olhou para sua deusa com lágrimas inundando o rosto. — Os Gregos atacaram a princesa com menos remorso do que fariam com um de seus cavalos.

— Que perda terrível! — lamentou Hera. — Ela era tão moça, tinha tanto ainda para viver!... O Destino não pode ter planejado obrigá-la a deixar o reino mortal tão cedo.

Uma súbita exclamação de Vênus fez a deusa fitá-la interrogativamente.

— É isso! Essa é a nossa solução!

— Do que está falando? — indagou Atena.

— É perfeito! — Vênus apontou para o santuário. — Há dois corpos lá dentro. Duas lindas jovens, já sem alma. E, no meu templo, tenho a sorte de ter duas almas sem corpo!

— Não está insinuando que nós...

— É claro que não estou insinuando — Vênus interrompeu Atena. — Estou afirmando! Se acabamos de curar o corpo de Ilítia sem qualquer problema, sem dúvida nós três poderíamos fazer o mesmo com Polixena e Melia. Posso pegar as almas das mortais modernas, colocá-las nestes corpos, e Polixena irá se tornar a nova noiva de guerra de Aquiles!

— Mas, Deusa, Aquiles já tem Briseida como noiva de guerra — lembrou Ilítia com sua voz doce e tímida.

Vênus sorriu para ela.

— Não depois de a sua deusa fazer uma visitinha a Agamenon.

— Eu? — questionou Hera.

— Claro! Você é a Deusa do Casamento. Pode aparecer para Agamenon e dizer que seus problemas seriam bem menores se ele trocasse de noiva de guerra... e que Briseida seria a pessoa ideal para ele.

— Mas eu nem conheço essa moça! Sem dizer que não suporto aquele miserável e sua arrogância — completou Hera.

— Pode dar certo — opinou Atena.

— Claro que pode! — Vênus sorriu diante da aprovação da outra deusa. — Enquanto Hera estiver aparecendo para Agamenon, você, Atena, fará uma visita à encantadora Tétis. Faça-a dizer ao filho que ele deve se retirar da batalha por conta do desrespeito que Agamenon demonstrou ao lhe roubar a noiva e, em seguida, deixar claro que arrumou outra noiva de

guerra para ele: uma nobre donzela que tem toda a sua aprovação porque não é tola como a maioria das mulheres com que ele está acostumado. Isso deve deixá-lo intrigado.

Atena estreitou seus astutos olhos cinzentos para a Deusa do Amor.

— E, nesse meio-tempo, você vai preparar a nossa Polixena para o papel que ela irá desempenhar.

— Isso mesmo. Ela precisa manter Aquiles ocupado. Ocupado o suficiente para nem mesmo voltar à batalha. Ela também poderá lidar com aquele seu temperamento desagradável e, talvez o amor, ou uma versão mais sensual dele, possa alcançar o homem dentro da besta.

— Vênus sorriu, maliciosa. — Pensem bem: Zeus profetizou o destino do jovem Aquiles anos atrás. Na certa já se esqueceu de tudo. Vocês sabem como o Rei do Olimpo é ocupado. Se o próprio Aquiles se voltar contra o futuro que lhe foi predestinado, Zeus decerto permitirá que ele mude seu destino. — A Deusa do Amor sorriu para Hera. — Principalmente se a esposa de Zeus exercer um pouco de sua influência sobre o marido... — completou num ronronar.

Hera suspirou.

— Seu plano parece complicado, perigoso. E muito sujeito a incidentes.

— Por isso mesmo ele é tão perfeito, querida — redarguiu Vênus. — O amor nunca é simples. E é ele quem está fazendo acontecer este show.

— Que todos os deuses e deusas nos ajudem! — Atena murmurou.

Vênus a ignorou.

— E então, vamos curar estes corpos para aquelas duas almas, ou preferem ficar aqui, olhando para o nada?

— Vamos começar a trabalhar agora mesmo. Eu já estou mais do que farta dessa Guerra de Troia — decidiu Hera.

— Isso é algo com que nós três concordamos — emendou Atena.

— Nem me diga! — exclamou Vênus.

E as três deusas entraram no principal santuário de Hera, com a confusa Ilítia correndo atrás delas.

CAPÍTULO TRÊS

— Eu não sei por que temos de curar ambos os corpos. A mortal que escolheu para Aquiles vai tomar o corpo de Polixena. Não deveríamos enviar a outra para onde quer que as mortais modernas vão depois da morte? — indagou Atena.

Vênus balançou a cabeça com desgosto.

— Atena, você precisa ter mais amigas. Vamos transformar uma mortal moderna em uma princesa antiga e lhe pedir que faça o que pedimos. E quanto à breve lembrança que ela tem do acidente e que ela e a melhor amiga foram mortas... Lamentável, mas o que se pode fazer? Precisamos dela, então *já era*. Ela deveria mais era dar cabo da nossa missão e esquecer o assunto.

— O problema é que...? — incitou Atena. — E o que quer dizer com “já era”?

Vênus revirou os encantadores olhos.

— É apenas uma expressão usada pelos mortais modernos que significa “feito”, “acabou”.

— E o problema em pedir a uma mortal que faça algo para nós sem incluir a amiga dela é que as mortais modernas são diferentes das mortais antigas — Hera explicou, paciente. — Elas são independentes, espertas e não estão acostumadas a se curvar e obedecer a ordens. Na verdade, pensando bem, elas são muito parecidas com deusas.

— Exatamente o que eu estava tentando dizer a ela — concordou Vênus.

— Não sei se estou gostando disso — murmurou Atena com a testa franzida.

— Não vai gostar é das rugas que vão começar a aparecer no seu rosto se não parar de fazer caretas — ralhou Vênus.

— Também não vai gostar nem um pouco do que irá acontecer se despertar a ira da Deusa da Guerra! — completou Atena.

— Já chega! — A voz de Hera soou, poderosa, contra as paredes de seu templo. Em seguida, ela fechou os olhos por um instante e respirou fundo. — Essa discussão está atrapalhando a nossa missão aqui. Pior do que isso, está me dando dor de cabeça! — A Rainha das Deusas olhou para Ilítia, que continuava encolhida em um canto. — E estão assustando a minha sacerdotisa, que já teve sua cota de estresse por hoje.

Vênus e Atena murmuraram desculpas.

— Vamos acabar com isto de uma vez. — Hera lançou mais um olhar sério na direção das duas deidades antes de se voltar para Ilítia. — Vamos precisar de um cálice para cerimônias cheio do vinho do templo. Pode providenciar isso para mim?

— Claro, minha Deusa! — Recuperando-se, ao se ver às voltas com uma tarefa que lhe era

familiar, a jovem sacerdotisa se afastou correndo e retornou momentos depois com um cálice de ouro repleto de um encorpado vinho tinto.

— Muito bom. — Hera acenou com aprovação. Em seguida, aproximou-se dos corpos de Polixena e sua serva, sinalizando para que Vênus e Atena se juntassem a ela. — Traga a taça, Ilítia, e se posicione diante dos corpos. Quando eu der início à magia da cura, erga o cálice, de modo que o vinho possa ser preenchido com a nossa energia. Compreendeu?

— Sim, minha deusa. — A jovem sacerdotisa postou-se em seu lugar.

— Vamos nos juntar em um círculo de poder divino. — As três deusas se deram as mãos solenemente em volta da princesa de Troia morta e sua criada. — Concentrem-se no vinho do cálice — instruiu Hera. Então limpou a garganta e recitou o feitiço:

*Três deusas por um só pensamento unidas,
três poderes que resgatam vidas!*

Ilítia soltou uma exclamação quando o vinho no cálice que tinha erguido acima da cabeça começou a cintilar com uma luz tão forte que refletiu no teto alto e abobadado do templo.

*Por esta luz divina aqui banhadas,
O dom da cura nós invocamos,
Derramando nossos poderes neste vinho,
da videira o fruto que agora abençoamos.*

— Está quente! — exclamou Ilítia, mas não soltou o cálice resplandecente.

— É o calor do sopro de vida. Rápido, criança, derrame o vinho nos lábios da princesa e de sua serva! — ordenou Hera.

Ilítia obedeceu a sua deusa no mesmo instante. Curvou-se e, com cuidado, verteu metade do vinho dentro na boca ensanguentada de Polixena, e a outra metade na de sua jovem criada.

— Não sei se isso vai funcionar — murmurou Vênus com a testa franzida ao ver que a maior parte do vinho escorrera pelas faces macilentas das duas mortas. — Talvez nós devêssemos...

De repente, Polixena engasgou e encheu os pulmões com dificuldade. Pouco depois, o peito de Melia começou a subir e descer do mesmo modo.

— Mantenham-se concentradas! — Hera lembrou as outras duas deusas antes de completar a magia:

*Recuperada a saúde e curada a ferida,
Que arda dentro delas a centelha da vida!*

Enquanto as deidades e a sacerdotisa observavam, o horrível corte na cabeça de Polixena desapareceu, e a ferida aberta no peito de Melia cintilou e se fechou. Agora as duas mulheres pareciam em perfeito estado, ainda que o único movimento em seus corpos fosse sua respiração lenta e constante.

Ilítia caiu de joelhos e se curvou.

— Deu certo! Vocês as curaram!

Hera tocou o rosto da sacerdotisa suavemente.

— Curamos apenas seus corpos, criança. Suas almas estão viajando para os Campos Elíseos. Neste momento, elas não passam de duas conchas vazias.

— Acontece que tenho duas almas mortais desesperadas por um par de conchas — declarou Vênus. — Devo buscá-las?

— Sim, mas Atena e eu precisamos fazer nossas visitas a Agamenon e Tétis primeiro.

Atena franziu o cenho diante dos corpos recém-curados.

— Não deveria dar um jeito nesse sangue todo antes de trazermos para cá as almas das mortais? Não sou especialista em mortais modernas, mas imagino que qualquer mulher ficaria horrorizada ao se ver neste cenário. — A deusa fez um gesto amplo, abrangendo o templo manchado de sangue.

— *Urgh...* Embora eu odeie admitir isso, está certa — Vênus concordou com um suspiro. Então fez um gesto distraído na direção de Atena e Hera. — Vão em frente, não se preocupem com isso. Vou evocar alguns sátiros para que eles cuidem desta sujeira.

— Sátiros? — Hera repetiu com estranheza. — Mas eles não são bagunceiros por natureza?

— Nada provoca mais desordem do que um sátiro no cio. Por isso mesmo eles são tão bons em fazer limpeza. Estão acostumados.

Hera e Atena fitaram Vênus, confusas.

— Vocês não acham que me dou ao trabalho de fazer faxina depois das nossas orgias, acham?... — Vênus balançou a cabeça, desgostosa. — Sou sua deusa, não a mãe deles.

Atena bufou.

— Vamos deixar isso para a Deusa do Amor. — Hera guiou Atena para fora do santuário, antes que as deidades se pusessem a discutir novamente. — Faça seus amigos limparem tudo depressa; isso não pode levar muito tempo — completou por cima do ombro.

— Por que é que a bagunça sempre sobra para o Amor? — resmungou Vênus.

— Será que é porque o amor é um sentimento muito confuso? — conjecturou Ilítia com um sorriso doce e inocente.

— Querida, é óbvio que você é nova nesta coisa de sacerdotisa, por isso mesmo não vou desintegrá-la por me chamar de confusa.

Ilítia soltou uma exclamação e pareceu prestes a explodir no choro.

Vênus suspirou.

— Relaxe, criança. Foi apenas um pouco de humor divino. Agora vamos pôr os sátiros para trabalhar. — A deusa olhou os dois corpos à espera das almas. — Enquanto eu penso nos detalhes, arrume trajes novos para estas duas. Esse sangue todo não vai sair nunca destas roupas — continuou a murmurar para si mesma antes de fazer surgir um rebanho inteiro de agitados sátiros e fazê-los colocar o templo em ordem.

Hera se materializou no compartimento mais íntimo da volumosa tenda de Agamenon. Com exceção do rapaz imberbe que lubrificava o cabelo escuro e encaracolado do rei, estavam sozinhos.

— A Deusa Hera! — gritou o rapaz e se jogou no chão no mesmo instante, afundando o rosto no solo forrado por ricos tapetes.

Agamenon apenas se curvou. E não o suficiente para o gosto de Hera.

A deusa ignorou o rei, contudo, e tocou o topo da cabeça loira do garoto.

— Levante-se, filho. Quero falar com o seu rei a sós, mas saiba que segue com a minha bênção. — Esperou até que o menino saísse antes de voltar a atenção para Agamenon. Estudou-o sem pressa, sabendo que o irritava manter a cabeça inclinada diante dela. Notou como ele se encontrava envolto em ouro e teve que se obrigar a não fazer uma careta de desgosto. O homem achava que era algum deus? Se assim fosse, estava redondamente enganado. — Levante-se, Agamenon. Trago boas-novas — falou por fim.

— Traz alguma mensagem do poderoso Zeus, Grande deusa?

Os olhos de Hera faiscaram com raiva, e sua voz vibrou com um poder tão tangível que chegou a roçar com um estalo a pele do arrogante mortal.

— Não sou mensageira do meu marido!

Desta vez, a reverência de Agamenon foi baixa, obsequiosa e muito mais apropriada.

— Perdão. Não tive a intenção de ofender a Rainha das Deusas.

Hera curvou um canto dos lábios.

— Estranho que não tenha tido essa intenção, uma vez que esse tipo de coisa seja tão corriqueiro em se tratando de você. Ouça o que eu digo, rei grego: sua arrogância será o seu fim. — Ela o viu empalidecer, satisfeita. — Mas não importa. — Fez um gesto gracioso com a mão para que ele se endireitasse. — A notícia que trago tem a ver com a sua cama deserta — revelou, ainda que, ao se lembrar do adolescente que acabara de sair, ela se perguntasse o quanto esta realmente andava vazia.

— De fato, deusa. Minha noiva de guerra foi devolvida para apaziguar a ira dos gêmeos

dourados. Embora eu não tenha cometido nenhum desrespeito ao reivindicar Criseida, seu pai me desaprovou.

— Criseida não servia para você. Um rei do seu quilate merece coisa melhor. Apenas Briseida é boa o bastante para um soberano. — Em pensamento, Hera prometeu a si mesma que iria procurar a pobre Briseida assim que pusesse fim àquela conversa e concederia à moça uma bênção especial por ela ser obrigada a partilhar a cama daquele cretino.

— Briseida!? Ela é adorável, mas pertence a Aquiles. — A expressão do rei se transformou com a malícia. — Embora eu tenha ouvido que toda sua beleza está sendo desperdiçada, pois Aquiles só faz assustar as donzelas.

Então os rumores sobre Aquiles eram verdadeiros, Hera pensou, desgostosa.

— Por isso mesmo Briseida seria perfeita para você.

Agamenon acariciou a barba espessa, pensativo.

— Isso lá é verdade. Mas, ainda assim, Aquiles...

— Quem governa os Gregos, afinal? Aquiles ou Agamenon? — interrompeu Hera.

— *Eu* governo os Gregos!

— Pois trate de reivindicar o prêmio de guerra que mais lhe convém! — ela concluiu.

Agamenon encontrou o olhar da deusa.

— Posso fazê-lo com a sua bênção?

— Claro. E, para ajudar a aplacar a já conhecida Fúria de Aquiles, já lhe arrumei outra companhia. Uma noiva de guerra diferente de outras mulheres, por sinal, mas que também conta com uma bênção especial minha.

— Eu me curvo diante da sua vontade, Grande deusa — declarou Agamenon.

— Ótimo. Mande seus homens buscarem Briseida agora mesmo.

Enquanto Agamenon se curvava, Hera bateu palmas e desapareceu em uma nuvem de fumaça azul e cintilante.

Tétis fez uma reverência respeitosa a Atena. Em seguida, fazendo surgir às pressas ambrosia e cadeiras almofadadas, feitas de madrepérola, fez um sinal para que a deusa de olhos cinzentos sentasse.

— Acomode-se, Atena. A que devo esta... — Suas palavras morreram quando ela percebeu que a deusa se encontrava manchada de sangue e com uma expressão revoltada no olhar. — Pelo tridente de Poseidon! O que aconteceu?

A deusa moveu os dedos quase com indiferença sobre as manchas de sangue, e estas desapareceram instantaneamente.

— Foi tudo por causa dessa infeliz Guerra de Troia. Nós decidimos que ela deve ter fim.

O belo rosto de Tétis perdeu sua sedutora cor de pêssego.

— Meu filho está fadado a morrer na Guerra de Troia. Se ela está chegando ao fim, o mesmo vai acontecer com a vida dele.

— Por isso mesmo vim até aqui. Tivemos uma ideia que pode se provar muito benéfica para todos nós. Acreditamos que a Guerra de Troia possa ser terminada sem que Aquiles pereça.

Tétis recuperou parte de sua cor.

— Eu farei qualquer coisa, minha Deusa! Qualquer coisa para salvar meu filho! — exclamou, comovida. — ... Você disse “nós”?

— Hera, Vênus e eu.

Os olhos azuis de Tétis se arregalaram.

— Três deusas poderosas unidas por um único propósito!

— Bem, nem sempre é uma aliança fácil, mas nós três temos uma coisa em comum: estamos mesmo cansadas dessa guerra.

— Então somos quatro — declarou Tétis com firmeza. — Seremos quatro aliadas por esse objetivo se existe alguma chance de que meu filho seja poupado.

— Diga-me, Tétis, Aquiles ainda está satisfeito com a escolha que fez de acabar com a própria vida tão cedo? — indagou Atena.

Tétis mordeu o lábio carnudo enquanto pensava.

— Aquiles jamais vai falar sobre isso abertamente, mas eu o conheço bem. Nos últimos anos, ele vem se mostrando cada vez mais infeliz. Sabia que ele não tem uma amante há quase uma década?

Atena arregalou os olhos.

— Verdade?

Tétis assentiu.

— Por conta da Fúria que o domina. As mulheres têm medo dele por causa disso. Meu filho nunca obrigaria uma donzela a aceitá-lo, por isso vive o tempo que lhe resta sozinho, cercado apenas por seus Mirmidões. E mesmo estes têm se mostrado ressabiados em sua presença. Posso sentir a tristeza de Aquiles. Acredito que ele só continue se movendo em direção ao seu destino porque a vida que leva não lhe traz nada além de solidão.

— Quer dizer que esta noiva de guerra que vive em sua tenda não é amante dele?

— Briseida é uma linda moça, que tem tanto medo de meu filho como as outras, ainda que ele só a tenha tratado com bondade — lamentou Tétis.

Atena franziu a testa, pensativa.

— Mas, se ele é gentil com Briseida, ela acabaria por aceitá-lo eventualmente.

— Nunca viu quando a Fúria o domina, viu? — Tétis indagou, calma.

— Não.

Tétis estremeceu.

— É uma coisa terrível de se ver. Ele não é mais o meu Aquiles quando ela toma conta. Ele se transforma em um monstro, em uma besta. É uma manifestação física de raiva que gera apenas violência.

— Mas o quarto não é um campo de batalha.

— Qualquer emoção forte pode desencadear a Fúria — explicou Tétis, e balançou a cabeça, tristonha. — Nenhuma mortal se disporia a olhar para além de sua ira e enxergar o homem; muito menos agora que ele está tão marcado por cicatrizes de batalha.

— Cicatrizes de batalha? — Atena tentou se lembrar de qual fora a última vez em que ela havia visto Aquiles, e percebeu que não o via desde que ele era um menino, naquela mesma praia. — Mas ele era tão bonito!...

— Era. Suas vitórias nos campos de batalha tiveram um preço. Aquiles não é indestrutível, você sabe — Tétis falou na defensiva. — Ele é mortal. Apenas quando sua ira é despertada ele luta com furor. — A Deusa do Mar enxugou uma lágrima que lhe deslizara pela face. — Às vezes é preciso muito para que sua raiva se manifeste, porém seu corpo jovem já exibe as marcas de uma vida repleta de sangue e morte. — Tétis caiu de joelhos diante de Atena. — Eu imploro, Atena, assim como fiz no dia em que esse fardo foi colocado sobre Aquiles... Ajude meu filho a se libertar dessa sina terrível!

Atena pegou a mão de Tétis e a pôs de pé com cuidado.

— Talvez eu possa atender a esse pedido. Conseguiria fazer Aquiles se retirar da luta, ao menos por algum tempo?

— Sem nenhuma razão?

Atena pensou por um momento.

— Aquiles é menos impetuoso do que era quando menino, mas ainda é muito orgulhoso?

— Infelizmente, creio que sim.

Atena abriu um de seus raros sorrisos.

— Então posso dar a ele um motivo para que pare com as batalhas. Ouça com atenção...

CAPÍTULO QUATRO

— Gosto da linda cor vinho destas vestes, você não? Ela combina com o tom escuro do cabelo dela. — Vênus ajeitou o drapeado sedoso da estola que envolvia o corpo ainda imóvel de Polixena.

— Qualquer coisa que lhe satisfaz, satisfaz também a mim, minha Deusa — adulou um sátiro.

— Sim, querido, eu sei. Por isso mesmo eu não estava perguntando a você. Agora termine de limpar esses últimos vestígios de sangue do chão de uma vez. — Vênus deu um tapinha na face da criatura para amenizar o aguilhão de suas palavras. — Ilítia, era com você que eu estava falando.

— Ah, sim, Deusa. Acho a cor maravilhosa.

— Então por que está franzindo a testa?

— Bem, é meio estranho que vista a criada com a mesma elegância da princesa.

Vênus alisou a túnica de seda creme, de modo que a estola salmão da serva não ficasse amassada. Depois franziu o cenho para a pequena sacerdotisa.

— É verdade que este é o corpo de uma serviçal, criança, mas a alma que vai residir nele, não. Já será um belo choque para a pobre Jacqueline despertar em um corpo estranho e descobrir que terá de fazer o papel de empregada de sua melhor amiga.

— Você é a deusa. Eu me curvo à sua inteligência, sabedoria e...

Vênus dispensou os elogios com um gesto.

— Curve-se mais tarde. Agora apenas me diga que este tecido é perfeito.

— O tecido é perfeito.

— Vênus! Os sátiros fizeram um trabalho excelente no meu templo! — Hera irrompeu salão adentro, sorrindo para as desordeiras criaturas da floresta e fazendo-os se agitar com alegria.

— Eu disse que eles eram maravilhosos — reforçou a Deusa do Amor, soprando beijos para os espécimes mais próximos.

— Estou surpresa por eles terem conseguido dar fim a todo aquele sangue — confessou Atena, materializando-se não muito longe de Hera.

— E quanto a elas? — Vênus fez um gesto exagerado na direção dos dois corpos que acabara de limpar e vestir. — Não acha que também estão perfeitas?

— As mortais estão belíssimas, assim como o meu templo. Obrigada, Vênus, por ter feito um trabalho tão bom — agradeceu Hera.

— Mesmo como duas conchas vazias, sem alma, elas são bonitas — observou Atena.

Vênus ignorou a Deusa da Guerra.

— Deu tudo certo com Agamenon? — perguntou, ansiosa.

A Rainha das Deusas torceu os lábios com desgosto.

— Minha opinião é de que aquele insuportável não mudou nem um pouco. Ainda estou com pena da pobre Briseida.

— O que significa que ele vai tomá-la de Aquiles...? — Atena concluiu.

— Sim.

— Maravilha. E Tétis dará um jeito de tirar o filho da guerra tentando mexer com seu orgulho. Aparentemente, Aquiles não é mais o adolescente impulsivo que preferiu a glória e as batalhas. Não está feliz com o destino que escolheu para si mesmo, mas ainda é um tanto orgulhoso. Tétis me assegurou de que não será problema fazer com que ele desista da batalha, pelo menos por algum tempo — contou Atena. — Agora tudo o que resta é que a mortal opere a sua magia e mantenha Aquiles fora dessa luta por tempo suficiente para que os Troianos reivindiquem a vitória. Então toda essa confusão terá terminado.

— Não se preocupe com a minha mortal. Ela vai fazer tudo direitinho.

— É mesmo? Ela fala Grego antigo? — provocou Atena, incisiva.

Vênus hesitou apenas por alguns instantes.

— Vai falar depois que eu fizer um pouco de... — A Deusa do Amor moveu os dedos, fazendo o ar cintilar.

Atena soltou uma risada seca.

— Vênus, que tal colocar as almas nos corpos, para que possamos dar cabo disto de uma vez por todas? — incitou Hera.

— Ah, claro... Sátiros! — Vênus bateu palmas, num gesto de comando. — Voltem para o Olimpo. Vou mandar ninfas *Nyseideian* para lhes agradecer por terem me ajudado.

As criaturas bateram os cascos, fazendo festa, enquanto desapareciam.

— Muito bem. Agora se afastem. Deem-me espaço para que eu possa trabalhar. — A Deusa do Amor alisou o cabelo longo e loiro e, em seguida, ergueu as mãos com as palmas voltadas para cima.

Katrina e Jacqueline,

Espíritos mortais que livreis do fim

Ouvi agora o meu chamado

Libertai-vos e vinde até mim!

Duas esferas brilhantes surgiram no ar e flutuaram até descansar nas palmas de Vênus.

*Com o idioma cogente eu vos contemplo,
para que daqui possais partir tão logo possível for
De cumprir vossa missão é chegada a hora
Animai estes corpos e concluí a tarefa do Amor!*

Vênus lançou as esferas brilhantes na direção dos corpos tal qual uma arremessadora da liga de beisebol.

Kat soltou uma exclamação e tossiu. Sentou-se, afoita, passando a mão pela testa. Jacky gemeu e levou as mãos ao peito, no lugar exato em que fora ferida.

— Oh, Deus, estou me sentindo um lixo! — murmurou Kat. — Quanto champanhe bebi, afinal? — Limpou a garganta e piscou os olhos. — Ei, o que há de errado com a minha voz? E onde, diabos... — Suas palavras morreram quando teve a visão clareada, por fim. Com os olhos arregalados, ela fitou as três lindas mulheres que a observavam como se ela fosse uma nova espécie de flor que acabara de florescer.

— Kat, acho que estou tendo um ataque do coração! — Jacky gemeu novamente.

— Desde quando ressaca provoca ataques cardíacos? — Kat desviou os olhos das três atraentes desconhecidas e virou-se para encarar a pessoa que, embora falasse como Jacky, tinha a voz muito diferente da de sua am.. — Que *merda* é esta?! Jacqueline?... É você?!

A bela loira piscou várias vezes, tentando clarear a própria visão, e continuou a esfregar o peito.

— Quem mais poderia ser, o Coelho da Páscoa? Por que está falando desse jeito? Deus, estou ficando surda, também?!

— Não temam, Jacqueline e Katrina. Estão bem e seguras sob a nossa proteção — declarou a mulher que se encontrava mais próxima delas e, provavelmente, a mais impressionante das três.

Kat fechou os olhos e respirou fundo várias vezes.

— Isto só pode ser sonho de bêbada. Nunca mais vou tomar tanto champanhe de novo, juro! Hora de acordar, Katrina, e lidar com essa ressaca horrorosa! — Abriu os olhos.

— Não está sonhando, mortal — falou a mulher de ar régio, vestida com uma túnica branca esvoaçante com detalhes em azul-céu.

Em seguida, a mulher escultural, com incomuns olhos cinzentos, avançou um passo.

— Nós alteramos o seu destino. Em vez de permitir que perecessem no mundo moderno, tiramos suas almas de seus corpos destroçados e trouxemos para o mundo antigo. Deveriam nos agradecer.

Irritada, a mulher que havia falado primeiro franziu o cenho para a segunda.

— Faça-me o favor, Atena! Elas não precisam nos agradecer coisa nenhuma. Elas não pediram por isto. Além do mais, rebaixar-se diante de deuses não é praxe no mundo mortal moderno.

— Este não é o mundo mortal moderno — retrucou a mulher de olhos cinzentos.

— Verdade? Eu não tinha notado. Pensei que...

— Que diabo?! — Jacqueline exigiu, sentando-se.

— Jacky? — Kat ignorou as mulheres que discutiam e se virou para a amiga.

— Kat?... É você que está aí?!

— Sim, sou eu.

— Mas você não é você! Quero dizer, não é nem um pouco parecida com você! E que diabo está vestindo? — Jacky tocou o drapeado do manto vinho e seus olhos ficaram cravados em sua própria mão. — Katrina Marie Campbell, o que está acontecendo?! Esta não é a minha mão!

— Podemos explicar — afirmou a mulher mais pomposa, fazendo um gesto de cabeça para a mais bonita delas. — Vá em frente, Vênus. Conte tudo a elas.

— Na verdade, é tudo muito simples. Vocês duas sofreram um terrível acidente depois que saíram da festa de sua amiga. Eu as estava observando por meio do meu oráculo e... — A Deusa do Amor fez uma pausa e sorriu. — Eu sou Vênus, Deusa da Beleza Sensual, do Amor e das Artes Eróticas. — Apontou para a moça de olhos cinzentos. — Esta é Atena, Deusa da Guerra e *blá, blá, blá...* — Gesticulou, então, na direção da imponente mulher. — E esta é Hera, a Rainha do Olimpo. Enfim, como eu dizia, eu as estava observando através do meu oráculo e testemunhei o acidente. Não poderia deixá-las morrer assim, por isso resgatei suas almas. Não muito tempo depois, um templo de Hera foi violado e Polixena, a princesa de Troia, e sua, *ahn, dama de companhia*, Melia, foram mortas. Paramos para pensar, realizamos uma cura rápida, usamos suas almas e pronto. Aqui estão vocês. Ainda que em corpos diferentes. Viram? Eu disse que tinha sido simples.

— Eu... eu... — Kat balbuciou sem sucesso.

— Eu estou branca! — Jacqueline se pôs de pé e olhou para o novo corpo. — Oh, Jesus!... Santo Deus do Céu... *Jesus!* Eu vou desmaiar! Meu coração, Kat! Estou morrendo! — Ela estendeu a mão às cegas, e Kat correu para segurá-la.

— Você não está morrendo. Estamos sonhando, é isso!

— Que *merda* de sonho é esse em que estou branca?! — Jacky choramingou, agarrando-se à Kat com uma das mãos e se abanando com a outra. — Meu coração, Senhor, o meu coração! Está doendo!

— Minhas queridas, eu já disse que não estão sonhando — repetiu Vênus.

— E o que há de errado em ser branca? — indagou Atena.

— É apenas um pesadelo causado pela embriaguez — afirmou Kat, tentando manter a calma e usar seu melhor tom de psicóloga. — Vamos acordar em um instante e descobrir que desmaiamos de novo em sua sala de estar. Lembra-se do último *réveillon*?

Vênus se aproximou de Kat e Jacky, e suspirou profundamente.

— Eu não queria fazer isso, mas precisam aceitar o que aconteceu. — Agitou os dedos afilados até que o ar começou a cintilar como diamante. Em seguida, lançou o pó mágico sobre elas, dizendo: — Lembrem-se...

Kat aspirou a poeira cintilante com Jacky, espirrou, e se viu levada de volta ao fim da festa de Susie. Como se assistindo a um filme macabro, viu as duas tropeçando, rindo, e se segurando uma na outra conforme entravam no táxi, que desceu a Reservoir Hill até o farol, no cruzamento. Horrorizada, Kat testemunhou o SUV avançar o sinal vermelho e se chocar com o carro amarelo. Houve uma pausa silenciosa, mas, em seguida, com uma espécie de sopro sinistro, a cabine do táxi explodiu em chamas.

— Oh, Deus! Nós estamos mortas! — exclamou, compreendendo, enfim.

— Nós morremos e eu me tornei branca! — emendou Jacky. — Isso não pode estar acontecendo! Eu tinha certeza de que iria para o Céu!

— Eu devia ter ido para o Céu, também!

— Não sei, não, Kat. Lembra-se da sua adolescência na associação de moças? Daquele zagueiro da Tulsa University na linha de cinquenta jardas?... Esse tipo de comportamento conta, viu? Pode ter certeza.

Kat deixou cair o queixo.

— Retire o que disse! Não acredito que acha que eu vou para o inferno por causa de um... *deslizezinho* na faculdade.

— *Deslizezinho*? Isso é uma palavra? E você não está apenas indo para o inferno, minha amiga. Você me arrastou até aqui!

— Jacqueline, já lhe ocorreu que *você* pode ter me arrastado para o inferno? E quanto àquelas vezes em que devolveu sapatos que tinha acabado de comprar, dizendo que nunca os havia usado quando na verdade dava umas voltas com eles e depois os devolvia porque tinha gastado mais do que podia? *Hein?*

— Ora, por favor. Sapatos não podem entrar para o rol dos pecados. Além do mais, não faço mais isso há anos.

— Anos?

— Está bem. Meses.

Kat bufou e pôs as mãos nos quadris.

— E o que não dizer dos seus palavrões? — lembrou, crítica.

— Eu não falo palavrões. Eu uso expletivos.

— Exple... o quê? Que *merda* é essa?

— *Senhoras!* — Vênus se colocou entre elas. — Ninguém está no inferno. Vocês estão mortas... mas não estão. — A deusa franziu a testa e balançou a cabeça como se ela própria precisasse clarear as ideias. — Não, não é tão confuso assim. Seus corpos estão mortos. Suas almas vivem porque são eternas. Elas são a sua essência. Tudo o que fiz foi transferi-las para corpos que ainda estão funcionando.

— Como assim, “funcionando”? Onde estão as almas eternas que estavam nestes corpos?
— Kat perguntou, aflita.

Vênus silenciou, constrangida, e Hera decidiu intervir.

— Você, Katrina, agora habita o corpo que pertencia à princesa Polixena, de Troia. E você, Jacqueline, agora reside no corpo que pertencia à Melia, sua serva.

— Virei empregada, agora? E uma empregada branca ainda por cima! Santo Deus, a coisa está ficando cada vez pior! — Voltou um olhar parado para Kat. — Eu realmente fui arrastada para o inferno com você!

— Eu não estou no inferno! — protestou Kat.

— Nenhuma de vocês está no inferno! — Vênus repetiu depressa.

— Onde estão as almas que estavam nesses corpos? — Kat exigiu de novo.

Hera respondeu antes que Vênus pudesse fazê-lo.

— Elas estão desfrutando a felicidade eterna nos Campos Elíseos do Submundo grego antigo.

— Oh, Senhor, preciso me sentar... Estou no corpo de uma criada branca morta! — Jacky sentou-se com desânimo nos degraus do altar, abanando-se mais uma vez.

Kat observou o próprio corpo, aflita.

— Mas não vejo nenhuma ferida. Do que essa princesa morreu?

— Ah, meu Deus! Foi uma praga, não foi? Kat, estamos contaminadas com alguma coisa!

— Não, não, não! — Vênus tratou de acalmá-las. — Elas não morreram por conta de nenhuma doença. Elas foram assassinadas por guerreiros gregos.

— Mas onde estão os ferimentos?! — Kat olhou por dentro das vestes, virando de um lado para o outro na tentativa de enxergar todo o corpo.

— Nós as curamos antes de reanimá-las com as suas próprias almas — explicou Vênus.

— Essa é a primeira boa notícia que ouvi — Jacky falou com um suspiro, recuperando-se o suficiente para poder parar de se abanar. — Se é assim, basta que curem os nossos corpos antigos, nos coloquem de volta neles, e poderemos esquecer que isto tudo aconteceu.

— Sinto muito. Não posso fazer isso. Seus corpos foram completamente carbonizados. Resgatei suas almas apenas porque já tinha decidido lhe perguntar, Kat, se pode me fazer um pequeno favor.

— Deixe-me ver se entendi bem — principiou Kat. — Estava me espionando?

— E a mim também! — interveio Jacky.

— E também a Jacky — concordou Kat. — Isso porque queria que eu lhe fizesse um favor. Mas então nós morremos e, mesmo assim, resgatou as nossas almas...? Isso não faz o menor sentido!

— Claro que faz, querida, embora eu não pense no meu oráculo como espionagem — Vênus contrapôs, reticente. — Hera, Atena e eu decidimos que precisávamos da ajuda de uma mulher moderna mortal, e me foi dada a tarefa de encontrá-la. Você me pareceu perfeita, mas, logo em seguida, aconteceu esse trágico acidente. Mesmo assim, ainda era a melhor para aquilo de que precisamos. Ao mesmo tempo, o templo de Hera foi atacado, e dois corpos se tornaram disponíveis. Um pouco de magia aqui, um pouco de cura acolá, e aqui está você: viva e ainda perfeita para a pequena tarefa que eu preciso que execute. E, minhas queridas... — Vênus incluiu a carrancuda Jacky em seu brilhante sorriso — ... Por me ajudarem, vou conceder uma bênção a cada uma de vocês.

— A única bênção em que estamos interessadas é nos ver de volta a nossos antigos corpos — Jacky falou com firmeza. — Não aos carbonizados, claro! Queremos ser colocadas de volta nos nossos antigos corpos curados e limpos. — Olhou para baixo. — Como estes, mas só que os nossos.

— De acordo — declarou Kat.

— Isso simplesmente não é possível — repetiu Vênus. — Não temos poderes suficientes para curar seus antigos corpos. Sinto muito, mas...

— Não podem ter os seus antigos corpos de volta, mas nós três podemos encontrar outros, parecidos, em seu velho mundo — interveio Hera.

— Com “parecidos” quer dizer mais jovens e mais bonitos? — indagou Kat.

— E que passem pela nossa aprovação! — acrescentou Jacky.

— Como quiserem. Se cumprirem com a pequena tarefa que vamos lhe pedir, e esse for o seu desejo, irão retornar ao mundo moderno nos corpos mortais da sua escolha.

Jacky e Kat se entreolharam, deram as costas para as deusas e aproximaram as cabeças.

— Como será que Queen Latifah anda se sentindo? Talvez ela tenha alguma doença terrível que as deusas possam acelerar — Jacky sussurrou com esperança.

— Eu estava pensando a mesma coisa sobre Catherine Zeta-Jones — confessou Kat, mantendo a voz baixa. — E então? Vamos *topar* esse negócio ou não?

— Vamos! — decidiu Jacky.

Elas se voltaram para as deusas novamente.

— Está bem. Tudo o que precisamos fazer é esse pequeno favor para vocês, e depois vão nos levar de volta para o nosso tempo, em corpos da nossa escolha. Certo? — indagou Kat.

— Sim — as três deusas responderam em uníssono.

— E qual é esse favor de que tanto necessitam? — quis saber Jacky.

— Muito simples. Queremos o fim da Guerra de Troia — Vênus respondeu.

— Pai do Céu!... — exclamou Jacqueline. — Você me trouxe mesmo para o inferno, Kat!

CAPÍTULO CINCO

— Jacky, acho que pode estar certa — decidiu Kat, sentando-se ao lado da amiga no degrau do altar. — Nós estávamos falando sobre a *Iliada* na casa da Susie. É óbvio que essa nossa morte trágica nos jogou em algum tipo de inferno literário. Vai ver a próxima etapa é sermos sugadas para um livro de Thomas Hardy, cacete!

— Thomas Hardy? Deus meu... A dor voltou! — Jacky se abanou com força.

— Droga, eu sinto muito por ter metido você nisto. Transar com o zagueiro da Tulsa University definitivamente não valeu a pena.

— Eu sabia que ter uma melhor amiga branca ia dar *merda* um dia! — Jacky segurou o braço esguio e claro de Kat, desanimada. — Eu só não sabia que ia ser tão ruim.

— Vou perguntar mais uma vez: o que há de tão terrível em ser branca? — exigiu Atena.

— Nada, se você é branca — respondeu Jacky. — Mas eu não sou. — Ela suspirou. — Ou pelo menos não era antes de eu vir para o inferno.

— Pelas barbas de Zeus, como elas são teimosas! — Atena falou a Vênus. — Você não nos disse nada sobre isso.

— Eu disse que elas eram diferentes das mortais antigas. E isso é só o começo.

— *Helloo!...* Também estamos aqui no inferno com vocês! — chamou Kat, então se virou para Jacky. — O que será que elas fizeram para também terem sido mandadas para cá?

— Elas são maravilhosas. Mulheres assim estão sempre aprontando com alguém — afirmou a outra moça.

— Ah, sim. Tem razão. Eu me esqueci.

— Elas estão dizendo que magoamos os outros? Mas nós somos deusas! Não aborrecemos as pessoas, elas é que nos aborrecem! — declarou Atena, lançando a Vênus um olhar severo. — Diga a elas!

— Ei, nós estamos escutando! — falou Jacky.

— Jacqueline! Katrina! *Vocês-não-estão-no-inferno!* Parem com essa bobagem de uma vez! E o fim da Guerra de Troia não será tão difícil. Já temos um plano de ação — Vênus revelou.

— Ei, não são essas as três deusas que causaram toda aquela encrenca a respeito de Helena e Paris? — Jacky lembrou. — Sabe, o casamento, a maçã, a história de terem levado Helena — que já estava casada com outro — para Paris e outros bichos mais?

— Verdade. Acho que está certa — murmurou Kat.

— Vê há quanto tempo está durando esse boato ridículo? — Vênus disse a Hera, virando-

se em seguida para as duas mortais. — Por isso mesmo já estamos fartas dessa Guerra de Troia. Nós — fez um gesto abrangendo a si mesma, Atena e Hera — não começamos essa luta, e estamos cansadas de ser responsabilizadas por ela.

— É típico daquele miserável do Agamenon culpar os outros — resmungou Hera.

— O que Vênus, Hera e eu decidimos é que esta guerra já durou demais. Queremos que ela acabe. *Agora* — completou Atena.

— E por que acham que Kat e eu poderíamos ajudá-las nisso? — Jacky perguntou.

— Pelo visto, o que vocês precisam é transportar alguns cientistas modernos para cá. Dessa forma eles poderiam preparar uma ou duas armas de destruição em massa — sugeriu Kat.

— Como se fosse fácil encontrá-los! — redarguiu Jacky.

— Isso é verdade — Kat concordou. — Mas, se estão pensando que *nós* podemos fazer alguma coisa a respeito, estão, mesmo, nos confundindo com outras pessoas.

— Ei, trazer armas modernas para o mundo antigo poderia mexer com a Primeira Diretriz ou algo assim — lembrou Jacky.

— Deus, você é mesmo uma imbecil! — exclamou Kat. — Este é o inferno, não um episódio de *Jornada nas Estrelas*. Embora os dois tenham algumas semelhanças.

— Cuidado, isso é blasfêmia, como a que colocou você nesta situação.

— Aquiles. — Vênus falou em voz alta, e ambas as mortais se voltaram para ela, fitando-a interrogativamente. — Aquiles é a razão para que essa guerra não termine nunca. Se ele e seus Mirmidões se retirarem do campo de batalha, os Gregos não vão continuar com o cerco a Troia. Vão desanimar e voltar ao lugar a que pertencem.

— Continuo não entendendo o que isso tem a ver conosco — Kat resmungou.

— Na verdade, tem a ver apenas com você, Katrina — desabafou Hera, lançando a Jacky um olhar de desculpas. — Sua amiga só está aqui porque Vênus achou que vocês duas não gostariam de ficar longe uma da outra.

— Eu não disse?! — exclamou Jacky.

— *Merda!* — praguejou Kat. — Preciso de uma bebida.

— Excelente ideia. — Vênus olhou ao redor do salão, até avistar Ilítia sentada, com os olhos arregalados, em um canto escuro. — Querida, será que pode nos trazer um pouco de vinho? É uma longa história.

A sacerdotisa saiu correndo no mesmo instante, e a deusa respirou fundo.

— Agora, deixem-me explicar tudo...

— *Nem a pau* esse plano vai dar certo! — exclamou Jacky.

— É claro que vai dar certo — retrucou Vênus.

— *Fala sério!* Quem já ouviu falar de uma terapeuta salvando o mundo? Isso não aconteceu nem em *Buffy* — afirmou Jacky.

— O que é *Buffy*? — Atena perguntou.

— Estou começando a acreditar que isto aqui pode não ser o inferno — murmurou Kat. — Todo o mundo sabe que *Buffy* se passa no inferno.

— Ponto para você — respondeu Jacky. — A propósito, esse seu comentário sobre *Buffy, a Caça-Vampiros*, é tão idiota quanto o meu sobre *Jornada nas Estrelas*.

— Não, você que é idiota porque assiste aos dois.

— Eu não assistia até ver aquele gostoso do Spike fazendo sexo. Nossa, eu iria adorar fazê-lo explodir como uma rolha de champanhe! — comentou Jacky.

— O que é *Buffy*? — Atena perguntou a Vênus outra vez.

A Deusa do Amor deu de ombros.

— Não pode esperar que eu saiba tudo sobre mortais modernos. — Tomou um gole longo e fortificante de vinho antes de continuar. — Kat, vai nos ajudar com o nosso plano ou não?

Katrina mordeu o lábio.

— Basicamente, quer que eu faça uma megassessão de terapia com Aquiles para ajudá-lo a controlar sua raiva, e, ao mesmo tempo, que o impeça de lutar.

— Pelo visto, elas querem que faça uma megassessão de sexo com ele, também — opinou Jacky.

Vênus a ignorou.

— Como eu já expliquei, Tétis, a mãe de Aquiles, está providenciando para que ele se retire do campo de batalha.

— Porque a amante de Aquiles, a tal da Briseida, foi afastada dele. Quer que eu tome o lugar dela?

— Sim — confirmou Vênus.

— De quem eu estou tomando lugar? — Jacky perguntou.

— De ninguém, querida — explicou a deusa. — Você será a serva de Polixena.

— É verdade, *cacete*. Eu quase me esqueci. Onde está a menina do vinho? Preciso de uma dose extra.

Ilítia se apressou a preencher o cálice de Jacky.

— Responda-me uma coisa, Deusa do Amor — pediu Kat enquanto Jacky bebia. — Acabaram de tirar a mulher de Aquiles dele. Se isso foi o suficiente para que o homem parasse de lutar, por que cargas d'água acredita que ele estaria interessado em trocar de mulher? Quero dizer, pelo que parece, ele tinha mais do que uma queda pela antiga.

— Não foi uma relação de amor — garantiu Vênus. — O orgulho de Aquiles ficou ferido por terem tomado Briseida dele, mas não seu coração.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou Jacky.

— Agamenon diz que a beleza de Briseida foi desperdiçada nas mãos de Aquiles — contou Hera.

— Maravilha, Kat, ele é *gay* — afirmou Jacky.

— *Gay*? — Atena indagou, confusa.

— Aquiles não é *gay*! — objetou Vênus.

— *Gay*? — Atena repetiu, batendo o pé, exasperada.

— Isso significa que ele só *transa* com outros homens — Jacky explicou. — Transar quer dizer fo...

— Eu sei o que significa — interrompeu Atena. — E concordo com Vênus. Aquiles não é *gay*. Mas parece que ele não *transa* há anos, então Briseida não era amante dele.

— Como sabe que ele... — começou Vênus.

— A mãe de Aquiles me contou — revelou Atena.

— E por que ele não tem tido nenhuma amante? — Kat quis saber.

— Ah, isso é fácil de explicar — interveio Atena. — Ele assusta as mulheres.

— Por quê?! — Jacky exigiu, mais do que alarmada.

— A Fúria de Aquiles as assusta. Parece que ele é dominado pela ira quando lhe despertam algum tipo de emoção, seja luxúria ou raiva — explicou Atena.

— Sim, e as donzelas do mundo antigo não estão preparadas para lidar com um homem assim. Mas eu sei que as mortais modernas são diferentes: são mais fortes, mais inteligentes, mais independentes. Além disso, ouvi que costuma aconselhar homens no seu trabalho. Por isso a escolhi — Vênus terminou com um grande sorriso para Kat.

— Bem, na verdade não apenas homens, mas principalmente casais cujo casamento está em crise.

Vênus fez um gesto de desdém.

— É tudo a mesma coisa. Também a ouvi descrevendo a si própria como uma mulher muito otimista e que aprecia os homens. Ou seja, é perfeita para este trabalho.

— E ela ainda diz que não estava espionando você! — resmungou Jacky.

— Tétis também mencionou algo sobre as mulheres ficarem assustadas com as cicatrizes de Aquiles — Atena acrescentou de repente.

— Eu não sabia de Aquiles tinha cicatrizes — falou Vênus.

— Nem eu — emendou Hera.

Atena deu de ombros.

— Parece que são cicatrizes de batalha. Tétis disse que nem sempre ele sai incólume de seus acessos de raiva.

— Bem, isso pode ser uma coisa boa. Mostra que Aquiles precisa de um gatilho para que isso aconteça. Se eu conseguir fazê-lo identificar esse gatilho, então talvez possa desarmá-lo — comentou Kat. — Parece um caso de Gerenciamento da Raiva 101.

— Interessante. Não me parece preocupada com o fato de ele ser marcado — observou Atena.

Jacky respondeu antes que Kat pudesse fazê-lo.

— Como diz Vênus, as mulheres modernas são diferentes. É preciso mais do que algumas cicatrizes para nos colocar para correr.

— Eu diria que tenho a capacidade de enxergar além do físico — contrapôs Kat.

— Idem — concordou Jacky. Em seguida apontou para o próprio corpo. — Exceto neste caso... Deus, tenho mesmo que vestir cor-de-rosa? Odeio rosa!

— Pois ficou muito bem em você. Sabe que está linda, Jacky — elogiou Kat.

— Estou é branca demais! — resmungou a outra.

— Nem tanto. Há algum espelho por aqui? — ela perguntou a Vênus.

— Ilítia, querida, poderia nos trazer um espelho?

A sacerdotisa tornou a sair correndo e, logo depois, voltou com um espelho redondo, de tamanho médio, emoldurado em bronze. Kat o segurou diante de Jacky, de modo que esta pudesse ver a si mesma.

— Viu?

Jacky arregalou os olhos e levou as mãos aos cabelos.

— *Meu Jesus Cristinho!*... meu cabelo está comprido! Tenho fios compridos, sedosos e loiros!

— Muito lindos por sinal — elogiou Kat.

— *Putá merda!* Sabe que eu não tenho a menor ideia de como cuidar de cabelo de mulher branca. Principalmente de um cabelo loiro como este!

— Ah, querida, não se preocupe com isso. Eu posso ajudar. Sou especialista no assunto. — Vênus balançou a cabeça para trás, fazendo com que as próprias madeixas flutuassem, cintilantes.

— Eu não estou no inferno. Estou presa em um romance — concluiu Jacky. Em seguida se inclinou para o espelho. — E os meus olhos estão azuis, da cor do céu!

— Pense de outra forma — aconselhou Kat. — Se estamos presas em um romance, significa que vamos ter sexo. Muito sexo.

— Acha mesmo? — indagou Jacky, esperançosa. — Seria ótimo se fosse um romance

erótico.

— Tomara — emendou Kat. Então respirou fundo e virou o espelho para si mesma. — *Caramba!* — Tocou o rosto devagar. — *Cacete*, quantos anos eu tenho?! Pareço uma adolescente!

— Você também tem cabelo comprido — Jacky observou. — Embora ele seja preto e não tão impressionante quanto o meu.

— Eu pensei que preto fosse bom — Atena falou, confusa.

— Eu nunca vou entender essas duas — sussurrou Hera.

— Falando a sério, quantos anos tinha Polixena? — Kat quis saber, ainda olhando para si mesma.

— Acredito que ela estivesse próxima de completar dezoito verões — arriscou Hera. — A idade ideal para se casar. Por isso mesmo ela estava aqui, pedindo a minha ajuda. Polixena queria se tornar a noiva do Rei de Sardes.

— Meu bom Deus, *dezoito?! Mas* ela era moça demais! — lamentou Kat.

— Você continua solteira, não é mesmo, Katrina? — Hera perguntou, educada.

— Totalmente — confirmou Kat.

— Eu também — Jacky emendou.

— E com quantos anos vocês estavam? — indagou a Rainha das Deusas.

— Eu tenho 36 — Kat disse. — Ou pelo menos tinha.

— Ainda é um bebê, Kat. Estou com 38 — Jacky contou a Hera. Em seguida, franziu a testa e enfiou a cara perto da de Kat, de maneira a olhar o próprio reflexo outra vez. — *Hum*. Eu também pareço mais moça. Aposto que a gente nem chegou aos vinte.

— Elas eram solteironas? — Hera perguntou, visivelmente chocada. — Você escolheu solteironas?!

— Como eu já disse mais do que devia, as mortais modernas são diferentes! — explicou Vênus.

Refletidas no espelho, os olhares de Jacky e Kat se encontraram.

— Sua velha feia e solteirona — provocou Kat.

— Bruxa seca! — devolveu Jacky.

E as duas explodiram em uma gargalhada.

CAPÍTULO SEIS

— Oh, Deus, nós somos engraçadas — concluiu Kat, encostada em Jacky, que ainda ria e enxugava os olhos.

— Vai nos ajudar ou não? — Vênus perguntou.

Kat ergueu os olhos para a deusa.

— E se eu der o melhor de mim por Aquiles, não der certo e ele voltar a lutar? Meus conhecimentos sobre Mitologia são medíocres, mas todo o mundo sabe que Aquiles foi um famoso guerreiro que morreu porque uma flecha perfurou seu calcanhar, o único lugar em que ele era vulnerável. E também que ele viveu para lutar e morreu lutando.

Vênus revirou os olhos.

— O calcanhar era o único lugar em que ele era vulnerável?

— Mais boatos — afirmou Hera, balançando a cabeça. — Sempre os desagradáveis boatos!

— Então essa história de calcanhar não é verdade? — admirou-se Jacky.

— Isso não faz o menor sentido! — interveio Atena. — Como uma flechada no calcanhar poderia matar alguém? Mortais modernos acreditam em qualquer coisa, mesmo.

— *Helloo!* Isso foi escrito por gente do tempo de vocês, não do nosso! Até o tendão que temos sobre o calcanhar foi batizado com o nome de Aquiles — lembrou Kat.

— Ei, e quanto àquela história sobre o Cavalo de Troia? — indagou Jacky.

As deusas a fitaram, sem entender.

— Essa guerra estúpida foi ganha quando, *ahn...*

— Quando os Gregos adentraram as muralhas de Troia escondidos dentro de um gigantesco cavalo oco de madeira — Kat terminou para ela. — Ou algo parecido.

Vênus negou com um gesto de cabeça.

— Primeiro fomos nós, as deusas, que começamos a guerra. Depois Aquiles só pôde ser morto ferido no calcanhar. Agora estão me dizendo que um enorme cavalo de madeira ganhou a guerra? Isto está ficando cada vez mais ridículo. Nada disso é verdade — falou com firmeza.

— Que maravilha. Quer dizer, basicamente, que os únicos detalhes interessantes que Jacky e eu nos lembramos das nossas inúteis aulas de Ciências Humanas são bobagem.

— É o que parece — concordou Vênus.

— Tudo bem. Qual é a verdade? Aquiles não é indestrutível, mas é um guerreiro. Ao menos essa parte confere, certo?

— Aquiles não é imortal, mas a Fúria o torna quase impossível de ser morto. E, sim, ele foi guerreiro durante toda a sua curta vida.

— Oh, Deus, não me diga que ele também é um adolescente! — Kat murmurou.

— Não, mas nem chegou aos trinta. Zeus profetizou que, se Aquiles escolhesse uma vida de glória e batalhas, não chegaria a viver trinta verões, mas seria lembrado por milhares de anos.

— O quê? *Aquiles* escolheu isso? Se é assim, não sei o que esperam que eu faça! — ela exclamou.

— Ele fez essa escolha quando ainda era um menino. Mas cresceu e mudou desde então. Tétis afirma que o filho se arrependeu de sua decisão infantil e anseia por paz; contudo, seu destino parece definido, e ele perdeu a esperança de tomar um rumo diferente daquele que lhe foi traçado — explicou Atena.

— Compreendo — Kat falou devagar. — Vou tentar ajudá-lo. Mas apenas com a condição de que, ganhando ou perdendo, ajudando-o ou não, Jacky e eu sejamos enviadas de volta para o nosso mundo.

— E nos corpos que escolhermos! — Jacky acrescentou.

— Se conseguirem acabar com a Guerra de Troia, será concedida uma bênção a cada uma de vocês.

— Hera... — Kat enfrentou a Rainha do Olimpo. — Não pode esperar que eu entre em cena de repente e conserte um sujeito que eu nunca vi antes. E que se encontra em uma situação fora da minha área de especialização.

— No entanto, é essa a proposta que fazemos — insistiu a deusa. — E tenham uma coisa em mente: quanto mais dias se passarem de seu infeliz acidente, mais difícil será para nós devolvê-las em perfeito estado para sua antiga vida.

— Não pode nem mesmo garantir o que está dizendo?

— Posso garantir que usaremos todos os nossos vastos poderes para tentar realizar isso — esclareceu Hera.

Kat olhou da Rainha das Deusas para Vênus. Era óbvio que a Deusa do Amor estava descontente com a “proposta” de Hera, entretanto deu de ombros e balançou a cabeça, conformada, deixando óbvio que não tinha como fazer sua rainha mudar de ideia.

— Está bem — Jacky falou. — Kat vai cuidar dessa história o mais rápido possível, sem problemas, e a senhora, *Toda-Poderosa*, apenas mantenha a sua parte no acordo.

— Eu sempre cumpro com a minha palavra! — afirmou Hera.

— Se for assim, estamos entendidas — declarou Kat.

— Não inteiramente — interveio Vênus. — Acho que precisa ficar claro que elas estão sob proteção divina.

— Concordo — disse Hera.

— Eu também concordo — emendou Atena.

— Ótimo. Então é sob a sua proteção que elas vão ficar — Vênus falou a Atena.

— Por que só minha?!

— Elas não podem ficar sob a minha porque, de acordo com os rumores gregos, fui eu quem causou todo o problema Paris/Helena. Não podem ficar sob a de Hera porque ela acabou de mandar Agamenon tomar Briseida de Aquiles. Você é a única que resta. Além disso, tem uma história com Ulisses, assim como com Tétis, que já deve ter dito ao filho que você lhe assegurou uma nova noiva de guerra. Por tudo isso, Polixena tem de ficar sob a sua proteção — concluiu Vênus.

— Sim... Bem, acho que está certa — concordou Atena, relutante.

— Querem saber, não tenho certeza se gosto da expressão “noiva de guerra”. Não sou nenhuma pudica, mas sempre escolho com quem vou para cama. Além do mais, não sou propriedade de ninguém — afirmou Kat.

— Apoiado — emendou Jacky.

— Tétis me garantiu que o filho não iria obrigar ninguém a se deitar com ele — contou Atena.

— Tudo bem, mas isso ainda deixa em aberto a questão de eu me tornar propriedade dele. Atena franziu a testa, confusa.

— Mas você é mulher e também um prêmio de guerra, portanto propriedade dele!

Kat levou as mãos aos quadris.

— Não sou propriedade de ninguém.

— Ser propriedade de Aquiles vai ajudá-la a se manter segura, e também a mantê-la ao lado do guerreiro — observou Vênus.

— E quanto a mim, sou propriedade de quem? — indagou Jacky.

— De Polixena — a Deusa do Amor respondeu.

— Que *merda*!

— Precisamos de uma explicação para esses modos estranhos delas — decidiu Hera, lançando a Jacky um olhar severo.

— Tem razão — aquiesceu Atena, estudando Jacky e Kat enquanto falava. — O jeito esquisito dessas duas vai chamar a atenção.

— Poderia dizer que Kat é um experimento seu; que você a imbuíu com conhecimento sagrado — sugeriu Hera.

— É isso! Podem pensar que ela é uma espécie de oráculo, por isso está sempre se comportando de modo estranho — completou Vênus.

— Isso pode explicar Katrina, mas e quanto a *ela*? — Hera apontou o queixo na direção de Jacky.

— *Meu Jesus Cristinho*, eu estou aqui, sabiam?! *Caramba*, como é irritante quando vocês falam de mim como se eu tivesse ficado surda e muda! — protestou a moça. — Além do mais, eu não me comporto de modo estranho.

Ninguém falou nada por vários instantes, então Kat suspirou.

— Que tal isso? Sou um oráculo bizarro, por isso não é de estranhar que a minha criad... — Capturou o olhar assassino de Jacky e se corrigiu, apressada: — ... que as minhas *amizades* também sejam esquisitas.

— Isso não é exatamente plausível — declarou Atena devagar.

— Mas é tudo o que temos — decidiu Vênus.

— Está bem — falou Kat. — Vamos dar cabo desse trabalho de uma vez.

— Espere! Se vamos ficar sob a proteção de Atena, por que temos que dar explicações? — indagou Jacky.

— Estarão sob a minha proteção, mas não posso ficar o tempo todo a seu lado.

— Então como, diabos, vai nos proteger? — exigiu a moça.

— Vão invocar a minha ajuda, ora — explicou Atena.

— Ou a minha — Vênus completou.

— Ou a minha — finalizou Hera, embora ainda franzisse a testa para Jacky.

— Não estou sentindo muita firmeza — contestou Jacky.

— Acontece que isso é tudo com que podem contar — Vênus reforçou.

Jacky bufou e abriu a boca para retrucar, mas vozes masculinas, vindas do lado de fora do templo, a interromperam. Atena remexeu os dedos no ar e foi como se uma tela de exibição secreta se abrisse, mostrando meia dúzia de guerreiros que entrava no templo.

Kat só conseguiu vislumbrar o loiro que vinha à frente do grupo antes que Atena fechasse a janela.

— É Aquiles! — Ilítia reconheceu, soando meio sem fôlego. — Eu o vi apenas a distância, mas sua armadura dourada é inconfundível.

Kat sentiu o estômago dar um nó, e Jacky apertou sua mão.

— Vai dar tudo certo. Você é uma tremenda terapeuta. E, não bastasse isso, também é uma tremenda *gata* agora.

— Ao contrário da “*tremenda tiazinha*” que eu era antes?

— De certa forma. Com o porém de que ainda tem muita coisa boa aqui... — Jacky apontou para a cabeça de Kat — ... e aqui. — Tocou seu coração. — O *esquentadinho* aí não tem a menor chance.

— Está bem. Vamos resolver isso de uma vez — Kat falou a Vênus com um suspiro.

A deusa sorriu calorosamente para ela.

— Lembre-se: a Deusa do Amor acredita que é perfeita para isso. Você e essa sua amiga maluca. — Virou-se para Hera. — Temos que sair daqui. Atena precisa enfrentar os guerreiros e deixar clara a sua proteção. Nossa presença iria apenas confundir as coisas.

Atena assentiu.

— Encontro vocês no templo de Vênus mais tarde.

— Sigam com a minha bênção, estranhas mortais modernas — conclamou Hera, dirigindo-se a Kat e Jacky. Em seguida beijou Ilítia na testa. — Você, minha doce sacerdotisa, me agradou deveras hoje.

Enquanto Ilítia fazia uma reverência profunda, Hera e Vênus desapareceram em uma nuvem de poeira cintilante.

— Que *legal* deve ser poder fazer isso! — exclamou Jacky. — Quer saber? Estou começando a acreditar nelas. Acho que não estamos no inferno.

— Também prefiro sua teoria do romance erótico — ironizou Kat.

— Preparem-se, mortais, e sigam-me — ordenou Atena antes de marchar regamente para fora do salão.

Kat e Jacky reviraram os olhos uma para a outra e, dando um adeusinho para Ilítia, foram atrás da deusa.

Os guerreiros tinham acabado de chegar ao centro da câmara exterior do templo de Hera, que não possuía paredes, mas que era cercado por graciosas colunas de mármore a céu aberto. Kat teve a atenção distraída dos homens em função daquilo que as rodeava. Era um dia belíssimo: claro e quente, e o ar cheirava a mar e incenso adocicado.

— Se isto aqui é o inferno, é uma maravilha! — Jacky sussurrou, segurando a mão dela com ainda mais força.

Os homens as avistaram, ou melhor, avistaram Atena; e Kat não teve mais tempo para a paisagem.

— A deusa! É a deusa Hera! — Um guerreiro gritou, e pouco mais de meia dúzia de homens caiu de joelhos.

Na verdade, Kat observou que todos eles, exceto dois, haviam se ajoelhado. O mais alto se encontrava de costas para o sol, e a inclinação dos raios da tarde tornava difícil para ela vê-lo bem. Tudo o que enxergava era muito cabelo, músculos e altura. O outro estava mais próximo da deusa, e ela conseguiu avaliá-lo melhor. Era um sujeito bastante comum, de altura mediana, cabelos castanhos, corpo bem-estruturado (o que se podia discernir sem problemas por trás da túnica de couro curta que usava). Não havia nada de notável nele até o momento em que falou.

Depois disso, ela se viu imediatamente atraída por seu tom de voz culto, inteligente, e pelos olhos que brilhavam com sagacidade. Ele caminhou cerca de meio metro na direção da deusa antes de se pôr sobre um joelho, mas não curvou a cabeça em reverência, assim como o restante dos homens. Em vez disso, levou a mão direita ao coração e sorriu com óbvio carinho para Atena. Suas primeiras palavras foram ditas em voz tão baixa que se Kat não estivesse de pé ao lado da deusa, não as teria escutado.

— Salve Atena, minha deusa! Há muito tempo não aparece para mim. Senti sua falta.

— Claro que sentiu minha falta, Ulisses. O preço de ser amado por uma deusa é que fica sujeito a seus caprichos, e não ela aos seus.

A voz de Atena soou forte, porém Kat ficou chocada ao ver como a expressão da divindade se tornou mais suave quando ela olhou para o rapaz.

— Mirmidões imbecis! — O homem alto bradou com uma voz grave e áspera para os outros guerreiros. — Como puderam confundir Atena, a Deusa da Guerra, com Hera? — Avançou para se ajoelhar ao lado de Ulisses e inclinou a cabeça com respeito. — Salve Atena! Perdoe meus homens. Seus cérebros devem ter apodrecido com o sol e o mar de Troia. Eles não tiveram a intenção de desrespeitá-la.

— Estão perdoados, Aquiles. Você e Ulisses podem se levantar agora.

Aquiles! O nome provocou um arrepio na pele de Kat.

Então ele se levantou e ergueu o rosto.

O primeiro pensamento de Kat foi que ela entendia, agora, por que ele assustava tanto as mulheres. Seu segundo pensamento foi se perguntar como, naquele mundo antigo sem penicilina e transfusões de sangue, ele sobrevivera a tantos ferimentos.

Manteve a expressão cuidadosamente neutra, contudo. Ouviu a exclamação de Jacky a seu lado, mas soube que a reação da enfermeira não era de choque ou aversão, e sim também de espanto por Aquiles ter sobrevivido a ferimentos tão horríveis.

Nem precisou se preocupar com sua própria expressão, contudo. Aquiles não tinha olhos para ninguém, exceto para Atena.

— Se veio até aqui, Aquiles, é porque Tétis falou com você — deduziu a deusa.

— Sim, deusa — ele admitiu.

— Agamenon tomou seu prêmio de guerra.

Embora Atena não houvesse entoado as palavras como uma pergunta, Aquiles acenou com a cabeça, constrangido.

— Isso mesmo.

Kat notou que os homens atrás dele reagiram à afirmação com nervosismo e se movimentaram, inquietos.

— Se é assim, vou substituir o que perdeu. Trago-lhe Polixena, Princesa de Troia, filha de Príamo! — Atena fez um gesto exagerado e se afastou.

O olhar de Aquiles se voltou para Kat, e ela teve a sensação de que os pés haviam criado raízes e afundado no chão de mármore do templo. Ele era dono dos olhos mais incrivelmente azuis que ela já vira!

Jacky tossiu, e, conforme cobria a boca, conseguiu empurrar Kat para a frente.

— Princesa Polixena, conheça Aquiles, Chefe dos Mirmidões — apresentou Atena.

Por sorte, Kat conseguiu assumir sua postura de terapeuta. Sorriu, educada, e, em uma voz modulada, calma e falsa, saudou:

— Olá, Aquiles. É um prazer conhecê-lo. Ouvi falar muito sobre você. — Então avançou com propósito e, ainda sorrindo, estendeu a mão para ele.

Aquiles hesitou. Olhou da mão estendida para seu rosto e, depois, para sua mão outra vez. Kat manteve o sorriso desenhado nos lábios e a mão no ar. Por fim ele a aceitou, cauteloso, e se inclinou sobre ela como se fosse beijá-la, mas parou bem antes que seus lábios lhe tocassem a pele. Em seguida, soltou-a e deu meio passo para trás.

— Eu vos saúdo, princesa — disse, contudo seu olhar já se deslocava mais uma vez para Atena.

— Tenho que voltar para o Olimpo — anunciou a deusa. — Aquiles e Ulisses, quero que fique claro que Polixena é especial. Ela nunca será uma simples noiva ou prêmio de guerra, pois é muito mais do que isso. Decidi imbuí-la com um conhecimento sagrado. Pensem nela como se fosse o meu amado oráculo. Polixena e sua serva estão sob a minha proteção. Quem se atrever a molestá-las irá evocar a minha eterna ira! — Atena ergueu a voz, de modo que seu poder tocasse fisicamente os homens ajoelhados.

— Compreendemos, senhora — murmurou Aquiles.

— Certifique-se de mantê-la segura — instruiu Atena. — Ulisses, precisamos conversar. — A deusa fez um sinal para que o guerreiro a seguisse até um local onde não pudessem ser ouvidos, deixando Kat e Aquiles a sós.

Kat queria olhar para ele. Sem dúvida, olhar era tudo o que as mulheres faziam ao conhecê-lo... Ou então estas se recusavam a fazê-lo.

Assim como ela.

Deus, estava agindo como uma idiota!

Resoluta, voltou-se para Aquiles, e o pilhou olhando para o nada por cima de seu ombro, a mandíbula apertada. Ele devia odiar primeiros encontros como aquele, pensou.

Limpou a garganta e, quase com relutância, os olhos de Aquiles encontraram os seus.

— Aquiles, eu gostaria de apresentá-lo à minha... serva. — Kat tropeçou um pouco na

palavra. — Esta é J... Melia — corrigiu-se a tempo, quase se esquecendo do novo nome de sua melhor amiga.

Jacky ergueu o queixo e fez uma reverência breve e meio estranha.

— Prazer — falou apenas.

Ignorando-a por completo, Aquiles franziu o cenho.

— Está me apresentando à sua escrava?

— Bem... sim — Kat confirmou.

— Santo Deus, é como se eu não estivesse aqui de novo! — Jacky resmungou.

— *Ela é uma nobre!* — A voz imperiosa de Atena fez com que todos dessem um pulo. A deusa caminhou a passos largos de volta para eles. — Melia foi uma nobre princesa em sua própria terra antes de ser raptada e vendida a Troia, e Polixena optou por não magoá-la ainda mais. Como eu disse, a princesa é uma mulher muito especial. — A deusa deu as costas para os guerreiros, de maneira a lançar um olhar severo na direção de Kat e Jacky. — Vou-me embora agora. — Voltou-se para os homens novamente e ergueu um braço num gesto majestoso. — Lembrem-se de que os estarei observando, e que nunca se sabe quando surgirei outra vez. — E desapareceu em uma nuvem de poeira cinzenta e cintilante.

— É a rainha do drama... — Jacky cochichou para Kat.

— Vamos, princesa. Vou lhe mostrar a sua nova casa. — Sem esperar para ver se ela o seguia, Aquiles marchou para fora, deixando que seus soldados formassem uma coluna em torno das mulheres e fossem atrás dele.

CAPÍTULO SETE

— *Meu Jesus Cristinho*, olhe só para isso! — Jacky sussurrou para Kat.

Elas estavam à beira de uma enorme vala, inserida entre a planície gramada que descia da chapada em que Troia fora construída, e uma ampla praia de areia branca, beijada por um mar turquesa tão claro e azul que fez os olhos de Kat doer.

Mas não foi a estranha vala ou a beleza do mar que tinham feito Jacky murmurar e ficar de olhos arregalados. À sua esquerda, até onde se podia enxergar, a praia se encontrava repleta de barracas coloridas e homens. E, a pouca distância da areia, a baía arredondada estava lotada de antigos navios de madeira.

— Por aqui, princesa — chamou Ulisses, rompendo o feitiço que a vista lançara.

Piscando, Kat o fitou. Havia ficado para trás dos guerreiros, que viraram para a direita e agora seguiam a linha da costa após terem descido e depois saído da trincheira.

— Aquiles e seus Mirmidões nunca acampam conosco — explicou Ulisses, torcendo os lábios de leve.

— Nem mesmo antes de Agamenon levar Briseida? — perguntou Kat.

O rapaz negou com um gesto de cabeça.

— Nem antes. — Fez sinal para que as duas mulheres caminhassem a seu lado. — Todos sabiam da antipatia que Aquiles e o rei Agamenon sentem um pelo outro, embora apenas recentemente essa antipatia tenha se transformado em ódio.

— Não me parece muito inteligente odiar tanto o seu próprio rei — observou Jacky.

Ulisses se voltou para a moça um pouco espantado antes de responder, e Kat deu um discreto suspiro de alívio. Talvez seu disfarce de oráculo — e o de “nobre serva” de Jacky — dessem certo.

— Aquiles é o maior guerreiro da Grécia. Talvez a questão seja por que um rei se afastaria de seu campeão. — Kat riu, sarcástica. — Quem sabe por arrogância, vaidade, luxúria...? Reis não são propensos a essas coisas? — Começou a cantarolar em pensamento o emocionante refrão de “Deus Salve a América”. Mas quando pensou na atual política americana, a música derrapou até uma metafórica parada.

O olhar de Ulisses era astuto.

— Pois dizem que seu pai não possui nenhuma dessas características. Ao contrário, há rumores de que ele é sábio, honrado e muito amado por seu povo.

— Ele não é o único rei que eu conheço — Kat replicou depressa, esperando não ter metido os pés pelas mãos. Desejou que seus dias de faculdade não tivessem ficado para trás, e

que ela houvesse prestado mais atenção nas aulas de Literatura Mundial.

— Dizem que estava prestes a se tornar a noiva do filho do rei de Sardes — comentou Ulisses.

Putá merda! Ela estava quase comprometida? E com um rei, ainda por cima!

Kat engoliu em seco. Vênus devia ter feito pelo menos um resumo das coisas!

— Eu gostaria de não falar sobre... você sabe, a minha antiga vida.

Ulisses curvou a cabeça em respeito ao que — Kat imaginou — devia ter sido a sua vida arruinada.

— Diga-me, que tipo de garota era Briseida? — quis saber, mudando de assunto.

O guerreiro ergueu as sobrancelhas diante da pergunta.

— Era uma noiva de guerra muito bonita e cordata.

Jacky bufou, o que fez o famoso herói sorrir.

— E ela se dava bem com Aquiles? — insistiu Kat.

O tom de Ulisses se tornou enigmático.

— Assim como todas as outras mulheres — ele respondeu, hesitante. Então acrescentou: — Aquiles é um grande lutador.

— Há coisas mais importantes na vida do que a guerra.

— Não desde que Paris raptou Helena — contrapôs o rapaz. — Tanto no meu mundo como no seu.

— Talvez seja hora de mudarmos isso — Kat declarou.

O olhar do rapaz se voltou para ela.

— Atena a enviou para cá a fim de nos conceder a vitória sobre Troia?

Não. Na verdade, estou aqui para que Aquiles fique fora da guerra e, tão logo quanto for possível, os Troianos a ganhem, ela respondeu em pensamento.

— Como Atena disse, estou aqui por causa de Aquiles — falou em vez disso.

— Claro — concordou Ulisses, deixando evidente que essa era a última coisa em que ele acreditava.

A praia deixou de ser plana e arenosa e ficou cheia de dunas e vegetação. Kat se viu feliz por ela e Jacky ficarem para trás e serem obrigadas a seguir Ulisses em torno dos pequenos morros de areia, o que tornou a conversa impossível. De repente, a duna desembocou em uma enseada que era impressionante em termos de tamanho — embora fosse bem menor do que a baía onde a frota grega se encontrava atracada — e protegida em ambos os lados por enormes dentes de coral escuro. Entre esses dentes havia mais navios — todos com velas negras, que Kat parou de contar ao chegar nos 30 e alguma coisa.

A praia em frente à enseada também se encontrava repleta de tendas.

— Aquiles fica lá, mais próximo da costa. — Ulisses diminuiu o passo, de forma que as duas pudessem caminhar com ele à margem do acampamento conforme este rumava na direção de uma enorme tenda que ficava além das demais. Sua lona fora tingida de um amarelo tão vivo que parecia ouro e continha uma majestosa águia pintada de cada lado.

Kat percebeu que Aquiles estava fora da barraca e se juntara a um pequeno grupo de homens que se encontrava de pé, em torno de alguém sentado.

— Quanta delicadeza dele ter esperado por nós! — Jacky resmungou. — Parece que o Mr. Mundo também vai precisar de umas aulas de etiqueta.

Kat suspirou, concordando com Jacky em pensamento. Haviam acabado de alcançar Aquiles, que não lhes deu a menor atenção. Sem dúvida ele estava totalmente envolvido com o que acontecia com o sujeito no meio do círculo.

Estava pensando em lhe perguntar onde ficaria hospedada, ou se deveria apenas entrar na barraca e verificar as instalações, quando percebeu o que todos estavam olhando: um rapaz sentado em um banco, com um corte horrível na parte externa do bíceps esquerdo que sangrava muito.

A seu lado, um senhor baixinho remexia uma velha cesta de palha. Com um grunhido de vitória, o homem tirou do cesto uma agulha enorme, tão afiada quanto suja, e que já trazia um fio comprido que lembrava uma linha de pesca preta. O velho olhou para o rapaz que sangrava, e abriu um sorriso malicioso.

— Isso vai doer um pouco, filho... — Então se inclinou sobre o braço ferido e começou a pressionar as bordas da carne, sem dúvida se preparando para costurá-las.

— Ah, não. Não vai fazer isso! — Jacky deu um salto e arrancou a agulha do homem, que a fitou, boquiaberto. — Isto aqui está nojento! — Exibiu a agulha. — Se usá-la nesse corte — apontou a ferida aberta — o braço dele vai cair de podre!

— Como esta mulher se atreve?! — O velho começou, e Kat abriu caminho até se postar ao lado de Aquiles.

— Ela é curandeira — explicou ao guerreiro.

— *Eu* sou o curandeiro! — explodiu o homem, indignado.

— Não, você é um charlatão. E um charlatão com mãos sujas — retrucou Jacky.

Kat ignorou a ambos e se concentrou em Aquiles.

— Ela recebeu um dom especial de Atena.

O velho se voltou para Kat.

— E quem é você?

— Sou o oráculo de Atena e a noiva de guerra de Aquiles — ela respondeu com calma.

— Um oráculo de Atena que é prêmio de guerra! *Bah!*... Que brincadeira é essa? Acha

mesmo que Kalchas, adivinho e profeta dos Aqueus, não iria saber da chegada de um oráculo divino?

Ulisses limpou a garganta.

— Kalchas, meu velho amigo, acabamos de retornar de um encontro com a deusa. Atena, de fato, presenteou Aquiles com Polixena, a quem ela proclamou seu oráculo.

Kalchas estreitou os olhos remelentos.

— Viu Atena pessoalmente?

— É o que estou dizendo.

— E eu digo que você sempre foi melhor profeta do que curandeiro, Kalchas — A voz profunda de Aquiles silenciou a todos. — A serva de Polixena vai curar Pátroclo. Isto é, se meu primo não fizer nenhuma objeção.

A voz do rapaz que sangrava saiu bem-humorada, e seu som fez Kat notar que Pátroclo era bonito, jovem e muito, muito loiro.

— Eu me curvo à sua vontade, primo — ele declarou. Em seguida, exibiu os dentes brancos para Jacky, acrescentando: — E, é claro, também à vontade dos deuses e da minha linda curandeira.

— Ótimo. Vou precisar que fervam esta coisa. — Jacky levantou a agulha suja. — Também preciso... — Fez uma pausa, e Kat teve a certeza de que a amiga estava descartando palavras como “desinfetante” e “penicilina”. — ... preciso do álcool mais forte que tiverem.

Os homens piscaram para Jacky com um ponto de interrogação nos rostos.

Kat se voltou para Aquiles e o tocou no braço, observando, mas não reagindo, ao fato de ele ter se esquivado de sua mão como um cavalo arisco.

— Ela quis dizer a bebida mais forte que tiverem. Algo que deixe os homens embriagados facilmente.

Aquiles olhou para Ulisses.

— Não disse que a bebida maldita que Idomeneu trouxe de Creta faria cair os pelos de um cão?

Ulisses sorriu.

— Disse. E Idomeneu me deve um favor. — Ele dirigiu seu sorriso para Jacky. — Fique tranquila. Vou providenciar a bebida que quer, pequena Melia. — E marchou na direção do restante do acampamento grego.

— Do que mais ela necessita? — Aquiles indagou a Kat.

— Preciso de tiras finas e limpas de tecido — Jacky respondeu como se ele houvesse falado com ela.

Kat notou que Aquiles torceu os lábios em uma sugestão de sorriso. Em seguida, ele dirigiu

sua pergunta seguinte diretamente para a moça:

— Mais alguma coisa, pequena Melia?

— Algo para anestesiá-la a dor — ela pediu, mal olhando para o guerreiro por cima do ombro conforme continuava a analisar o terrível ferimento. — Como suco de papoula, talvez.

— Pensei que a bebida forte fosse para isso — Pátroclo falou por entre os dentes, tentando fingir que os toques de Jacky não estavam lhe causando uma dor excruciante.

— Não. E fique quieto. A bebida é para limpar a ferida. Aliás, o que o cortou?

— *Quem* me cortou, você quer dizer. Foi Ajax — contou Pátroclo, e em seguida não pôde deixar de se encolher todo quando ela cutucou a ferida ainda mais.

Aquiles bufou.

— Teve sorte por não ter perdido o braço e essa cabeça oca lutando com Ajax.

Pátroclo começou a dar de ombros, mas captou o olhar severo de Jacky e, obviamente, pensou melhor.

— Ele é maior do que eu, mas não é tão rápido.

— Pois parece que ele foi rápido o suficiente — ela retrucou antes de olhar por sobre o ombro para Aquiles outra vez. — Alguém vai buscar as coisas para mim, ou vamos deixá-lo aqui, sangrando até a morte?

— Peguem para a curandeira tudo o que ela pedir — ordenou o guerreiro, e vários homens bateram em retirada.

Não demorou mais do que apenas alguns minutos para que tudo estivesse pronto. Logo — cedo até demais para o estômago de Kat — a agulha e a linha tinham sido esterilizadas, e Pátroclo havia bebido algo que parecia e cheirava a xarope para tosse. O rapaz também tomara vários goles da “bebida maldita” que Ulisses fora buscar, então revirava os olhos, alegre.

Jacky lançou a Kat o olhar que esta tanto temia e fez um sinal para que ela se aproximasse.

Kat suspirou e caminhou até a amiga.

— Sim, você tem que me ajudar — declarou Jacky.

— Sabe que sou fraca para esse tipo de coisa. Não pode chamar o velho para ajudá-la? — cochichou, aflita.

— Não, ele *se mandou* quando eu comecei a ferver a agulha. Acho que é alérgico a limpeza. Já você é a limpeza em pessoa. — Jacky entregou-lhe um pedaço de linho limpo. — Basta enxugar o sangue enquanto eu for costurando. É fácil.

— É horrível, isso sim. É bem capaz de eu vomitar.

— Você é terapeuta, ou seja, uma espécie de médica. Não sei como pode ficar enjoada ao ver sangue!

— *Helloo!...* Eu curo as feridas emocionais das pessoas. Psicólogo lida apenas com *sangue metafórico*.

— Vocês duas têm um modo muito estranho de falar — Pátroclo disse com voz arrastada.

— Meus pacientes não falam, a menos que eu lhes pergunte algo, anjinho — Jacky replicou com firmeza, dando-lhe um tapinha na cabeça para pontuar as palavras, o que o fez rir, bêbado. Ela olhou para o círculo crescente de homens que os assistia e ergueu a voz em um comando: — Alguém precisa segurá-lo. Se ele se mexer, vai estragar a cicatriz máscula e de bom gosto com que estou planejando contemplá-lo.

Aquiles caminhou até eles. Sentou-se no banco em frente ao primo e o agarrou pelos antebraços.

— Vá em frente — disse a Jacky. — Ele não vai se mover.

Kat concluiu que não havia som mais horrível do que o de uma agulha perfurando carne humana, e se lembrou, mais uma vez, por que optara pela faculdade de Psicologia em vez da de Medicina (frustrando, assim, os sonhos da mãe de ter uma “médica de verdade” na família). Em vez de se concentrar no sangue que brotava e que ela enxugava para Jacky — e que ameaçava fazê-la vomitar até o cérebro —, manteve-se lançando olhares furtivos na direção de Aquiles, que contava em voz baixa para Pátroclo a respeito de algum tipo de corrida que ele ganhara na Grécia, o que estava fazendo o rapaz rir, embora Jacky continuasse lhe dizendo para ficar quieto. Ambos os homens a ignoravam, o que deu a Kat a oportunidade perfeita para se embasbacar com Aquiles.

Ele era mesmo um sujeito grande. Devia bater no um metro e noventa e cinco, com ombros largos e um peito enorme combinando. Tinha um cabelo longo e maravilhoso: espesso e castanho-claro, preso por uma tira de couro em um rabo de cavalo baixo. Uma parte deste havia escapado, contudo, lembrando a juba de um leão. O cabelo de Aquiles era sua característica mais marcante depois de seus incríveis olhos azuis.

Na verdade, não. Se ela fosse honesta, a coisa mais impressionante em Aquiles eram as cicatrizes que marcavam seu corpo. A maior em seu rosto corria logo acima de seu olho esquerdo, depois pela testa, e de alguma forma se desviava do olho para continuar face abaixo. O nariz era torto, pois, sem dúvida, fora quebrado várias vezes. A bochecha direita exibía uma cicatriz em ziguezague que parecia ter sido feita por uma faca de manteiga enferrujada. Outra cicatriz lhe circundava o pescoço, como se ele houvesse tido a garganta literalmente cortada, e ela se perguntou, mais uma vez, como, diabos, o homem sobrevivera a ferimentos tão terríveis.

Seus braços nus eram musculosos e de uma linda cor dourada. Em seu antigo mundo, Kat refletiu, as mulheres seriam capazes de matar por alguém com aquele bronzeado. Mas ali,

também, a perfeição de sua pele se encontrava marcada por grossas cicatrizes: de algumas brancas, mais antigas, até uma ou duas ainda inflamadas, em tom de rosa. De seu ponto de vista, não podia lhe ver as pernas muito bem, mas era certo que estas deviam se encontrar no mesmo estado do restante de seu corpo: crivadas com linhas e vergões.

Os olhos de Kat se voltaram para o rosto moreno. Ele tinha uma boca deliciosa, sem dúvida. Aquiles não possuía lábios muito finos e um queixo comum. A verdade era que, à parte as cicatrizes, era um homem maravilhoso.

Caso não se conseguisse ignorar suas marcas, contudo, era um homem assustador.

— Será que dá para você parar de babar e me ajudar aqui? — Jacky falou alto o suficiente para que Aquiles as fitasse, surpreso.

— Você sabe que, se eu olhar para o sangue, vou vomitar. Ou desmaiar. Ou ambos — Kat completou, nervosa.

— Tudo bem. Então enxugue o sangue ao menos de vez em quando, e veja se me ajuda a tirar essa *merda* de cabelo comprido da frente dos meus olhos. Nunca imaginei o *saco* que seria ter esses cabelos de Barbie! — Em meio aos pontos, Jacky olhou para ela e sorriu com doçura. — A menos que esteja ocupada demais contemplando certo par de olhos azuis.

Kat sentiu o rosto arder, e pôde sentir o “certo par de olhos azuis” fixos nela. Arriscou um olhar na direção de Aquiles e viu que ele a observava com uma expressão preocupada.

Seus olhares se encontraram.

Aquiles acha que estou olhando para ele por causa das cicatrizes, Kat percebeu.

Depois, ainda com o olhar fixo no dele, falou clara e deliberadamente:

— Que culpa eu tenho se o homem tem lindos olhos azuis?

Pátroclo riu, embriagado.

— A princesa acha que tem olhos bonitos, primo!

— Ela também acha que precisa pegar isto emprestado — declarou Kat, e estendeu a mão para puxar a tira de couro do cabelo de Aquiles.

Ele recuou como se ela segurasse uma barra de ferro incandescente e estivesse tentando pressioná-la contra seu rosto.

— Ei! Continue segurando seu primo! — Jacky ralhou, fulminando Aquiles com o olhar.

— Desculpe, foi minha culpa — afirmou Kat, voltando-se para Aquiles. — Eu só queria usar a sua tira de couro para prender o cabelo dela.

— Ah, claro... Fique à vontade — ele respondeu, reticente.

Kat puxou a tira do cabelo espesso, gostando de sua textura no pouco tempo em que a sentiu sob os dedos. Em seguida puxou as longas madeixas loiras de Jackie e as atou com firmeza.

— Pronto, isto deve ajudar.

— Obrigada. Agora continue a enxugar o sangue. Só não olhe muito porque não estou disposta a ter que tirá-la desse chão de areia, muito menos de limpar vômito!

— Vou fazer o possível para não incomodá-la — Kat resmungou, e tornou a espiar Aquiles vez ou outra. Só que agora com mais frequência, já que ele parecia estar evitando encará-la.

— Muito bem... Acho que já está bom — declarou Jacky, e Kat desviou a atenção do guerreiro para avaliar o corte agora menos sangrento e recém-costurado. — Passe-me a tira de linho.

Ela entregou a bandagem e observou enquanto a amiga atava o braço do rapaz com habilidade.

— Mantenha isto limpo e seco. Eu o verei amanhã — Jacky disse a Pátroclo. — Ele precisa descansar agora — falou, voltando-se para Aquiles.

Aquiles concordou e ajudou a pôr o grogue Pátroclo de pé. No mesmo instante, o rapaz se afastou do primo para se dirigir a Jacky, que se ocupava em ferver meticulosamente a agulha e o restante do material de sutura.

— Obrigado por ter salvado a minha vida — disse com voz arrastada, cambaleando de leve.

Kat mordeu o lábio para não rir. Pátroclo parecia um daqueles adolescentes bêbados da associação. Na verdade, um daqueles adolescentes altos, lindos e bêbados da associação.

— Não ia morrer por causa desse arranhão, imbecil — rosnou Aquiles, embora Kat percebesse que ele, também, sufocava uma risada.

— Não. Mas eu insisto. — Pátroclo ergueu o dedo no ar como um grande estadista. — Melia me salvou, e eu lhe devo a vida. A minha vida. Então, a partir de agora, ela está sob a minha proteção. — Fez uma pausa, franziu a testa e piscou os olhos turvos para Kat. — Isto é, se a princesa permitir.

— *Fala sério...* — Jacky respondeu. — Está bem, que seja. Mas trate de ficar sóbrio e bem.

Pátroclo ficou meio confuso com as estranhas palavras, no entanto prosseguiu, incontinenti:

— É uma questão de honra. Princesa, se der a sua permissão, a adorável Melia estará formalmente sob a minha proteção. — Soluçou e tornou a oscilar, desta vez quase perdendo o equilíbrio, porém manteve a expressão séria a despeito de sua embriaguez.

Kat o achou uma graça. Decerto iria fazer muito bem a Jacky ter seu anjinho seguindo-a por toda parte como um cãozinho de estimação e lambendo seus tornozelos brancos...

Riu apenas de imaginar a cena.

— Por mim, tudo bem!

— Então, é oficial. Melia não é mais uma serva. De agora em diante é minha noiva de

guerra. *Minha noiva* — Pátroclo bateu no peito musculoso e depois se encolheu com a dor que causou a si mesmo.

— Quê?! — exclamou Jacky.

Pátroclo sorriu para ela como se Jacky fosse um enorme pacote vermelho numa manhã de Natal.

— E proclamo que a sua habilidade para a cura, mileide, é quase tão grande quanto a sua beleza... — Curvou-se, e caiu de cara no chão de areia, aos pés de Jacky.

— *Ah, meu Jesus Cristinho!* — Jacky exclamou, aflita. — Segurem essa criatura! Isso vai estragar todo o meu trabalho!

Os três tentavam fazer Pátroclo ficar em pé (de novo) quando o velho Kalchas caminhou até eles.

— Agamenon está pedido a presença de Aquiles em sua tenda, e ordena-lhe que leve com ele a princesa Polixena, seu suposto oráculo.

CAPÍTULO OITO

Kat sentiu-se uma imbecil conforme se arrastava pela areia atrás do silencioso e carrancudo Aquiles e desejou, pela enésima vez, que houvesse percebido o que o lindo e embriagado Pátroclo lhe pedira quando, estupidamente, ela dissera “por mim tudo bem” por ele querer proteger Jacky. Como podia ter imaginado que esta seria levada para a tenda do rapaz, que ela própria seria privada da companhia de sua melhor amiga e obrigada a seguir aquele loiro alto e mal-humorado?

Aquilo tudo estava um *saco*.

Estavam quase chegando ao acampamento grego agora. O sol se pusera havia pouco, e a paisagem na praia, à sua frente, era incrível, ainda mais com todas aquelas tendas, tochas e fogueiras.

O problema era que as chinelas de couro macio em seus pés tinham se enchido de areia, e aquele vestido/túnica/toga que usava — embora fosse de uma cor linda e combinasse perfeitamente com seu novo e jovem corpo — também era um *porre*, pois a obrigava a levantá-lo o tempo todo de modo a não tropeçar na barra e cair de cara. Seu cabelo era longo, pesado e, sim, muito bonito, sem dúvida. Porém a brisa marítima soprava forte e, como Jacky diria, fazia suas *malditas madeixas* lhe açoiar o rosto.

Não bastasse isso, estava com fome. E cansada. Tudo o que queria era um pouco de comida, uma garrafa de vinho e assistir a uma maratona de *Top Chef* na Bravo TV.

Quando um carrapicho entrou em seu chinelo, Kat decidiu que já bastava. Parou e limpou a garganta, porém Aquiles não fez nem menção de diminuir sua marcha.

— Ei! Você me deixou muito para trás! — gritou para ele.

Aquiles estacou. Kat teve a certeza de ver os ombros largos se erguerem com o que era, sem dúvida, um colossal suspiro antes que ele se virasse para encará-la.

Entreolharam-se.

— Tem um carrapicho no meu sapato! — Kat berrou através do trecho de areia que os separava. — E já estou cansada de ficar correndo atrás de você. — Como ele não deu nenhuma resposta, ela revirou os olhos. — Suas pernas são mais compridas do que as minhas! — Aquiles continuou em silêncio. — O que foi? É algum homem das cavernas, por acaso? Seria ótimo se eu tivesse um pouco de ajuda aqui! — Ergueu os braços, exasperada.

Aquiles caminhou de volta para ela devagar.

— Você fala muito.

— E você não fala nada — Kat redarguiu. Quando ele se aproximou o suficiente, estendeu

a mão e lhe agarrou o braço a fim de se equilibrar, tirar a chinela e despejar desta um monte de areia.

Pôde sentir os olhos de Aquiles observando-a enquanto tentava encontrar o carrapicho no sapato, mas o ignorou.

Quando, por fim, achou o que procurava, tirou o pequeno ouriço do calçado e, depois, com a maior naturalidade, segurou-se em Aquiles com a outra mão de modo a repetir o procedimento no outro pé.

— Não tem medo de mim? — A voz dele soou profunda e sombria, embora Aquiles parecesse absolutamente perplexo.

Ainda utilizando-o como apoio, Kat calçou o outro sapato e depois o encarou.

— Eu deveria ter medo de você?

— As mulheres têm medo de mim, devendo ou não.

Com os sapatos livres de areia e carrapichos, Kat se endireitou e soltou um suspiro de alívio antes de afastar os cabelos do rosto.

— Não respondeu à minha pergunta.

Os lábios de Aquiles se contraíram.

— Assim como não respondeu à minha.

— Você não me deu nenhuma razão para isso, então... Não. Não tenho medo de você. Isto é, eu gostaria muito que diminuísse seu ritmo, me desse o braço e me ajudasse a andar nesta areia, mas falta de educação não se traduz em medo na minha cabeça.

Ele a estudou em silêncio, e Kat reconheceu o conflito refletido nas profundezas de seus olhos cor de mar. Por fim, Aquiles lhe ofereceu o braço.

— Obrigado. — Ela sorriu, deslizou a mão ao redor de seu bíceps, e eles retomaram a caminhada até o acampamento grego, desta vez sem que Aquiles agisse como se estivesse liderando um cortejo fúnebre.

— Melia me pareceu uma curandeira notável — ele comentou.

— E é — afirmou Kat, sem saber bem o que dizer. “Sim, ela é uma enfermeira de pronto-atendimento e tanto”, não seria a coisa mais certa. De repente, algo lhe veio à cabeça, e ela decidiu arriscar. — Que tipo de homem é Pátroclo? Quero dizer, ele vai ser bom para Melia? E ele é um sujeito paciente?... Porque ela é uma mulher bastante incomum.

— Isso eu já percebi — respondeu Aquiles. — E, sim, Pátroclo é um homem honrado. — Olhou para ela e acrescentou: — Também é gentil.

— E não é casado, ou algo assim?

— Não.

— E quanto a você?

— Eu?

— É casado ou algo assim? — Kat perguntou, embora já soubesse a resposta.

— Não. Não tenho esposa. Nem qualquer outro tipo de companhia.

O silêncio se estendeu entre eles.

— Estou com fome. Acha que Agamenon vai nos dar o que comer? — Kat indagou, antes que a atmosfera ficasse ainda mais constrangedora.

— Não — ele respondeu. — Não vamos dividir o pão com Agamenon. Ele e eu não somos camaradas. Agamenon está pedindo a minha presença apenas para tentar mostrar que tem controle sobre mim.

— E será que ele não tem controle sobre você? Agamenon é o seu rei.

O olhar de Aquiles endureceu.

— Ele não é o meu rei.

— Ah, bem, então acho que não tenho que me preocupar caso o meu estômago ronque tão alto a ponto de fazer com que passe vergonha à sua frente.

A risada de Aquiles pareceu surpreendê-lo tanto quanto fez com Kat, e ele a fitou, balançando a cabeça e sorrindo.

— Não ficaremos na tenda de Agamenon por tempo suficiente para que o seu estômago reclame, princesa.

— Fico feliz em ouvir isso. Estou morrendo de fome. Ah, e você deveria sorrir mais. Fica bem sorrindo.

Kat pôde sentir na pele o pequeno choque que suas palavras causaram em Aquiles e se perguntou qual fora a última vez em que ele fora elogiado por uma mulher.

Logo depois se lembrou do que as deusas tinham dito a seu respeito — que ele não tinha uma amante havia muito tempo porque as mulheres o temiam — e sentiu um inusitado arrepio sacudi-la. Aquele antigo herói e guerreiro, o homem cujas proezas físicas continuavam conhecidas milhares de anos após sua morte, não fazia sexo havia anos. Aquilo, sim, devia ser fome!

— Esteja certa de que a mantereí bem alimentada quando voltarmos para a minha tenda, princesa.

O olhar de Kat encontrou o de Aquiles, e o arrepio que lhe percorrera o corpo se transformou em uma deliciosa onda de calor brotando em seu âmago.

— Estou ansiosa por isso — ela respondeu em voz baixa.

Foi então que ambos se viram arrancados de seu momento de intimidade por um grito:

— Salve, Aquiles! — Um guerreiro trajando uma armadura completa o saudou com formalidade e, em seguida, puxou a aba de uma enorme tenda para eles.

Ainda segurando com firmeza o braço de Aquiles, Kat se viu adentrando uma verdadeira cacofonia de cenários exóticos, sons e aromas. No mesmo instante, concluiu que o ouro devia ser o fraco de Agamenon. As paredes da tenda eram escarlates, mas praticamente todo o restante era dourado. Os grossos tapetes feitos à mão eram dourados. As cadeiras, a maioria das quais se encontrava ocupada por homens barbados usando túnicas e uma quantidade bizarra de joias, eram de ouro. As colunas que sustentavam a tenda eram de ouro. As taças das quais as pessoas bebiam vinho ruidosamente eram de ouro. A plataforma de três níveis, disposta na parte de trás da tenda como se estivesse ao final de uma passarela, era dourada.

A *pièce de résistance* não era o imenso trono da mesma cor sobre o pedestal, e sim o velho empoleirado no trono. Ele era grande, isso ela precisava admitir, e usava uma ampla túnica/toga dourada, que era um misto da fantasia da Elizabeth Taylor Cleópatra e uma daquelas capas típicas de Liberace. Além do mais, o homem usava joias o suficiente para fazer com que os outros vovôs que o cercavam parecessem parentes pobres. Sem mencionar a coroa (de ouro, claro) que brilhava à luz das tochas.

Mas o que fez Kat ficar de olhos arregalados não foi seu ouro ou suas joias. O que a espantou ainda mais do que toda aquela opulência foi o cabelo do sujeito. Era comprido até o peito, visivelmente tingido em um tom muito artificial de marrom. Também era cacheado, ao estilo Shirley Temple, juntando-se, de algum modo, à barba longa também pintada e cacheada. Seus olhos se encontravam pintados de preto, o que combinava muito bem com aquela aparência de *drag queen*.

Kat estava achando difícil não rir de toda aquela ridícula pompa e circunstância, quando o rei falou, e ela sentiu o braço quente de Aquiles endurecer como aço sob sua mão.

— Que bom que atendeu ao meu chamado, Aquiles. Embora, como sempre, esteja atrasado. — A voz de Agamenon soou poderosa e condescendente, como se ele estivesse se dirigindo a uma criança irritante. Seu efeito no grupo foi instantâneo. A conversa parou, e todas as atenções se voltaram para Aquiles.

Kat não pôde deixar de notar quantos dos homens presentes arregalaram os olhos, chocados, ao perceber que seu braço estava enroscado no dele. No mesmo momento, ergueu o queixo e os encarou. Não era como as outras mulheres, aquelas *florezinhas de estufa* que se urinavam de medo diante das cicatrizes do guerreiro e de sua rabugice. Ela também seria mal-humorada se houvesse sido privada de relações sexuais por anos a fio.

Merda. Agora que tinha pensado nisso, também não fazia sexo havia anos! Não sexo decente, pelo menos. Na verdade, com ninguém além dos apetrechos *Magic Tickler*.

De repente se deu conta de que, enquanto falava consigo, ninguém mais abria a boca. Ninguém mesmo. Aquiles continuava parado ali feito uma estátua. O olhar de Agamenon se

estreitou, e ela se preparou para uma tempestade real.

De súbito, porém, a expressão do homem relaxou e se tornou estranhamente jovial.

— Ah, já percebemos por que ficou mudo. Não está acostumado a acompanhar mulheres bonitas. Imaginem que os Troianos combatem o poderoso Aquiles há nove anos... Por sorte eles não sabem que bastaria o toque de uma mulher para derrotá-lo. — Agamenon riu com crueldade e estendeu a mão para acariciar a moça que mal se encontrava coberta por uma camada de seda dourada, no chão, ao lado do trono. A menina, que Kat imaginou ser Briseida, fitou-a com hostilidade; contudo, mal dirigiu o olhar para Aquiles.

Kat mal pôde acreditar em como aquele sujeito era imbecil. E era o rei deles?...

Cretino. Idiota. Odiava gente que gostava de humilhar os outros. E, como sabia, graças a anos de experiência, quando se lidava com um valentão, o melhor era não demonstrar nenhuma fraqueza e enfrentar o imbecil.

Olhou ao redor até encontrar quem procurava, e ficou aliviada ao perceber que este era um dos poucos homens presentes que não estavam rindo com Agamenon para bajulá-lo.

— Ulisses — chamou, erguendo a voz para que esta se fizesse ouvir em meio às risadas. — Fiquei confusa, esta manhã, quando comentou sobre a reputação de meu pai por ele ser sábio, honrado e amado por seu povo, como se isso fosse incomum. Agora entendo por quê. Essas são características que parecem estar em falta entre os governantes gregos.

— Sua prostituta atrevida! — O velho Kalchas gritou, saindo de trás do trono do rei. — Ela deveria ser espancada por seu desrespeito!

Vários dos outros homens também começaram a pedir por seu sangue, contudo a mão levantada de Ulisses os acalmou.

— Cuidado, Kalchas. Polixena não apenas tem a proteção de Atena, como também é seu oráculo — ele lembrou. — Não se esqueça de que fui testemunha de quando a deusa presenteou Aquiles com a princesa, e não me restou dúvida quanto à sua vontade.

— A princesa também está sob a minha proteção. — A voz de Aquiles ressoou por sobre o burburinho de protestos que brotara em resposta à afirmação de Ulisses. — Não tenho a intenção de lutar com nenhum de vocês — prosseguiu, e Kat percebeu que ele não se dirigira ao rei, excluindo-o propositalmente dessa declaração —, mas, se tocarem nela, eu os mato.

Os olhos de Kat se voltaram para Aquiles. Ele havia dito aquilo com uma calma absurda, com a maior naturalidade, contudo sua expressão era implacável, e ela não teve dúvida de que Aquiles falava a sério.

O riso condescendente de Agamenon cortou o silêncio que as palavras do guerreiro tinham provocado.

— Ora, vamos, Aquiles. Guarde suas ameaças de morte para os Troianos. Quero dizer,

todos os Troianos, exceto essa pequena, de aparência tão delicada. Afinal, não podemos ameaçar a sua nova noiva de guerra. Foi bom ter encontrado uma substituta tão depressa... ainda mais alguém tão formosa. — Agamenon sorriu, e Kat sentiu o estômago embrulhado. — Vai precisar de toda a sua força amanhã. Fui visitado por Hera hoje, e acredito que foi um sinal de que a nossa vitória está próxima. Amanhã será um grande dia para a Grécia!

Kat teve de se esforçar para não deixar cair o queixo. A visita de Hera, um sinal de que os Gregos iriam ganhar a guerra? Podia imaginar a reação da deusa àquela notícia. Nunca ouvira uma bobagem tão grande na vida! Não era de admirar que o mais absurdo dos rumores nascera ali.

Os homens, entretanto, acreditaram em cada palavra e, dominados pela testosterona, comemoraram aos gritos. Aquiles esperou até que o tumulto diminuísse e então proferiu uma única palavra que pareceu chocar o rei maníaco por ouro até a alma.

— Não.

Agamenon não demorou a recuperar sua fachada de indiferença.

— Não? — repetiu com um sorriso sarcástico. — Algum problema com os Mirmidões, Aquiles? Alguma doença nova? Eu já devolvi Criseida, como você insistiu, e isso deteve as trevas que haviam se abatido sobre o nosso acampamento. Que sacrifício me pede agora?

— Não lhe peço nenhum sacrifício, Agamenon. Peço apenas que lute suas próprias batalhas. — Aquiles desvencilhou-se da mão de Kat e avançou, dirigindo-se não apenas aos anciãos ricamente vestidos que se encontravam sentados nas cadeiras douradas, mas também aos jovens guerreiros que se postavam atrás destes. — Por que as guerras são discutidas pelos mais velhos e travadas apenas pelos mais jovens? Se desejo uma mulher, luto por ela. Se desejo riquezas, combato por elas. Se desejo glória, luto por ela. Nunca tomei nada pelo que outros lutaram e morreram.

Assim como os demais presentes, Kat se viu hipnotizada por Aquiles. Ele não era apenas uma estúpida máquina de matar que visava à glória e à fortuna. Era um líder, um verdadeiro rei a seu modo.

Ele se moveu pelo espaço da tenda até que, por fim, pôs-se em pé diante do pedestal de Agamenon.

— Talvez seja hora de lutar por aquilo que diz ser seu, grande rei. — Ao contrário da de Agamenon, sua voz de não soou marcada pelo sarcasmo, e sim firme, profunda, honesta. Ele capturara o olhar do rei usando a verdade, não artifícios humilhantes. — E talvez seja a hora de eu descansar. A vida tem mais a oferecer do que apenas batalhas. — Virou-se e olhou para Kat. — Hoje fui lembrado de que Atena é a Deusa da Sabedoria, assim como Deusa da Guerra.

— Não pode se retirar do campo de batalha! — Agamenon se pôs de pé, incapaz de continuar fingindo controle. — Eu sou seu rei e ordeno que lute!

Aquiles se voltou devagar, de modo a ficar, mais uma vez, frente a frente com Agamenon.

— Você não é meu rei. Eu nunca lhe jurei lealdade. Sou filho de um soberano e lidero meus próprios homens. Estou aqui apenas por um erro que cometi na juventude.

— Acha mesmo que pode fugir do seu destino? — Agamenon zombou.

— Não pretendo fugir de nada, mas posso lhe dizer que só voltarei a lutar por algo por que valha a pena morrer — Aquiles respondeu, e então caminhou de volta para Kat.

— Detenham-no! — gritou Agamenon.

Aquiles reagiu no mesmo instante. Empurrou Kat para a saída da tenda, postando-se protetoramente diante dela, enquanto desembainhava a espada e a brandia à frente do corpo. Kat viu os guerreiros hesitarem. Era óbvio que não pretendiam lutar com Aquiles.

De repente, ouviu-se um selvagem bater de asas, e uma coruja enorme, branca como neve fresca, entrou na tenda. Os homens ofegaram quando esta pousou na frente de Aquiles e os encarou, como se desafiando alguém a se mover.

Ulisses foi o primeiro a romper com o silêncio. Avançou dois passos e se ajoelhou perante a coruja.

— Como quiser, minha deusa — murmurou. Depois se levantou e encarou os homens. — A vontade de Atena é clara. Aquiles e a princesa não devem sofrer nenhum dano. Se algum de vocês quiser ir contra a vontade da minha deusa, também terão que me enfrentar.

Foi a última coisa que Kat escutou, pois Aquiles a puxou para fora da tenda. Agarrando seu braço com firmeza, ele a guiou pelo acampamento grego e atravessou a praia na direção do território dos Mirmidões. Ela não chegou a ver o guerreiro Taltíbio sussurrar ao ouvido de Agamenon a história sobre um templo que ele atacara naquele mesmo dia, e sobre uma princesa que devia estar mais do que morta àquela hora...

CAPÍTULO NOVE

Kat não segurou o braço de Aquiles na viagem de retorno; ele segurou o dela, praticamente impedindo que seus pés tocassem a areia conforme a impulsionava pelo acampamento grego e, depois, por todo o trecho de praia e dunas que os separavam de seus Mirmidões. Mesmo se ela não necessitasse de todo fôlego que possuía para se manter de pé, não o teria bombardeado com os zilhões de perguntas que tinha na cabeça. Em apenas alguns minutos, Aquiles havia se transformado de um homem quase tímido e cheio de cicatrizes para um imponente rei guerreiro, e ela precisava de um pouco de tempo para processar aquela mudança nele.

Pela primeira vez, começou a duvidar da tal Fúria que o dominava. Aquiles continuava o mesmo. Não estava espumando pela boca ou fora de controle como narravam os historiadores.

Observou sua expressão fechada com o rabo dos olhos. Seu corpo inteiro parecia estar em alerta. Nada, nem ninguém, poderia detê-lo. Ele continuava com a espada desembainhada, e esta brilhava perigosamente ao luar que se refletia no oceano.

Mas a espada de Aquiles não era a coisa mais mortal nele. O próprio Aquiles era uma arma, e as cicatrizes em seu corpo agora faziam sentido. Ele usara a si mesmo como ferramenta, como máquina. Uma máquina de matar.

Chegaram ao acampamento dos Mirmidões, por fim, e Aquiles diminuiu o passo. Em seguida, soltou o braço dela.

— Automedon! — chamou. — Venha até aqui!

Um homem baixo e musculoso, cuja couraça tinha a imagem de uma carruagem esculpida, correu até ele.

— Agamenon se iludiu, achando que poderia mandar em mim, e talvez ainda tente exercer alguma pressão. Redobre a guarda.

— Sim, senhor! — Automedon saudou e se afastou correndo.

Aquiles continuou caminhando através de seu acampamento e, a cada passo que dava, Kat podia ver sua tensão se esvaindo. No momento em que chegaram à tenda, sua expressão severa se abrandara, e ele embainhou a espada.

— Ainda está com fome? — perguntou, dirigindo-se a ela pela primeira vez desde que haviam deixado a tenda de Agamenon.

— Estou.

— A ceia é servida ali. — Aquiles apontou para uma fogueira entre a tenda e o restante do acampamento. — Vamos... A comida é mais simples do que a da tenda do rei, mas bem menos

amarga.

Caminharam até a fogueira, onde um cheiro delicioso exalava de um enorme caldeirão de ferro que fervia. Cerca de doze homens se encontravam sentados em rochas e troncos, os quais haviam sido arrastados para formar um círculo ao redor do fogo. Estavam sendo servidos por uma moça muito bonita, vestida com puro linho. Infelizmente, Jacky não se encontrava à vista.

Os homens saudaram Aquiles com familiaridade, dirigindo-se a ele com evidente respeito, embora nenhum houvesse se curvado. Quase no mesmo momento, uma mulher lhe entregou uma tigela cheia do cheiroso ensopado e um pedaço de pão fresco, e Kat notou que ela evitou olhar para o guerreiro.

Ele fez um gesto em sua direção, e a mesma mulher se apressou em trazer outra tigela acompanhada de pão para ela.

Quando os olhos da moça encontraram os seus, Kat percebeu neles um choque de reconhecimento. Quase imperceptivelmente, a mulher abaixou a cabeça e murmurou:

— Princesa...

Kat devorou o excelente ensopado de peixe pensando que seria melhor se ela evitasse as outras mulheres tanto quanto possível enquanto permanecesse ali. Sem dúvida a maioria das noivas de guerra era de Troia e iria reconhecê-la como sua princesa. Ou melhor, iriam reconhecer o corpo da moça, que ela iria habitar como sendo o de sua princesa.

— Como foi com Agamenon? — um velho guerreiro indagou a Aquiles.

— Ele continua o mesmo: arrogante, rude e com a equivocada certeza de que pode me governar.

— Mas meu senhor o colocou em seu devido lugar, não?

Os lábios de Aquiles se contraíram no que Kat estava começando a reconhecer como a sua versão de um sorriso.

— Sim. Por isso mesmo a guarda será redobrada à noite, e em todas as outras noites a partir de agora.

Os homens grunhiram seu acordo.

— Eu me retirei formalmente da batalha contra os Troianos.

Aquiles soltou essa bomba sem qualquer preocupação, enquanto se deliciava com o guisado. Kat observou os rostos dos homens com cuidado, e viu expressões que variavam do choque à descrença, e até mesmo à raiva, embora apenas o mais velho dos guerreiros tivesse decidido falar.

— Por quanto tempo, meu senhor?

Aquiles deu de ombros.

— Até que eu sinta a necessidade de lutar por outra glória humana.

— Mas, meu senhor, temos lutado pela glória de Aquiles! — exclamou um dos mais jovens.
— Para que o seu nome seja louvado por séculos!

Aquiles concordou e olhou de homem para homem.

— E vocês todos lutaram com bravura nessa guerra por quase dez anos, por conta de um destino que não foi escolha sua. Talvez seja a hora de cada um de nós reavaliarmos seu destino.

— Está pedindo que continuemos a lutar sem o senhor? — indagou o rapaz.

— Peço apenas que cada um de vocês siga a sua própria consciência, assim como desejo seguir a minha.

Ninguém falou por alguns minutos. Então o guerreiro mais velho bocejou e se espreguiçou.

— Acredito que estes ossos velhos mereçam um descanso da batalha. Vou me retirar junto com Aquiles.

— Eu também — decidiu o rapaz.

— Eu também!

— Também eu!

Todos os Mirmidões presentes se manifestaram a favor de seu líder.

Kat estudou a reação de Aquiles quando os homens preferiram se juntar a ele a continuar lutando por glória. Aquiles fitou, distraído, a tigela de sopa inacabada e mal respondeu a seus guerreiros.

Quando tornou a falar, por fim, foi com ela, e não com os homens, os quais recomeçaram a conversar a seu redor.

— A minha tenda agora é a sua casa. Qualquer coisa que Briseida tenha deixado nela é sua. Se sentir falta de algo, estas mulheres lhe trarão o que precisar. — Em seguida, jogou a tigela no fogo, pegou um odre que estava nas proximidades e, sem dizer uma só palavra, se afastou em direção à praia.

Kat não tinha a menor ideia do que deveria fazer. Os guerreiros a ignoravam. As mulheres, que se encontravam sentadas um pouco além dos homens, continuavam a observá-la furtiva e curiosamente. A única coisa que sabia com certeza era que Aquiles a irritara sobremaneira.

E não estavam se dando bem até o momento? Ao menos era o que parecia. E, de repente, aquela história com Agamenon havia estragado tudo.

Com um suspiro, ela se levantou e aproximou-se da mulher que lhe entregara o guisado.

— Olá... Eu queria saber se têm ideia de onde está a minha criada, Melia? — perguntou.

— Não, princesa. Não vimos a sua serva. — A mulher se remexeu, nervosa. — Como posso servi-la? Está bem, princesa? Não está machucada, está?

— Não, estou bem. Muito bem — assegurou Kat.

A mulher se aproximou, então, e sussurrou:

— Princesa, sou Aetnia, a ajudante de cozinha do palácio de seu pai. Fui raptada junto com um grupo de empregados que comprava peixe fora da cidade há mais de dois anos. Vai ser difícil, mas podemos ajudá-la a escapar. Uma vez que estiver à vista, nas muralhas, Heitor virá resgatá-la.

Kat piscou, surpresa e preocupada diante da seriedade daquela estranha.

— Oh, não... Não estou precisando de nada mais esta noite — respondeu em voz alta o suficiente para que os homens a ouvissem. Em seguida, baixou a voz e murmurou: — Obrigada, mas não pretendo fugir. Pelo menos não agora. — E, levantando a voz outra vez, continuou: — Acho que vou me recolher. Foi um dia muito cansativo. — E bateu em retirada para a tenda vazia de Aquiles.

Não exatamente vazia, corrigiu a si mesma. Vazia apenas *dele*. A tenda, em si, era repleta de coisas lindas.

Assobiou baixinho. Não era possível que um homem que colecionasse todos aqueles tesouros fosse uma irracional máquina de matar, voltada apenas para a guerra e a destruição.

A tenda era enorme, embora não tão grande quanto a de Agamenon, e iluminada por lamparinas a óleo perfumado, penduradas nas vigas do teto. Sob seus pés havia um espesso tapete vermelho bordado com pássaros e flores silvestres, e tapeçarias com detalhes requintados pendiam das paredes, a maioria delas retratando cenas do mar, embora algumas exibissem uma linda cidade, cheia de templos, sobre uma colina com vista para o mar.

Com exceção de um elmo, algumas lanças e um escudo de ouro que trazia a figura de uma águia, não existia nenhuma evidência de que a tenda pertencia a um soldado.

Nos fundos da barraca, Kat avistou uma cama com cobertas e um espesso dossel com cortinas transparentes. Observou-a, nervosa, pensando que, sem Aquiles deitado nela, esta podia até parecer grande, mas que com ele presente não haveria jeito de ela dormir de modo casto, sem roçar a pele na dele, tocar aqueles músculos enrijecidos pelas batalhas e...

Foi quando notou o leito feito por mantas de lã e travesseiros, formando um opulento ninho no outro lado da tenda, e que ficava o mais distante da cama quanto era possível, ainda que dentro dos limites da barraca.

— Então é ali que a noiva de guerra deve dormir — concluiu em voz alta. E, *droga*, independentemente de como aquilo a fizesse parecer pequena e insignificante, viu-se decepcionada. — Está bem, eu admito. E em voz alta. Teria sido interessante dormir ao lado de Aquiles e tentar manter as mãos longe dele. Quero dizer, fazer com que *ele* mantivesse as mãos longe de mim — corrigiu-se, rindo de si mesma. — Katrina, minha amiga, pelo visto faz tempo que você não faz sexo. Ao menos com um parceiro.

Continuou olhando ao redor e, com um gritinho de felicidade, encontrou uma jarra cheia de vinho tinto, disposta ao lado de dois cálices vazios num convite.

— Bem — falou enquanto se servia de uma dose generosa —, Aquiles disse que tudo aqui era meu, por isso vou começar pelo vinho.

Avistou uma cadeira ao lado da mesa onde encontrara a bebida, e se acomodou nela. Até que o dia não havia sido tão terrível. A não ser aquela história de ela e Jacky terem morrido... Apesar de que isso seria temporário.

Hera iria recompensá-las, sem dúvida, e em breve. E nem parecia justo, pois o próprio Aquiles estava fazendo o trabalho por ela. Era óbvio que estava farto de lutar e louco da vida com Agamenon, o que ela podia compreender perfeitamente. Seu pequeno entrevero com o rei acerca de Briseida fora a gota d'água. Tudo o que ela precisava fazer era encorajar Aquiles a seguir na direção que ele já tomara. Podia até relaxar e fingir que aquilo tudo não passava de férias inesperadas.

Olhou para o seu novo corpo e esticou a perna, deixando a túnica drapeada cair para um lado de modo a revelar o membro jovem, forte e bem-torneado.

— Será que o que acontece no mundo antigo fica no mundo antigo? — indagou-se, distraída, olhando por dentro da roupa para estudar os seios empinados.

Perguntou-se onde estaria Jacky e o que ela fazia naquele momento.

— Decerto está dando uma de babá para seu anjinho.

Precisava aprender uma lição com a amiga. Precisava aprender a relaxar e a aproveitar ao máximo a situação.

— Em outras palavras, se eu quiser transar com Aquiles, vou transar com Aquiles e pronto. *Diacho*, seria bom para nós dois! Vivo dizendo aos meus pacientes para que se liberem sexualmente. Se é assim, grande terapeuta, cura-te a ti mesma! — Kat tornou a encher o cálice de vinho e saiu da tenda, caminhando com determinação em direção à praia.

Não foi difícil encontrar Aquiles. A lua estava alta e cheia no céu. Refletindo o mar calmo, era como uma luminária gigante. Além do mais, ele era um sujeito enorme, que não fazia a menor questão de se esconder. Estava sentado em uma pedra de frente para a água. Tinha tirado a couraça da armadura, assim como as peças de metal que lhe cobriam as canelas, e usava uma túnica fina, aberta no peito, que deixava seus braços e pernas nus. Sentado ali, parecia uma estátua grega, iluminada pela noite e banhada pelo misticismo antigo.

— Não devia andar sozinha à noite por aqui — ele falou sem olhar para ela.

— Não estou sozinha, estou com você.

Aquiles virou a cabeça para fitá-la.

— Precisa de alguma coisa, princesa? — A pergunta foi educada, porém o tom era distante,

quase frio.

— Sim. De companhia — Kat respondeu com honestidade, e ficou satisfeita com a surpresa que viu em seus olhos. — É a minha primeira noite aqui. Não é algo a que eu esteja acostumada, e estou com saudades de casa.

— Deve estar me odiando por eu tê-la roubado de sua família e de seu reino.

— Não foi você quem me roubou. Foi Atena.

— E odeia a deusa por isso?

— Não. — Kat abanou a cabeça. — Ela fez o que sentiu que precisava fazer. Além do mais, você não é tão ruim.

Ele deixou escapar um som que era um misto de risada com surpresa.

— É muito estranha, Polixena de Troia. Todas as princesas de sua cidade são como você?

— Claro que não — ela replicou com firmeza.

Aquiles riu. Riu de verdade, e Kat não pôde deixar de notar o quanto seu riso parecia musical em meio ao ruído das ondas.

— Tem mais vinho nessa coisa mole? — perguntou, movendo-se para mais perto dele para estender o cálice vazio.

Aquiles apanhou o odre e o encheu.

Os dois apreciaram a bebida olhando para o mar. O silêncio entre eles era sociável, e Kat pensou como era estranho que um homem que assustava as mulheres pudesse ser tão fácil de conviver.

O que a fez se lembrar...

— Gostei do que fez hoje, na tenda de Agamenon.

Aquiles a encarou e ergueu as sobrancelhas.

— Era de se esperar, uma vez que é a princesa de Troia. Sem dúvida iria considerar minha retirada da batalha contra o seu povo uma coisa boa — declarou simplesmente, sem soar zangado ou ressentido.

— Está certo, mas não era bem o que eu estava pensando. Eu também não gostaria de lutar por um homem como Agamenon.

— Não foi muito sábio da sua parte insultá-lo — afirmou Aquiles.

— Por que não? Ele e eu já éramos inimigos.

Aquiles se virou para encará-la.

— E quanto a você e eu? Não somos inimigos, também?

Kat sentiu a boca seca. Ele a fitava nos olhos, e ela sentiu o desejo arder dentro dela. Abriu a boca para lembrá-lo de que era sua noiva de guerra — sua propriedade, portanto —, mas não se permitiu tal bobagem. Não importava que estivesse em um corpo estranho, fazendo o

papel de uma princesa em um mundo antigo; Kat ainda era Kat. Até mesmo as deusas concordavam que era a alma que carregava a essência de uma pessoa, e não o corpo. Não havia como ela se considerar propriedade de alguém, assim como não havia a menor chance de ela agir como tal pessoa.

Sustentou o olhar de Aquiles.

— Neste exato momento, você e eu somos um homem e uma mulher, sozinhos sob uma lua cheia, na praia de um mar lindo... e isso é tudo.

Aquiles ergueu a mão devagar e tocou-lhe o rosto com a ponta dos dedos. Ela sentiu sua aspereza contra a pele e percebeu que ele tremia.

— Eu gostaria que isso fosse verdade — ouviu-o murmurar.

— É verdade — reforçou Kat. — Neste momento, neste instante, é tudo o que somos.

— E você não tem medo de mim.

Aquiles não colocou as palavras como uma pergunta, mas ela a respondeu de qualquer maneira.

— Não tenho medo de você. — Aproximou-se dele de modo a se colocar entre suas pernas. De um modo lento e deliberado, deslizou as mãos pelos braços fortes, descansando-as em seus ombros.

Aquiles não se moveu. Parecia ter parado de respirar. Sentado na pedra, continuava alto o bastante para que ela tivesse de ficar na ponta dos pés a fim de lhe alcançar a boca. Beijou-o com suavidade, interrogativamente, misturando a própria respiração à dele enquanto aprendia seu sabor e textura. Aquiles era salgado como o mar e tinha gosto de vinho. Seus lábios eram suaves, porém tudo o mais nele era sólido. Os ombros sob seus dedos eram como ferro, e as mãos que a circundaram pela cintura eram ásperas e calejadas devido a décadas de lutas de espada.

A diferença de texturas — a solidez dele e sua suavidade — era deliciosamente erótica, e ela se inclinou para Aquiles, desejando mais. A ponta de seus seios pressionou o peito largo, e seu corpo cedeu, moldando-se ao dele. Havia tão pouco separando suas peles!... Apenas o quitão de seda e a túnica fina que ele usava. Seus mamilos sensíveis formigaram e enrijeceram, e ela gemeu contra a boca de Aquiles, aprofundando o beijo, exigindo mais dele.

De repente, mãos ásperas seguraram suas nádegas e a força lendária do guerreiro a manteve cativa enquanto sua boca possuía a dela. Um membro rijo e quente a pressionava no baixo ventre, e ela se esfregou nele, desejando que estivessem deitados... desejando não ter aquelas malditas roupas entre seus corpos... desejando...

— Não! — Com um grito abafado, Aquiles a empurrou para longe conforme saltava da rocha, afastando-se vários metros, aos tropeços.

— O que aconte... — Kat começou, movendo-se em sua direção.

— *Pare!*

A palavra soou como um comando ao qual ela obedeceu no mesmo momento. A voz dele se aprofundara, tornando-se áspera, dura e estranha. Kat congelou onde estava e ergueu o olhar. Aquiles estendeu a mão, a palma voltada em sua direção, como se esperando ter que empurrá-la de novo. Segurava a cintura com o outro braço e se inclinava para a frente. Parecia sentir dor e lutar para respirar.

Kat imaginou compreender ao menos uma parte do que estava acontecendo. Ela havia disparado algum tipo de gatilho, e Aquiles lutava para controlar o que as deusas tinham descrito como “a Fúria”.

Tudo bem. Poderia lidar com aquilo.

— Aquiles, é melhor entrar na água — falou com uma voz calma e profissional.

Ele a encarou, e Kat precisou sufocar uma onda de medo ao notar que seu rosto, seu corpo inteiro, parecia estar se transformando literalmente. Ele estava ficando cada vez mais forte. Seus olhos brilhavam na escuridão com um estranho fogo escarlate que lembrava sangue.

— O que está dizendo? — Ele se esforçou para falar em meio à respiração pesada.

Kat se obrigou a permanecer e soar calma.

— Precisa romper o ciclo do que está acontecendo dentro de você; confundir a reação que está tentando dominar seu corpo. Entre na água — repetiu. — Isso irá ajudá-lo.

Aquiles começou a recuar em direção às ondas com passos cambaleantes, quase dolorosos. Pouco antes, porém, jogou-se ao mar e gritou uma única palavra para ela:

— *Corra!*

CAPÍTULO DEZ

Embora aquilo não fosse nada profissional, Kat correu. Que diabo estava acontecendo com Aquiles? Já tinha visto homens lutando contra acessos de raiva antes. Já vira alguns muito loucos, fora de controle. Mas nenhum deles se transformara fisicamente.

Ela, no entanto, estava certa de que o corpo de Aquiles se tornara maior, mais forte, mais assustador e...

— *Uff!* — Kat trombou com Ulisses.

— Calma, princesa! — ele pediu, agarrando-a pelo cotovelo para impedir que caísse sentada. Depois estreitou os olhos ao reparar em seu rosto lívido e em sua aparência desgrenhada. — Aquiles.

— Sim — ela admitiu, ofegante.

Ulisses a colocou atrás dele, em atitude de defesa, enquanto olhava na direção da praia.

— Não consigo vê-lo. Foi um dos homens de Agamenon que o atacou? — inquiriu, enquanto permanecia alerta.

— Não.

— Os homens atacaram você?! — Tomou-lhe o cotovelo novamente e se pôs a guiá-la rumo à fogueira. — Os Mirmidões jamais vão aceitar isso.

— Ulisses, escute. Ninguém me atacou. Quero dizer, ninguém enviado por Agamenon me atacou...

Ele diminuiu o passo e lançou-lhe um olhar avaliador. Então seus olhos se arregalaram.

— Compreendo. A Fúria dominou Aquiles enquanto estavam sozinhos.

— Sim.

O rapaz tornou a olhar na direção do mar.

— Parece que ele a controlou, afinal não a seguiu.

— Eu disse a ele que entrasse no mar — desabafou Kat. — Ele obedeceu e me disse para correr.

— Ordenou ao grande guerreiro Aquiles que entrasse no mar quando a Fúria o dominava? — Ulisses riu. — Eu daria tudo para ter visto isso!

Kat franziu o cenho.

— Não tem graça nenhuma. Ele... ele se transforma!

Ulisses ficou sério.

— É verdade. É o preço que paga pela escolha que fez há muito tempo. Ou melhor, um dos preços que paga.

— Eu não entendo. Pensei que... Bem, quando ouvi os rumores sobre Aquiles, achei que fosse apenas um problema de raiva. Mas o que estava começando a acontecer com ele era muito mais do que isso.

Eles haviam se aproximado da tenda de Aquiles, e Ulisses fez sinal para que ela se acomodasse em um banco do lado de fora. Os guerreiros que antes comiam por ali tinham ido embora, e o fogo fora cuidadosamente extinto. Kat percebeu que o acampamento continuava acordado e alerta, mas não viu ninguém perto o bastante para escutar sua conversa.

Encontrou o olhar inteligente de Ulisses.

— Eu gostaria que me explicasse o que acontece com Aquiles.

— Princesa, não tenho certeza se dev...

— Atena quer que eu o ajude — Kat interrompeu a negação. Assim como esperava, evocar o nome da famosa deusa padroeira dos guerreiros teve um efeito imediato sobre Ulisses.

— O que quer saber?

— Vi quando Aquiles começou a se transformar. Fisicamente. O que acontece com ele?

— Já testemunhei isso muitas vezes, e a cada vez é mais aterrorizante... e inspirador — confessou o rapaz. — Quando ele é estimulado o bastante, seja pela dor, pelo medo, ou até mesmo pela paixão, a Fúria com que Zeus o contemplou toma conta dele. É como se Aquiles fosse possuído por um deus irado.

— E é ele ainda? Quero dizer, ele sabe o que está fazendo?

— Aquiles se lembra de suas ações quando a Fúria o deixa, mas quando é dominado fica fora de controle.

— E como ela vai embora?

— A raiva acaba se dissolvendo, deixando-o extenuado, porém normal outra vez — explicou Ulisses.

— É por isso que as mulheres o temem. Porque não é ele de verdade. Quero dizer, Aquiles muda... Literalmente!

— Agora está com medo dele também? — Ulisses perguntou, preocupado.

Kat tornou a encontrar seus olhos.

— Não. Não sou como as mulheres daqui.

— Sendo ou não como as outras mulheres, Aquiles é muito perigoso quando está sob o domínio da Fúria. Aconselho que tenha cuidado quando estiver a sós com ele. — Ulisses fez menção de dizer mais, contudo apertou a mandíbula e, com uma expressão sombria, olhou para trás, na direção do mar.

— Eu vou ter cuidado. Além do mais — ela acrescentou com um sorriso amargo —, estou sob a proteção de uma deusa, lembra-se?

Sua expressão suavizou-se, e ele sorriu para ela.

— Eu não me esqueceria da minha deusa, princesa. — Ulisses hesitou por um momento, depois acrescentou: — No entanto, mesmo sob a proteção de Atena, você correu dele.

Kat suspirou.

— Sim. Bem... Pareceu-me a coisa mais inteligente a fazer. O que estava se passando com Aquiles me surpreendeu. Fui pega desprevenida, o que não vai acontecer outra vez. Quer dizer que emoções fortes é que provocam essa mudança.

— É o que parece.

— Se é assim, por que Aquiles não se transformou na tenda de Agamenon? Ele odeia o rei, não odeia?

Ulisses assentiu:

— Sim.

— O ódio é uma emoção forte, e Aquiles ficou *possesso* com o que aconteceu lá.

Ulisses lançou-lhe um olhar confuso.

— “Possesso” equivale a dizer “com muita raiva” — ela explicou depressa.

— Ah, sim. Agamenon geralmente deixa Aquiles muito irritado.

— Então, mais uma vez, por que ele não se transformou?

Ulisses deu de ombros.

— Aquiles estava calmo, com a raiva controlada e...

— Espere! Responda-me uma coisa — Kat o interrompeu. — Aquiles tem que treinar para manter sua vantagem nos combates, certo? Portanto ele deve treinar com uma espada, ou seja lá o que for, e na certa corre ou se exercita... ou ambos. Certo?

Ulisses franziu a testa.

— Aquiles treina com frequência. E também é um corredor excelente.

— A Fúria se abate sobre ele quando Aquiles está treinando?

— Não. Eu nunca o vi ser dominado pela ira enquanto treinava.

— Mas ele não fica todo suado e exausto? — ela quis saber, animada.

— Sim, claro.

— Então é isso! — concluiu. — Se Aquiles permanecer calmo fisicamente, não importa o quanto ele fique louco da vida. A transformação não acontece. E também funciona de outra maneira: enquanto ele mantém sua resposta emocional sob controle, não importa o quanto ele trabalhe o físico; vai continuar a ser ele mesmo. Por isso ele tem tantas cicatrizes. Aposto que sua frequência cardíaca e sua respiração têm de se elevar em conjunto com um pico emocional para desencadear a transformação. Portanto alguém tem que stressá-lo para que seu ritmo cardíaco aumente e ele precisa ficar louco da vida com isso. — Um arrepio de emoção a

percorreu quando ela se deu conta do que aquilo significava em relação aos beijos que tinham compartilhado. — Acho que faz sentido. Se é que alguma coisa aqui faz — completou mais para si mesma do que para Ulisses. — A transformação é fisiológica, bem como emocional, portanto necessita de um gatilho que se baseie em ambas.

Ulisses a estudava, atento.

— É mesmo uma mulher incomum, princesa.

Kat abria a boca para fazer piada a respeito, dizendo que era isso o que dava ser um oráculo ou o que o valesse, quando a voz profunda de Aquiles soou de algum lugar bem atrás deles.

— A que devo o prazer da sua companhia, Ulisses?

O rapaz sorriu de leve e se pôs de pé, segurando o antebraço de Aquiles em uma saudação, enquanto este se juntava a eles.

— Um velho amigo não pode fazer uma visita sem nenhum motivo em particular?

Kat percebeu que o cabelo e a túnica de Aquiles estavam molhados, e que ele carregava a couraça, assim como o cálice vazio que ela não se lembrava de ter deixado cair. Tinha círculos escuros sob os olhos — que ela jurava não estarem ali antes de eles serem interrompidos em seu pequeno *amasso* —, mas, fora isso, parecia normal outra vez.

— Quer dizer que Agamenon o mandou aqui — estava dizendo.

O sorriso de Ulisses se alargou.

— Claro.

Aquiles torceu os lábios.

— Pois vai ter de informar a ele que eu estava falando sério, e que não vou me juntar à batalha amanhã.

— E quanto aos seus Mirmidões?

Aquiles encolheu os ombros largos.

— Meus homens são meus companheiros, não meus escravos. Podem fazer o que bem entenderem.

— O que significa que eles o estão apoiando — concluiu Ulisses.

— Aparentemente.

— Desejo-lhes boa noite, então. Vou retornar à minha tenda... Após relatar esta triste notícia ao nosso rei, claro — completou o rapaz.

— Ele é o seu rei, não o meu — lembrou Aquiles.

Ulisses levantou um ombro.

— Como você já disse muitas vezes antes. Boa noite, meu amigo. — Inclinou a cabeça para Kat. — Desejo-lhe boa noite, também, princesa.

— Boa noite, Ulisses — Kat respondeu.

Pouco antes de ele se afastar, Aquiles tornou a chamá-lo.

— Ulisses!... Agradeço por ter se certificado de que a princesa voltaria ilesa à minha tenda.

O sorriso do guerreiro foi tristonho.

— Eu não acreditava que a princesa estivesse correndo perigo de verdade, companheiro. Eu apenas a mantive entretida enquanto aguardávamos o seu retorno.

— Boa noite, meu amigo — Aquiles repetiu.

Apenas após Ulisses ter se afastado, ele olhou para Kat.

Ela sustentou seu olhar e se obrigou a não se mover, nervosa. Queria que ele dissesse alguma coisa, porém Aquiles apenas continuou a fitá-la com uma expressão inescrutável.

Por fim, Kat decidiu dizer a coisa mais neutra que lhe veio à cabeça.

— Parece cansado.

Ele assentiu de leve com a cabeça.

— Assim como você.

— Acho que estou, mesmo.

Aquiles limpou a garganta.

— Não tem nenhuma razão para confiar no que digo, mas juro que não precisa ter medo de dormir na minha tenda. Não vou tocá-la, muito menos machucá-la. O que aconteceu na praia não vai se...

— Acredito em você — Kat o interrompeu, percebendo, de repente, que não queria ouvi-lo dizer que o que havia acontecido entre eles na praia fora um erro, e que este não se repetiria. — E também não tenho medo de você.

A descrença no rosto dele era evidente.

— Está bem. Não tenho medo de quem é *agora* — Kat se corrigiu. — Também não temo que vá se transformar em outra coisa espontaneamente, sem uma extrema provocação.

Aquiles resmungou seu acordo, embora não parecesse convencido com seu pequeno discurso. Apontou para a entrada da tenda.

— Vá para a sua cama. Parece exausta.

Kat se levantou e cruzou a curta distância até a abertura da barraca. Quando se deu conta de que ele não a seguia, perguntou:

— Não vem?

— Pensei em lhe dar algum tempo para... — Ele encolheu os ombros, e suas palavras sumiram.

— Por quanto tempo vamos compartilhar esta tenda?

Aquiles piscou, surpreso com a pergunta.

— Não sei.

— Na certa mais do que uma noite ou duas...?

— Sim. Provavelmente.

— Então temos mais é que parar de bancar os estranhos perto um do outro — Kat decidiu com naturalidade, evitando mencionar que a razão de eles estarem se comportando com tanto constrangimento era o fato de que o amor que eles quase haviam feito o transformara em um monstro raivoso. — Vamos, entre aqui comigo.

Aquiles resmungou de novo, mas desta vez concordou em silêncio quando ela se abaixou sob a aba, e a seguiu.

Uma vez lá dentro, ignorou-a por completo. Foi direto para a cama enorme, cerrou a cortina leve e, de costas para ela, começou a tirar a túnica, secando-se com um pano de linho.

Kat sentou-se em sua cama-ninho, tirou os sapatos e limpou a areia dos pés. Em seguida, livrou-se do manto de seda cor de rubi que sobrepunha o traje, ficando vestida apenas com uma fina túnica creme que, embora larga, ainda favorecia seu corpo jovem.

Durante todo o tempo que ocupou se despindo, tentou, sem sucesso, não olhar de esguelha para Aquiles. Quando ele saiu de trás do cortinado da cama para apagar algumas lamparinas, viu que ele estava nu, exceto por uma espécie de toalha curta de linho que enrolara abaixo da cintura, em volta dos quadris.

Kat observou, incrédula, as cicatrizes que crivavam seu peito musculoso.

Como se pressentindo seu exame, os olhos dele se voltaram para ela.

— Nunca vi ninguém com tantas cicatrizes — Kat confessou.

Aquiles apertou a mandíbula.

— Eu sei que pareço um monstro.

— Não — ela contrapôs depressa, aliviada por estarem conversando de novo. — Parece apenas um homem que sempre usou o corpo como uma arma.

Ele a fitou por alguns momentos, então fez um gesto brusco.

— Exatamente. — Apagou a última lamparina, deixando a tenda iluminada apenas por uma luz tênue que criou uma atmosfera de sonho. Em seguida voltou para trás da cortina transparente e foi para a cama.

Kat queria dar a noite por encerrada, virar-se, fechar os olhos, fingir que estava desmaiada no sofá de Jacky de novo e que acordaria depois com nada mais do que uma maldita ressaca.

Mas não podia. Não se queria voltar para o próprio corpo e sua antiga vida. Hera havia dito que ela precisaria trabalhar depressa, portanto não tinha tempo para ilusões e procrastinação. E havia mais. O toque de Aquiles selara a atração que ela já sentia por ele, e

agora queria mesmo ajudá-lo.

Também era madura o bastante para admitir que queria que ele a tocasse outra vez. Sim, o que começara a acontecer com ele a assustara... mas também a excitara. Aquiles a excitava, assim como a certeza de que ele não ficava com nenhuma mulher havia muito tempo.

— Aquiles — chamou baixinho, não querendo acordá-lo caso ele houvesse adormecido.

— Não tem nada a temer, princesa.

— Ainda não dormiu — Kat constatou, e revirou os olhos para si mesma. Era uma mulher culta, inteligente, e aquilo fora o melhor que conseguira dizer?

— Eu não durmo — ele falou sem rodeios.

— Nunca?

— Raramente.

Ela sorriu, embora ele não pudesse vê-la.

— Em relação a isso, sei que posso ajudá-lo.

Houve uma pausa, até que Aquiles continuou:

— Como?

— Para isso eu teria de ficar mais perto de você. Se não se importar.

— Pode vir — ele respondeu, ainda soando sem emoção.

Kat abriu o cortinado e o encontrou sentado, as costas apoiadas contra a cabeceira de carvalho esculpido. Fez um gesto na direção da beirada da cama.

— Importa-se se eu me sentar aqui?

— Não, não me importo.

Ela sentou. Na verdade, empertigou-se na borda da cama.

Aquiles ainda mudou de posição, como se não querendo que a perna tocasse qualquer parte do corpo dela. Seus olhos azuis a observaram com cautela.

— Disse que pode me ajudar a dormir?

— Posso.

— Como? Não vou beber nenhuma poção, nem fumar nenhuma erva ruim — acrescentou, antes que ela pudesse responder.

— Por mim, tudo bem.

— Como vai fazer isso, então?

Kat pensou por um momento, tentando encontrar a melhor maneira de descrever a hipnose a um guerreiro do mundo antigo.

— É um feitiço que consigo fazer graças ao poder de Atena. Algo inerente aos oráculos — elaborou por fim.

Ele assentiu, muito sério.

— A deusa tem grandes poderes. O que deve fazer?

— Na verdade, é algo que você mesmo faz. Eu apenas o auxílio. Espere um pouco. — Kat cruzou as cortinas e ergueu a lamparina de seu gancho, colocando-a sobre a mesa de cabeceira. Diminuiu ainda mais o pavio, de modo que apenas uma pequena chama bruxuleasse. Satisfeita, retornou à sua precária posição na beirada da cama. — Para começar, precisa relaxar. — Aquiles pareceu cético, e ela sorriu. — Confie em mim. Eu sou o oráculo.

— Pois então, oráculo, se eu fosse capaz de relaxar, seria capaz de dormir. Ou seja, é justamente esse o problema.

— Tudo bem. Se é assim, vamos conversar. Talvez eu possa fazer o feitiço aos poucos.

— Conversar?

— Sim, como estamos fazendo agora. E como fizemos mais cedo, esta noite.

Ele desviou o olhar para longe do dela.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas, princesa. Não devia tê-la tocado como fiz.

— Se bem me lembro, fui eu quem o tocou primeiro.

— Eu não devia ter permitido isso. É perigoso.

— Ulisses me contou sobre a Fúria que o domina — confessou Kat devagar.

— Por isso mesmo eu não devia ter permitido que me tocasse.

— Acontece toda vez que, *ahn*, beija uma mulher?...

Seus olhos se encontraram de novo.

— Acontece quando eu fico excitado.

— Sempre? — Kat indagou baixinho.

— Eu... Eu não sei.

— Como assim? Como pode não saber?

Seus olhos azuis encontraram os dela.

— É simples. — Aquiles se moveu depressa, pegando-a de surpresa. Em um momento estava recostado, no outro havia projetado o corpo e a agarrado pelos pulsos, puxando-a até que seus rostos estivessem a centímetros um do outro. — Não posso saber, porque não me permito desejar uma mulher, tocar uma mulher. Não como a estou desejando e tocando agora.

Merda!, Kat pensou. Teria sido mais fácil se houvesse sido enviada para o inferno!

CAPÍTULO ONZE

— Verdade? — Kat manteve a voz cuidadosamente neutra. — Então não tocou nem assustou Briseida?

As palavras tiveram o efeito desejado sobre Aquiles. O brilho avermelhado que começava a tingir seus olhos desapareceu, e ele lhe soltou os pulsos como se estes o queimassem.

— Não — falou apenas. — Nunca toquei a virgem Briseida.

Kat reprimiu o desejo de esfregar as marcas que, sem dúvida, ele lhe deixara nos pulsos.

— Você não a tocou, e mesmo assim ela ficou com medo, não ficou?

— Ficou.

— Se é assim, precisa entender uma coisa de uma vez por todas... Eu-não-sou-como-Briseida! Na verdade, não sou como nenhuma das mulheres que já conheceu. Se você e eu vamos nos dar bem — e creio que estejamos nos dando bem —, terá que aceitar isso e parar de me julgar como costuma fazer com as outras mulheres. — Kat olhou ao redor e deu um suspiro de alívio ao ver dois cálices na mesa de cabeceira. — Deus, preciso de uma bebida. — Levantou-se, pegou a taça e rumou para o jarro de vinho, que se pôs a esvaziar. Olhou através do cortinado, de volta para Aquiles.

— Importa-se se eu tomar um pouco de vinho?

Ele parecia perplexo. Outra vez.

— Claro que não.

— Ainda bem. — Ela encheu o cálice e, em seguida, levou o cântaro consigo, voltando para a enorme cama. Colocou o jarro sobre a mesa de cabeceira, ao lado da lamparina, mas, desta vez, não se pôs na beirada do leito feito uma pombinha inconsequente, com medo de uma estátua assustadora (Aquiles) que de repente ganhara vida. Jogou-se sobre a cama dobrando as pernas confortavelmente e, sentada mais próxima ao guerreiro, tomou um longo gole de vinho tinto antes de falar. — Está bem, vamos lá. Acho que posso ajudá-lo. Não apenas com a sua dificuldade para dormir, mas também com essa história de não conseguir tocar uma mulher pela qual se sente atraído. — Deu-lhe um sorrisinho nervoso. — Isso supondo que se sinta atraído por mim...?

Ele torceu os lábios, esboçando um sorriso.

— Eu me sinto, sim.

— Mas, se me tocar demais, o que — de novo, estou imaginando — inclui coisas como as que fizemos na praia esta noite, vai deixar de ser o que é agora — Kat apontou para ele e, em seguida, para a distância, como se Aquiles fosse parte integrante de uma apresentação de

PowerPoint —, para se transformar naquilo que eu quase testemunhei esta noite.

— Então não chegou a me ver como... como *ele*.

A tensão na voz de Aquiles era mais do que evidente, e Kat estendeu o braço para tocar com cuidado uma cicatriz enrugada que corria por seu bíceps esquerdo.

— Não, não vi. Como poderia? Ulisses me explicou o que acontece com você, e eu fui testemunha do princípio dessa mutação. Estava se transformando em algo que, definitivamente, não era o que você é agora.

Aquiles pendeu a cabeça de leve, como se um enorme peso houvesse sido tirado de cima dele, e ele precisasse se ajustar à sua ausência. Depois, devagar e com cautela, endireitou os ombros e tornou a erguer a cabeça, encontrando seus olhos.

— É a primeira mulher que consegue compreender o que acontece. Não sou eu. É alguma coisa que me possui e que não consigo controlar. Dificilmente posso impedi-la... assim como não posso invocá-la de modo espontâneo. — Ele deixou escapar um som irônico da garganta. — Se eu pudesse, não teria me transformado nesse monstro cheio de cicatrizes.

— Elas não o tornam hediondo — afirmou Kat, os dedos ainda descansando na ponta da antiga marca em seu bíceps. — Elas são uma parte de você. Na minha cabeça, não passam de uma evidência física do quanto precisou lutar. — Sorriu para ele. — Tinha que haver um preço para que todos soubessem o seu nome.

— Falou tudo. É o meu preço, minha pena, meu fardo e, por ironia, minha escolha. — Aquiles olhou para onde os dedos delicados lhe tocavam o braço. — Quando eu era menino, me foi permitido escolher meu destino. Pediram-me que escolhesse entre a felicidade, o amor e uma vida que seria feliz, mas comum, e a vida de um guerreiro que pereceria muito cedo, mas cuja glória seria eterna. Eu escolhi a glória. Queria que meu nome fosse louvado por incontáveis gerações. — Sua voz profunda soou amarga, cheia de autoaversão. — Sabia que vou encontrar a morte aqui, diante das muralhas de Troia?

— Eu... *ahn*... já ouvi falar algo do tipo.

Claro que ela havia ouvido falar naquilo. Lembrava-se muito bem das aulas de Mitologia. Aquiles, o guerreiro indestrutível, fora morto por uma flecha no calcanhar — seu único ponto vulnerável — próximo do final da Guerra de Troia.

Kat sentiu uma onda de pânico invadi-la. Por que, diabos, não se dera conta daquilo antes?

— Há quanto tempo está aqui, lutando contra os Troianos?

— Quase uma década inteira — ele contou.

— *Merda!* — Kat o agarrou pela mão. — Não quero que lute mais.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Pois não acabei de dizer a Agamenon que estou me retirando da luta?

Ela sentiu uma ridícula onda de alívio que, no entanto, durou pouco. Naquela *chatice* da *Ilíada* de Homero, Aquiles também não se retirara da batalha? O problema era que, depois, tinha voltado... e acabara levando uma flechada no calcanhar.

Mas por quê? O que o levava a lutar outra vez?

— *Merda!* — Tornou a praguejar, virando-se para encher o cálice de novo. — Eu devia ter prestado mais atenção nas aulas da escola.

— Escola?

Kat balançou a cabeça, distraída, ignorando a pergunta enquanto seus pensamentos continuavam num turbilhão. Muito bem. Era óbvio que a razão para ele ter voltado para a guerra, sendo eventualmente morto, tinha a ver com a Fúria que o acometia. Certo. Então, tudo o que precisava fazer era ajudar Aquiles a romper com os gatilhos que disparavam aquela ira e... *voilà!* Ele não estaria mais fora de controle. Na verdade, permaneceria longe da batalha e não seria morto.

— Sim, sim. Ouvi dizer que sucumbiria na Guerra de Troia. Por isso mesmo fui enviada por Atena: para me certificar de que isso não acontecesse — falou, corajosa, dando de ombros em pensamento. Atena e as outras duas deusas não queriam que Aquiles lutasse. No caso, não lutar e não morrer eram quase a mesma coisa.

A intensidade com que ele a observou com aqueles seus olhos azuis só podia ser um fio de esperança, concluiu Kat.

— Estou fadado a morrer diante dos portões de Troia logo após a morte de seu irmão, Heitor.

Kat sentiu um aperto no estômago. Era aquilo mesmo. Lembrava-se de algo sobre Aquiles matar o filho do Rei de Troia, o irmão do corpo que ela habitava.

— Se é assim, basta nos certificarmos de que não mate Heitor, certo?

— Acredita que o destino traçado por Zeus possa ser mudado?

— Conheço uma deusa que acredita. Na verdade, conheço várias deusas que acreditam, e descobri que as mulheres são mais sensatas sobre assuntos de guerra e morte violenta do que os homens. Portanto, vamos nos apegar à versão das deusas de que o destino pode ser mudado, está bem?

A expressão de Aquiles continuou séria.

— Eu daria tudo para mudar o meu destino, princesa.

— Ótimo. Então vamos começar já. — Kat sorriu e estendeu o cálice para ele. — Tome uma bebida comigo. Vou lhe ensinar umas coisas sobre relaxamento.

Uma hora e duas taças de vinho mais tarde (principalmente bebidas por Aquiles), Kat tinha

vontade de agarrá-lo pelos ombros largos e sacudi-lo. E o teria feito, se achasse que isso surtiria algum efeito. Aquiles se encontrava deitado de costas agora, olhando para o teto. Continuava com o corpo rígido e nem um pouco relaxado.

— Escute, jamais vai relaxar se não acreditar que pode.

— Eu nunca me permito relaxar — ele volveu, ríspido.

— Pois vai ter que aprender. Muito bem... Tente uma coisa. Pense em cada pedaço dos seus músculos como se estes precisassem ser treinados um a um. E o treino que dará a eles será o do completo relaxamento. O que vai fazer, portanto, é ordenar a essas partes de seu corpo que façam alguma coisa. Nada muito diferente de comandar seus braços para que eles empunhem uma espada e oscilem a fim de se proteger.

Aquiles virou um par de incrédulos olhos azuis em sua direção, e Kat suspirou.

— Quando você dorme, fica sempre de costas, assim?

Ele pensou por um momento.

— Não.

— Como costuma se deitar? Que posição mais lhe agrada?

Aquiles hesitou, depois colocou o braço esquerdo sob a cabeça e ergueu o joelho esquerdo, o braço direito descansando, solto, sobre a cintura. Inclinou um pouco a cabeça, então, parecendo ligeiramente mais confortável.

— Assim é melhor — ela falou com um suspiro, pensando o quanto ele estava sexy deitado ali sem camisa, os cabelos fartos caídos em torno dos ombros, os lindos olhos azuis voltados para ela, e todos aqueles músculos deliciosos e tonificados, marcados por cicatrizes agora suavizadas pela luz tênue da lamparina.

— Fica difícil relaxar quando olha para mim dessa maneira.

Merda! Ela se endireitou, culpada.

— Tente me ignorar — falou, lembrando-se de que uma mulher, de um dos casais com os quais fazia terapia, costumava segurar a mão do marido durante toda a sessão.

Não. Ela não segurava a mão dele apenas. Costumava esfregá-la com carinho, e o marido, que tinha verdadeiro horror à terapia, sempre relaxava diante do gesto. (Na verdade, eles haviam se mantido casados; só precisaram de ajuda para melhorar sua comunicação.)

— Muito bem, dê-me uma de suas mãos — pediu de repente.

Aquiles franziu a testa.

— O que quer fazer com a minha mão?

— Eu não vou machucar você! — protestou Kat, erguendo uma sobrancelha, irônica. — Não precisa ter medo de mim.

— Não tenho medo de você.

— Então me dê a mão! — Estendeu a dela num convite.

A carranca se transformou em uma expressão de sarcasmo, entretanto Aquiles lhe deu a mão com que apoiara a parte de trás da cabeça. Kat a segurou entre as suas e, lentamente, começou a massageá-la com firmeza, trabalhando no bloco calejado.

Observou-o. Ele a fitava com uma expressão velada nos olhos azuis, e o cenho franzido fora substituído por uma máscara inexpressiva.

— Conte-me qual é o seu lugar favorito — ela pediu.

— Por que quer saber isso? — Aquiles indagou após um momento de hesitação.

— Descreva-o. Feche os olhos e finja que está me levando lá.

Ele a observou por mais alguns instantes e, depois, para sua surpresa, fechou os olhos.

— Há uma enseada escondida na costa da Phthia. — Fez uma pausa e abriu os olhos. — Phthia é a minha terra natal.

Kat acenou com a cabeça e continuou lhe esfregando a mão. Aquiles observou o gesto, depois tornou a se voltar para ela.

— Continue — incitou Kat quando ele demorou a prosseguir. — Conte-me como é esse lugar.

— A água lá é calma e límpida.

— Feche os olhos e me leve até lá — ela pediu num sussurro.

Aquiles franziu a testa de novo, mas fechou os olhos.

— A areia da praia é branca, e as rochas que se projetam dela são escuras. A água é de um tom muito diferente de azul.

Como seus olhos, provavelmente, Kat concluiu em pensamento, mas o manteve para si própria. — É uma enseada rasa, e tem um ajuntamento de corais em forma de pata de animal bem no meio. — A princípio, Aquiles falou com consciência, em frases curtas e objetivas, mas logo pareceu se esquecer de que ela estava ali conforme descrevia seu lugar favorito.

Enquanto lhe esfregava uma das mãos, depois a outra, Kat percebeu seus ombros largos relaxando e sua respiração se tornando mais profunda.

— Minha mãe, a deusa do mar Tétis, costuma ir muito a essa enseada. Há ostras sob o coral que dão pérolas negras lá, e eu muitas vezes as apanhei para ela. Os peixes são grandes e preguiçosos, assim como as aves marinhas que ficam empoleiradas nas rochas escuras...

Ele fez nova pausa, e Kat falou na voz calma e firme que costumava induzir o estado hipnótico em seus clientes.

— Imagine-se lá, Aquiles. Deixe que minha voz o leve de volta para a sua enseada. Está deitado na praia... sentindo a areia quente no corpo... As ondas suaves estão beijando a costa numa batida ritmada... Escute-me... Permita que a minha voz o leve até lá. Está em paz...

completamente relaxado. Seus pés estão relaxados, aquecidos pela areia macia. Não existe raiva na sua enseada... Nenhuma guerra... É quente e protegido lá. Suas pernas estão relaxadas... — Kat continuou, induzindo-o ao relaxamento por meio do exercício, até que soltou sua mão devagar e constatou de perto como o corpo de seu guerreiro relaxara por fim, e sua respiração se tornara profunda e regular. Sem mudar o tom de voz, prosseguiu: — Está na sua enseada, Aquiles?

— Sim — ele respondeu, a voz grave agora meio arrastada.

— Muito bem. Quero que saiba que a raiva não pode chegar aí, e nem a você, enquanto estiver nela. Sua mente está em paz. Seu corpo está relaxado. Compreende?

— Sim.

— Muito bem. É noite na sua enseada, o que significa que irá dormir profundamente. Quando eu começar a contar, quero que fique ainda mais relaxado. Seu corpo está pesado... Dez.. Precisa descansar... Nove... A areia está quente... Oito... e acolhendo o seu peso... Sete... Está seguro... Seis... Relaxado e livre da raiva... Cinco... Ela não pode atingi-lo aí... Quatro... Esta noite vai dormir na sua enseada... Três... E não vai despertar até o amanhecer... Dois... Até lá, seu corpo pesado vai descansar em paz... Um... E com segurança... — Kat deixou a voz morrer.

Se ela estivesse certa — e estava —, Aquiles era muito suscetível à hipnose. O que fazia sentido, concluiu. Aquela Fúria que o possuía devia acabar com seu subconsciente e, uma vez que mexia tanto com ele, deixava-o aberto a sugestões.

Sorriu, satisfeita. Aquiles fora hipnotizado, e isso significava que ele se encontrava em transe. Decerto despertaria após o amanhecer, conforme ela havia sugerido, e sentindo-se renovado.

Kat estudou o rosto moreno. Ele parecia diferente agora que se encontrava relaxado. Em geral Aquiles se portava com muita rigidez, deixando claro, ao menos para ela, que vivia preocupado com o que poderia acontecer caso relaxasse.

E ela não podia culpá-lo após ter tido um vislumbre da Fúria que o acometia.

Naquele momento, entretanto, Aquiles imaginava estar em sua praia, seguro, acolhido, descontraído. Seu rosto perdera aquele eterno ar de tensão. Seus lábios suavizaram, e se encontravam entreabertos, lembrando-a de como estes se provaram macios contra sua boca. O que Aquiles não tinha em termos de experiência ao beijar, tinha em entusiasmo e força.

Seu olhar deslizou pelo peito nu. Normalmente não se deixava impressionar por músculos, porém Aquiles não possuía aquele corpo *bombado* à base de esteroides dos “guerreiros de academia”. Seu corpo era uma ferramenta que ele utilizava muito, e que trazia consigo as provas desse uso.

Quase sem perceber, ela viu a mão se mover de modo que seus dedos pudessem, mais uma vez, descansar sobre a cicatriz enrugada no bíceps volumoso e lhe percorrer a extensão até o topo. E então estes se desviaram para outra marca, esta plana e fina, que remetia a um corte terrível na parte de cima do ombro largo. Devia ter sido mais bem tratada do que a outra, concluiu.

Aquiles tinha várias cicatrizes no peito. A pior era uma rosada e irregular, que não parecia muito antiga. Começava na parte de cima do peito esquerdo e descia, cruzando as costelas, até desaparecer sob a coberta que ele deixara largada sobre a cintura.

Kat deixou os dedos seguirem a marca, descendo pelo peito, passando pelas costelas. Quando avançou um pouco mais, Aquiles gemeu.

Ela congelou, voltando o olhar para o rosto moreno. Seus olhos continuavam fechados, e ele ainda parecia hipnotizado.

— Está profundamente relaxado. Ainda em sua enseada — murmurou, mordendo o lábio. Na certa não deveria perguntar. Sem dúvida, não deveria.

Mas, que diabo, por que não? Aquiles não era um de seus pacientes casados. Deus sabia, podia até ser bom para ele.

Limpou a garganta e indagou em voz baixa, enquanto seus dedos continuavam a percorrer o caminho das cicatrizes:

— O que está sentindo, Aquiles?

— Seu toque — ele respondeu de pronto.

— Está gostando?

— Sim.

— É a sua enseada, Aquiles. Seu lugar predileto. — Kat sentiu os batimentos cardíacos aumentarem à medida que falava, contudo sua voz permaneceu hipnótica, suave e calma. — Pode fazer o que quiser na sua praia. Portanto diga-me, Aquiles, o que quer?

— Quero que não pare de me tocar.

CAPÍTULO DOZE

As palavras de Aquiles fizeram surgir um calor no âmago de Kat, que se espalhou como se ela tivesse acabado de engolir uma dose de uísque vinte e poucos anos. A pressão entre suas pernas foi tanta que ela precisou pressionar as coxas em busca de alívio.

Mas de nada adiantava aquilo. Não era o tipo de alívio de que ela necessitava.

Seus olhos derivaram para a protuberância que se tornava cada vez mais evidente sob a coberta. Seria possível? Conseguiria fazer amor com Aquiles e mantê-lo hipnotizado?

Sua vadia antiética!, gritou seu “eu” interior.

Mas, por sorte, ela era ótima em silenciá-lo. Além do mais, a verdadeira questão não era se ela conseguiria manter Aquiles hipnotizado, e sim se poderia mantê-lo calmo o suficiente para que a Fúria não o dominasse.

E estava longe de ter certeza de que seria capaz de manter Aquiles sereno, fazendo sexo selvagem com ele.

Bem, talvez eles não fizessem sexo selvagem. Havia tantos níveis entre o celibato e um amor tresloucado!... Quem sabe pudesse encontrar um meio-termo que desse certo?

Uma vez mais, estendeu o braço para tocá-lo. Desta vez, permitiu que a mão o acariciasse no peito em direção ao abdômen rijo, então seus dedos mergulharam sob a coberta. Não chegou a tocar seu membro, porém Aquiles tremeu sob seus dedos e respirou fundo enquanto deixava escapar novo gemido.

— Ainda está na sua enseada... relaxado... aquecido... seguro — ela sussurrou, tomando o cuidado de manter a voz hipnótica, o que não estava sendo fácil, uma vez que sua própria respiração tinha se acelerado. — O que mais vê na praia além do mar, dos corais e da areia?

— Você — ele respondeu, a voz profunda soando relaxada como num sonho, e deliciosamente sexy.

— Sim — sussurrou Kat no mesmo tom, antes que mudasse de ideia e voltasse a ser a profissional maçante (em vez de alguém brincando de praticar a mais antiga das profissões).

— Eu também estou aí. O que estou fazendo?

— Está deitada a meu lado — ele murmurou. E, antes que ela pudesse fazer qualquer outra pergunta, acrescentou: — Não está com medo... Está me tocando.

— Aquiles, não existe medo onde você está. Nem ódio, nem dor.

De repente, Kat sentiu uma vontade enorme de chorar. Quanto tempo se passara sem que ele tivesse sido tocado sem medo ou raiva?

Seguindo um impulso, deitou-se de frente para ele. Descansou a cabeça em seu ombro e a

mão no peito largo.

— Está cada vez mais relaxado — falou baixinho. — Meu toque é a sua âncora, e seu desejo o seu guia... O que deseja, Aquiles?

— Você.

Pronto, refletiu Kat. A palavra era a sua ruína.

— Então vai me ter — decidiu, deslizando a mão para baixo devagar, bem devagar, até segurar o membro rijo. Aquiles gemeu quando ela acariciou o comprimento longo e espesso. — Lembre-se de que isto é um sonho... Apenas um sonho...

Ele gemeu outra vez e ergueu os quadris, indo de encontro à carícia. Kat deslizou as pernas para baixo da cobertura e se aproximou dele, sentindo uma onda líquida de excitação ao constatar que Aquiles se encontrava completamente nu. A toalha de linho com que ele se cobrira havia se soltado, portanto não existia mais nada além da seda fina de sua própria túnica entre eles.

Que fosse tudo para o inferno!, pensou, puxando a seda delicada de modo a ficar nua até a cintura, e pressionando o corpo contra a coxa firme.

— Por todos os deuses!... — sussurrou Aquiles ao sentir sua umidade contra a pele em conjunto com a carícia insistente de sua mão.

— Está bom? — ela indagou num murmúrio, desejando que ele lhe tomasse os mamilos doloridos na boca.

— Sim! — ele gemeu a palavra. — Mais... Quero mais de você! — Virou-se, lânguido, em sua direção, rolando para o lado num movimento lento, como se estivesse se movendo através da água. Suas mãos lhe seguraram as nádegas nuas, o membro endurecido pressionando-a com insistência.

— Sim, mais! — Kat estava tão excitada e molhada que pôde escorregar para cima e para baixo ao longo dele, deliciando-se com sua rigidez e calor. Aquiles não a penetrou, contudo ela continuou a sussurrar palavras para acalmá-lo enquanto deslizava em seu pênis, até que a ponta espessa pulsando contra seu clitóris a fez explodir em um orgasmo rápido e devastador. — Junto comigo, Aquiles, vamos! — arfou e apertou mais o membro já escorregadio com sua umidade.

Ele deixou escapar um som gutural e, ao mesmo tempo, sua semente jorrou quente entre eles.

— Princesa! — Ele falou num suspiro, enquanto ela terminava de acariciá-lo e desabava em seu ombro.

— Está relaxado... — Kat falou, ofegante.

E estava mesmo, sem dúvida!, concluiu, ao fitá-lo no rosto. Ambos haviam gozado, e

Aquiles permanecera hipnotizado o tempo todo!

Putá merda! Essa foi a coisa mais vil que já fiz na vida!

Devia estar corando, pensou, se suas bochechas já não estivessem pegando fogo por conta do delicioso orgasmo que acabara de ter.

E agora, o que eu faço?

Limpou a garganta, suprimindo a sedução na voz e reassumindo seu papel de terapeuta.

— Aquiles... Vai dormir pelo restante da noite e acordar depois do amanhecer, completamente renovado. — No mínimo, acrescentou em silêncio para si mesma. — Está me entendendo?

— Sim — ele murmurou, sonolento, e ela notou que seus lábios se contorceram num breve sorriso.

Kat se desenroscou de Aquiles devagar e deslizou com cuidado para fora da cama. Olhou para ele. Aquiles se encontrava mesmo relaxado. Sua respiração era profunda e regular. Tinha o corpo largado, as pernas jogadas sobre a cama, mas, mesmo assim, ainda ostentava uma aparência de ferocidade e poder.

Numa súbita percepção, ela se deu conta de que, mesmo sem que a Fúria o possuísse, ele teria sido um grande guerreiro e líder.

Mordeu o lábio e se perguntou (tarde demais) como aquele guerreiro brutal se sentiria a respeito do que ela lhe fizera naquela noite.

Talvez pudesse sugestioná-lo, de modo que ele não se lembrasse do que tinha acontecido entre eles.

Suspirou. Não. Não era tão baixa. Além do mais, mesmo que seu comportamento fosse o que Jacky chamaria de “renovador”, ela não iria se iludir. Queria que Aquiles se lembrasse; queria que ele soubesse que tinham dado prazer um ao outro sem que a Fúria o tivesse dominado. Por outro lado, e se lembrar de tudo o deixasse enlouquecido? De acordo com as deusas, Aquiles não fazia sexo havia anos. Talvez ele quisesse estar totalmente consciente para isso.

Ah, sim. E permitir que a Fúria tomasse conta dele, o que não teria sido nem um pouco agradável...?

— *Merda* — praguejou baixinho. Então teve uma ideia e tornou a erguer a voz, mantendo-a em um nível profissional. — Aquiles, quando acordar, vai se lembrar de tudo o que aconteceu esta noite, mas apenas se quiser. Durma bem agora, e tenha apenas bons sonhos.

Congratulando a si mesma, Kat tomou um gole do cálice de vinho fresco enquanto usava a água de uma bacia para se lavar. Ao terminar, olhou para Aquiles através da cortina transparente. Ele continuava dormindo.

Teria gostado de voltar para aquela cama com ele e se aconchegado junto àquele corpo sólido, mas o que aconteceria na manhã seguinte, quando ele despertasse? Seria saudada por um Aquiles surpreso ou por uma fera sedenta de sangue?

Não muito disposta a correr esse risco, ela se enrolou toda no colchão feito de mantas e adormeceu quase no mesmo momento.

Kat não acordou até que um tumulto vindo do lado de fora da tenda penetrasse em seu sonho, transformando o lindo salva-vidas italiano que massageava seus ombros em uma feirante esganiçada. Arrancada de sua fantasia, sentou-se bem na hora em que Jacky irrompeu barraca adentro. A loira delicada e enganosamente frágil marchou até se pôr à sua frente, colocando uma das mãos no quadril magro. A outra, Jacky apontou para o próprio sexo.

— Minha *xereca* é forrada de pelos loiros! Acredita nisso? Eu nunca vi uma merda dessa! — exclamou, inconformada.

No mesmo instante, Kat lançou um olhar para a cama isolada por cortinas, na parte traseira da tenda, e ficou aliviada — ainda um pouco decepcionada — ao perceber que esta se encontrava vazia. Esfregou os olhos e colocou os cabelos para trás da orelha.

— E então? — Jacky exigiu, batendo o pé com impaciência contra o tapete grosso.

— E então o quê, Jacky? É uma loira natural agora. O que esperava?

A moça sentou-se na borda da cama improvisada.

— Não sei. Quero dizer, eu nem sequer olhei para ela ontem à noite, enquanto fazia xixi. E, de qualquer maneira, estava escuro. Mas, esta manhã, estava me lavando e... lá estava. Foi um choque, pode apostar.

Kat se espreguiçou devagar.

— *Te* adoro, Jacky, mas você é meio idiota.

A outra estreitou os olhos com cuja cor ela ainda não estava familiarizada; entretanto, Kat conhecia bem aquela expressão.

— Não sou idiota! Sou apenas branca agora — Jacky replicou, erguendo as sobrancelhas claras. — Embora algumas pessoas pudessem dizer que é a mesma coisa.

Sem dar a mínima, Kat sorriu e se esticou de novo.

— Só precisa relaxar e deixar as coisas acontecerem. Não vamos ficar aqui por muito tempo e...

— *Meu Jesus Cristinho*, você transou!

Kat franziu o cenho para a melhor amiga.

— Como pode afirmar isso? Sem dizer que eu não “transei”. Pelo menos não tecnicamente.

— Em primeiro lugar, é muito fácil. Está toda amarrotada e *alegrinha*. E não fica assim,

relaxada há... — Jacky fez uma pausa, sem dúvida contando em pensamento — ... há uns três anos e meio, que é o tempo exato que passou sem ter relações sexuais! Em segundo lugar, o que quer dizer com “pelo menos não tecnicamente”? Lembre-se de que concluímos, vários anos atrás, que sexo oral também é sexo.

Kat se remexeu, pouco à vontade.

— Não faz três anos e meio. Faz três anos e quatro meses.

Jacky bufou.

— E eu não fiz sexo oral! — ela completou depressa.

— Mas...? — incitou a outra.

— Foi mais ou menos sexo.

— Explique-se, Katrina Marie.

Kat respirou fundo e, em seguida, falou de uma vez:

— Eu hipnotizei Aquiles e, enquanto ele estava em transe, nós demos um *amasso* e acabamos gozando. Pronto.

— *Senhor Jesus*, você estuprou Aquiles!

— Eu, não! Afinal ele concordou.

— Comece de novo. Desta vez, falando a verdade!

— Seu humor está de lascar agora que virou branca — reclamou Kat.

— Eu sempre fui mal-humorada, como você bem sabe. E pare de me enrolar, Katrina.

Kat suspirou.

— Está bem. Ele meio que disse “sim”.

— Sabe que transar com um *quarterback* da Tulsa Univertity na linha de 50 jardas não é nada comparado a abusar de um cara inconsciente, não é?

— Jacqueline, eu não abusei de Aquiles!

— Katrina... Ele estava em pleno controle de suas faculdades mentais?

O sorriso de Kat foi lento e satisfeito.

— Aparentemente sim.

— Vadia! Como você é vadia! Mas não foi isso o que eu quis dizer. Quero saber se Aquiles estava consciente ou sob sua influência diabólica quando transou com ele.

Kat mordeu o lábio, hesitou, mas depois desistiu. Sempre contava tudo a Jacky. Era melhor acabar com aquilo de uma vez.

— Ontem à noite, um pouco antes de acontecer, encontrei Aquiles na praia, logo depois de uma confusão com Agamenon e... A gente se entendeu bem na tenda do rei, apesar de eu ter tirado aquele sujeitinho do sério. Deus, Agamenon é tão insuportável como Hera falou! De qualquer forma, o que eu disse não foi nada comparado ao que Aquiles anunciou: que ele e

todos os seus homens que desejassem segui-lo iriam se retirar da batalha.

— Aposto que Agamenon ficou *puto*.

— Ficou. Ele e Aquiles se estranharam, e Aquiles quase precisou lutar para que pudéssemos sair de lá. Aliás, Briseida não me pareceu flor que se cheire.

— Você a conheceu?

— Na verdade, não fomos apresentadas. Mas ela ficou recostada no joelho real de Agamenon, lançando-me olhares de reprovação o tempo todo.

— Que tipo de olhar ela lançou para Aquiles? — Jacky quis saber.

— Nenhum. A cadela mal olhou na cara dele. Não que o tenha desejado. Parecia mais que não queria que *eu* estivesse com ele. Mas eu a ignorei e segurei firme no braço de Aquiles. Isso a tirou do prumo.

— Vê-la segurando o braço dele a desconcertou? O que ela é, afinal? Alguma virgem intocada?

— Não. Meu palpite é que Briseida é como a maioria das mulheres deste tempo. Elas ficam apavoradas ao ver qualquer um tocando Aquiles.

— Por quê?! — Jacky perguntou. — Por causa daquela história de Fúria? *Diacho*, então não se lembra daquela minha fase rebelde, mas infeliz com Rashod, vulgo “X”? Ele era uma praga, mas se comportou e até se mostrou mais sensato enquanto ficamos juntos. Verdade que ele agora está cumprindo pena por ter matado o vizinho, LaShawn Johnson, mas é óbvio que quando paramos de namorar ele também parou de usar o bom-senso.

— Jacky, Rashod, vulgo “X”, puxou uma arma nove milímetros em plena luz do dia e assassinou LaShawn e seu cão a tiros. Cinco em cada um, se me lembro bem — completou Kat. — Não acho que se possa chamar isso de acidente.

— Rashod, vulgo “X”, quis apenas atirar no chato do cachorro do LaShawn que não parava de latir. LaShawn perdeu a cabeça e se pôs entre as balas e o cão, o que, em minha opinião de profissional, não foi lá uma ideia muito brilhante.

— Por que estamos falando de Rashod, vulgo “X”, afinal? — Kat indagou, completamente confusa.

— Porque eu queria dizer que, se a florzinha da Briseida e todo esse bando de branqueiras por aqui têm tanto medo do seu namoradinho, deveriam mais era ter uma boa dose dos rapazes que frequentam a zona norte de Tulsa... Aposto que eles iriam dar um jeito nelas *rapidinho*. Fala sério, Kat, como Aquiles pode ser tão assustador?

— Não é de Aquiles que elas têm medo — Kat explicou devagar. — Ele não é assustador. É sexy, e também meio triste e solitário. É da Fúria que elas temem, e com razão. Eu tive um vislumbre do que acontece, Jacky. Ela nem tinha dominado Aquiles totalmente, e foi terrível.

— Katrina Marie, ele a machucou? — Jacky se transformou no mesmo instante naquilo que Kat gostava de pensar como a “superenfermeira”.

— Não. Eu... saí correndo.

As sobrançelhas loiras de Jacky quase se uniram à base de seus longos cabelos.

— Você saiu correndo. Fugindo dele pela praia, com os peitos balançando?

Kat olhou para os próprios seios.

— Eu não acho que esses peitos balancem muito. Eles são empinados até demais. Mas, sim.

— Então você o estuprou como uma espécie de vingança? Foi quase uma ideia brilhante, mas, mesmo assim, muita sacanagem!

— Escute aqui, eu não abusei de ninguém. Foi tudo um acidente.

— Ah, sim. Igualzinho ao assassinato por acidente daquele infeliz do Rashod, vulgo “X”.

— Não foi coisa nenhuma. Eu só estava tentando fazê-lo relaxar. Aquiles não dorme. Ou pelo menos não muito.

— Por isso fez uma bela e relaxante *chupeta* nele e acabou gozando...? Está mais desesperada do que eu imaginava!

— Não foi nada disso! Não fiz *chupeta* nenhuma, Jackeline, muito menos estou desesperada! Eu o hipnotizei.

— E depois fez a *chupeta*?

— *Não!* Eu apenas o fiz gozar. Mas não sem antes tirar uma casquinha — Kat confessou com um sorriso satisfeito.

— Sentou no rosto de Aquiles enquanto ele estava hipnotizado? Caras conseguem fazer isso quando estão em transe?!

— Eu não senti no rosto de ninguém! Minha nossa, como você é indecente!

— Ora, por favor. Não sou indecente, sou enfermeira. Isso tudo é clínico para mim. Faça de conta que está em um consultório médico. O que aconteceu?

— Eu me esfreguei no, *ahn, bilau* dele — contou Kat, sentindo o rosto pegar fogo.

Jacky caiu para trás, de encontro às almofadas, e explodiu numa gargalhada.

— Santo Deus, você disse *bilau*!

— Quer parar?! — Kat empurrou o ombro da amiga. — Escute, eu não queria que isso acontecesse, mas Aquiles estava lá, todo angustiado, nu e musculoso. Eu o acariciei nas cicatrizes, e então o *pênis* dele começou a... — Kat fulminou Jacky com o olhar quando esta tentou, sem sucesso, abafar uma risadinha — ... começou a ficar duro. Aquiles disse que queria que eu continuasse a tocá-lo, e foi isso o que eu fiz. Não transei com ele porque fiquei com medo que isso despertasse a Fúria. Além do mais, se quer mesmo saber de todos os detalhes técnicos, Aquiles não estava plenamente de posse de suas capacidades mentais.

— Não estava muito consciente, quer dizer...?

— Que seja. Foi isso o que aconteceu. Fim. Será que dá para mudar de assunto agora?

— Quer saber? Essa história de ter hipnotizado Aquiles para que ele lhe desse um trato foi uma excelente ideia. Você bem que podia me ensinar essa técnica.

— Nem se fosse no inferno!

— Bem, há rumores de que podemos estar no inferno, então... Não quer reconsiderar?

— *Não!* E agora, para mudar o assunto, como está Pátroclo, e o que fizeram na noite passada?

— Como não sou tão vadia como você, eu dormi. E o meu anjinho vai bem, obrigada. Pelo menos imagino que sim. Ele já tinha saído quando acordei esta manhã — Jacky franziu a testa muito lisa. — Acho melhor eu ir atrás dele e ver se não está sujando aqueles pontos ou coisa do tipo.

— Em outras palavras, Pátroclo ficou desmaiado a noite toda.

— Completamente.

— Esse “completamente” me soou meio melancólico.

— Kat, está tentando transferir a sua sacanagem para mim. Não estou interessada naquele branquelo.

— Ah, claro. Ele é alto, moço, musculoso e lindo. *Credo!*... Quem estaria interessada por alguém assim?

— Ele é branco. E brancos acham que eu tenho bunda e atitude demais.

— Jacky, você é uma garota branca e magrinha agora, esqueceu? Portanto, tudo o que tem sobrando agora é atitude.

— Pelo amor de Deus! Eu ainda estou na fase da negação. O que acha de comermos alguma coisa para eu tentar encher esta bunda magra?

— Boa ideia. Estou morrendo de fome.

— Safadeza desenfreada costuma fazer isso com as pessoas.

— Jacqueline, suas madeixas loiras e compridas estão meio desgrehadas. Se não sabe lidar com elas, eu posso lhe ensinar.

— Ah, sim! — resmungou Jacky enquanto Kat se vestia.

CAPÍTULO TREZE

Kat e Jacky mastigavam queijo, azeitonas e uma espécie de carne de porco frita, conversando, de quebra, sobre a ética na hipnose, quando Aetnia, a criada que reconhecera Kat na noite anterior como sendo a princesa, passou correndo, e depois parou ao vê-la.

— O que aconteceu, Aetnia? Para onde está indo todo o mundo? — Kat perguntou.

— Os homens estão fazendo manobras na praia, princesa. Estou certa de que Aquiles iria gostar se fosse até lá, também — explicou a moça, e bateu em retirada.

— Na noite passada, ele também queria que eu *comparecesse* — Kat murmurou, maliciosa.

— Sério? Quero dizer, quando ele estava consciente ou depois?

— O tempo todo — Kat mentiu.

— Bem, então, vamos lá. A menos que tenha medo de enfrentá-lo quando ele está de pé e falando — provocou Jacky, levantando-se de um salto e se pondo a caminhar atrás da serva.

— Ele também estava falando ontem à noite — ela resmungou com uma careta, mas foi atrás da amiga.

— Vou adorar ver se Aquiles continua sob o seu feitiço diabólico!

Três mulheres que caminhavam na mesma direção lançaram olhares temerosos na direção de Kat e começam a cochichar ao ouvirem o comentário de Jacky.

— Não há feitiço nenhum, sua tonta — Kat falou alto o suficiente para que o grupo escutasse. Em seguida, baixou a voz para a amiga. — A hipnose terminou quando ele acordou esta manhã. Com sorte, relaxado e novinho em folha.

— E do que, exatamente, ele vai se lembrar sobre a noite passada?

Kat sorriu.

— Apenas do que ele quiser.

— *Aff!*, você é mesmo diabólica! — acusou Jacky.

— Não, sou inventiva — Kat rebateu.

Jacky lançou-lhe um olhar de soslaio, porém ambas se encontravam muito ocupadas em galgar as dunas para discutir com mais entusiasmo.

Os montes de areia e grama deram lugar a uma praia plana e larga que se encontrava repleta com...

— Homens seminus! — vibrou Jacky.

— E com espadas! — Kat ronronou. — Isto é mesmo um romance!

— Ei, lá está o seu namoradinho.

O dedo apontado de Jacky chamou a atenção de Kat para o maior grupo. No centro, avistou

Aquiles, sem roupa da cintura para cima. Quatro homens vestindo armadura completa o cercavam, embora ele estivesse praticamente nu, segurando apenas o escudo e uma estranha espada curta.

— *Caraca*, Aquiles tem mais músculos sobre os músculos! — comentou Jacky. — Mesmo assim, não sei como, diabos, ele sobreviveu a esses ferimentos. Não é de se admirar que seja tido como imortal.

— É o que dizem sobre Aquiles? — Kat sussurrou enquanto elas se juntavam a outras mulheres que haviam se acomodado em troncos para observar os homens.

Jacky encolheu os ombros.

— Eu ouvi umas conversas na noite passada. Os Mirmidões falam de Aquiles como se ele fosse um deus.

— Ele não é nenhum deus. É apenas um homem — Kat afirmou, e tentou não estremecer quando dois dos quatro guerreiros investiram contra Aquiles. Não precisava se preocupar com ele. Suas respostas eram tão rápidas que pareciam desmentir as palavras dela. Aquiles se esquivou de lado, deu um giro e então bateu no traseiro dos dois homens com a parte plana da espada. Os Mirmidões que os assistiam irromperam em gargalhadas, acompanhadas por comentários grosseiros.

O sorriso que Aquiles deu em resposta foi surpreendentemente bem-humorado, e ele fez um gesto para que os outros dois soldados o atacassem. Eles obedeceram, e Aquiles se moveu para a lateral, defendendo-se com seu escudo de águia. Os guerreiros recuaram, e Kat percebeu por que a espada dele parecia estranha: era de madeira.

— Ele nem está usando uma espada de verdade! — comentou com Jacky.

Como se Aquiles a escutasse, seus olhos azuis se desviaram dos soldados que o cercavam direto para ela. Kat viu a surpresa neles, e sentiu uma corrente elétrica de atração crepitar entre eles.

Nesse momento, um dos homens investiu contra Aquiles, e ele demorou a reagir. A lâmina da espada deslizou ligeiramente na parte de baixo de seu peito antes que ele a rechaçasse com a espada de madeira, deixando uma fina linha escarlate.

Com um grunhido, Aquiles se agachou. Kat notou a mudança na reação dos guerreiros no mesmo momento. O círculo recuou, e os homens que estavam lutando com ele pareceram prender a respiração. Em suspense, ela observou Aquiles respirar fundo diversas vezes enquanto, sem dúvida, lutava contra o despertar da Fúria.

Em seguida, viu uma figura alta e loira se destacar do círculo que recuara. Desarmado, Pátroclo caminhou até o primo com segurança, fazendo um discreto movimento para que os outros dois guerreiros recuassem. Quando falou, seu sorriso se refletia em sua voz, como se

ele não fizesse ideia de que Aquiles ainda lutava para não se transformar em um monstro.

— Dizem que ninguém pode vencê-lo em um combate, primo. Isso porque eles não o conhecem como um parente.

Devagar, Aquiles endireitou o corpo, abandonando a posição de ataque, e Kat viu seus lábios se curvarem de leve.

— E o que diria sobre mim, parente?

— Que não passa de uma tartaruga gigante e nervosa. Perigosa e imprevisível, mas impotente quando está de cabeça para baixo.

Aquiles riu, e Pátroclo se lançou sobre o homem mais velho. Do nada, a ameaça da Fúria se desfez, e os homens torceram e gritaram outra vez, enquanto os dois primos se engalfinhavam sobre a areia.

— Se esse branquelo estúpido abrir meus pontos, vou estrangulá-lo! — Jacky levantou-se de um salto, sem dúvida se preparando para marchar até o grupo de homens e separar Aquiles e Pátroclo.

Kat agarrou-lhe o pulso e a puxou de volta.

— Não está pensando em ir até lá para gritar com Pátroclo no meio desses monumentos de testosterona com mentalidade “Eu, Tarzan... Você, Jane”, está?

Jacky ficou sentada, mas resmungou:

— Eu vou ficar *possessa* se ele estragar esses pontos.

— Relaxe. Aquiles não vai deixar Pátroclo se machucar — garantiu Kat e, quando continuou a assistir à contenda, percebeu que tinha razão. Eles estavam apenas fazendo uma boa exibição. Os dois homens investiam um contra o outro e pareciam muito concentrados, porém ela poderia jurar que Aquiles estava definitivamente evitando o ombro ferido do primo.

— Está bem, eu admito — confessou Jacky. — Tem alguma coisa muito sexy nessa história de assistir a dois machos guerreando. Olhe só para eles! Esses peitos nus, musculosos e suados... Tão “eu vou bater no peito e matar o dragão para você” que me deixa até com vontade de ser violentada por ele.

— *Ele?* — Kat perguntou, erguendo as sobrancelhas. — Ele, quem?

— Pátroclo, claro! Não precisa ficar nervosinha.

— E ouvi você dizer “ser violentada”? Desde quando alguém poderia violentá-la?

— Desde que me tornei branca.

Kat ainda estava rindo quando Aetnia e outras duas servas se aproximaram.

— Desculpe-me, princesa — Aetnia falou numa voz baixa e sussurrante enquanto lançava olhares furtivos por sobre o ombro, na direção do grupo de homens. — Queremos que saiba que estamos dispostas a cumprir nossa promessa a qualquer momento. Basta dar um sinal e

nós a ajudaremos a fugir.

— Fugir? — Jacky franziu a testa para elas. — Não pretendemos fugir.

As mulheres olharam para Jacky como se ela tivesse criado asas. Uma delas começou a esfregar algo que parecia um amuleto fálico, o qual pendia de um cordame de cânhamo que tinha trançado em torno do pescoço, ao mesmo tempo que recuava alguns passos.

— É muita gentileza sua, mas, como eu disse na noite passada, estou bem — garantiu Kat. E, antes que Jacky realmente pudesse pôr as asinhas de fora, emendou: — Estamos bem. Verdade. Prometo falar se precisarmos de alguma coisa.

— Princesa, eu... — Aetnia começou, confusa.

— Está sendo uma *mala sem alça*. Era isso o que ia dizer? — Jacky interveio com um sorriso sarcástico. — Porque está, mesmo!

A mulher que ainda segurava o amuleto fálico decidiu se manifestar:

— Não era curandeira no palácio, Melia. Era apenas a ama da princesa!

— Eu mudei — Jacky replicou em seu melhor tom de quem não levava desaforo para casa.

— Melia sempre teve muitos talentos — justificou Kat, dando uma discreta cotovelada na amiga, ao mesmo tempo que uma comoção no grupo dos homens lhe chamava a atenção. — Falando nisso, parece que a luta acabou. É melhor Melia ir checar os pontos de Pátroclo. Nós nos veremos mais tarde, senhoras. — Agarrou o braço de Jacky e a arrastou para longe das mulheres. — Jacky, elas a conhecem! — sussurrou, nervosa.

— Claro que não!

— Eles a conhecem do palácio de Troia. — Ela fez um gesto abrangendo o novo corpo da amiga.

— Ah, eu tinha me esquecido. Mas, e daí?

— Daí que não precisamos de uma porção de noivas de guerra enlouquecendo com o fato de você e eu não sermos quem ou o que aparentamos!

— Que diferença isso faz? Como você mesma disse, não vamos ficar aqui por muito tempo. Além do mais, é uma princesa, e elas são criadas. Não podem fazer *merda* nenhuma contra você.

— Isso não quer dizer que...

— Pequena Melia! Minha heroína! Chegou bem a tempo de limpar o sangue! — Pátroclo agarrou Jacky, ergueu-a nos braços e a beijou profundamente.

Kat observou, boquiaberta, enquanto Jacky ria, empurrava-o no peito sem muito entusiasmo e corava até a raiz dos cabelos.

— Ponha-me no chão antes que arruíne os meus pontos! E onde, diabos, está sangrando agora?

— Não sou eu quem está sangrando. É ele. — Pátroclo apontou o queixo na direção de Aquiles. — Mas eu ainda quero que enxugue o meu sangue, minha linda noivinha de guerra. — Ele a pôs no chão, porém não antes de beijá-la novamente.

Jacky recuou um passo para longe de Pátroclo, meio tonta, e ainda corada virou-se para Aquiles.

— Deixe-me olhar esse corte de espada.

— Não foi nada. — Aquiles fez um gesto brusco com a mão, impedindo que ela se aproximasse. — Preocupe-se com os pontos dele. Eu mesmo cuido da minha ferida.

Jacky encolheu os ombros.

— Por mim... — Lançou um olhar para Kat enquanto se virava para examinar os pontos do sorridente Pátroclo. — Melhor cuidar para que ele ao menos a limpe — aconselhou-a.

— Eu não... — Aquiles começou a protestar, porém Kat endireitou os ombros, decidida, e o encarou.

— Precisamos limpar esse corte.

Seus olhos se encontraram, e ela desejou do fundo do coração que o rosto moreno fosse mais fácil de ler. No momento, tudo o que via era aquela máscara que Aquiles gostava de ostentar em público.

— Pensei que não gostasse de ver sangue — ele comentou.

— Mais uma razão para que limpemos isso — ela rebateu, tentando não ficar muito feliz por ele ter se lembrado do que ela não gostava.

— ... Está bem — Aquiles cedeu.

— Não parece um corte muito profundo — opinou Jacky, espiando por cima do ombro de Pátroclo. — Uma salmoura deve resolver.

— O oceano está bem ali... Talvez devesse nadar um pouco de novo, primo. — Pátroclo abraçou Jacky, sorrindo para Kat.

Kat olhou de Pátroclo para Aquiles e se perguntou o que, exatamente, este havia contado ao primo sobre a noite anterior.

— Não comece! — Jacky se desvencilhou do braço de Pátroclo. — Está coberto de suor, areia e sangue. Também precisa de um banho.

— Então vamos todos! — Pátroclo pegou a mão dela e começou a correr para a praia.

Kat olhou para Aquiles, e ele ergueu uma sobrancelha.

— Também está coberto de suor, areia e sangue...

— Vamos com eles — Aquiles decidiu.

Seguiram Pátroclo e Jacky.

A princípio, nenhum deles falou nada. Em seguida, Kat o encarou.

— Desculpe pelo corte.

Ele pareceu surpreso.

— Por que está pedindo desculpas por algo que não é sua culpa?

— Mas foi minha culpa. Estava olhando para mim e não prestou atenção quando Pátroclo arremeteu com a espada.

Aquiles soltou uma risada seca.

— A culpa não foi sua. Eu é que não devia ter me distraído.

— Você sempre se certifica de que está em pleno controle da situação? — Kat fez a pergunta em um impulso e, quase no mesmo momento, se arrependeu dela. Na noite anterior, ele não havia estado no controle. Nem na praia, e nem mais tarde, sozinho com ela na tenda.

Os olhos azuis de Aquiles pareceram escurecer ao encontrar os seus.

— Consegui dormir na noite passada — ele comentou, em vez de responder à pergunta.

— Que bom — ela murmurou, e então praguejou baixinho ao tropeçar na barra do quitão.

Imediatamente, Aquiles a amparou com o braço.

Kat segurou-se no bíceps largo, não se importando nem um pouco por este estar escorregadio com o suor.

— Obrigada.

— Já vi que tem dificuldades para andar pela areia sozinha — ele comentou.

— Isso porque vivo tentando alcançá-lo! — Kat se defendeu.

— Eu não estava reclamando — Aquiles replicou baixinho.

— Isso é bom. — Ela sorriu para ele.

— É? — ele perguntou, parecendo meio perplexo.

— É, sim. — Kat limpou a garganta. — Quanto à noite passada...

Os lábios cheios de Aquiles se inclinaram num sorriso.

— Está se referindo ao feitiço para relaxamento que fez para mim?

Desta vez, Kat conseguiu interpretar bem o brilho provocante nos olhos azuis.

— Aquiles... Exatamente quanto do meu *feitiço* você se lembra?

Os lábios benfeitos se inclinaram ainda mais para cima, num sorriso que quase fez o coração dela parar.

— O suficiente.

CAPÍTULO CATORZE

Kat estava tentando descobrir o que Aquiles queria dizer com “o suficiente” quando eles alcançaram Pátroclo e Jacky.

Tudo bem, decidi. Ela era uma profissional. Iria apenas perguntar a ele.

— Ah, aí está você! — Jacky se voltou para ela com uma expressão de alívio. Diga a Pátroclos que não podemos nadar com eles porque não temos nada para usar na água!

Kat olhou para o rapaz. Ele sorria para Jacky com adoração.

— Ela tem razão. Essa seda é linda... — pegou uma dobra externa da túnica e rodou, fazendo-a flutuar graciosamente em torno do corpo — ... mas não é apropriada para a água.

— Então é melhor fazerem o que nós vamos fazer. Não é mesmo, primo? — indagou Pátroclo com um olhar malicioso.

Aquiles ergueu um canto dos lábios.

— Sem dúvida. Assim poupam o lindo tecido das suas vestes.

— Vamos? — incitou Pátroclo.

— Agora mesmo, primo — respondeu Aquiles.

E, enquanto Kat e Jacky observavam, os dois guerreiros arrancaram toda a roupa e pularam, gritando, nas ondas turquesa.

— *Caraca!* — exclamou Kat.

— Santo Deus! — Jacky abanou-se com vigor. — Eu lhe devo um pedido de desculpas, Kat. Apesar dessa confusão a respeito da cor da minha pele, é impossível estarmos no inferno... Viemos direto para o Céu!

— Alguma vez na vida viu um corpo tão lindo? — Kat perguntou, sonhadora, enquanto olhava para Aquiles, desejando que ele nadasse de volta para águas mais rasas e se levantasse.

— Kat, diga a verdade... Pátroclo não se parece com o Spike?

Kat desviou os olhos famintos de Aquiles apenas para revirá-los na direção de Jacky.

— Você é uma imbecil. E essa sua paixão por *Buffy* é patética!

— Mas ele se parece com o Spike! Olhe só esse corpo esbelto e musculoso, esse cabelo loiro-platinado. Tudo o que ele precisa é de uma mudança no corte de cabelo e um casaco de couro preto e comprido. *Meu Jesus Cristinho*, olhe só para essa barriga *tanquinho*!... Eu tenho que transar com Pátroclo. Claro que tenho! Como posso deixar essa delícia escapar?!

— Ele não é o Spike, sua doida. Pátroclo é um cara legal, e Spike é o vilão da história.

Jacky lançou-lhe um olhar que telegrafava: “Não seja tonta”.

— Estou falando do Spike da sétima temporada de *Buffy*, Kat. Por favor, tente acompanhar o meu raciocínio.

— Desculpe... disse alguma coisa? — Os olhos de Kat continuavam cravados em cada movimento do corpo nu e musculoso de Aquiles.

— Kat, Pátroclo tem o pênis rosa? — Jacky perguntou, protegendo os olhos com a mão, a fim de enxergar melhor, e estreitando-os contra o sol que refletia nas ondas.

— Jacky, nem tente fingir que não teve relações sexuais com um cara branco antes!

— Apenas com Bradley e só umas poucas vezes. Lembra-se de como fiquei irritada com aquela mania que ele tinha de comprar esses bombons de chocolate baratos e ficar chupando o recheio de licor de cereja?... Coisa nojenta. — Jacky estremeceu dramaticamente. — De qualquer forma, não notei se o pênis dele era cor-de-rosa.

— Pátroclo é bem clarinho... — refletiu Kat, divertida. — Mas, e daí? Se tiver o pênis muito rosado vai combinar com a sua *xereca* loira.

— Ah, Senhor, preciso me sentar. Ser branca é muito desgastante.

Jacky estava à procura de um tronco de madeira quando Pátroclo correu para fora do mar e a pegou pela mão.

— Nade comigo, minha linda!

Kat tentou manter os olhos longe de Pátroclos, o que era difícil com ele ali, todo molhado e nu. Enquanto Jacky balbuciava algo sobre não ter nada para vestir, desviou o olhar para o mar (e não para baixo). Aquiles caminhava devagar em sua direção. Tinha a água ainda acima da cintura, as ondas batendo no peito largo, de modo que ela pôde assistir a cada pedacinho dele emergir aos poucos. Ele era como um deus antigo, dourado, poderoso... e sedutoramente imperfeito.

Kat sentiu o corpo pegar fogo, e seus pensamentos remeteram para a noite anterior. Foi como se um filme erótico estivesse sendo projetado em sua cabeça.

Estava se perguntando como poderia se livrar das roupas e se jogar nos braços dele sem despertar a Fúria quando a postura de Aquiles mudou. Tenso, ele deixou a água e caminhou direto para o traje que havia jogado no chão.

— Um mensageiro do acampamento grego vem vindo aí — disse a Pátroclo, que parou de brincar de cabo de guerra com Jacky e também vestiu as roupas.

Kat estreitou os olhos para focar a praia. Um soldado carregando uma lança comprida e um escudo, e usando o mesmo tipo de capa escarlate de Ulisses, vinha correndo em sua direção. Chegou minutos depois, ofegante, porém tomou o cuidado de demonstrar respeito a Aquiles, inclinando a cabeça numa saudação.

— Vim a mando de Ulisses, senhor — começou a falar antes mesmo de recuperar o fôlego.

— Ulisses está bem? — Aquiles indagou, preocupado.

— Sim, mas nem todos os Itacenses tiveram a mesma sorte. A batalha de hoje foi difícil. — A voz do guerreiro não continha nenhuma ponta de crítica, tampouco de hostilidade, porém Kat pôde sentir a tensão que irradiou de Aquiles. — Ulisses enviou-me para lhe perguntar se a curandeira, Melia, teria sua permissão para cuidar dos soldados.

— Kalchas anda ocupado demais bajulando Agamenon para cuidar dos feridos? — Aquiles retrucou com uma voz gelada.

— *Kalchas*? — Jacky praticamente gritou. — Quer dizer aquele velho idiota e imundo que podia ter feito o braço de Pátroclo cair de tão podre?

— Sim, minha linda, esse mesmo — concordou Pátroclo, envolvendo-a pelos ombros.

— Vamos lá agora mesmo. — Jacky se desvencilhou de Pátroclo e sinalizou para que o mensageiro seguisse adiante.

O rapaz olhou de Jacky para Pátroclo, depois para Aquiles. Jacky olhou do mensageiro para Pátroclo, depois de Aquiles para Kat, e tornou a olhar para Pátroclo.

Kat respirou fundo, preparando-se para mais uma encenka. Jacky levou as mãos aos quadris, num gesto típico de quando estava louca da vida, e ela pensou como era estranho que isso fizesse o corpo da amiga parecer ainda mais exuberante.

Antes que esta pudesse explodir com Pátroclo ou com Aquiles, porém, ela interveio, apressada.

— Melia deve ajudar os homens de Ulisses. Vocês sabem que fomos enviadas por Atena, e ela é a deusa padroeira de Ulisses. Atena deve querer que Melia cuide dos soldados feridos dele.

— Faz sentido — concordou Pátroclo.

— Não gosto da ideia de ela ir sozinha. — Aquiles voltou-se para Kat. — E você não gosta de sangue, portanto não vai acompanhá-la.

— A minha linda não irá sozinha — declarou Pátroclo, passando o braço ao redor de Jacky. — Ela tem a mim. Eu mesmo irei escoltá-la.

Jacky deu-lhe um olhar que era um misto de enfado, divertimento e admiração.

— E vai cuidar para que os homens façam o que eu lhes disser, mesmo que isso signifique que eles tenham de ferver e lavar as coisas?

— Farei isso por você, se me fizer um favor mais tarde. — O sorriso contagiante de Pátroclo foi mais do que malicioso.

— Posso até estar interessada, se isso não envolver nada que lhe estrague esses pontos.

Aquiles fez um aceno quase imperceptível para o mensageiro e, em seguida, com Pátroclo rindo e cochichando com Jacky, os três começaram a descer a praia na direção do

acampamento grego.

— Itacense! Deixe-me sua lança! — Aquiles gritou de repente.

O mensageiro parou e olhou, apavorado, para o guerreiro cheio de cicatrizes.

Os lábios de Aquiles se contraíram ligeiramente.

— Quero apenas pescar um robalo.

Com evidente relutância, o soldado entregou-lhe sua lança.

— Primo, certifique-se de substituir esta lança por uma das nossas depois.

Pátroclo sorriu e acenou com um gesto de cabeça. Em seguida, correu com Jacky atrás do guerreiro que já se afastara.

— Será possível que o homem imaginou que eu fosse espetá-lo com sua própria arma apenas porque ele veio buscar uma curandeira? — Aquiles murmurou, mais para si do que para Kat.

— Foi o que pareceu.

— E você aqui, sozinha com um guerreiro tão temível... Aposto que muitos a chamariam de louca. — Os olhos turquesa do guerreiro a estudaram.

— Quantas vezes já espetou os homens de Ulisses?

— Nunca!

— Pelo visto, eu sou normal, e homens como esse mensageiro de Ulisses é que estão precisando cair na realidade.

— Não. — A voz profunda de Aquiles ficou grave e fria. — Eles têm o direito de me temer. Não se esqueça nunca de que existe um monstro sempre pronto a me possuir de corpo e alma.

Kat encontrou seu olhar.

— Vou me lembrar, mas prefiro me concentrar no homem, e não no monstro.

Uma ponta de surpresa brilhou nos olhos de Aquiles.

— Sempre foi tão ilógica?

— Sempre.

Ele soltou uma risada. E ainda estudando-a com cuidado, acrescentou:

— Vou pescar um robalo. Pode vir comigo ou voltar para o acampamento. A decisão é sua.

— Eu gosto de robalo. Na verdade, adoro esse peixe... Vou com você.

Aquiles assentiu de leve, e os dois caminharam lado a lado praia abaixo, para longe dos acampamentos separados dos Gregos e dos Mirmidões. Ele não ofereceu o braço a Kat, contudo caminhou mais devagar.

Estavam tão próximos da água que Kat tirou as chinelas de modo a afundar os pés na areia molhada. Tocou-o, então, usando o braço de Aquiles como apoio, assim como tinha feito na

noite anterior. Sentiu-o quente e forte, e pensou como era estranho que sua presença pudesse lhe ser tão reconfortante quando a verdade era que existia um guerreiro perigoso, e um monstro escondido ali, dentro dele. Não chegou a fitá-lo, porém pôde sentir seus olhos sobre ela o tempo todo, e também quando ela caminhou para mais perto das ondas, mantendo a túnica erguida, permitindo que a água morna brincasse em torno de seus pés.

— Sente falta da sua casa?

A pergunta a surpreendeu, fazendo-a responder com total honestidade.

— Sinto. E das coisas mais simples.

— Como o quê?

Kat percebeu que se pusera em uma encruzilhada e pensou rápido, descartando respostas como Internet e água quente.

Quando finalmente respondeu, foi, outra vez, com uma honestidade que voltou a surpreendê-la.

— Sinto falta da minha liberdade. Estou acostumada a fazer o que quero, sem me preocupar em pedir permissão. Gosto de ser responsável por mim mesma.

Aquiles bufou com cinismo.

— Sempre ouvi dizer que o velho Príamo era muito tolerante com seus filhos.

— Meu pai não é indulgente — Kat contrapôs, pensando no próprio pai, em Oklahoma, que sempre a ensinara a ser independente e valorizar a si própria, mas que não tolerara nenhuma bobagem, muito menos quando ela ainda era uma adolescente rebelde.

— Então me explique por que ele permitiu que Paris raptasse a esposa do rei de Esparta.

Merda! O marido de Helena era o Rei de Esparta? Como em *300*, aquele filme bárbaro sobre os espartanos?...

Kat afundou os dedos na areia molhada e desejou, pela milésima vez, ter prestado mais atenção às aulas de Mitologia na faculdade. Por fim, deu de ombros e disse o que imaginava estar mais perto da verdade com base nas vagas informações de que se lembrava (que Paris era um filho do meio e que tinha roubado a esposa de alguém).

— Paris vive fazendo bobagens que somos obrigados a consertar depois. — E, antes que Aquiles pudesse perguntar algo mais difícil de responder, elaborou ela mesma uma pergunta. — Ficou incomodado por não ter se juntado à batalha hoje?

Em vez de responder, Aquiles apontou para um meio círculo de coral a alguns metros da costa. — Os robalos gostam de descansar em pontos mais obscuros como aquele. — Desta vez, ele não se despiu e entrou até com as sandálias de couro na água, deslocando-se em direção ao recife. Subiu em um dos bancos de corais e se agachou a fim de estudar a água.

Kat suspirou e apanhou uma concha lisa e redonda, tentando pensar em algo ao qual

Aquiles não se incomodasse em responder.

— Não me aborrece não ter participado da luta hoje...

Ela ergueu os olhos da concha para fitá-lo.

— ... Mas me incomoda pensar que a minha ausência pode ter causado a morte de um Grego.

— Não é certo que você e seus homens continuem lutando por um cretino como Agamenon.

— É mais errado do que causar a morte de outros?

Kat queria dizer a Aquiles que sua ausência faria a guerra cessar mais cedo, e que isso iria poupar muitas vidas; mas sabia que não podia. Ele estava do lado dos Gregos. Não importava o quanto Agamenon o tivesse usado e depois tratado mal; Aquiles ainda não haveria de querer ouvir que seu povo seria derrotado.

Por isso, ela disse a única coisa que podia:

— Eu não sei.

No silêncio que se seguiu, o guerreiro se moveu de repente, com uma rapidez espantosa, e arremessou a lança no mar, logo abaixo dele. Quando a puxou, um enorme robalo se contorcia, empalado na ponta. Aquiles o tirou da lança, em seguida o arremessou na direção da praia, perto demais dos pés de Kat, o que a fez recuar vários passos para fugir da pobre criatura que pulava, agonizante.

— Disse que gostava de robalo.

— E gosto. Limpo e assado. De preferência por outra pessoa.

Aquiles se agachou novamente no afloramento de corais e voltou a estudar as águas claras.

— Então vou ter que pedir a uma daquelas servas que adoram cochichar sobre planos de fuga para que o preparem para você.

Kat não ficou surpresa por ele saber de tudo o que se passava em seu próprio acampamento.

— Também lhe contaram qual foi a minha resposta a esses planos de fuga?

Ele ergueu a cabeça para encará-la.

— Não. Qual foi?

— Eu disse “Não, obrigada”.

— Por quê? Tem medo do que eu faria com você, caso a pegasse tentando escapar?

Kat certificou-se de que a voz soasse tão arrogante como a de uma princesa:

— Claro que não. Porque uma deusa me enviou aqui. Só vou embora quando ela me disser para fazer isso.

— Já está querendo me abandonar? — A voz de Aquiles saiu neutra, beirando a indiferença, contudo Kat reconheceu a solidão em seus olhos. A mesma que ela vira na noite

anterior.

— Não. Eu não quero deixar você.

E, conforme disse as palavras, soube que elas eram verdadeiras. Ela não queria deixá-lo. Não ainda. Não até que o ajudasse a controlar a Fúria e a mudar seu destino.

Aquiles não fez nenhum comentário. Simplesmente voltou a atenção para a água, e em pouco tempo havia mais dois peixes enormes somados à pilha que se debatia na praia. Quando ele lanceou o quarto, nadou de volta até onde ela se encontrava e atravessou os quatro peixes com a lança. Com a arma sobre um ombro tal como uma bizarra mochila, dirigiu-se com ela de volta ao acampamento.

Caminharam por algum tempo em silêncio, o que, ao menos para Kat, não foi constrangedor. Mas, conforme se aproximaram da tenda de Aquiles no acampamento, e a inevitabilidade de passarem outra noite juntos se apresentou, a porção de perguntas sem resposta se tornou pesada demais para ela.

— Eu o vi combatendo a Fúria quando estava treinando com seus homens esta manhã — revelou de uma vez.

Aquiles a encarou por um instante, em seguida desviou o olhar para longe.

— Não corri nenhum risco de ser dominado pela Fúria hoje. Fiquei apenas surpreso. Mas isso, somado ao arranhão de espada que sofri, já era suficiente para que os homens ficassem em alerta. Mas nem a dor nem a surpresa foram grandes o suficiente para fazer com que o monstro me possuísse.

— Pátroclo não pareceu ter medo de você.

Aquiles abriu um de seus raros sorrisos.

— O tolo do meu primo acredita que eu jamais iria feri-lo. Já agiu com imprudência muitas vezes.

— Mas não iria machucá-lo, iria?

— Eu jamais faria isso. Ele é como um irmão ou um filho para mim, e eu daria a minha vida para proteger a dele. Mas a Fúria não sabe o que é lealdade.

Kat refletiu a respeito, perguntando-se até que ponto aquela afirmação era verdadeira. Ulisses havia lhe contado que aquela ira dominava Aquiles desde os dezesseis anos. A Fúria era um ser à parte, movido pela raiva, pelo ódio, pela paixão e pela morte. Mas será que aquilo o impedia de desenvolver uma relação com alguém que era parte integrante de sua vida?

— Onde habitava essa Fúria antes de ela amaldiçoar a sua vida?

— Em Zeus — respondeu Aquiles. — Ele enviou a Fúria quando fiz a minha escolha. Primeiro me ofereceu uma vida longa e feliz, preenchida com o amor de uma mulher decente e

o respeito de uma família e amigos. Eu morreria de velhice e seria importante apenas para os meus.

— O que me parece um destino e tanto. Muitas pessoas dariam tudo para ter certeza de que suas vidas seriam cheias de amor e abençoadas por uma família — murmurou Kat.

— Mas eu preferi a segunda alternativa. Escolhi uma vida de lutas constantes, porém repleta de glória. Vou morrer no campo de batalha, diante das muralhas de Troia, logo após a morte de seu nobre irmão, Heitor. Minha vida será desprovida de amor. Nenhuma criança irá carregar o fardo do meu sangue em suas veias. Mas, mesmo sem essas coisas, meu nome será lembrado em todos os cantos do mundo civilizado por milhares e milhares de anos.

Kat nada disse. O que poderia dizer? “Foi uma decisão imatura e idiota”?... Nem mesmo precisava afirmar isso. Era mais do que óbvio que o homem maduro em que Aquiles havia se transformado sabia, no fundo da alma, que a criança que ele fora tinha cometido um grave erro.

— Qual das alternativas teria escolhido, princesa?

CAPÍTULO QUINZE

A pergunta de Aquiles pegou Kat desprevenida. Não estava acostumada a ser interrogada a respeito das decisões que tomara na vida. Ela era a terapeuta. Ela colocava as questões.

Olhou para o guerreiro cheio de cicatrizes que caminhava a seu lado. Ele esperava pela resposta como se realmente se importasse.

— É diferente para as mulheres — murmurou, tentando refletir com a resposta e ser tão honesta com ele quanto possível. — Se alguém tivesse me dado essas alternativas quando eu era adolescente, elas não teriam sido válidas para mim. Eu nunca quis ser uma grande guerreira. — Sorriu para ele. — E ainda não quero. Mas se eu tivesse de escolher, digamos... — Kat fez uma pausa, pensativa. — ... entre a sua primeira alternativa, que era ter uma vida feliz, preenchida por coisas normais como casamento, família, casa etc., e ter um romance de parar o coração, de tirar o fôlego... Como um tórrido caso de amor com alguém que fosse um tabu, mas cujo amor arderia para sempre na minha alma, mesmo que me consumisse enquanto eu ainda era moça... — Kat apertou as mãos sobre o peito de forma dramática e deu um suspiro exagerado, o que fez Aquiles rir. — ... Acho que eu teria escolhido a segunda opção. E depois me arrependeria até o último fio de cabelo quando amadurecesse.

— Iria se arrepender de ter amado loucamente?

— Ter uma paixão tresloucada por alguém apenas porque ele está fora dos padrões normais não é amor; é pura ilusão de menina; típica dos contos de fadas. Além do mais, agora que sou adulta sei que é possível ter as duas coisas se souber escolher com sabedoria.

— As duas coisas?

— Sim. Você pode ter uma paixão duradoura por alguém, e essa pessoa não precisa ser a *persona non grata* que a sua mãe não aprova. Tem que ser o tipo de fogo que é alimentado pela realidade, com comunicação, respeito, essas coisas, e não com algo como... — Kat parou ao quase se referir a Romeu e Julieta — ... como uma fantasia de amor à primeira vista, ou como luxúria. — Olhou para Aquiles, preocupada em ter perdido sua atenção, contudo ele continuava a fitá-la com intensidade e com uma expressão curiosa no rosto marcado por cicatrizes. — Você também poderia ter tido ambas as coisas.

— De que modo?

O tom abrupto de Aquiles revelou que talvez ela houvesse ido longe demais, porém Kat percebeu que aquele era um caminho sem volta.

— É um guerreiro incrível e um grande líder, mesmo sem a Fúria. Apenas nestes dois dias em que estive aqui, eu o vi enfrentar o rei de uma nação inteira de igual para igual, liderar

seus homens, que o seguem com total lealdade, e combater quatro guerreiros ao mesmo tempo. E fez tudo isso sem ser dominado pela Fúria.

Aquiles não falou por vários minutos. Quando o fez, sua voz soou cheia de pesar.

— O problema é que não se pode fazer voltar o tempo.

— Sim. Acho que não — concordou Kat, enquanto uma imagem da Rainha do Olimpo lhe veio à cabeça.

Kat não demorou a chegar à conclusão de que a ausência de água corrente e de Internet não era nada comparada a não ter um supermercado por perto. Cumprindo a palavra, Aquiles havia jogado os robalos aos pés de Aetnia e ordenado que esta os assasse. Em seguida, murmurara algo sobre “ir ter com Ulisses” e se afastara, deixando Kat de testa franzida e tentando ignorar os olhos dos peixes mortos.

Aetnia, obviamente, se erguera de um salto, agarrara os peixes e saíra correndo para fazer o que se faz com os peixes frescos: cortá-los em filés e deixá-los prontos para a panela ou frigideira.

— Preciso de uma bebida — decidiu Kat. E antes mesmo que pudesse entrar na tenda de Aquiles, na esperança de que o jarro de vinho tivesse sido reabastecido, outra serva pareceu se materializar a seu lado, oferecendo-lhe um cálice cheio de um delicioso vinho tinto.

— Ah, obrigada! — Kat sorriu para ela.

A moça corou e fez uma reverência delicada.

— Peça o que quiser, princesa! — Em seguida, afastou-se pelo corredor que separava a tenda de Aquiles das outras e se juntou a um grupo de mulheres que, sentadas todas juntas, costuravam o que, a distância, pareciam peças de roupas, enquanto olhavam ao redor, curiosas, e cochichavam entre si.

Kat suspirou e sentou-se no banco ao lado da barraca de Aquiles. Estava bancando a princesa, o que significava que não deveria se juntar ao grupo e tentar fazer amigas. Não era nenhuma especialista em Mitologia, mas também não era nenhuma alienada, que não fazia ideia sobre o que se passava no mundo antigo. A nobreza não se misturava aos servos e ponto-final. Isso era mais do que óbvio pela forma como as mulheres estavam reagindo à franqueza e à espontaneidade de Jacky. Sem dúvida, ela, Polixena, era a única noiva de guerra nobre no acampamento dos Mirmidões. Se houvesse outras, estas certamente teriam aparecido para se solidarizar com ela.

A coisa mais sensata a fazer, portanto, era se manter o mais discreta possível e ficar longe das outras mulheres, evitando perguntas às quais não tinha como responder, bem como planos de fuga.

No momento em que Aetnia voltou com o peixe cortado em filés, entretanto, Kat se encontrava mais do que entediada após ter ficado sentada ali sozinha por tanto tempo. Além do mais, estava odiando o modo como Aetnia a rodeava, toda subserviente, como se sempre preocupada em ofender a princesa. Polixena devia ter sido uma pessoa terrível.

— Deixe-me ajudá-la com isso.

— Oh, não, princesa! Isso não é trabalho para...

— Aetnia, francamente. Eu vou ajudar porque quero fazer isso — Kat apanhou uma espécie de espátula de madeira na mesa de cozinhar, ao lado do fogo, sobre o qual uma enorme panela de guisado borbulhava sem parar. Aetnia colocara os pedaços de peixe em duas pesadas frigideiras de ferro sobre as pedras que haviam sido misturadas às brasas. — Eu frito estes dois e você, os outros. — Kat se postou próxima da frigideira que controlava, adorando o delicioso cheiro de alho, azeite e peixe fresco frito.

— Como quiser, princesa.

— É noiva de guerra de quem? — Kat perguntou a fim de preencher o silêncio.

— Pertença a Diomedes, princesa — respondeu a serva.

— Eu ainda não o conheci. Gosta dele?

— Se eu gosto dele? — A moça pareceu confusa. — Bem, ele não me bate — ela elaborou, como se isso respondesse à pergunta. — Diomedes é o guerreiro que feriu Aquiles ontem.

Kat se lembrava vagamente do rapaz musculoso, dono de uma enorme espada. Desejou que Jacky estivesse ali para que pudessem fazer alguma piada a respeito, mas se limitou a sorrir para a tímida Aetnia.

— Ele parecia saber o que estava fazendo com aquela espada.

— E-Espero que ele não tenha ofendido Aquiles — murmurou a moça, meio sem fôlego.

— Não, de maneira alguma!

Aetnia pareceu tão aliviada que, por um instante, Kat pensou que ela fosse desmaiar.

— Obrigada, princesa! — ela agradeceu, emocionada.

— Aetnia, por que estava tão preocupada que Aquiles estivesse zangado com Diomedes?

A moça arregalou os olhos e baixou a voz.

— Por causa da Fúria, princesa. Quando ela toma conta de Aquiles, ele se transforma em um verdadeiro monstro. Quando a criatura o possui, ele pode matar qualquer um.

— Já viu Aquiles dominado pela Fúria?

— Apenas de longe, das muralhas da nossa bela cidade. — Aetnia estremeceu. — E já foi terrível o suficiente.

— Está neste acampamento há quanto tempo? Mais de dois anos?

— Sim, princesa.

— E nunca viu a Fúria dominá-lo aqui?

— Não, senhora.

— Talvez porque Aquiles não seja tão descontrolado e assustador como dizem.

Aetnia ficou boquiaberta diante do comentário.

— Mas, princesa, a senhora também já o viu se transformar quando estava nas muralhas de Troia. Já o viu no campo de batalha retalhando nossos homens. Não compreendo como pode ter algo bom para dizer a respeito dele!

— Aetnia! Diomedes precisa de você. Volte para a sua tenda.

A voz profunda de Aquiles, vinda bem de trás delas, fez ambas pularem. Mas Kat jurou que Aetnia fosse desfalecer.

— S-sim, meu senhor! — A moça fez uma série de nervosas reverências e literalmente fugiu.

Kat franziu o cenho para o carrancudo Aquiles e se preparava para lhe dizer que parasse de bancar o valentão, pois as pessoas ali já o temiam mais do que o suficiente, quando Jacky fez uma entrada triunfal, seguida de perto por um pálido Pátroclo.

— Ah, *meu Jesus Cristinho*, esse cheiro é de peixe frito? — Ela apanhou uma tigela de cerâmica da mesa e sentou-se no tronco mais próximo de Kat. — Estou morrendo de fome! — Encarou-a, estreitando o olhar. — Perdi alguma coisa?... O inferno congelou e você aprendeu a cozinhar?

— Não comece! — ralhou Kat, servindo um pouco do peixe para a amiga.

— Não entendo como está conseguindo comer — comentou Pátroclo. — Não depois dos ferimentos dos quais cuidou hoje.

— Acredite em mim, ela consegue — afirmou Kat, apontando para Jacky com a espátula. — Ela poderia dar conta de um banquete enquanto lanceta um furúnculo ou brinca com uma bola de solitária!

Jacky revirou os olhos para Kat.

— Não dê atenção a ela. É uma exagerada. Eu jamais brincaria com uma bola de vermes, pois odeio parasitas. Além do mais, como eu já disse a tarde toda... Você passou a vida nos campos de batalha. Não entendo por que sangue e tripas ainda o afetam tanto!

— Batalha é uma coisa. O que vem depois é outra — racionalizou Pátroclo. Então lançou um olhar de pura adoração na direção de Jacky. — Minha linda não é mesmo como as outras mulheres.

— Verdade. E por muitas outras razões. — Jacky sorriu para ele, maliciosa. — Uma delas é que acredito em limpeza. — Seu olhar passou da sedução à incredulidade quando ela se voltou para Kat. — Não ia acreditar no estado em que estava a tenda com os ferid...

— Vinho! — Aquiles tratou de cortar o relato, gritando por cima do ombro para as mulheres que remendavam roupas diante de uma tenda nas proximidades. Várias delas se esforçaram para atender ao pedido, desaparecendo por um momento e reaparecendo em seguida com cálices para todos, assim como com quatro jarros da bebida.

Era interessante como as mulheres rodeavam Aquiles, porém se mantinham a uma distância segura dele, observou Kat. Uma delas, que já devia tê-lo visto transtornado, tremia tanto ao tentar encher seu cálice que ela jurou que aquilo não iria acabar bem.

— Tome conta do peixe para mim — Kat pediu a Jacky, e correu na direção da moça. — Pode deixar... Volte para a sua costura. — Tomou o cântaro de suas mãos e deu-lhe um sorriso amigável. A menina curvou-se e, em seguida, saiu correndo.

Com a mão bem mais estável do que a da pobre, Kat encheu o cálice de Aquiles.

— Se não vivesse gritando ordens para elas, as coitadas iriam parar de tremer nas bases cada vez que está por perto — ela o repreendeu enquanto percorriam a curta distância até a fogueira juntos.

— Elas têm medo de mim sem nenhuma razão. Dar ordens a elas ou não, não vai mudar nada.

Kat percebeu o quanto ele estava irritado, e concluiu que não podia culpá-lo por isso. As mulheres demonstravam seu pavor por Aquiles tão abertamente que deviam lhe dar nos nervos.

Serviu peixe e alho para todos os quatro, e até mesmo Pátroclo comeu diante da insistência de Jacky. Então ela e a amiga se acomodaram no banco e se deliciaram com peixe, pão fresco e vinho, com Pátroclo e Aquiles sentados na areia, a seu lado.

Enquanto comiam e conversaram, Pátroclo apoiou as costas com intimidade nos joelhos de Jacky, Kat notou, divertida, decidindo que gostava de ver a amiga com o guerreiro. Era evidente que ele era um bom rapaz, e também era dono de um apurado senso de humor, além de aparentar gostar da moça.

E Jacky também gostava dele a despeito de sua natureza cínica.

Kat olhou para Aquiles. Ele se encontrava sentado muito próximo dela, porém mantinha uma postura tão rígida que nenhuma parte de seu corpo a tocava.

Num impulso, inclinou-se para a frente e sussurrou em seu ouvido enquanto ajeitava um longo fio do cabelo dourado.

— Pode se encostar em mim. Parece muito pouco à vontade, assim, todo rijo.

Aquiles a fitou por cima do ombro, grunhiu uma resposta, depois se recostou em suas pernas. Continuou tenso, no entanto, e Kat o acariciou com os joelhos.

— Relaxe — sussurrou em seu ouvido.

Após uma breve hesitação, ele obedeceu, ajeitando-se melhor.

Satisfeita, Kat olhou ao redor enquanto comia o saboroso peixe, e percebeu que todas as mulheres que haviam ido costurar do outro lado da fogueira olhavam para ela com expressões que variavam do choque ao medo.

Suspirou.

— O que andou fazendo para que essas pobres tenham tanto pavor de você? — perguntou a Aquiles num murmúrio, não querendo ser ouvida, porém foi Pátroclo quem respondeu.

— As mulheres sempre condenam Aquiles. Não importa o que ele diga ou faça. Ele nunca fez mal a elas. Nenhum de nós fez, afinal, não somos bárbaros. As noivas de guerra que vêm para as nossas camas o fazem espontaneamente. — Pátroclo fez uma pausa longa o suficiente para lançar a Jacky um lindo sorriso.

— Termine logo o seu jantar. Vou dar uma olhada nesses seus pontos depois — Jacky anunciou com naturalidade, e Kat percebeu que a amiga acariciava a lateral da coxa do rapaz com o pé descalço.

— Vai fazer isso na nossa tenda? A sós comigo? — Os olhos de Pátroclo cintilaram, maliciosos, e, por uma fração de segundo, ele lembrou mesmo o Spike, de *Buffy*.

Não que ela fosse admitir isso a Jacky, decidiu Kat.

— Por que não? — Jacky respondeu com uma voz rouca e adocicada, numa excelente imitação de Marilyn Monroe. — Alguns exames são muito mais eficientes quando feitos em particular...

Kat podia jurar que não haviam se passado nem cinco minutos antes que Pátroclo apanhasse um dos jarros de vinho e dois cálices.

— Boa noite! — cantarolou Jacky, dando-lhe uma piscadela antes de desaparecer com o jovem guerreiro em sua tenda.

— Quer dizer, então, que as mulheres sempre tiveram medo de você...? — Kat retomou a conversa assim que se viu sozinha com Aquiles.

Ele respondeu, mas ficou claro que o assunto o deixava pouco à vontade:

— As mulheres têm medo de mim desde a primeira vez em que a Fúria me dominou. Eu estava em companhia da minha noiva. — Sua voz migrou da relutância para a frieza. Quanto mais Aquiles falava, mais impassível soava, porém Kat percebeu a maneira como seus ombros tornaram a ficar tensos e como ele enrijeceu, esquecendo-se de relaxar contra ela. — Eu tinha dezenove anos, e ela, dezesseis. Ela era da casa real de Ítaca e uma prima distante de Ulisses. Pensamos em juntar nossas famílias. Eu a conhecia desde que éramos crianças. Uma noite, antes do nosso casamento, decidimos fugir para ficar um pouco sozinhos. Ela me queria, e eu também a desejava. Mas eu não fazia ideia de que a Fúria podia me possuir até mesmo

nessa situação. — Sua voz se ergueu brevemente, alimentada pela revolta. — Eu não estava em um campo de batalha. Não havia nenhuma razão para aquilo e... — Aquiles parou e balançou a cabeça.

— O que aconteceu?

— Eu a matei. Violentei-a até a morte. Quando dei por mim, estava com seu corpo ensanguentado sob o meu. Não tive outra mulher desde então.

Aquiles se pôs de pé de repente e, sem nem sequer olhar para trás, desapareceu tenda adentro.

— Diabo, onde se encontra um Xanax e uma boa camisa de força quando se precisa deles?!

— Kat tentou fazer graça na tentativa de aliviar a atmosfera opressiva que a revelação deixara.

Mas claro que não funcionou. O que Aquiles havia dito era terrível. Ele tinha matado a garota que amava e com quem ia se casar!

Kat levantou-se, não querendo que as mulheres interpretassem mal o que viam. Pior do que isso... Uma delas poderia ir até ali e sussurrar outro plano de fuga que Aquiles pudesse escutar. Olhou para a tenda fechada. Também não estava pronta para entrar ali ainda.

Com um suspiro, tirou os chinelos, ergueu as volumosas saias de seda e começou a andar em direção à praia. Talvez a lua que se refletia nas ondas a acalmasse.

Mal chegou perto da água, uma nuvem de poeira cintilante explodiu à sua frente e, do nada, Vênus apareceu.

— Não está fazendo um trabalho ruim, minha querida, mas achei que talvez precisasse de um pequeno conselho: ame a si mesma.

— Bem... — Kat deu de ombros. — Acho que mal isso não pode fazer.

CAPÍTULO DEZESSEIS

— É isso. Vocês dois estão se dando tão bem!... — Vênus se materializou em uma túnica de seda obscenamente curta que exibia suas pernas compridas e bem-torneadas. Permaneceu à beira da água, permitindo que o suave fluxo de ondas banhasse seus pés descalços e panturrilhas. — Adorei quando jogou aquele feitiço nele e fez com que ambos chegassem ao orgasmo. Foi perfeito!

Kat sentiu o rosto pegar fogo.

— Vamos fazer um acordo. Se eu tirar a roupa, você para de me espionar.

— Mas, querida... — Vênus sorriu. — Você nem tirou a roupa!

— Sabe o que eu quero dizer — Kat replicou por entre os dentes.

A deusa deu um suspiro exagerado.

— Sim, claro. Eu compreendo. Na verdade, só fiquei assistindo para me certificar de que Aquiles não iria se transformar quando ficasse excitado com você, como quase aconteceu antes, na praia.

— Ele não se transformou — lembrou Kat.

— Não. Não enquanto estava sob o seu feitiço.

— Vênus, não foi um feitiço. Deve saber disso. É apenas hipnose, um truque que se pode aplicar ao subconsciente. É utilizado para remover barreiras conscientes. Pode-se sugestionar a pessoa durante a hipnose, também, e fazê-la não fumar ou não comer tanto, por exemplo.

— Ou se lembrar do que aconteceu apenas se a pessoa quiser?

— Isso mesmo. Mas, por favor... Não nos espione mais. De qualquer modo, por acaso escutou quando Aquiles contou sobre ter violentado até a morte a moça com quem ele ia se casar?

— Não foi Aquiles que fez isso. Foi a Fúria. Sabe que eles não são a mesma pessoa ou coisa — lembrou Vênus.

— Eu entendo, mas isso não muda o fim que teve a pobre menina. Ou o meu, caso eu acabe despertando a Fúria.

— Katrina, querida, não acredito que vá fazer isso. — A deusa fez uma pausa e estudou Kat com atenção. — E também não creio que *você* acredite que vá fazer isso.

— Na verdade, acho que Aquiles pode aprender a controlar o que desencadeia a Fúria. Descobri o que precisa acontecer para que a Fúria seja despertada; e não é apenas quando ele está física ou emocionalmente excitado. É necessária uma combinação muito específica das duas coisas — afirmou Kat.

Vênus assentiu.

— Então, precisa apenas se certificar de que ambas não se deem no mesmo momento.

— Bem, não é tão simples. Eventualmente elas podem acontecer ao mesmo tempo. O que eu creio que posso fazer é ensinar Aquiles a se controlar o suficiente para que ele consiga passar ao largo da Fúria, sem que esta o domine.

— E tudo isso vai levar tempo, o que irá mantê-lo longe do campo de batalha e fazer com que uma vitória decisiva de Troia possa ser orquestrada. Excelente! Vou explicar tudo a Hera e Atena. — O sorriso de Vênus foi radiante. — Eu sabia que era a escolha certa para este trabalho.

— Obrigada. Acho. — Kat não pôde deixar de sorrir de volta para a bela deusa.

— Ah!... Quero que saiba: eu jamais permitira que a Fúria de Aquiles a prejudicasse. Se a tivesse despertado na noite passada, eu a teria protegido. Portanto, sinta-se livre para praticar a sua deliciosa hipnose. — Vênus levantou o braço bem-torneado, pronta para desaparecer.

— Espere! Escute, não que eu não esteja feliz em saber que a Fúria não pode me violentar ou prejudicar, mas será que podemos combinar alguma forma de você saber que estou precisando da sua ajuda sem que tenha de ficar espionando os nossos momentos mais íntimos?

— Querida, deusas não “espionam”. Apenas observamos e supervisionamos os nossos protegidos.

— Está bem. Se é assim, vamos fazer com que a sua observação não seja tão invasiva, e a sua supervisão seja um pouco menos atenta. Será que não posso ter um botão de pânico para apertar ou algo assim?

— Que excelente ideia! Na Nattie Blue, uma daquelas joalherias requintadas de Brookside, em Tulsa, vi o objeto perfeito em exposição. Aliás, minha amiga mortal, Chamberlain Pea, e eu descobrimos um restaurante maravilhoso lá... o Garlic Rose. A comida deles é digna de uma deusa. — Vênus riu. — É claro que eu ia saber!

— O botão de pânico. Lembra-se?

— Ah, claro, querida. — Vênus ergueu o braço novamente e moveu os dedos longos e afilados, fazendo surgir uma nuvem de *glitter* ao seu redor. Então, com um pequeno estouro, um medalhão de ouro em forma de coração apareceu em sua mão. Vênus o ergueu à frente do rosto e franziu a testa. — Ele se parece mais com as coisas do mundo moderno mortal do que eu me lembrava, mas não tem problema. Posso consertar isso. — Fechou aos dedos ao redor do medalhão e soprou no próprio punho. Quando tornou a abrir a mão, Kat viu que o objeto mantivera sua forma e tamanho, porém seu dourado mudara para o tom amanteigado das joias de ouro de que Agamenon se cercava.

— Perfeito! — A deusa fez um sinal para que Kat colocasse a corrente no pescoço.

Kat olhou para o coração descansando entre seus seios.

— É lindo, Vênus, mas como isso pode me ajudar?

— Simples, querida. Se precisar de mim, abra o coração e diga o meu nome. Inseri um oráculo nele. Dessa forma irei ouvi-la e virei correndo.

— E só vai me ouvir quando eu abrir o medalhão?

— Sim, claro.

Kat ergueu a joia e a estudou pelo lado de fora.

— E ela não vai permitir que você fique me *observando* muito atentamente?

— Não devia ser tão cínica, Katrina. Isso não é nada bonito — ralhou Vênus.

— Não respondeu à minha pergunta.

— Isto não é um oráculo por meio do qual se possa ver. Apenas ouvir. E apenas quando ele é aberto. Agora volte para o seu Aquiles e lembre-se: o Amor está do seu lado. — Vênus estalou os dedos e desapareceu em uma nuvem brilhante.

Devagar, Kat caminhou de volta para a tenda de Aquiles. Havia sido sincera com Vênus; achava mesmo que ela e Aquiles estavam se dando bem, e gostava de ficar com ele. Verdade que ele fazia o tipo macho-alfa, movido por testosterona... Mas também era interessante e sexy.

O problema era que lá estavam eles, de volta ao que haviam começado. E com Aquiles todo na defensiva.

Fez uma pausa do lado de fora da tenda, respirou fundo e endireitou a espinha. Não tinha sido tão ruim uma noite antes. E naquela ela ainda podia contar com o próprio Amor, portanto talvez pudessem ter um *revival*. Talvez até mesmo um mais... sofisticado.

Aquiles já havia diminuído a chama das lamparinas quando ela entrou na tenda. E não estava dormindo, pois ela o vislumbrou sentado na cama.

— Pensei que não fosse voltar — ele falou com voz grave.

— Aonde mais eu poderia ir?

— Se as servas lhe ajudassem a fugir, eu não iria impedi-las.

— É bom saber que me quer tanto aqui. — Kat não tentou ocultar o sarcasmo da voz.

— O que eu quero não é importante.

— Pois talvez devesse ser. — Ela atravessou a tenda e afastou o cortinado da cama. — Hoje, quando Diomedes o feriu acidentalmente, queria que a Fúria o possuísse?

— Não, claro que não.

— Por isso mesmo ela não o fez.

— Não é tão simples.

— Aquiles, talvez seja, sim, tão simples.

Ele balançou a cabeça, aborrecido.

— Eu carrego essa maldição há treze anos. Se isso fosse verdade, acha que eu não iria saber?

— Que tal considerar a teoria de que está mais velho agora, que lida com essa Fúria há mais de uma década e que agora a compreende melhor? Droga, Aquiles, você compreende até a si mesmo melhor! Pode haver uma maneira de usar a sua idade e experiência para lutar contra o que desencadeia a Fúria.

— Então me diga, princesa, como posso pôr em prática essa sua teoria? Em quem corro o risco de descarregar o monstro que existe em mim?

— Do que se lembra da noite passada?

— De tudo.

Kat sentiu um arrepio de emoção diante da forma como a voz dele se aprofundou com apenas aquelas duas palavras.

— Se é assim, também se lembra de que a Fúria não o dominou.

— Não. Mas você se lembra.

Kat se obrigou a não ficar abalada. Particularmente, não gostava que Aquiles acreditasse que ela usara de algum feitiço para controlá-lo, mas de que outra forma poderia descrever o que tinha feito? E contar sobre seu mestrado e falar sobre as nuances da hipnose não era uma possibilidade.

Em vez disso, limpou a garganta e tentou não parecer muito constrangida.

— Bem, eu lhe fui enviada por uma deusa.

— Um oráculo de Atena na minha cama... — Os lábios de Aquiles se curvaram de leve. — É uma ideia intrigante e sedutora.

— Na noite passada, eu não fiquei na sua cama o tempo todo. — Kat não conseguiu desviar o olhar do azul intenso dos olhos de Aquiles. Deus, ele era tão másculo e sexy, ainda que aquilo fosse brincar com fogo!...

— Talvez possa remediar isso esta noite — ele murmurou. E então, como se achando que falara demais, acrescentou: — Se achar que é sábio, princesa.

— “Sábio” talvez não seja a palavra. — Como se ele a estivesse puxando por meio de uma corda invisível, Kat se aproximou da cama.

Sem dizer nada, Aquiles se afastou de leve, embora não o suficiente para impedir que seus corpos se tocassem. Kat sentou-se a seu lado, assim como na noite anterior.

— Se é assim, já que eu não saí correndo e gritando com medo de você... não gostaria de tentar o feitiço outra vez?

— Há algumas coisas de que eu gostaria mais.

— Mas vai ter que relaxar primeiro — ela lembrou.

— E você vai ter que me ajudar com isso.

— Feche esses lindos olhos azuis — Kat pediu sorrindo.

Aquiles ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Ah, por favor — ela falou, divertida. — Já devem ter dito a você que os seus olhos são incríveis.

— Não. Ao menos não na última década. — Ele não fez o comentário em tom de autocomiseração, e sim com a naturalidade de quem aceitara seu destino, o que fez o coração de Kat se apertar.

— Pois eu estou dizendo. Agora feche os olhos. — Ela passou a mão pelo rosto moreno. — Relaxe.

Aquiles mudou um pouco de postura, acomodando-se melhor sobre o espesso colchão, e obedeceu.

— Quero que se concentre na sua respiração. — A voz de Kat mudou, tornando-se mais suave, mais serena, conforme ela começou a conduzir Aquiles através das etapas de relaxamento que o levariam ao estado de transe. Ele respondeu à indução mais depressa do que na noite anterior e, em poucos minutos, Kat o tinha de novo em sua praia, profundamente hipnotizado.

— Diga-me o que vê na enseada esta noite, Aquiles.

— O sol está se pondo. Está quente, mas sinto a brisa fresca na pele.

— O que está fazendo?

— Estou me tocando enquanto espero por você.

O corpo de Kat reagiu de imediato ao comentário, e ela quase engasgou. Olhou para baixo. Aquiles não se tocava sob a manta fina, porém ela pôde ver a protuberância que aumentava a olhos vistos sob o tecido. Ele moveu as pernas, inquieto, e a coberta desceu o suficiente para revelar a cabeça do pênis endurecido que já continha uma gota de umidade na fenda.

— O que quer que eu faça? — ela perguntou em voz baixa.

— Toque-me, princesa. Faz muito tempo que não sou tocado por uma mulher.

A respiração dele se tornou mais pesada, mas não de forma muito alarmante.

Kat inclinou-se para a frente e apoiou as mãos no peito largo, sentindo que ele estremecia sob seu toque.

— Lembre-se — sussurrou, ofegante —, está calmo e sonhando... — Deixou as mãos percorrer o abdômen firme até as coxas, e empurrou de lado a coberta. — É um homem muito bonito, Aquiles — falou com voz rouca. Para ela, as cicatrizes que cruzavam o corpo moreno só faziam expressar seu poder. Eram sinais claros de sua força, e das batalhas que ele lutara e

vencera.

O pênis de Aquiles se encontrava completamente ereto agora, estendido pelo abdômen reto. Kat o acariciou com cuidado, deixando a mão deslizar mais para baixo até envolver os testículos macios. Ele arqueou os quadris e gemeu.

— Relaxe... Você continua relaxado... — ela murmurou enquanto o afagava, ainda que não tivesse a menor chance de fazer o mesmo.

Inclinou-se e passou a língua sobre os músculos firmes da barriga de Aquiles, beijando-o e saboreando-o. Ele era salgado e tinha gosto de mar.

Aproximou-se do pênis ingurgitado, embora não aumentasse o ritmo da carícia. Quando tocou com a língua a cabeça lisa, o corpo dele sacudiu em resposta.

— Por todos os deuses!... — gemeu Aquiles.

— Está sonhando... — Kat deixou o hálito quente lhe acariciar a pele em meio aos afagos com a língua. — Está tendo um sonho delicioso, Aquiles...

Devagar, tomou-o por inteiro na boca. Embora ele projetasse os quadris, Kat se recusou a ter pressa. Engoliu-o profundamente, depois o liberou, murmurando palavras suaves conforme deixava as mãos e a boca brincarem através de seu corpo firme, para em seguida tomá-lo nos lábios mais uma vez.

De alguma forma, em meio ao beijo íntimo, às carícias e aos murmúrios, ela conseguiu se livrar das próprias roupas. Deitou-se em cima de Aquiles, então, e pressionou o calor úmido que tinha entre as pernas contra o eixo rijo. Beijou-lhe a mandíbula, seguindo o caminho de uma cicatriz até a boca benfeita. Não o beijava desde aquele dia, na praia, quando a Fúria o havia dominado. O metal frio do oráculo de ouro que carregava entre os seios, porém, era uma lembrança reconfortante de que, na pior das hipóteses, ela teria uma saída.

Aproveitou a oportunidade, portanto, e roçou a boca na dele num beijo suave. Em resposta, os lábios de Aquiles se apartaram.

— Beije-me, Aquiles! É tudo um sonho...

Ele obedeceu. Kat controlou o ritmo do beijo, recebendo a língua quente na boca, lenta e deliberadamente. Combinou o beijo demorado com um movimento lânguido dos quadris, deslizando contra o membro endurecido para cima e para baixo.

— Isso mesmo, princesa... Quero mais!... — ele pediu, sonhador, contra sua boca.

Kat se levantou, de modo a montá-lo. Sussurrando palavras carinhosas, ergueu os quadris e então desceu sobre Aquiles devagar, envolvendo centímetro por centímetro do membro ingurgitado.

— Pelos deuses! — ele exclamou, a respiração saindo em espasmos, os quadris investindo contra os dela.

Mais uma vez, Kat manteve o controle. Não se moveu. Apenas o acariciou no peito a fim de estabilizar sua respiração. Apenas quando conseguiu seu intento começou a cavalgá-lo. Devagar, ergueu-se do pênis ereto, depois tornou a engoli-lo até que este estivesse mergulhado nela. Fez uma pausa, e recomeçou o movimento.

Kat achou que fosse enlouquecer. Aquilo era uma tortura. Uma maravilhosa e dolorosa tortura!

— Toque-me! — sussurrou para Aquiles.

Sem hesitar, ele levantou as mãos, deslizou-as por suas coxas, passando pela cintura e as costelas até segurar seus seios, as palmas grossas e calejadas pelas espadas arranhando seus mamilos.

Kat não se conteve. Enquanto as mãos dele se ocupavam em lhe acariciar os seios, e ela se concentrava em manter o ritmo lento e constante de seus corpos unidos, deixou que os próprios dedos deslizassem para o clitóris endurecido. Acariciou a si própria com intensidade, sentindo o orgasmo espiralar dentro dela. Quando se viu à beira do êxtase e dominada por seguidas ondas de prazer, falou em meio a um suspiro:

— Goze comigo!

O corpo forte arremeteu contra o dela uma, duas vezes e, em seguida, com um gemido, Aquiles liberou nela sua semente.

Kat desabou contra o peito largo, tentando recuperar o fôlego, sentindo-se como se o coração fosse lhe saltar do peito. Deitou-se, metade do corpo sobre o dele, a outra para o lado, com seus corpos ainda unidos e úmidos de suor. Beijou o ombro largo, e ele inclinou a cabeça em sua direção, os lábios se curvando num quase sorriso.

Ela tentava murmurar mais algumas palavras para acalmá-lo quando as pálpebras de Aquiles tremeram e depois se abriram. Olhos azul-turquesa a fitaram, atordoados, porém cheios de satisfação. Ele desviou o olhar para seus corpos nus e entrelaçados, depois seus lábios se curvaram ainda mais.

Kat ficou surpresa em ver como, de repente, Aquiles pareceu bem mais jovem e despreocupado.

— Não foi um sonho, foi?

— Não — admitiu, prendendo a respiração. — Não foi um sonho, mas é melhor fechar os olhos e dormir agora.

As pálpebras de Aquiles oscilaram novamente e, em seguida, se fecharam. Mas o sorriso permaneceu em seus lábios. Pouco antes de sua respiração se tornar mais regular, Kat ainda o ouviu sussurrar:

— Duas noites seguidas em que eu durmo e ela me toca...

Aquiles virou-se, então, colocou o braço em torno de sua cintura, puxou-a mais para si, afundou o rosto em seu cabelo e caiu no sono.

Que vá tudo para o inferno!, decidiu Kat. *Se eu acordar com um monstro, não será pela primeira vez.*

CAPÍTULO DEZESSETE

Agamenon andava de um lado para o outro, no quarto de sua volumosa tenda, enquanto Briseida descansava na cama, fazendo beicinho.

— Você disse que iríamos a uma festa esta noite. E com aquelas escravas gregas que dançam! — Ela se pôs de joelhos, nua — exceto pelos vários colares de requintadas pérolas —, ergueu os braços acima da cabeça e ondulou os quadris curvilíneos para a frente e para trás. — Disse que elas iriam me ensinar aquela dança linda!

Agamenon a fitou, os olhos se demorando nos seios tenros e nos mamilos rosados e apetitosos. Claro que a queria de novo, e a teria. Mas agora Briseida era uma distração da qual não necessitava.

— Eu já disse que não posso ir à festa nenhuma esta noite. Não depois das perdas que sofremos na última batalha.

— Foi por causa dele, não foi? A culpa é de Aquiles — concluiu Briseida, a voz doce tornando-se esganiçada, o rosto redondo e delicado contorcendo-se em um sorriso de escárnio.

— Ainda aborrecida por ele tê-la substituído com tanta facilidade, docinho? Ora, não se preocupe. Aquiles apenas não apreciou os seus gostos.

Agamenon foi até a cama e acariciou-lhe o cabelo comprido com uma das mãos. Com a outra, beliscou-lhe um mamilo dolorosamente.

Em vez de gritar ou se afastar, Briseida gemeu e arqueou mais o corpo.

— Eu o odeio! Ele destrói tudo! — reclamou, e então ofegou, extasiada, quando Agamenon parou de lhe alisar os cabelos para lhe dar um tapa ardido nas nádegas nuas.

— A culpa pela ausência do nosso querido Aquiles no campo de batalha não é dele, e sim da mulher que a substituiu. — Agamenon sorriu. Gostava mais de Briseida quando ela estava daquele modo: despida do papel de criada subserviente, disposta a revelar seu lado mais negro e seu desejo ilimitado por todos os tipos de sensação. Que idiota fora Aquiles por não ter se servido daquele delicioso banquete!...

A mão de Briseida vagou pelo corpo do rei abaixo e começou a esfregar o pênis semiflácido, querendo despertá-lo.

— Não é possível que ela consiga tocá-lo. Nenhuma mulher consegue.

Agamenon beliscou-lhe a outra mama, e a mão de Briseida trabalhou mais rápido.

— Uma pena. Aquiles não sabe o que perdeu com você, doçura.

Ela passou a língua pelo mamilo endurecido, falando contra seu peito:

— As outras noivas de guerra disseram que Polixena colocou um feitiço nele. E que aquela ama dela, a tal Melia, também se transformou em uma feiticeira.

— Como assim? — Agamenon a segurou pelo queixo, sério. — Do que mais está sabendo?

— Apenas que as mulheres do palácio do pai da princesa estão dizendo que Polixena e Melia não parecem mais as mesmas pessoas. Elas falam e agem mais como ninfas ou bruxas do que como oráculos de uma deusa. Aquiles e Pátroclo estão enfeitiçados.

Agamenon soltou o queixo de Briseida, e ela voltou a lhe lambe os mamilos.

Esquecendo-se convenientemente de que o fato de ele ter tomado Briseida fora o motivo de Aquiles ter recebido Polixena, o rei continuou:

— A bruxa de Troia é a razão pela qual Aquiles decidiu ficar fora da batalha, deixando seus irmãos gregos à própria sorte para ser dizimados.

— Livre-se dela, então, e Aquiles não terá nada com que ocupar seu tempo. Acredite em mim, ele vive para guerrear. Se a princesa não o tivesse enfeitiçado, Aquiles não suportaria ficar sem lutar.

— Tem toda a razão, docinho. — Agamenon empurrou Briseida de volta para a cama, mas, em vez de montá-la quando ela escancarou as pernas num convite, começou a se vestir. — Fique aqui... nessa mesma posição. Eu não vou me demorar. — Fez uma pausa, mudando de ideia. — Na verdade, não fique nessa posição. Quero que vá espalhar um pouco de veneno entre as noivas de guerra.

Briseida se ergueu de um salto, batendo palmas, os olhos cintilando tal qual os de um gato.

— O que posso dizer?

— Coloque fogo nessa conversa de bruxaria, mas concentre-se na serva. Quando falar de Polixena, deixe claro que ouviu rumores de que a mãe de Aquiles, a deusa do mar Tétis, anda desconfiada da amante de seu filho.

Briseida soltou uma risada seca.

— Eles não podem ser amantes. Aquiles é casto.

— Talvez, mas se eles são amantes, não o serão por muito tempo.

— O que vai fazer com Aquiles? — Briseida indagou, curiosa.

— Ora, eu jamais iria prejudicar o grande guerreiro e herói do meu povo, docinho... — Agamenon riu cruelmente enquanto caminhava para fora do quarto chamando por Kalchas.

O velho correu até ele, curvando-se, subserviente.

— Lembre-me, Kalchas. Poseidon prefere um touro preto e gordo como sacrifício quando invocamos sua presença, certo?

— Isso mesmo, grande rei.

— Outra coisa, não foi a Poseidon que Laomedonte, ancestral de Príamo, se recusou a

pagar após o deus ajudá-lo na construção das impenetráveis muralhas de Troia?

— Sim, grande rei. E, ao fazer isso, Laomedonte, bem como todos os filhos de seus filhos, ganharam a eterna inimizade do deus do mar.

— Então... Em teoria apenas... Se fosse possível que Poseidon tivesse acesso a, digamos, uma representante da família real de Troia... Acredita que o Deus do Mar ficaria satisfeito com a oportunidade de se vingar do rei troiano?

Os lábios finos de Kalchas se retorceram na caricatura de um sorriso.

— Acredito que sim, grande rei.

— Apenas em teoria — ironizou Agamenon.

— Claro, senhor. — Caminharam em silêncio por alguns instantes, depois Kalchas perguntou: — Devo mandar matar um touro preto e gordo do rebanho, grande rei?

— Sim, acho que sim.

O velho hesitou.

— Perdoe-me, senhor, mas devo lembrá-lo: Zeus deixou claro que favorece Príamo. Apenas em teoria... Não estaria se arriscando a despertar sua ira, levando a filha de Príamo à morte?

Agamenon sorriu, malévolo.

— Pode-se acreditar que sim, mas acontece que estou sob a proteção de Hera. E nem mesmo Zeus gosta de provocar a ira da Rainha do Olimpo.

— Excelente, senhor. E já sei que touro sacrificar.

Kat acordou devagar. Sentia-se maravilhosa. Espreguiçou-se languidamente, pensando que devia ser sábado, o que significava que não precisava ir para o escritório.

Tomar algumas mimosas seria o máximo. Chamaria Jacky, e elas poderiam se encontrar no café Stone Horse para a rodada especial de mimosas do sábado. Que aquela maldita dieta fosse para o inferno! Iria tratar de gostar das próprias coxas do modo como estavam. Sem dizer que usar tamanho 42 não era tão ruim.

Rolou na cama, abriu os olhos e mirou o próprio corpo que, naquele instante, lhe pareceu nu demais, jovem demais. Devia vestir, no máximo, um tamanho 38!

Então a realidade se fez presente.

Enquanto prendia a respiração, lançou um olhar — que, esperava, parecesse indiferente — para o travesseiro ao lado. Estava vazio, constatou, aliviada.

Piscou e estreitou os olhos. Não. Aquele lado da cama não estava vazio. Havia algo no travesseiro.

Sentou-se. Era uma linda e delicada flor de lótus, da cor do luar!

Sorrindo, ela a segurou e inalou seu perfume delicado. Aquiles, o famoso guerreiro, sobre

o qual escreviam havia milhares de anos, tinha lhe dado uma flor!

E aquilo a deixou ridiculamente feliz.

— Claro que existe Papai Noel, Virginia... — murmurou, fazendo graça.

Levantou-se e se lavou cantarolando baixinho. Nua, exceto pelo pingente de ouro em forma de coração, de Vênus.

Que, aliás, ela nem precisara usar, concluiu, triunfante.

Perambulou em volta da cama, tentando encontrar a túnica de que tinha se livrado. Estava pensando em vesti-la e ir em busca de Jacky, quando notou a roupa de seda pendurada no encosto de uma cadeira. A túnica de baixo era de um lindo tom manteiga, e o drapeado, daquele mesmo azul de tirar o fôlego dos olhos de Aquiles. O traje era diáfano, lindo, e decerto devia valer uma pequena fortuna.

Sem dúvida era ótimo ser a namorada de Aquiles.

Trocando o cantarolar desafinado pelo refrão de *I Feel Pretty*, Kat se vestiu e penteou o cabelo, apreciando as longas e espessas madeixas de Polixena. Em seguida, abaixou-se para deixar a tenda, parando para piscar e ajustar os olhos à luz do sol.

Assim como no dia anterior, encontrou comida pronta sobre o fogo. Satisfeita, ela se espreguiçou, pensando como o sexo sempre a deixava com fome, e se dirigiu para a mesa a tempo de ver Jacky vindo das barracas dos Mirmidões, também se esticando toda e adoravelmente desgrenhada.

As duas amigas se encontraram ao lado da fogueira, e Jacky olhou Kat da cabeça aos pés.

— Que *merda*, agora estou preocupada.

— Com o quê? — Kat falou com a boca cheia do excelente queijo de cabra que surrupiara de uma travessa sobre a mesa.

— Com desastres naturais.

— Jacky, do que está falando?

— Quais eram as chances de nós duas fazermos sexo na mesma noite?

Kat riu.

— Hoje em dia, eu diria que muito grandes.

— O que, definitivamente, não é normal. Por isso mesmo estou com medo de ter que enfrentar tempestades, tsunamis, essas coisas.

— Não seja cínica. Vai dar tudo certo. Na realidade, vai ficar tudo ótimo.

— Senhor!... Eu tinha me esquecido de como o sexo deixa você otimista!

— Lindo dia, não? — elaborou Kat.

Jacky balançou a cabeça, desgostosa.

— Pelo visto, a coisa foi boa, mesmo.

Kat cutucou Jacky com o ombro.

— O quê? Pátroclo não é bom de cama?

— Eu não disse isso.

— Está muito mal-humorada.

— Não estou mal-humorada. Estou é dolorida. Este corpo de mulher branca precisa de mais molejo.

— Ah, bom! — Kat riu. — Agora está explicado... Muito bem, quero todos os detalhes.

— Você primeiro. É claro que fornicou com o seu namoradinho também. E ainda está inteira, o que quer dizer que ele não se transformou em nenhum monstro. Detalhes, por favor.

Kat partiu um pedaço de pão e mergulhou-o em um prato de azeite de oliva temperado.

— Não, Aquiles não se transformou em nenhum monstro. E, sim, nós *fornicamos*. E, sim, ele foi ma-ra-vi-lho-so!

— E Aquiles ficou sob aquele seu feitiço diabólico o tempo todo?

— Eu não sou diabólica. Sim... na maior parte do tempo. Houve um momento, no final, em que fiquei preocupada, mas acabou tudo bem.

— Em outras palavras, sua *xereca mágica* fez a noite de Aquiles.

— Claro. É assim mesmo que eu gosto de pensar no assunto! — ironizou Kat. Depois acrescentou, hesitante: — Jacqueline, eu gosto dele.

— Ô-ô.

— Pois é.

— Muito bem, e aonde acha que essa história vai dar?

— Hã?

— Quero dizer, é compreensível que goste dele. Acho bom mesmo. Mas e quanto ao próximo passo? Estamos dando conta da nossa missão?

— Vênus me pareceu satisfeita, e Aquiles parou de lutar. Então, acho que sim.

— Você viu Vênus?!

— *Hum-hum*. — Kat engoliu outro pedaço de queijo. — Foi ela quem me deu isto. — Levantou o medalhão de coração e deixou que Jacky o examinasse. — É um botão de pânico.

— Não diga! Como funciona?

— Teoricamente eu tenho que abri-lo, chamar por ela e... pronto. Vênus vem correndo, tal qual a cavalaria. Não sei se é bem assim, mas como posso saber? Mal me lembro das aulas de Ciências Humanas, em que aprendia Mitologia. — Kat tornou a ocultar o medalhão sob as vestes. — Só espero que isto impeça Vênus de ficar nos espiando. Sabia que ela vê tudo o que acontece?

— Não é surpresa para mim. Ela é a Deusa do Amor. Uma função dessas tem que vir com

certa dose de sacanagem. — Jacky franziu a testa para o prato cheio de azeitonas. — E eu continuo não gostando destas coisas. Pode me passar o pão?

— Muito bem, agora é a sua vez — incitou Kat, fazendo o que a amiga pedia. — Quero todos os detalhes.

— Pátroclo é jovem e cheio de energia. Foi muito bom.

— Só isso? Jovem e cheio de energia? Só pode estar brincando!

— Tudo bem, tudo bem... Foi ótimo. — Jacky se moveu, meio constrangida, e mordeu um pedaço de carne-seca.

Kat soltou uma exclamação.

— Também está gostando dele!

— E daí? Você se apaixonou por Aquiles.

— Pátroclo é branco! — Kat riu.

Jacky estreitou os olhos.

— Faz décadas que me diz para eu “expandir meus horizontes” e namorar mais rapazes brancos, Katrina Marie!

— Sim, e de preferência com um... — Kat fez uma pausa dramática — ... bem grande!

— Vá em frente. Ria e acabe logo com isso — resmungou Jacky com um suspiro.

— Eu não disse?... — cantarolou Kat.

— Feliz agora?

— Extasiada! — Ela jogou uma das azeitonas que Jacky ignorara na boca. — Eu adoraria ter um pouco de chá ou algo do tipo para beber. Acho que eles nem conhecem café ainda. Será?

— Não faço ideia — Jacky murmurou enquanto mastigava pão e queijo. — O negócio é fazer como os nativos e partir direto para o vinho como desjejum.

— Disse que gostaria de um pouco de chá, princesa?

Kat olhou do outro lado do fogo e avistou Aetnia, que se curvava nervosamente numa reverência.

— Sim, seria ótimo — falou, satisfeita.

— Acalde, a noiva de guerra de Ajax, sempre tem chá no fogo. Ela precisa estar sempre com a fogueira acesa para mantê-lo alimentado, por isso o acampamento deles fica na periferia do grego, não muito longe daqui. Não vou levar muito tempo para conseguir um pouco da bebida para a senhora — a serva afirmou, antes de sair correndo.

— Obrigada! — Kat se viu gritando às suas costas.

— Há quanto tempo ela estava sentada ali, ouvindo a nossa conversa? — perguntou-se Jacky, incomodada.

— Precisamos prestar mais atenção ao que acontece à nossa volta.

— Que se dane. — Jacky encolheu os ombros. — Ela é apenas uma serva.

— Jacky, essa gente costuma fazer coisas horrorosas a quem considera *diferente*, como as bruxas, por exemplo. Podem queimá-las, empalá-las, crucificá-las... E nada disso me parece muito agradável.

— Essa gente não faz coisas horrorosas com quem sabem ser oráculos dos deuses. — Jacky apontou um pedaço de pão para Kat. — É um oráculo, lembra-se?

— Sim, mas você não!

— ... Ponto para você. — Ela mastigou em silêncio por algum tempo. — Acha que vamos voltar para o nosso tempo algum dia? — Jacky indagou num sussurro.

— Não sei — Kat respondeu em voz baixa.

— Ainda quer voltar, não é?

Ela hesitou.

— Katrina...

— Claro que quero — Kat respondeu depressa. — Mas...

— Quer curar Aquiles primeiro.

— Não apenas isso. — Ela suspirou. — Quero salvá-lo. — Mirou os olhos de formato e cor diferentes da amiga. — Não quero que ele morra.

Jacky abria a boca para responder quando Aetnia se aproximou correndo, com uma enorme chaleira em uma das mãos e uma caneca de cerâmica na outra.

— Aqui está, senhora. Roseira-brava e camomila, com um toque de lavanda, e adoçado com mel.

— Ah, obrigada, Aetnia! — Kat segurou a caneca que a moça lhe estendia enquanto esta lhe servia com a infusão perfumada.

— Não se preocupem comigo. Não estou com a menor vontade de tomar chá — ironizou Jacky com aspereza.

— Relaxe, eu divido com você — Kat sorriu.

— Ah, esqueça. Preciso ir ver os homens feridos. Depois Pátroclo e eu vamos dar um mergulho. *Pelados* — completou com uma piscadela.

— Onde estão Pátroclo e Aquiles? — Kat quis saber.

— O meu homem disse algo sobre ir afiar armas no acampamento grego. Mas não faço ideia de onde esteja o seu.

— Ah, então agora ele é o “seu homem”...? — Kat riu baixinho, consciente da presença de Aetnia do outro lado da fogueira.

— Pura frescura — Jacky moveu a boca em silêncio. — De qualquer forma — levantou a

voz —, preciso ver como estão os guerreiros. Não há descanso para os ímpios, você sabe. — E, jogando as madeixas loiras, bateu em retirada.

— Senhora? Sei onde pode encontrar Aquiles — revelou Aetnia, aproximando-se dela assim que Jacky se foi.

— Que bom! Onde? — Kat perguntou, não se importando em parecer uma adolescente ansiosa.

— Ouvi dizer que ele iria treinar à beira-mar. — Aetnia apontou para o oceano, mas na direção da praia mais distante de ambos os acampamentos.

— Obrigada! — Kat sorriu, pegou um pedaço de pão e queijo antes de se afastar, depois completou por cima do ombro: — O chá estava uma delícia!

— Tudo o que quiser, senhora — falou a serva.

Kat pôde sentir os olhos de Aetnia sobre ela enquanto caminhava em direção à praia, o que a deixou pouco à vontade. A moça parecia boa pessoa, porém era meio obcecada em sua devoção à princesa. Sem dizer que também parecia estar emanando uma energia muito estranha.

Mas o que ela, Kat, entendia daquilo? Nunca havia sido princesa antes. Provavelmente estava se baseando em padrões modernos e por isso vinha julgando mal a pobre coitada.

Prometendo a si mesma ser mais agradável com a moça, rumou para a praia à procura de seu amante.

— Meu amante... — sussurrou, e então riu de si mesma. Que coisa mais esquisita!

CAPÍTULO DEZOITO

A praia era linda, ainda que estivesse vazia de Aquiles, ou de qualquer um dos Mirmidões.

— Aonde, diabos, foram parar todos aqueles homens seminus? — Kat se perguntou num murmúrio.

Ela devia ter se informado melhor sobre o paradeiro de Aquiles antes de ir ao seu encontro.

Protegeu os olhos contra o reflexo ofuscante do sol na água. Já devia ser hora do almoço. Por que não trouxera algo para fazer um piquenique? E uma toalha, de preferência, afinal eles poderiam passar por uma sessão diurna de hipnose...

Claro que isso era difícil de fazer sem o paciente — ou a vítima (como ela quase podia ouvir Jacky dizendo).

Kat suspirou. Obviamente Aetnia havia se enganado. Talvez os homens estivessem treinando na praia entre os dois acampamentos.

Irritada e morta de calor, retornou, andando perto o bastante das ondas para que fosse obrigada a tirar as chinelas e erguer as saias da veste. O mar batendo em seus pés e panturrilhas estava uma delícia, e ela caminhou, chutando a água até que um movimento não muito distante lhe chamou a atenção.

Parou e olhou para a água cristalina, piscando para clarear a vista. Parecia haver alguma coisa sob a superfície, e ela vislumbrou *flashes* nas cores prata, branca e vermelha.

Erguendo ainda mais o quitão, Kat avançou um passo, imaginando um daqueles peixes de água salgada dos tanques do Aquário Jenks. Algo ondulava logo abaixo da superfície, e parecia ter várias formas.

A princípio, ela se viu fascinada por sua beleza ímpar. Era algo gelatinoso e cintilava com um misto de branco e azul que lembrava o interior dos *freezers* para carne congelada ou aquelas unidades de armazenamento que os filmes de ficção científica utilizavam para a exploração da criogenia.

Estranho. Podia até jurar que a temperatura da água que batia em torno de suas pernas havia baixado vários graus.

Quando avistou um par de assustadores olhos opacos, Kat mudou de ideia sobre a imagem típica de um aquário e começou a recuar. Pouco depois, sentiu algo úmido e frio deslizando em volta do tornozelo e levantou o pé para afastar o que decerto não passava de um pedaço de alga.

Foi quando a forte dor de uma picada a sacudiu, seguida por uma terrível sensação de

formigamento.

Olhou para baixo. Não eram algas. O que se enroscara em seu pé, agora totalmente entorpecido, era um tentáculo fino e comprido, que parecia a cauda de um rato coberta por uma membrana transparente!

Com um grito, tentou recuar, contudo sua perna se tornara inútil, e ela caiu de joelhos. A parte mais funda da água revolia agora com tentáculos e formas brilhantes que se fechavam em torno dela.

Outro tentáculo serpenteou para fora. Kat afundou e tentou subir à superfície, porém a coisa continuou a puxá-la pelo tornozelo, e se pôs a arrastá-la para o fundo devagar, na direção do estranho enxame.

— Oh, Deus! Socorro! — Kat gritou. — *Aquiles!*

Onde estaria seu maldito cavaleiro errante? Onde estava seu herói?!

Conseguiu se arrastar de volta por alguns centímetros, no entanto mais um tentáculo envolto em membrana lhe agarrou o outro tornozelo, aguilhoando-a com mais uma dolorosa picada, a qual se desfez ainda mais rápido do que a primeira, dando lugar a nova dormência.

Inferno! Aquelas coisas nojentas iriam arrastá-la para o fundo e matá-la! Ela iria morrer naquele mundo antigo, assim como tinha morrido no acidente de carro de que Vênus...

Vênus!

Soluçando de alívio, Kat agarrou o medalhão e o abriu.

— Vênus! Estão me matando! Socorro!

Um tentáculo se enrolou em seu pulso, e ela gritou de dor, para logo depois sentir a mão e o braço entorpecidos.

Kat soltou o medalhão ainda aberto, cravou a outra mão na areia atrás dela e tentou se segurar.

Por favor, deusa, venha logo!

Aquiles treinava com seus homens na extremidade oposta da praia para onde Aetnia enviara Kat. Tinha parado para enxugar o suor da testa quando Vênus se materializou, saída de uma nuvem cintilante de fumaça.

Instantaneamente, um dos Mirmidões mais moços caiu de joelhos numa saudação.

— Vênus! Grande deusa! Escutou minhas preces!

— Claro, meu querido. Mas por que não tenta dizer a ela como se sente, em vez de ficar choramingando? — ela falou, mal fitando o rapaz nos olhos. Em vez disso, fez um gesto para Aquiles e abriu o próprio manto. — Tem que vir comigo. Agora.

Ele piscou, surpreso. Nunca tivera nada a ver com a Deusa do Amor. O que ela poderia

querer com ele?

— A princesa está em perigo. Depressa! — incitou Vênus.

Sem hesitar mais, Aquiles agarrou a espada e se pôs ao lado da deusa.

Vênus o envolveu com seu manto, e ambos desapareceram.

Aquelas coisas a estavam puxando para o fundo, e não havia nada que ela pudesse fazer!, Kat pensou, desesperada. Não conseguia mais sentir as pernas, seu lado esquerdo inteiro se encontrava dormente, e estava com dificuldades para respirar. As criaturas tinham parado de picá-la, e agora seus tentáculos frios deslizavam por todo o seu corpo, quase numa carícia. Moviam-se com as ondas devagar, em uma terrível paródia de graça e beleza, e tudo o que ela podia fazer era ofegar em busca de ar e continuar lutando para tentar voltar para a segurança da praia.

Sua cabeça continuava trabalhando, contudo o pânico desaparecera, notou Kat. Aquilo devia ser efeito do veneno que agora preenchia seu organismo.

No fundo, sentia-se grata por isso. Tinha gritado havia poucos instantes para dentro do medalhão, porém devia ser tarde demais. Mesmo que Vênus aparecesse, o veneno na certa iria matá-la.

Começou a fechar os olhos, disposta a se entregar a seu destino, quando o mundo pareceu explodir e Aquiles se materializou em meio a uma nuvem de fumaça brilhante. Desimpedido, ele saltou pela água a seu lado e cortou os tentáculos que seguravam seu corpo entorpecido.

— Ah, deusa!... Por favor, não... *Polixena!* Ouça-me! Não feche os olhos!

Aquiles parecia estar gritando com ela de muito longe, embora Kat tivesse consciência de que ele a tocava, puxando-a para fora da água.

O ritmo lento das criaturas se alterou de repente. Cinco tentáculos serpentearam para fora da superfície e envolveram o braço com que Aquiles empunhava a espada.

Kat reconheceu o momento em que elas o picaram. Viu o choque de dor sacudindo o corpo sólido.

Os olhos dele começaram a brilhar, e ele literalmente a jogou na praia. Em seguida, com um grunhido feroz, nadou de volta para a água mortal.

Aquiles se transformou. Jogada na praia e ainda lutando por ar, Kat assistiu a tudo. Para seu espanto, o corpo do guerreiro ficou ainda maior e, quando ele se virou — permitindo que ela vislumbrasse seu rosto —, revelou um estranho. Era um demônio mais do que um ser humano. Seus olhos vermelhos faiscavam. Seus lábios estavam repuxados para trás, exibindo dentes arreganhados. Os sons que soltava eram terríveis, mais parecidos com os de uma fera do que com os de um homem. Parecia uma fotografia surreal, na qual o corpo de uma pessoa fora

sobreposto ao de outra. A Fúria se movia com uma rapidez inumana, despedaçando a massa ondulante de criaturas que a cercara. Sem dúvida agora estava imune a seu veneno.

Kat deu um grito quando as centenas de pequenos tentáculos foram substituídos por um gigantesco, que serpenteou no ar, tão grosso como a cintura de Aquiles. Sentiu uma onda de pânico invadi-la ao se dar conta de que era para *aquilo* que estavam tentando puxá-la.

Aquiles o cingiu, no entanto, como se este fosse feito de geleia. Um assobio estridente vibrou no ar, e depois todos os tentáculos se retraíram em uma massa fervilhante de sangue e espuma. Ele ainda se lançou atrás desta, gritando num desafio, porém a criatura desapareceu nas profundezas do oceano.

Aquiles se virou em sua direção. Seus olhos ainda ardiam, tão vermelhos como o sangue que lhe cobria o corpo.

— Princesa... — Sua voz estava mudada: baixa, gutural, completamente diferente do normal. Em seguida ele começou a caminhar na água, os lábios retorcidos em um esgar.

Kat quis falar com ele, quis chamar de volta o amante que ela sabia estar dentro da criatura. Mas não conseguiu emitir nenhum som, não conseguiu se mover. Tudo o que pôde fazer foi ver o monstro, que antes era um homem, se aproximar dela, transfigurado, enfurecido e mortal.

De repente, um *flash* de luz prateada brilhou no mar atrás dele, e então uma voz doce e calma chegou através das ondas.

— Aquiles, meu filho, venha para mim!

O monstro fez uma pausa, respirando com dificuldade. Virou-se devagar, como se lutando consigo, e Kat viu uma linda mulher com cabelos loiro-platinados erigindo das ondas.

— Tétis! — ele rosnou o nome dela.

A voz da deusa do mar endureceu:

— Vá embora, Fúria! Meu filho não precisa mais de você. — Ela agitou os dedos na direção dele, e uma onda cristalina se quebrou por cima de Aquiles, cobrindo todo o seu corpo. Quando esta recuou, havia levado com ela o sangue que recobria o guerreiro, assim como o monstro que o possuía.

No mesmo instante, Aquiles correu para fora da água, na direção de Kat. Ela suspirou, aliviada por seus olhos não estarem mais vermelhos, e por seu homem parecer ele mesmo novamente: cheio de cicatrizes e imperfeito, mas o seu Aquiles.

Tentou sorrir para ele. Tentou erguer a mão para tocá-lo... Mas tudo parecia muito longe e cinzento nas bordas. Seu corpo não mais a obedecia.

— Mãe! — Ouviu-o chamar. — Por favor, ajude-a!

Pouco depois, a deusa prateada estava ajoelhada ao lado do filho. Kat respirou fundo, pensando que seu sorriso era o mais suave, e sua expressão, a mais amorosa que ela já tinha

visto.

— Claro que vou ajudá-la, meu tesouro. — A deusa a tocou na testa, e ela sentiu uma onda de calor e amor.

Então tudo escureceu.

CAPÍTULO DEZENOVE

Kat ouviu Jacky resmungando antes mesmo de abrir os olhos. Estava dizendo algo parecido com “*Meu Jesus Cristinho*” e “Isso não tem cabimento”.

Sorriu. Se tivesse morrido e ido para o inferno, ao menos Jacky viera com ela outra vez.

Abriu os olhos.

— Ei... — resmungou. — Pensei que tomasse conta da língua ao menos quando estivesse de plantão.

Jacky se inclinou sobre ela no mesmo instante, tomando seu pulso, ao mesmo tempo que lhe limpava o rosto com um pano frio.

— Katrina, querida, você voltou!

— Se está me chamando de “querida” é porque a coisa está feia. Perdi uma perna ou algo assim?

— Ah, obrigada, *meu Jesus Cristinho*, é você mesma! — Jacky a beijou nos lábios sem cerimônia. — Nunca mais me deixe apavorada assim!

— Que diabo, Jacky? Não pedi para aquelas coisas nojentas me atacarem.

— Muito bem, quero que conte meus dedos... — Ela levantou três dedos, tal qual um árbitro de beisebol.

— Três dedos, como o Yoda. A propósito, se não fizer uma manicure em breve e cortar essas unhas, vai ficar ainda mais parecida com ele. — Kat deu um tapinha fraco na mão da amiga. — Tenho que dormir com você para conseguir algo para beber?

— Felizmente, não, até porque está com um bafo e tanto! — Jacky virou-se para a mesa lateral e despejou a água de um cântaro em um copo. Em seguida, ajudou-a a beber.

— Não é de admirar. *Caramba*, estou me sentindo uma *merda*!

— Para uma mulher que ficou em coma por quatro dias, está me parecendo ótima!

— Quatro dias! — ela exclamou em meio a longos goles de água.

— Ei, vá com calma. Vai ficar enjoada se beber demais.

— Já estou enjoada.

— Pois vai se sentir pior. E pode vomitar.

Kat tomou mais um gole e, então, entregou o copo a Jacky, relutante, deitando-se no travesseiro.

— Quatro dias, Jacky? Por quê? A mãe de Aquiles me curou do veneno. Ou ao menos eu pensei que ela tivesse curado.

— E curou, mesmo. Ou melhor, Tétis fez o que pôde, apesar da sua “notável e frágil concha

humana”, como disse Atena. Mas teve que se recuperar por conta própria depois.

— Atena estava aqui?

— *Hum-hum*. Todas as três vieram. Na verdade quatro, se contar a mãe de Aquiles, que já o acompanhava quando ele chegou ao acampamento, carregando-a semimorta, e quase me matou de susto há quatro dias.

— Nossa. Agora estou me sentindo especial.

Jacky revirou os olhos.

— Você é “especial”. — Jacky fez aspas no ar para destacar a palavra. — Tão especial que, quando formos para casa, vou pedir um ônibus da prefeitura para vir *te* buscar.

— Espere um pouco... Se todas as deusas estavam aqui, por que elas não usaram seus poderes para me fazer acordar?

— Eu mencionei isso. E talvez não num tom muito educado.

— Você sendo *curta e grossa* com alguém?... Estou chocada. Imagino o que não deve ter falado para as pobres deusas!

— Acontece que, aparentemente, o monstro *melequento* que a pegou tinha mais poderes do que parecia. As deusas não conseguiram neutralizar todo o veneno. Seu corpo também precisou combatê-lo por si só.

— Aposto que isso a deixou num mau humor daqueles. — Kat sorriu para sua melhor amiga.

— Um pouco. — Jacky pegou a mão dela e a apertou. — Estou tão feliz por não ter morrido nas minhas mãos!...

— Eu também. — Kat a apertou de volta. — Desculpe-me se a assustei.

— Tudo bem. Até porque decidi que está me devendo uns sapatos.

— Sapatos?

— Lembra-se daquele seu lindo par de escafpins de couro vermelho que eu cobiço faz tempo?

— ... Sei.

— Pois eu cansei de cobiçá-lo.

— *Aff!*, você é uma enfermeira perversa!

— Obrigada. Agora me diga que diabo a picou desse jeito.

— Não faço ideia. Em um momento eu estava andando pela praia, tentando encontrar Aquiles; no seguinte, vi algo na água e parei para olhar. Foi então que aquela coisa cheia de tentáculos me agarrou e me picou, paralisando a minha perna. Fui sendo agarrada e picada seguidas vezes, até que apertei o *botão de pânico* e gritei para Vênus. — Kat tocou o medalhão que ainda lhe pendia entre os seios e estremeceu. — Aquelas coisas não estavam

para brincadeira. Ficavam ondulando, pareciam o rabo de um rato, e havia literalmente centenas delas pulando em mim.

Jacky torceu o rosto como se tivesse acabado de chupar um limão.

— Jesus! Eram como caudas de rato? Que coisa nojenta!

— Sim, e elas já estavam me puxando para o fundo, querendo que eu servisse de alimento para o que parecia ser a mãe gigantesca delas, quando Aquiles se materializou, foi dominado pela Fúria e acabou com elas. Em seguida, a mãe dele apareceu, tocou em mim e eu desmaiei. Fim. Mas Aquiles já não lhe contou tudo isso?

— *Hum...* não. Aquiles anda todo esquisito desde que a trouxe de volta. Mal trocou duas palavras conosco. Nem mesmo Pátroclo conseguiu conversar com ele. Na verdade, Pátroclo também anda estressado, e creio que ele já esteja cansado de tentar fazer Aquiles se abrir e só ouvir grunhidos e rosnados.

— Jacky, não está infernizando a vida do rapaz, está?

— Claro que não. Pátroclo e eu estamos bem. Melhor do que bem. É por causa dessa maldita guerra de que ele não está participando e outras coisas de que tem ouvido falar. Mas, enquanto Aquiles não lutar, Pátroclo também não vai lutar, portanto não estou dando a mínima para esse assunto. — Jacky fez um gesto de desdém. — De qualquer forma, minha intuição feminina, que é bastante apurada, me diz que Aquiles está preocupado por você tê-lo visto se transformar na *coisa*, e que agora acha que vai fugir correndo dele. É claro que é sensata o bastante para não fazer isso, o que eu tentei explicar a ele, mas Aquiles não me escuta. Na verdade, naquela noite, acho que ele bebeu até cair.

— Talvez devesse ir buscá-lo para que eu possa explicar pessoalmente que eu não tenho juízo...

— Boa ideia — decidiu Jacky. E, em seguida, acrescentou: — Kat, ele se transformou com a tal Fúria, não foi?

— Sim — ela respondeu baixinho.

— E foi horrível. — Jacky não colocou a frase como uma pergunta, porém Kat acenou com a cabeça.

— Foi um horror. Não era mais ele. Seja lá o que for que toma conta de Aquiles, não é humano. Não pode ser.

— Mas Aquiles tinha voltado ao normal quando a trouxe de volta para o acampamento — Jacky observou.

— A mãe dele o chamou na hora, fez algo com a água e foi como se o mar levasse a Fúria embora.

— O que significa que essa coisa pode realmente ser controlada. Estou certa?

— Não está sempre certa?

Jacky soltou uma risada seca.

— Vou buscar o burro e mal-humorado do seu homem — decidiu, mas, antes de sair da tenda, tornou a olhar para Kat. — Prometa que vai tomar cuidado.

— Prometo.

— Você sabe que eu *te* amo.

— Eu também *te* amo, Jacky.

Jacky conseguiu sorrir — a despeito de sua preocupação — enquanto se abaixava e deixava a barraca.

Kat estava pensando como seu cabelo devia estar terrível, e tentou penteá-lo com os dedos, quando o corpanzil de Aquiles preencheu a entrada da tenda. Seu olhar recaiu direto sobre ela, e Kat sorriu.

— Acho que preciso lhe agradecer por ter salvado a minha vida. Na realidade, a você e à sua mãe. — Quando ele não disse nada e apenas continuou a fitá-la, ela continuou, num murmúrio: — Sua mãe é linda, por sinal. E também parece ótima pessoa, digo, *deusa*. Se ela ainda estiver aqui, eu adoraria conhecê-la formalmente. Depois que eu me puser decente, claro.

— Está linda — ele afirmou.

— Deve estar com problemas na vista! Deveria deixar Jac..., quero dizer, *Melia*, examinar os seus olhos. Os modos dela deixam um pouco a desejar, mas Melia é excelente enfermeira.

Os lábios de Aquiles se curvaram de leve.

— Melia é muito leal a você. E minha mãe voltou para as profundezas. Ela não pode ficar em terra firme por muito tempo. — Ele parou, prendeu as mãos às costas, em seguida deixou os braços caírem ao lado do corpo para, então, como se não soubesse o que fazer com eles, correr a mão pelo cabelo. — Não precisa me agradecer por ter salvado a sua vida. Não fui eu quem lutou contra aquelas criaturas.

Kat manteve o olhar fixo no dele.

— Eu sei disso. Mas foi você quem se apresentou para a luta. Além do mais, aposto que podia ter vencido aquelas coisas nojentas sem a Fúria.

— Não. Eu não poderia ter derrotado as criaturas sem a Fúria. — Aquiles falou devagar, como se quisesse ter certeza de que ela o compreenderia. — O veneno que quase a matou teria me destruído. A Fúria é que me tornou imune a ele.

— Se é assim, fico contente por ela tê-lo dominado.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Eu me transformei em um monstro. Um monstro que

a teria estuprado e deixado morta.

— Mas que não fez nada disso. Você voltou. Conteve o monstro.

— Porque minha mãe, uma deusa do mar, interveio!

— Talvez — Kat concordou com bom-senso. — Mas talvez possa aprender a detê-lo também.

Não acredito que isso seja possível.

— Alguma vez acreditou que iria fazer amor com uma mulher sem que a Fúria o possuísse?
— ela inquiriu.

— Não — Aquiles respondeu, hesitante. — Nunca.

— O que aconteceu entre nós não foi nenhum sonho. Sabe disso, não sabe?

— Sei.

— O que estou dizendo não faz sentido, então?

— Você é um oráculo da deusa Atena. Tem poderes que as outras mulheres não têm. Por isso pode me tocar e eu continuar sendo um homem.

Kat abriu a boca para afirmar que aquilo não passava de uma enorme bobagem, mas a fechou em seguida. Não podia dizer nada a ele.

De repente, se rebelou. Por que não? Nenhuma das deusas havia dito que ela não poderia fazer isso. Ninguém tinha dito que precisaria ocultar sua verdadeira identidade de Aquiles. Precisava ludibriar apenas os integrantes do acampamento grego.

Por um instante, Kat desejou poder falar com Jacky primeiro, mas logo chegou à conclusão de que não precisava perguntar nada à melhor amiga. Jacky era a autenticidade em pessoa. Dizia a verdade até mesmo quando não devia. Por isso mesmo ela, Kat, gostava tanto dela.

Além do mais, era uma estupidez esconder tudo de Aquiles. Se não confiava nele nem mesmo para revelar a própria identidade, não deviam ter tido relações sexuais. Qualquer pessoa saberia disso.

— Aquiles, será que não pode chegar mais perto? Preciso falar com você a respeito dessa história de oráculo.

Ele atravessou o cortinado da cama com um misto de hesitação e ansiedade. Era óbvio que queria tocá-la, que precisava tocá-la. Tão óbvio quanto o fato de ele temer ficar muito próximo e ser rejeitado.

Kat estendeu a mão e sorriu.

— Por que não se senta aqui a meu lado?

A única coisa que mudou na expressão velada de Aquiles foi o alívio em seus olhos. Ele obedeceu, cauteloso, e segurou a mão dela como se esta fosse uma borboleta. Em seguida, surpreendeu-a, beijando seus dedos com delicadeza. Falou ainda olhando para eles e

acariciando com o polegar o lugar em que beijara.

— Quando o monstro me deixou e eu a vi deitada lá, pensei que a havia perdido. — Ergueu o olhar, então, e Kat ficou chocada com a profundidade da tristeza em seus olhos. — Acho que eu não suportaria perdê-la também.

Foi nesse momento que Kat parou de mentir para si mesma. Aquilo não era apenas uma missão. Aquiles não era um projeto que ela assumira, levada por outras pessoas. De alguma forma, a despeito do tempo, dos mundos e da lógica, ele era o seu destino. Estava ligada a Aquiles como nunca *tinha chegado perto* de estar com qualquer outro homem em seu próprio mundo. E não queria abandoná-lo.

E perceber isso foi tão libertador como assustador. Jacky iria matá-la. Definitivamente.

Precisou limpar a garganta antes de falar:

— Eu não sou quem pensa que sou.

— Não é Polixena?... Mas as servas a reconheceram como a princesa.

— Apenas escute. Deixe-me contar tudo e, se não acreditar em mim, a princípio, por achar que é loucura, lembre-se de como é insano você ser possuído por um monstro.

Aquiles franziu a testa.

— Eu vou me lembrar.

— Muito bem. A verdade é que este — Kat apontou para o próprio corpo — é o corpo de Polixena, princesa de Troia. Mas isto — ela fechou o punho e o colocou sobre o coração —, a alma dentro deste corpo, não pertence à Polixena. Pelo menos não desde o dia em que Ulisses foi ao templo de Hera.

— Não compreendo.

— No dia em que vim para você, Polixena e sua serva, Melia, tinham sido assassinadas por soldados de Agamenon que invadiram o templo de Hera. No mesmo dia, em outro tempo e em outro mundo, eu também morri em um acidente, junto com a minha melhor amiga. Vênus estava nos observando nesse instante, então pegou as nossas almas e as colocou nos corpos de Polixena e Melia. — Kat se apressou em continuar antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. — Não faz muito sentido para mim, também. A parte que consigo compreender melhor é que as deusas me queriam aqui. — Ela parou quase a ponto de admitir que o objetivo era mantê-lo fora da guerra, de modo que Troia pudesse vencê-la. Mas como poderia revelar isso a Aquiles? — Respirou fundo. — Elas queriam que eu viesse para cá por sua causa. Atena, Hera e Vênus, todas acreditam que seu destino deve ser modificado. E elas acham que eu posso ajudá-lo com isso.

Enquanto ela falava, Aquiles foi se tornando cada vez mais rijo. Mas não puxou a mão da dela, tampouco desviou o olhar do seu.

— Quer dizer que vem de outro mundo?

— Não sei se exatamente de outro mundo, mas de outro tempo. Do futuro. — Ela esboçou um breve sorriso. — De um futuro muito distante, na verdade. Ao menos de dois mil anos à frente deste tempo.

— E no seu futuro as pessoas me conhecem?

— Conhecem, sim.

Aquiles deixou cair a mão e se pôs de pé, dando as costas para ela.

— De que modo você ou as deusas acreditam que o meu destino possa ser mudado? Ele já aconteceu!

Kat pensou por alguns instantes e encontrou a resposta sem dificuldade.

— É pura ficção.

Ele se voltou para ela.

— Ficção? Como assim?

— No meu tempo, as histórias a seu respeito, e sobre a era em que viveu, são tidas como ficção. Como Mitologia, para ser mais específica. Histórias que não são verdadeiras, que nunca aconteceram. Ou então que aconteceram, mas que foram exageradas ao longo dos anos. Quer um exemplo? No meu tempo, as pessoas acreditam que é imortal, invulnerável... exceto pelo seu calcanhar. Dizem que foi atingido por uma flecha exatamente nesse ponto, e que isso foi a sua derrocada.

— No meu calcanhar? — Ele olhou para o pé, cuja aparência era mais do que normal.

— No seu calcanhar — ela repetiu. — Ficou tão famoso por isso que o feixe de fibras que corre atrás do tornozelo — Kat afastou as cobertas de cima da própria perna e apontou para o tendão — é conhecido como “tendão de Aquiles” no meu mundo inteiro.

— Isso não faz sentido!

— Também acho. A menos que me diga que a única maneira de você morrer é mesmo ser atingido, esfaqueado — ou seja lá o que for — no calcanhar.

— Mas o calcanhar não é uma área vulnerável do corpo. Caso se rompa esse tendão, um homem poderia até ser derrotado porque perderia a utilidade de uma das pernas, mas o ferimento por si só jamais iria matá-lo.

— O seu calcanhar não é invulnerável, portanto.

— Não.

— E você não é imortal.

— Claro que não.

— Muito bem. Agora escute esta... Diz a Mitologia que Troia foi derrotada por um cavalo oco e gigantesco, *recheado* de Gregos. Que eles invadiram a cidade se ocultando na barriga

desse falso cavalo.

— Está de galhofa.

— Nunca falei tão sério na vida.

— Mas um cavalo oco e gigante é uma parvoíce!

— Está acompanhando meu raciocínio? Você e a Guerra de Troia foram registrados na história, porém os fatos de sua vida e da guerra foram todos adulterados ou aumentados com os mitos. O que realmente acontece com você poderia, portanto, ser muito diferente do que lhe foi destinado.

— E qual foi esse destino?

Kat não desviou o olhar dos olhos azuis e penetrantes.

— Você morre aqui, em Troia, neste último ano da guerra.

CAPÍTULO VINTE

Kat imaginou que Aquiles fosse fazer mais perguntas sobre a própria morte, mas, em vez disso, ele apenas acenou com a cabeça breve e desinteressadamente. A única coisa em que parecia interessado era nela.

— Vai me dizer o seu nome verdadeiro?

— Katrina Marie Campbell. Meus amigos me chamam de Kat.

— E você não é uma princesa?

Kat riu.

— Não. Nem de longe. Sou uma espécie de... médica de cabeça.

— Também é curandeira?

— Oh, Deus, não. Sou terapeuta. Alguém que aconselha as pessoas e as ajuda a equilibrar suas emoções. Minha especialidade é o aconselhamento de casais.

— Por isso sabia o feitiço necessário para me acalmar?

— Sim, mas não é um feitiço. Na verdade, não existe nenhuma mágica no que eu faço. Você pode até aprender a fazer sozinho. Chama-se hipnose. É apenas uma maneira de relaxar e chegar ao seu subconsciente.

— A mente que sonha? Por isso, no início, eu acreditava que estava apenas sonhando que você me tocava!

Kat sentiu o rosto pegar fogo.

— Sim. Aliás, eu sinto muito por isso. Não tive a intenção de me aproveitar da situação. É que você é tão... másculo e, quando comecei a tocá-lo, não pedi que eu parasse, então...

A risada de Aquiles soou alta, longa e desinibida.

— O que foi? — Kat franziu o cenho. Queria que ele risse e sorrisse mais, mas não dela!

Ele a beijou na mão mais uma vez.

— Eu não era tocado por uma mulher havia uma década, e ainda me pede desculpas por algo que considere um milagre. É uma mulher estranha e mágica, Katrina Marie Campbell.

— Pode me chamar de Kat — ela contrapôs. — E não foi ético o que eu fiz. Não quero que pense que é assim que eu me comporto normalmente.

A expressão divertida de Aquiles tornou-se sóbria.

— Está arrependida do que aconteceu conosco?

— Não, de maneira alguma. Só sinto não ter lhe contado tudo isso antes.

Ele sorriu.

— Eu não teria acreditado em você e decerto a teria mandado embora, pelo seu próprio

bem. Não tem nada por que se desculpar, Kat, a menos que não queira a minha devoção, a minha proteção e o meu amor. Porque eu gostaria de lhe dar essas três coisas, além de muito, muito mais.

Kat tomou ambas as mãos de Aquiles nas dela e o fitou bem no fundo dos olhos azuis.

— Eu não apenas aceito a sua devoção, a sua proteção e o seu amor, como também quero mais.

— Diga. Se estiver ao meu alcance, eu o farei.

— Quero que fique fora dessa guerra até termos a certeza de que consegue controlar a Fúria. E, mais do que isso, quero que fique bem longe de Heitor.

— A profecia diz que estou destinado a morrer depois que eu o matar.

Kat apertou as mãos dele com força.

— Então não o mate! Por que isso seria assim, tão difícil?

— Neste momento, não consigo imaginar o que poderia me levar a lutar com Heitor. — Aquiles soltou uma risada seca. — Não guardo nenhum rancor contra ele. Sei que Heitor é um homem honrado, muito amado por sua família e pelos Troianos, e não costumo derrubar homens honrados, no auge de suas vidas, quando eles não me fizeram nada.

— Que bom. Se é assim, está resolvido. Ficaremos juntos aqui, e eu irei ensiná-lo a desenvolver habilidades de auto-hipnose.

Aquiles lançou-lhe um olhar horrorizado.

— Não posso enfeitiçar a mim mesmo!

— Aquiles, quantas vezes tenho que explicar que não se trata de um feitiço? Não é nada mais do que respiração, concentração e relaxamento.

— Acredita mesmo que eu possa aprender a controlar a Fúria?

— Não sei se pode controlá-la — Kat contrapôs, honesta. — O que eu acredito é que posso ensiná-lo a impedir que ela o domine *antes* que seja necessário você controlá-la.

Aquiles se levantou e começou a andar de um lado para o outro, perto da cama.

— Se a Fúria não voltar a me possuir... — Suas palavras sumiram.

— ... Sua vida não vai girar mais em torno das guerras — Kat terminou por ele. — E seu destino será outro. É isso o que quer? — Ela sentiu o peito se apertar enquanto aguardava pela resposta.

Aquiles parou e olhou para ela.

— Eu poderia voltar para o meu país, me casar, criar meus filhos, conhecer o amor e a paz, e deixar a guerra, a morte e o ódio para trás.

— Sim, poderia — Kat afirmou.

— Parece um sonho. O tipo de sonho que tive por duas noites seguidas com você.

— Não foram sonhos. Aquilo tudo era real.

— Se é assim, talvez o futuro que eu julgava impossível pode ser real também. Sim. É o que eu quero — ele falou com firmeza.

— Então vamos torná-lo real.

Aquiles voltou para o lado dela, na cama.

— Diz isso com tanta convicção... Como se pudesse mesmo se tornar realidade; como se o meu destino pudesse ser mudado. Quando olha para mim desse modo e fala dessa maneira, eu quase acredito.

— Pois pode acreditar. E, mais importante do que isso, Aquiles: acredite em si mesmo — pediu Kat.

Ele se inclinou e a beijou suavemente nos lábios. Kat sentiu sua hesitação e soube que Aquiles temia cruzar a linha da intimidade entre eles, o que ela compreendia. Não precisavam de outro ataque da Fúria, muito menos quando a fé de Aquiles em si mesmo, e em sua capacidade de lutar contra a besta, ainda se encontrava tão frágil.

Por sorte, nesse momento, o estômago dela resolveu soltar um enorme ronco, e Kat riu.

— Estou morrendo de fome!

— Outra vez — ele observou com seu leve sorriso. — Vou pedir que as servas...

— Ah, não! — ela interrompeu, já jogando as pernas para fora da beirada da cama. — Preciso me levantar, andar, tomar um banho!... — Aquiles fez menção de argumentar, contudo Kat estendeu a mão para ele. — Poderia me ajudar nessas três coisas?

— Tudo o que estiver ao meu alcance — ele reafirmou, segurando sua mão e passando-a pelo braço.

Kat sorriu, sentindo-se surpreendentemente bem para uma mulher que fora envenenada, quase comida viva, e que ficara em coma por quatro dias.

No momento em que chegou ao banco do lado de fora da tenda, tinha as pernas bem mais firmes. Mesmo assim, sentou-se e deixou que Aquiles lhe providenciasse comida e bebida.

Jacky se encontrava perto da fogueira com Pátroclo (o qual, aliás, parecia mais do que apaixonado), e ambos correram até ela.

— Como está se sentindo? Não está com tonturas, falta de ar, visão turva? Ainda sente alguma coisa paralisada ou formigando?

— Estou bem! Não, não, não e não. Quer fazer o favor de relaxar? Estou ót...

Antes que pudesse terminar a frase, contudo, Aetnia correu até ela e se atirou a seus pés, segurando seus tornozelos e chorando.

— Oh, minha senhora! Mil perdões! Por favor, desculpe! Eu não tinha ideia de que a estava colocando em perigo!

Kat trocou um olhar chocado com Jacky enquanto tentava se desvencilhar do abraço ardente e molhado da serva.

— Aetnia, não foi sua culpa. Estava apenas tentando me ajudar a encontrar Aquiles. Não podia adivinhar que eu ia deparar com aquelas criaturas do mar.

— Não! A culpa foi minha. Eu não devia tê-la escutado. Eu sinto tanto, princesa!... — A moça soluçou, desesperada.

Aquiles a segurou pelo braço e a fez ficar de pé.

— Não devia ter escutado a quem?

Aetnia gritou e se encolheu toda, estendendo a mão para Kat numa súplica.

— Princesa! Não deixe que ele me mate!

— Não seja boba, Aetnia! Aquiles não vai matá-la. — Ignorando o olhar sombrio do guerreiro, Kat o cutucou no braço, obrigando-o a soltar a moça. Pegou Aetnia pela mão, então, e a fez sentar-se no banco, entre ela e uma carrancuda Jacky.

— Eu não afirmaria isso com tanta convicção, até descobrir o que ela teve a ver com esse ataque contra você — sugeriu Jacky.

Aetnia soltou um chiado, tal qual um camundongo, e chegou mais perto de Kat.

— *Não deixe que a bruxa me enfeitice, princesa!*

Jacky sibilou para ela e Aetnia gritou, ao mesmo tempo que Kat pensou ter ouvido Aquiles rosnar.

— Está bem! Agora chega! Tratem de se acalmar! — Kat segurou Aetnia pelo ombro, impedindo-a de praticamente subir em seu colo, e apontou para Jacky. — Ela não é bruxa. — Fez um gesto na direção de Aquiles. — E ele não é nenhum monstro. Agora, respire fundo três vezes e explique, devagar e sem chorar feito uma histérica, do que estava falando. Respire comigo, vamos. — Embora tivesse vontade de sacudir a mulher, Kat a fez respirar três vezes. — Está bem agora. Fale comigo. — Quando os olhos da serva se desviaram, nervosos, para Aquiles e Jacky, ela a sacudiu pelos ombros. — Fale comigo, Aetnia!

O olhar da moça se voltou para ela.

— F-Foi... foi quando eu fui até o acampamento grego buscar seu chá.

Kat acenou com um gesto de cabeça, incentivando-a.

— Sim, eu me lembro. Foi muita gentileza sua conseguir o chá para mim. — Ela também se lembrou de que, pouco depois, Aetnia a enviara para aquela praia distante, onde ela devia ter encontrado Aquiles, contudo manteve a expressão e a voz neutras. — O que aconteceu quando estava no acampamento grego?

— Eu vi Briseida. Ela estava conversando com um grupo de noivas de guerra no acampamento de Acalte. Ela... ela estava falando sobre você e... — Aetnia hesitou, olhando,

apavorada, para Jacky, que torcia os lábios.

— Briseida estava falando sobre Melia e eu — concluiu Kat, apertando os ombros da moça e obrigando-a a desviar a atenção de Jacky. — O que ela estava dizendo?

— E por que isso tem algo a ver com a princesa ter sido atacada? — Aquiles acrescentou, em uma voz que, obviamente, tentava manter razoável.

Kat sentiu Aetnia começar a tremer sob suas mãos.

— Basta falar para mim e tudo vai ficar bem — incentivou em voz baixa. — O que Briseida disse?

— Ela chamou Melia de bruxa. Disse que ela enfeitiçou Pátroclo e que podia até mesmo estar lhe ensinando feitiços.

Kat ouviu Pátroclo soltar uma risada seca, e Jacky teve um pequeno acesso de tosse.

— Isso foi tudo o que Briseida falou?

— Não. Ela ouviu quando pedi um pouco do chá especial de Acalte para a senhora, e afirmou que, se eu quisesse salvá-la do mal de Melia, deveria mandá-la para aquela praia. Dessa forma, a mãe de Aquiles — Tétis, a deusa do mar — poderia contemplá-la com alguma imunidade contra bruxaria. Por isso eu disse a senhora que Aquiles estava lá. Pensei que a estivesse ajudando! Por favor, acredite em mim! — suplicou Aetnia antes de se pôr a soluçar mais uma vez.

— Essa vadia lhe preparou uma armadilha! — exclamou Jacky, depois lançou um olhar de desprezo na direção de Aetnia. — Eu não quis dizer *esta*. Estou falando de Briseida. — Então voltou a atenção para Pátroclo, que continuava ao lado de Aquiles, e ergueu as sobrancelhas. — Sabia que eu o tinha enfeitiçado, meu anjo?

Pátroclo sorriu.

— Claro que sabia, minha linda.

Jacky jogou-lhe uma série de beijinhos.

Kat os ignorou, concentrando-se em Aquiles, cuja expressão se tornara uma máscara ilegível.

— Nossa. Essa Briseida deve mesmo ser maluca por você. Quer me tirar do caminho a todo custo.

— Bobagem. Ela não me quer coisa nenhuma. Sente o mesmo que todas as outras em relação a mim — ele afirmou, a expressão suavizando por um instante. — Todas menos você, princesa.

— E por acaso pode ter certeza disso, Aquiles? — interveio Jacky. — Não me leve a mal, mas não me parece um especialista a respeito do que as mulheres querem.

— Não seja maldosa! — ralhou Kat.

— Não estou sendo maldosa! Estou dizendo a verdade! Briseida pode ter sido apaixonada por Aquiles, e ele pode nem ter se dado conta disso! Não disse que ela a fulminou com o olhar na tenda de Agamenon?

— Verdade — concordou Kat.

— Não é Briseida o problema. É Agamenon — afirmou Aquiles.

— *Ahn?* — Kat e Jacky indagaram em uníssono.

— Vá, Aetnia. Volte para a fogueira e prepare uma refeição para a princesa — Aquiles ordenou antes de continuar. A moça pulou do banco e saiu correndo, aos tropeços, em direção ao fogo. — Briseida não a enviou para aquela praia e para o que ela acreditava que seria a sua morte porque me quer. Ela não tem poderes para invocar criaturas do mar que realizem seus desejos.

— Mas Agamenon tem. Ele já fez isso antes — afirmou Pátroclo.

Aquiles concordou com um gesto de cabeça.

— Briseida foi apenas a porta-voz de Agamenon. Uma ferramenta que ele usou para colocar a princesa em uma posição vulnerável.

— Mas por quê? O que ele tem contra mim?

— Não é contra você. É contra mim — corrigiu Aquiles. — O rei e eu somos inimigos de longa data.

— É mais do que isso — opinou Pátroclo. — Agamenon está tentando obrigá-lo a voltar para a guerra.

— E por que ele acha que me matando faria Aquiles voltar a lutar? — inquiriu Kat.

— Não ouviu? Aquiles e eu fomos enfeitiçados por vocês duas. — O sorriso de Pátroclo foi tão jovial e atraente como de costume, porém Kat ficou surpresa com as olheiras que notou sob seus olhos expressivos. Pátroclo também tinha perdido peso? Suas maçãs do rosto pareciam mais salientes.

— Então bastaria que vocês dois se vissem livres das bruxas, aqui, e voltariam correndo para a batalha — concluiu Jacky.

— Porque, de acordo com o raciocínio de Agamenon, vocês não têm nada mais importante na vida do que essa guerra — Kat completou, encontrando o olhar azul de Aquiles.

— A guerra é tudo o que tenho para viver na opinião da maioria das pessoas — ele murmurou.

— Eu não faço parte da maioria das pessoas — argumentou Kat.

Os lábios benfeitos do guerreiro se ergueram nos cantos.

— Algo pelo que estou me tornando profundamente grato.

CAPÍTULO VINTE E UM

— O problema é que os homens de Agamenon estão sendo mortos — Pátroclo falou de súbito. — *Gregos* estão sendo mortos.

Aquiles voltou-se para o primo.

— Agamenon sabia do custo que haveria para o povo grego quando deixou nossas costas para atacar Troia sob o pretexto de estar raptando uma mulher infiel. Muitos homens foram mortos durante os últimos nove anos.

— Era uma luta equilibrada enquanto ainda estávamos nela.

— Primo, não o estou impedindo de voltar aos campos de batalha. Você, assim como qualquer um dos meus homens, é livre para lutar contra os Gregos.

— Não! — Jacky exclamou, levantando-se e agarrando a mão de Pátroclo. — Não pode lutar sem seu primo, e Aquiles tem excelentes razões para não fazer isso. Agamenon, esse sujeito que se diz um grande rei e líder, não passa de um mentiroso e um trapaceiro! Ele acabou de tentar matar a princesa para tirá-la do caminho. É como uma prostituta velha e ardilosa! Não deixe que ele o influencie!

Kat observou Pátroclo acariciando o rosto de Jacky e ficou tocada diante da óbvia adoração nos olhos do jovem guerreiro, que sorriu para a sua melhor amiga.

— Não se preocupe, minha linda. Não pretendo lutar sem meu primo.

— Parece que Agamenon não o conhece muito bem se pensa que o caminho para tê-lo de volta é atacar alguém com quem você se importa — raciocinou Kat.

— Agamenon é um parvo — declarou Aquiles. — Sei reconhecer um tolo porque fui um quase a vida toda. O rei luta pela glória, pois acha que sua imortalidade será assegurada pela espada, quando a verdadeira imortalidade só pode ser encontrada em nossos filhos e filhas. — Balançou a cabeça, parecendo várias décadas mais velho do que seus vinte e nove anos, depois sorriu com tristeza para Pátroclo. — Melhor se lembrar disso, primo.

— Nós vamos nos lembrar — afirmou Pátroclo, pondo-se ao lado de Jacky para descansar a mão em seu ombro.

Kat esperava que Jacky fosse empalidecer e fazer algum comentário do tipo “ninguém aqui vai ter filhos”, mas, em vez disso, ela sorriu para Pátroclo, parecendo a mais feliz das criaturas.

— Então decidiu que não vai mais lutar, Aquiles — concluiu Kat. — Mesmo que Agamenon tenha mandado me atacar e que eu quase tenha morrido.

Aquiles tinha começado a relaxar, e seu imediato e férreo autocontrole ficou bastante

evidente.

— Gostaria que eu me vingasse em seu nome?

— Não! Claro que não. Eu só queria saber se era essa a sua intenção.

— Minha intenção não se modificou.

— Ainda quer mudar seu destino? — ela quis saber.

— S-Seu jantar, senhora. — Aetnia, sem dúvida escutando o último comentário de Kat, quase derrubou a tigela com o ensopado que havia trazido.

— Deixe a comida e traga vinho para todos — Aquiles comandou com um grunhido.

Servil, Aetnia correu para atender ao pedido.

— Precisa parar de assustá-la assim! — ralhou Kat.

— Pois eu gostei. Assuste mesmo, Aquiles! — incitou Jacky.

— Por fora você é como uma espada, minha linda: afiada, forte e mortal. Mas, por dentro, é como um pêssego suculento, sempre pronta para o meu prazer... — elaborou Pátroclo.

Kat ergueu as sobrancelhas quando, em vez de crucificá-lo pelo comentário piegas, Jacky riu, deliciada.

— Diz coisas tão lindas, meu anjo! — falou, inclinando a cabeça para trás a fim de receber um beijo.

Kat comeu o ensopado em silêncio enquanto Aetnia corria ao redor, na companhia de outra serva tão tímida quanto ela, distribuindo cálices para todos e enchendo-os com vinho tinto. Suspirou, pensativa. Estava começando a se sentir bem melhor. A fraqueza parecia ter diminuído, assim como aquela sede insaciável e a sensação de não pertencer àquele mundo, o que era no mínimo irônico. Claro que não pertencia àquele mundo. E nem Jacky. Mas ali estavam as duas, sentindo-se inegavelmente atraídas por aqueles dois homens — os quais pareciam agora entranhados em seus destinos.

— Está se sentindo bem mesmo? — A pergunta contundente de Jacky, ainda que feita em voz baixa, a arrancou de sua introspecção.

— Estou meio confusa — admitiu. Aquiles e Pátroclo haviam se afastado em direção à fogueira a fim de apanhar uma bandeja de pão, azeitonas e queijo, e, por insistência de Jacky, outro jarro de vinho tinto — sem chamar Aetnia para servi-los —, o que deixara as duas a sós por alguns momentos.

— Confusa sobre o quê? — Jacky perguntou.

Kat encontrou o olhar da amiga.

— Eu contei a Aquiles quem nós somos.

— E é isso o que a está incomodando? Eu já contei tudo a Pátroclo faz tempo!

— Você o quê?!

— Escute, eu fui obrigada a fazer o diabo por aqui quando o seu namoradinho a trouxe de volta para o acampamento semimorta. Eles queriam sangrá-la e esfregar *mijo* de touro, ranho de porco e sabe-se lá mais o que no seu corpo. Como sou sua amiga, mandei todo o mundo se ferrar.

— E isso não acabou bem, claro.

— Não. Não até que expliquei a Pátroclo exatamente quem éramos e por que entendo mais sobre o tratamento de doentes e feridos do que esses charlatões ridículos e assassinos do exército grego.

— E como ele reagiu?

Jacky sorriu.

— Com o mínimo de *piração*. Mas eu tive que prometer que iria fazer o desenho de um carro para ele.

— Um carro?

Jacky encolheu os ombros.

— Sabe como são os rapazes. Eu estava contando como eram as coisas no mundo moderno, uma coisa levou à outra e... *puf!* Agora ele quer um carro.

— Faria sentido se estivéssemos no meio do *Além da Imaginação* — ironizou Kat. — Você o ama mesmo, não?

— Infelizmente, acho que sim. E você ama Aquiles, certo?

— É provável.

— Ou seja, estamos *fodidas* — concluiu Jacky.

— Estamos — ela concordou.

— Pátroclo está ficando entediado longe da luta — revelou Jacky, os olhos se voltando na direção da fogueira, à procura do amante. — Eu até queria que os Gregos perdessem essa guerra logo, mas as coisas estão muito diferentes agora. Não sei mais o que quero, e muito menos o que fazer.

— Sei bem o que está querendo dizer. Antes eles iam perder e nós seríamos transportadas de volta para a casa. Mas agora eu... — ela hesitou, confusa.

— Agora não tenho certeza se quero voltar — Jacky terminou por ela.

— Exatamente.

Ulisses sentiu-se velho. Seu ombro doía o tempo todo. Naquele dia, tinha sido ferido durante a batalha quando liderava uma leva de soldados contra as malditas muralhas de Troia e acabara se colocando ao alcance de um arqueiro.

Havia tido sorte. A flecha lhe passara apenas de raspão pelo lado de fora da coxa e não chegara a entrar em seu corpo. Ainda assim, o ferimento era um doloroso incômodo, o que o

fez sentar-se, desanimado, em um velho tronco retorcido.

Distraído, apertou a faixa de linho ensanguentada que passara em torno da ferida na perna. Ao menos tinha aquele trecho de praia apenas para si.

Olhou para o mar embebido pela lua e levou o odre aos lábios.

— Parece cansado.

Ulisses fechou os olhos e deixou a voz macia acariciá-lo. Quando os abriu, a deusa se materializara à sua frente. Usava vestes claras, da cor da asa de uma pomba, as quais combinavam perfeitamente com seus olhos incomuns. Não trouxera o capacete de guerra nem o escudo, tampouco carregava qualquer outro símbolo de seu poder. Parecia uma virgem na flor da beleza e juventude.

Inclinou a cabeça.

— Sua presença me rejuvenesce, grande deusa.

Atena dispensou o elogio.

— Não tem dormido bem? Eu já disse que... — Deixou escapar uma exclamação ao perceber a faixa cheia de sangue em sua coxa. Então, como era típico da Deusa da Guerra, tornou a assumir uma expressão severa. — Por que não me contou que tinha sido ferido?

— Uma flecha me pegou de raspão. Não foi nada — Ulisses afirmou.

— Sou sua deusa. Sou eu quem decido se é ou não é alguma coisa. — Ela avançou um passo e se ajoelhou a seu lado. — Deixe-me ver isto.

— Atena, não... Não devia... — Ulisses começou, segurando o cotovelo de Atena na tentativa de colocá-la de pé.

Ela o pressionou no peito com a mão.

— É o meu desejo ver o quanto meu guerreiro está ferido.

O toque fez o peito de Ulisses se apertar. Com um suspiro, ele soltou o braço delicado e relaxou, esticando a perna para que ela pudesse examinar a ferida. Quando começou a tirar a bandagem ensanguentada, os dedos suaves da deusa o detiveram.

— Eu faço isso. Basta ficar quieto.

Ulisses permaneceu no lugar, imóvel, aspirando o perfume único de Atena. Ela estava tão perto que, quando se curvou sobre sua perna, o cabelo comprido e dourado lhe roçou o corpo, deixando-o excitado, ofegante... e preocupado que ela se apercebesse disso. Será que Atena fazia ideia de quanto ele a amava?

Era claro que sim. Ela era sua deusa. Sabia de tudo.

— Isto pode estar infeccionando. Por que não limpou e enfaixou esta ferida como devia? — Atena o encarou com um leve vinco na testa lisa.

Ulisses começou a elaborar uma história sobre estar ocupado demais para isso, porém as

palavras que saíram de sua boca foram muito diferentes das que sua mente planejava. Na verdade, elas partiram de seu coração.

— Eu estava cansado demais para me preocupar com isso, deusa. No fundo, até queria que esse ferimento apodrecesse e me levasse. Então, ao menos, eu poderia descansar.

Os olhos cinzentos se estreitaram de um modo que qualquer pessoa enxergaria como raiva. Mas Ulisses conhecia todas as expressões de Atena, e o que viu foi o choque que suas palavras causaram.

— Não vai morrer. Eu o proíbo! — A deusa colocou a mão na ferida com cuidado. Fechou os olhos, reunindo seus poderes. Em seguida, sussurrou:

Escuta, carne, da tua deusa o intento.

Ao meu comando, une sangue e pele neste momento!

A mão de Atena começou a brilhar, e Ulisses prendeu a respiração ao sentir seu poder brotar dentro dele. Era como um fogo ardente aquecendo seu sangue, e ele pôde perceber a carne atendendo ao desejo sussurrado da deusa e curando a si própria.

Quando Atena tirou a mão dele e abriu os olhos, não havia mais nada em sua perna, a não ser uma leve cicatriz rosada.

— Veja só isto! — exclamou, maravilhado, sorrindo para os olhos cinzentos. — Eu disse que a sua presença sempre me rejuvenescia!

Atena abriu um de seus raros sorrisos.

— Homem teimoso. Será que nunca se cansa de me bajular?

— Assim o farei enquanto for seu, minha deusa.

— Então eu ficarei eternamente lisonjeada, pois sempre pertencerá a mim, Ulisses. Devagar, como se lutando contra si mesma, Atena pressionou a mão na coxa firme de novo, porém, desta vez, seu toque não foi com intenção de cura. Ainda ajoelhada ao lado dele, ela o acariciou na pele. — Quanto tempo faz desde que apareci para você pela primeira vez?

Ulisses não hesitou.

— Pouco mais de vinte e dois anos, deusa. Apareceu pela primeira vez para mim antes mesmo que eu tivesse barba.

— Era um menino encantador, que já demonstrava sua inteligência e sabedoria, e que tinha um rosto muito lindo e doce. — A expressão sóbria da deusa suavizou-se com um sorriso.

Ulisses pensou que seu coração fosse explodir no peito diante de tanta beleza. Nervoso, ergueu a mão para esfregar o restolho, torcendo para que ela não notasse o quanto esta tremia.

— Ao contrário de agora, minha diva. Não existe mais aquele rosto macio de menino — afirmou, esperando que ela fosse concordar com ele, rir e reassumir a máscara divina que

ocultava seus sentimentos mais profundos, impedindo-a de demonstrar raiva ou paixão.

Em vez disso, Atena ergueu a mão para acariciá-lo na face, pegando-o desprevenido.

— Eu ainda vejo o menino — disse em uma voz tão baixa que ele teve de se esforçar para ouvi-la acima do coração que batia, ensurdecedor, em seu peito.

Olhou para sua mulher — sua deusa —, a quem ele amava desde que era um garoto inexperiente. Ela já aparecera para ele muitas vezes. Escolhera-o como seu guerreiro, como o mortal a quem conceder mais bênçãos do que a todos os outros. Mas raramente o tocava, e nunca chegara perto de satisfazer o desejo secreto que ele nutria por ela.

— O que foi, Atena? O que aconteceu?

A diva tirou a mão de seu rosto e se levantou, dando-lhe as costas.

— Por que haveria algo errado? Não posso tocá-lo apenas porque desejo isso?

Ele se levantou também, e se aproximou dela.

— É claro que pode me tocar. E por qualquer motivo que desejar! — Ulisses levantou a mão num impulso, querendo tomá-la nos braços, porém se conteve. Atena não era mortal. Ele jamais deveria se esquecer disso.

— Sabia que até mesmo Aquiles encontrou o amor? — ela comentou, ainda de costas para ele.

— Ele a ama, não é mesmo?... Eu bem que me perguntei se ele iria se permitir isso.

— Não me parece surpreso. — Atena virou-se para encará-lo.

Ulisses sorriu e deu de ombros.

— Pelo visto, raramente o amor é previsível.

— Ama Penélope?

À menção do nome de sua esposa, o sorriso de Ulisses oscilou.

— Ela é minha mulher e mãe do meu filho. Eu a respeito e honro como tal.

Atena o tocou no rosto outra vez.

— Mas você a ama?

Quase sem ter consciência disso, Ulisses pressionou a face contra os dedos delicados.

— Ao meu modo.

— E o que isso quer dizer?

— Quer dizer que entreguei meu coração a outra há pouco mais de vinte e dois anos. Desde então, tenho tido muito pouco a doar a qualquer outra pessoa.

— Ah, meu Ulisses!... — Atena sussurrou.

Antes que ele pudesse mudar de ideia, Ulisses se inclinou e pressionou os lábios contra os dela. Quando suas bocas se encontraram, um choque de desejo cortou seu corpo com tal intensidade que a dor se mesclou ao prazer. Ao senti-lo também, Atena deixou escapar uma

exclamação e passou os braços em volta do pescoço forte, puxando-o para ela e abrindo a boca a fim de aprofundar o beijo.

Ficaram ali durante muito tempo, as línguas se explorando, os corpos pressionados. De repente, Atena interrompeu o beijo, respirando com dificuldade. Tinha os lábios perfeitos agora inchados e as faces cor-de-rosa graças à aspereza da barba de Ulisses. Olhou para ele, os olhos cinzentos enormes e repletos de diferentes emoções. Entontecido, o guerreiro orou em silêncio para que aquele desejo e aceitação permanecessem entre eles.

— Vênus estava certa — Atena murmurou. — Devíamos ter nos tornado amantes anos atrás. — Sem sair dos braços fortes, a deusa fez um gesto na direção da praia ao redor deles, e uma manta de cetim se materializou na areia. Deliberadamente, ela se afastou dele e, em seguida, abriu o broche ornamentado que segurava suas vestes acima do ombro.

A seda prateada deslizou por seu corpo e se amontou a seus pés, fazendo Ulisses se lembrar mais uma vez das asas delicadas de uma pomba. Atena deu um passo para fora do monte de tecido e deitou-se com graça, a pele macia luminosa e perfeita ao luar conforme se reclinava no cetim. Depois estendeu a mão para ele.

— Venha e dê-me a prova do amor que diz ter sentido por mim nestes tantos anos, meu Ulisses — falou num sussurro.

Ele deitou-se a seu lado, e se perdeu no corpo de sua amada. Sabia que ela jamais seria totalmente sua. Sabia que aquela poderia ser a única vez em que desfrutaria seu toque mais íntimo, contudo entregou o corpo à deusa sem hesitação e com total abandono, assim como já tinha lhe entregado o coração havia tantos anos.

Aquilo teria de ser o suficiente, pensou mais tarde, enquanto ainda a segurava nos braços e suas lágrimas se mesclavam. De alguma forma, teria de ser o bastante.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

— Eu estava errada — exclamou Vênus, irrompendo pelos aposentos particulares de Hera.

— Estava? Acredito que a palavra correta seja “estou”, como em “Estou errada em perturbá-la em seus aposentos, minha rainha”.

— Eu sei, eu sei. Eu não a teria incomodado se não acreditasse que se trata de uma emergência — explicou a deusa, fazendo surgir no ar um cálice de ambrosia.

— O que aconteceu? Não me diga que a pequena mortal no corpo de Polixena quase conseguiu ser morta novamente. Pelas barbas de Zeus! Essa Guerra de Troia fica mais irritante a cada dia.

— Não, está tudo bem com Kat. É Atena.

Hera encontrava-se deitada em uma *chaise longue* dourada, com estofamento em veludo, mordiscando uvas mergulhadas em ambrosia e em açúcar, mas, diante da declaração de Vênus, sentou-se, preocupada.

— O que foi? O que aconteceu com Atena?

— Ela fez sexo com Ulisses.

Hera piscou uma vez, duas, então balançou a cabeça como se tentando clarear as ideias.

— Creio que não ouvi muito bem. Pensei ter ouvido que Atena fez sexo com Ulisses.

— Foi exatamente o que eu disse. — Vênus sentou-se na *chaise* ao lado de Hera e fez surgir um cálice de ambrosia também para sua rainha. — Eu estava tomando conta do acampamento grego. Afinal, não podemos correr o risco de ter outro atentado contra a vida de Kat.

— Claro, claro, precisa ser diligente. O que foi que viu?

— Sexo. Entre Ulisses e Atena. Na praia. — A deusa falou aos poucos, em meio a vários goles de ambrosia. — Atena fez surgir uma manta de cetim para eles!... Foi muito romântico, apesar de escorregadio.

— Assistiu a tudo, mesmo sabendo quem eles eram?

— Claro que não! — Vênus bebeu o vinho, sem fitar Hera nos olhos. — Embora eu possa afirmar que, pelo pouco que vi, Ulisses parecia bem entusiasmado.

— Que bom para Atena. Ela tem estado séria demais há muito tempo. — Hera ergueu uma sobancelha fina para Vênus. — Era sobre isso que estava errada? Fico surpresa. Quantas vezes a ouvi dizendo a Atena que ela precisava ter mais orgasmos, que precisava se soltar, que precisava disso, daquilo... Agora que ela conseguiu um pouco de tudo, acha que é um problema? Não está fazendo muito sentido, Deusa do Amor.

— Eu queria que ela fizesse tudo isso com Ulisses antes que houvésssemos decidido entrar na Guerra de Troia do lado dos Troianos. Depois do que aconteceu na praia esta noite, acha que Atena vai permitir que Ulisses e seus homens sejam abatidos?

— Ah, não vai mesmo.

— É justamente esse o problema. Tiramos Aquiles do caminho e criamos situações para levar a guerra ao fim. Agora vem a própria Deusa da Guerra, grudada no traseiro firme de Ulisses! Mesmo que ela apenas manipule as coisas, sem entrar no combate, vai mais do que compensar a ausência de Aquiles!

— Talvez deva ter uma conversa com a sua mortal. Se enviarmos Aquiles de volta para a frente de batalha com a ajuda de Atena, imagino que essa guerra teria fim em um instante. E era isso o que nós queríamos — Hera lembrou, soltando um pesado suspiro. — Ainda que a perspectiva de ver aquele miserável do Agamenon saindo vitorioso me exaspere.

— Talvez eu possa... — começou Vênus.

— Possa o quê?

— Também andei observando Aquiles e Katrina. Eles estão completamente apaixonados — afirmou Vênus.

— E isso é importante para mim porque...?

— Porque se Kat o ama, não vai permitir que ele vá direto para a morte. Não se lembra daquela pequena profecia sobre a qual Aquiles é morto diante das muralhas de Troia depois de matar Heitor?

— Sua mortal moderna é apenas uma peça neste jogo. Não vou permitir que ela fique no caminho — decidiu Hera.

— Hera, você já lidou com os mortais modernos, e sei que vai a Tulsa visitar seu filho de vez em quando. Não quero ofendê-la, mas, mesmo após toda essa sua interação com os mortais modernos, parece que não consegue compreendê-los. Eles não nos veneram ou temem como os antigos.

— Pois deveriam! — Hera explodiu. Depois respirou fundo e se controlou. — Sabe que eu não gosto de ser cruel, então vamos esperar mais um pouco e ver o que acontece. Mas se Atena pender para o lado da Grécia, não teremos escolha a não ser ajudar o Exército a vencer com os nossos poderes. Não vou me arriscar a criar inimizades com a Deusa da Guerra.

— Dizem que o Amor é mais forte do que a Guerra — lembrou Vênus com uma severidade incomum na voz.

Hera tocou o braço da diva.

— Eu não quis dizer que Atena é mais importante para mim do que você. Mas por acaso o Amor iria querer causar um conflito entre os deuses por conta de uma mortal moderna?

— Não é disso que estou sendo acusada no mundo antigo? De uma luta que supostamente causei entre Gregos e Troianos por conta de uma mortal?

— Sim, e como se sente a respeito? — Hera perguntou, astuta.

— Tenho horror em pensar que essa guerra seja atribuída a mim — confessou Vênus.

— Se é assim, imagino que não iria gostar se algo semelhante acontecesse no Monte Olimpo.

— Não, não gostaria. — Vênus suspirou. — É melhor esperarmos para ver o que acontece.

— E se Atena ajudar Ulisses?

— Para isso, Aquiles teria de entrar na batalha outra vez — lembrou Vênus.

— Muito bem. Então estamos decididas — resolveu Hera.

— Infelizmente.

Vênus tomou um gole de ambrosia, pensando em como Aquiles ficara perturbado nos quatro dias em que Kat permanecera inconsciente.

Bem, ao menos ele havia conhecido o amor, por mais breve que isso tivesse sido.

— Aquiles, tudo o que eu disse foi que queria um banho de imersão com perfume de rosas, e não mais desses de tigela. Está me levando para fora do acampamento por causa disso? — Kat perguntou, fazendo piada.

— Eu não disse que lhe daria qualquer coisa que você desejasse se isso estivesse ao meu alcance? — Ele a tocou no braço que ela apoiava no dele.

Kat sorriu. Aquiles vinha fazendo aquilo com mais frequência: tocá-la com breves e suaves carícias. Não se estendia no toque, contudo; tampouco a beijava. Era como se estivesse tentando se acostumar com ela aos poucos, vencendo pequenas etapas que não despertassem a Fúria.

Sentiu seu olhar e ergueu o dela, vendo que ele a observava, atento.

— Diga-me se estamos indo longe demais. Não quero que se canse.

Eles tinham caminhado pela praia, para longe do acampamento, por algum tempo, depois haviam rumado mais para o interior, seguindo um caminho de cabras. Não fora uma caminhada muito breve, porém esta não chegara a ser exaustiva.

— Como eu disse a Jacky, parece que dormi por décadas. Estou ótima — Kat declarou com firmeza.

Não que ela não tivesse ficado assustada com o quanto a conversa e a refeição da noite anterior a deixaram esgotada. Planejara outra pequena sessão de hipnose com Aquiles, mas *apagara* no momento em que colocara a cabeça no travesseiro. E, pior, dormira até o início da tarde.

Estava se sentindo bem no momento, mas aquilo tudo a deixara assustada. Já havia morrido uma vez. Qual era o limite? E se também perdesse aquele corpo? Vênus iria salvá-la? E, se a deusa o fizesse, que tipo de corpo poderia obter? Já se apegara àquele, e não queria nem pensar no que poderia acontecer se...

— Está preocupada com alguma coisa? — Aquiles interrompeu seu debate mental.

— Eu estava pensando sobre mortalidade.

— Está aí um assunto em que tenho pensado muito pouco — observou ele.

— Verdade? Pensei que, depois de ter escolhido morrer moço, vivia contando os anos e pensando nisso o tempo todo.

Aquiles soltou uma risada autodepreciativa.

— Quando eu era moço, raramente usava a cabeça. E se usava era apenas para pensar na batalha seguinte ou em uma nova oportunidade para obter a glória.

— Ei, não é nenhum velho, com vinte e nove anos! Ainda é muito moço.

— Não sou moço há mais de uma década.

Kat o fitou, sabendo que as cicatrizes profundas que haviam marcado seu rosto tão cedo também tinham se instalado em sua alma.

— Talvez parte disso possa ser revertida — afirmou.

Ao notar a direção de seu olhar, Aquiles curvou os lábios.

— Sua amiga é uma excelente curandeira, mas nem mesmo ela pode reverter este tipo de coisa. — Aquiles apontou para as próprias cicatrizes.

Kat sorriu.

— Isso foi uma piada? E pensar que o céu não desabou, e você nem mesmo foi atingido por um raio!

— É a sua má influência sobre mim.

— Não vai dizer que eu o enfeitei também? Lembre-se, Jacky é uma bruxa, eu sou uma bruxa... Há bruxas para todos os lados.

— Tem razão. Você me enfeitiçou. — Ele a surpreendeu, puxando-a para si e abraçando-a com força. — E aqui estamos nós. Segurou-a pelos ombros e a fez se virar.

— Aquiles! É lindo! — Kat exclamou diante do oásis. Salgueiros rodeavam uma bacia formada por calcário cor de manteiga. Um córrego desaguava na piscina natural, alimentando-a com água; em seguida, escorria, borbulhante, para o outro lado. O lugar era pequeno, porém do tamanho ideal para quem quisesse tomar um banho com conforto. Diante do oásis havia um pequeno templo que lembrava um gazebo, só que feito de mármore com colunas graciosas e um teto abobadado. No meio do templo, uma manta fora estendida e uma cesta fora colocada sobre ela.

— O que é tudo isso? — Kat perguntou, caminhando ao redor da piscina até o templo.

— É um santuário dedicado a Vênus. Eu o descobri anos atrás. Foi abandonado por causa da guerra. Já vim aqui muitas vezes para pensar. Para fugir um pouco.

Kat olhou para ele, surpresa, e notou que Aquiles parecia envergonhado.

— Não há nada de errado nisso. Todo mundo precisa ficar um pouco sozinho.

— Sim, mas Aquiles, o terror das donzelas e a Fúria no campo de batalha, não é qualquer pessoa. Se meus homens soubessem que encontrei consolo em um santuário dedicado à Deusa do Amor... — Ele riu, sem graça, e balançou a cabeça — ... provavelmente iriam acreditar que enlouqueci de vez.

— Mas eles parecem ter se acostumado a me ver na sua companhia. Não é verdade?

Aquiles deu de ombros.

— Neste momento eles estão preocupados demais até mesmo para ficar chocados por estar aquecendo a minha cama.

— Eles querem lutar — concluiu Kat com um aperto no estômago.

— Querem.

— E o que *você* quer?

— Já me conhece o bastante. Sabe que não desejo nada além de voltar para Phthia e encontrar a paz... — Aquiles fez uma pausa, encontrando seus olhos antes de completar: — ... e o amor.

— Já encontrou o amor — Kat afirmou baixinho.

Aquiles cobriu a distância que os separava, juntando-se a ela no centro do santuário de Vênus, e a segurou pela mão.

— Encontrei? Mesmo sem sabermos se a Fúria pode ser derrotada?

— Sim, encontrou. E a Fúria pode ser derrotada, tenho certeza. — Lenta e deliberadamente, Kat se pôs na ponta dos pés, enquanto o puxava para si e o beijava com delicadeza. Preocupada, não alongou ou aprofundou o beijo, mas também não fez menção de recuar. O beijo era sua promessa de que o futuro com que ele sonhava poderia ser real, contudo não queria fazer nenhum tipo de pressão sobre Aquiles. Sorrindo, ela olhou para a cesta. — Se este santuário está abandonado há anos, como isto veio parar aqui?

— Seu desejo de tomar banho fez com que eu me lembrasse deste lugar. Enquanto dormia, esta manhã, eu trouxe as coisas para cá. Imaginei que fosse gostar de passar algum tempo a sós comigo. — Ele disse as palavras com sua habitual confiança, contudo Kat pôde ver a ponta de insegurança em seus olhos. Qualquer sinal de medo ou hesitação da parte dela o faria desmoronar.

— Pois acertou em cheio. Foi uma ideia maravilhosa.

Aquiles sorriu e curvou-se com uma formalidade exagerada.

— Seu banho a espera, princesa, e depois vamos jantar o que Aetnia preparou sob minha apavorante pressão.

Kat balançou a cabeça.

— Se foi assim, na certa ela preparou um par de sanduíches de arsênico com um cozido de vidro moído para acompanhar. — Olhou para a piscina de águas claras, então, e sentiu a garganta seca. — Tem certeza de que não há nenhuma criatura nojenta aí, esperando para me comer?

— A palavra de uma deusa do mar iria tranquilizá-la?

Alarmada, Kat olhou ao redor do oásis arborizado.

— Sua mãe está aqui?

— Ela veio comigo esta manhã e certificou-se de que o local era seguro.

— Preciso parar de dormir tanto. Estou perdendo muita coisa! — Kat avançou um passo para mais perto da água. Esta parecia mesmo não oferecer nenhum perigo e era muito, muito convidativa.

E seria tão bom ficar completamente limpa!...

Aquiles limpou a garganta, e seus olhares se encontraram.

— Vou ficar aqui, de costas, enquanto se banha. Basta me chamar e estarei a seu lado em um instante.

— Não seria melhor se ficasse de olho em mim? E se alguma coisa me agarrar e eu não conseguir chamá-lo? — Kat observou as diferentes emoções que desfilaram no rosto moreno: desejo, preocupação, necessidade... Quando percebeu que o medo estava vencendo Aquiles, apressou-se em dizer: — Por que a Fúria não o domina quando discute com Agamenon? Ele não o tira do sério?

Aquiles pareceu surpreso com a pergunta, porém respondeu no mesmo momento.

— É claro que tira. Aquele velho bastardo nunca me poupa de suas idiotices.

— Então por que não é possuído pela Fúria? — ela indagou outra vez.

Ele deu de ombros.

— Acho que é porque já me acostumei com o que ele me faz sentir. Digo a mim mesmo que é só Agamenon. Sem contar que não tenho permissão para lutar com o rei.

— Se é assim, por que não diz a si mesmo que sou apenas Katrina, a mulher que deseja? Afinal é assim que eu faço você se sentir, e também não pode lutar comigo.

Uma chama de esperança brotou e depois morreu nos olhos de Aquiles. Ele tornou a balançar a cabeça.

— Não. Não é a mesma coisa.

— Pode ser, se acreditar que é.

— Não. Não vou correr esse risco.

— Pois eu vou. Escute... Sente uma espécie de aviso antes que a Fúria o domine, não sente?

— Mais ou menos — ele admitiu, relutante.

— Certo. É muito simples. Fique sentado aí, bem à vontade. Há vinho na cesta?

— Sim.

— Pois beba e relaxe enquanto tomo banho. Mas fique de olho em mim para ter certeza de que nada vai me atacar. — Kat levantou a mão quando ele abriu a boca para protestar. — Sim, eu sei. Jacky já disse que não falo coisa com coisa. Não devia acreditar em tudo o que ela fala.

Os lábios de Aquiles se curvaram num sorriso.

— Neste momento, por exemplo, suas observações me parecem muito perspicazes.

Kat franziu a testa, fingindo-se séria.

— Que seja, mas nem pense em dizer isso a ela! Fique quietinho aí. Vou tomar banho e tudo vai ficar bem.

— E se não ficar?

— Se começar a se transformar, uso o meu botão de pânico. — Ela levantou o medalhão que ainda trazia pendurado ao pescoço.

Aquiles continuou inseguro.

— Vênus pode estar ocupada.

— Não. Ela me deu sua palavra. Além do mais, é uma deusa um tanto quanto intrometida. Vai estar aqui, nem que seja apenas para ter uma boa fofoca para contar depois. — Kat caminhou de volta para ele e colocou a mão em seu braço. — O negócio é o seguinte: precisa acreditar em si mesmo e em sua capacidade de me manter segura, tanto quanto eu acredito.

— Acredita que eu possa mantê-la em segurança?

Kat sorriu para o rosto marcado por cicatrizes.

— Claro que acredito. Foi você quem me manteve segura até agora. — Beijou-o suavemente, em seguida rumou com determinação para o banho que a esperava, cruzando os dedos e enviando uma prece silenciosa a Vênus: *Se pretende nos espionar, talvez agora seja um bom momento!*

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Em que diabo ela havia pensado?

Kat tentou não hesitar demais enquanto decidia, aflita, qual a melhor forma de tirar a roupa sem parecer muito provocante, e ainda não parecer apavorada até o último fio de cabelo diante do que aquela água podia esconder.

Esconder?...

Olhou a pequena piscina transparente. Onde estavam as algas e aquela boa dose de poluição quando se precisava delas?

Ande logo com isso, Katrina, ordenou a si própria, livrando-se da leve veste de seda verde que substituíra a azul, destruída por aquelas criaturas marinhas horrorosas. A túnica de baixo, por sua vez, era feita de uma leve camada de seda branca, e ela a deixou cair em torno dos pés. Até então, não pensara que nenhuma calcinha ou sutiã tinha vindo com as roupas. *Lembre-se apenas de que tem de ficar feliz por ele estar olhando para este corpo jovem e durinho, ao contrário do seu antigo, que já estava chegando aos quarenta, precisando perder uns cinco quilos e meio. E também de uma boa dose de malhação para aquela bunda flácida.*

Tentou manter uma postura régia enquanto entrava nua na piscina natural, e se preparou para congelar. Ao primeiro toque da água tépida, entretanto, sentiu um arrepio de prazer e, com um suspiro feliz, submergiu. Só depois olhou para Aquiles.

— Ei! Não está gelada!

Ele havia feito o que ela sugerira. Estava sentado sobre a manta, numa postura quase relaxada: recostado num dos pilares de mármore e com um odre aberto no colo. Parecia um pouco tenso, mas diferente do normal.

— É muito rasa para estar gelada, pelo menos nesta época do ano. O sol a aquece, e os salgueiros lhe proporcionam sombra, o que mantém a água numa temperatura perfeita. — Enquanto Aquiles falava, Kat percebeu que ele mantinha o olhar fixo no dela, não permitindo que os olhos passeassem por seu corpo, o qual a água pouco fazia para esconder. — Quando descobri este santuário, imaginei que essa piscina natural deve ter sido a causa de ele ter sido construído e dedicado a Vênus. — Aquiles sorriu, meio tímido. — Parece-me um lugar perfeito para que uma deusa tome banho.

Kat sorriu de volta.

— Ora, ora, Aquiles, eu não sabia que era um romântico inveterado!

Ele soltou uma risada seca.

— Eu não sou romântico.

— Você deixou uma flor no meu travesseiro! Para mim isso é a prova cabal do seu romantismo.

Ele tomou um longo gole de vinho.

— Como sabe que fui eu quem a pus lá?

— Ah, sim. Deve ter sido Aetnia, então. Ou talvez Briseida. Ambas adoram frequentar a sua tenda.

Aquiles bufou de novo e tentou, sem sucesso, encobrir o riso.

— A prova número dois foi essa cesta de piquenique cheia de guloseimas para mim — insistiu Kat.

— Esta cesta? — Ele colocou a mão dentro dela e tirou um pedaço de queijo envolto em uma espécie de pão sírio. Deu uma mordida grande no sanduíche e completou com a boca cheia: — Esta cesta é para mim, não para você.

— Claro que é para mim! — ela protestou, enquanto esfregava a sola do pé em um punhado de areia. — E a prova número três do seu romantismo foi essa manta.

— E por que isso é romântico?

— Porque não quer que eu suje a minha pele delicada... — Kat levantou o outro pé, cuja planta continuava suja, e agitou os dedos em sua direção.

A risada de Aquiles soou fácil desta vez, e ela concluiu que era o som mais maravilhoso que já tinha ouvido.

— A manta também é para mim — ele observou.

— Ah, claro. Sei bem como está obcecado por conforto e relaxamento...

Aquiles exagerou em um longo espreguiçar, e foi a vez de Kat cair na risada.

— Falando em conforto, há tempos estou querendo lhe dizer como gosto das tapeçarias da sua tenda. Elas retratam algum lugar em especial ou apenas um cenário qualquer?

— São todas de Phthia. Eu me sinto mais em casa cercado por elas.

— Phthia deve ser muito bonita — murmurou Kat, esfregando o cabelo e desejando estar com seu shampoo e condicionador favoritos.

O breve sorriso de Aquiles foi melancólico.

— E é, de fato. Eu gostaria de levá-la até lá algum dia.

— Eu adoraria ir. — Ela fez uma pausa e, em seguida, decidiu perguntar: — Aquiles, por que não reúne os seus Mirmidões e simplesmente vai embora daqui? Já se retirou da guerra e rompeu com Agamenon. Por que ficar?

— Já pensei nisso. Se isso envolvesse apenas a mim, ou até mesmo só nós dois, eu o faria. Mas os meus homens são Gregos. Phthia é uma parte da Grécia. Seria muito ruim para eles e suas famílias se retornassem antes do final da guerra. — Ele balançou a cabeça. — Não.

Vamos ficar até o fim. Lutando ou não.

— O que vai fazer se os Gregos perderem?

— Vou voltar para casa.

— E se eles ganharem?

Os lábios de Aquiles se contraíram.

— Vou fazer a mesma coisa.

— Então importa quem vai ganhar ou perder?

— Importa. Eu não quero que os Gregos pereçam, mesmo que Agamenon e Menelau sejam os responsáveis por isso. Sou responsável apenas pela morte dos meus próprios homens. Espero não perder mais nenhum dos Mirmidões. — Ele fez uma pausa antes de continuar. — Eu não devia ter vindo a Troia. Só fiz isso porque acreditava que meu destino não poderia ser mudado, e porque Ulisses me pediu.

— E agora acredita que sua sina possa ser mudada. — Kat não fez da frase uma pergunta, contudo ele concordou com um gesto de cabeça.

— Agora acredito em muitas coisas nas quais eu não acreditava há poucos dias.

Ela sorriu e, em seguida, submergiu na água. Quando reapareceu na superfície, assoprando e sacudindo o cabelo, Aquiles parecia relaxado e feliz.

Estudou-o com cuidado por um momento, em seguida decidiu que já era hora de sair da água, e de seu relacionamento avançar mais um passo.

— Ainda me deseja, Aquiles?

Ele piscou, obviamente surpreso com a pergunta.

— Claro que sim.

— Mas aí está você, todo descontraído e conversando comigo. E eu aqui, nua em pelo.

Aquiles ergueu as sobrancelhas.

— Isso é verdade.

— E, se não estou enganada, nenhuma Fúria está em andamento; tampouco prestes a acontecer.

— Não há como se enganar a respeito disso. Não, a Fúria não está me dominando.

— Não está nem perto de acontecer?

— Nem perto.

— Então acha que eu posso sair desta piscina e me aproximar de você?

Kat o viu engolir em seco.

— Nua? — Aquiles quis saber.

Ela sorriu.

— Na verdade, eu estava pensando em lhe pedir que me desse a manta até eu me secar.

— Ah, sim. Claro. — Ele pareceu envergonhado, o que Kat considerou um enorme avanço em relação àquela sua expressão pétrea e neutra, ou aos olhos vermelhos de quando ele ficava louco.

Quando Aquiles não fez nenhum movimento, insistiu:

— Poderia me trazer a coberta?

Raramente Kat o vira sem graça. Mesmo em repouso, Aquiles apresentava a postura de um guerreiro, mas, quando ele se levantou e apanhou a manta, parecia um elefante em uma loja de cristais de tão desajeitado, e ela teve de morder a lateral da bochecha para não rir.

Com um suspiro, ergueu-se acima da superfície e caminhou para fora da água. O olhar de Aquiles não deixou o seu em nenhum momento; nem mesmo quando ele abriu a coberta e ela se aproximou, nua e pingando, de seus braços.

Kat sentiu um tremor percorrer o corpo conforme estes se fecharam em torno dela. Recuou e sorriu para Aquiles como se ele a visse nua todos os dias. O conflito em seu semblante era evidente, contudo. Não havia sinal da Fúria, porém Aquiles já não parecia tão relaxado.

Ela prendeu a respiração. Com o nível de relaxamento dele diminuindo, e o de estresse aumentando, estava, literalmente, flertando com o perigo.

— Conte-me alguma história — pediu, apressada.

O rosto moreno transformou-se em um ponto de interrogação.

— História?

— Sim. — Kat o puxou com a mão que não estava segurando a manta na direção do santuário onde a cesta de piquenique aguardava. — Conte-me uma história sobre a sua infância enquanto comemos. Alguma coisa que tenha acontecido em Phthia. — Lançou-lhe um olhar malicioso por sobre o ombro. — Algo proibido, por exemplo.

Ele deixou escapar outra risada seca.

— E se eu era o filho perfeito e não fazia nada proibido?

— Então vou comer a cesta em vez do almoço que obrigou a pobre Aetnia a preparar. — Kat sentou-se ao lado do cesto, arrumando a manta ao redor do corpo, e torceu o cabelo molhado antes de olhar o que havia para comer. — *Hum!* Queijo, carne, azeitonas e vinho! Meus grupos favoritos de alimentos: gordura, álcool e sal. — Aquiles tinha se acomodado a seu lado, recostando-se no pilar outra vez e fazendo um esforço sobre-humano para relaxar e não olhar para seus ombros nus. Divertida, ela lhe entregou um pouco de pão e carne. — Ainda bem que este meu corpo é tão jovem. Há menos chance de esse queijo todo ir direto para o meu traseiro. Ao menos não tão depressa.

— No seu tempo você não era moça?

Kat o fitou por cima da comida. Aquiles não parecia chocado ou aborrecido com a ideia de

ela ser mais velha; apenas curioso.

— No meu tempo sou quase dez anos mais velha do que você — admitiu sorrindo.

Ele pareceu chocado.

— Deixou seu marido e filhos para vir para cá?

— Ah, Deus, não! Nunca fui casada e não tenho filhos.

— Fez algum voto de castidade para uma deusa?

— Hera e Atena ficaram meio confusas a respeito disso, também. No mundo moderno mortal as mulheres não se casam tão cedo. Pelo menos não as mais cultas e que têm dentes na boca... Na verdade, algumas de nós nem chegam a se casar ou a ter filhos. Não somos mais obrigadas a isso.

— E o que fazem da vida?

O sorriso de Kat foi longo e lento.

— Exatamente o que queremos fazer.

— Mas então são como os homens! — Aquiles exclamou, como se apenas naquele momento houvesse compreendido.

— Do seu ponto de vista, creio que isso possa ser verdade. — Ela ergueu uma sobrancelha.

— E, caso esteja se perguntando, não tenho nenhuma intenção de mudar as coisas, mesmo depois que vim para este mundo.

Ele a observou, atento.

— Quer dizer que nunca vai querer se casar, nem ter filhos?

Kat ignorou o incômodo que a pergunta lhe causou.

— Não necessariamente. O que significa que, se eu me casar ou tiver filhos, será porque eu quero, e não porque é o que se espera de mim.

— ... Concordo.

— Que bom. Agora quero ouvir alguma história do tempo em que era menino.

— Uma história proibida.

— Claro! São as melhores.

— Está bem. — Aquiles se acomodou melhor contra o pilar e cruzou as pernas na altura do tornozelo, bebericando do odre enquanto Kat remexia na cesta de piquenique. — Quando eu era menino, achava que jamais poderia me afogar.

— Faz sentido. Afinal sua mãe é uma deusa do mar.

— Teria feito mais sentido se eu também fosse imortal. Mas eu não era, mesmo agindo como se fosse. — Ele balançou a cabeça ao se lembrar. — Costumava deixar minhas amas loucas e, quando cresci um pouco mais, eram os meus tutores quem eu tirava do sério. Sempre me arrisquei demais, nadando para o meio do oceano, sendo apanhado em ressacas e mal

escapando delas. Fiz muitas coisas ridículas e irresponsáveis. Abusei tanto que meu pai me proibiu de entrar no mar.

— Aposto que sua mãe não gostou nada da ideia.

Ele riu.

— Não, mesmo. Mas ela também não queria que seu único filho morresse em um acidente ainda criança, causado única e exclusivamente por sua irresponsabilidade. Então os dois se uniram e planejaram me dar uma lição.

— *Hum...* Isso não está me soando bem. — Kat fez um gesto para que ele lhe passasse o odre.

— Eu não devia ter nem doze anos de idade, e Pátroclo estava com no máximo sete na época. Ele vivia atrás de mim, o que me incomodava sobremaneira, mas, naquele dia em particular, meu primo me contou que havia descoberto um barco abandonado em uma enseada, e que iria me levar até lá.

— E, uma vez que imaginava ser um deus do mar, um barco era perfeito para você — concluiu Kat.

— É óbvio que está raciocinando como meus pais. E, sim, insisti para que Pátroclo me levasse até o tal barco. No caminho para a praia, o tempo mudou depressa, como costuma acontecer em Phthia. Uma rajada de vento muito forte começou a soprar, e até vi pescadores retornando para a costa. Cheguei a zombar deles, chamando-os de covardes. Depois disso, Pátroclo e eu decidimos zarpar.

— Pátroclo estava mancomunado com seus pais?

— Não, eles apenas o usaram como instrumento. Meu primo foi comigo para o mar porque me acompanharia a qualquer lugar.

Kat observou o rosto moreno de Aquiles suavizar enquanto ele falava do primo.

— Você o ama muito, não é?

— Ele é como um irmão ou um filho para mim — admitiu Aquiles. — Pois, então... Nós dois navegamos para a tempestade. Já estávamos em alto-mar, e correndo um enorme risco, quando uma onda nos atingiu e eu fui lançado para fora do barco. Pátroclo gritou por mim e tentou me jogar uma corda, mas as ondas estavam extraordinariamente violentas. — Os lábios benfeitos de Aquiles se inclinaram para cima.

— Você disse “extraordinariamente”? Quero dizer, como se uma deusa do mar as estivesse agitando?

— Isso mesmo. Fui tolo, imprudente, mas não era idiota, e não demorou muito tempo para que percebesse que estava me afogando. Lembro-me de tentar invocar minha mãe, mas as ondas sufocavam os meus gritos. Não posso precisar o quanto engoli de água do mar antes que

aqueles golfinhos aparecessem; mas foi o suficiente para que eu ficasse em pânico.

— Espere um pouco. Disse “golfinhos”?

Ele riu e assentiu com um gesto de cabeça.

— Golfinhos. Eles me cutucaram com os focinhos, nadando ao meu redor e me mantendo na superfície, como se estivessem brincando com um melão, até me levarem para a praia.

— Foram eles que o salvaram?

— Sem dúvida. Eles me trouxeram em segurança para a principal praia de Phthia, que se encontrava cheia de pescadores e varinas, e também para junto de meus pais, que, no momento, estavam dando um passeio pelas docas na companhia de grande parte da corte. Estavam todos ali quando fui jogado para fora da água por um cardume de golfinhos, meio afogado e completamente nu.

— Nu? — Kat começou a rir.

— Nu. — Aquiles concordou. — De alguma forma, enquanto os bichos me cutucavam e me jogavam de um lado para o outro, conseguiram tirar toda a minha roupa; até mesmo as minhas sandálias.

— Deve ter sido uma cena e tanto! — Kat comentou enquanto tentava controlar o riso.

— Sem dúvida. Falaram sobre isso por anos a fio. Algumas das senhoras do povoado ainda gargalham ao se lembrar.

— E isso teve o efeito desejado em você?

— Quer saber se isso pôs algum juízo na minha cabeça? — Aquiles ergueu um ombro. — Sim e não. Percebi que poderia me afogar e imagino que tenha ficado mais cuidadoso depois disso. Ou ao menos minhas declarações se tornaram menos arrogantes. A coisa funcionou mais em Pátroclo. Até hoje ele detesta barcos e fica verde só de pensar em velejar. — Aquiles riu e pegou o odre das mãos dela. — Essa é a minha história de infância proibida, mileide.

Kat riu e aplaudiu quando ele tomou um longo gole de vinho. Ao entregá-lo de volta para ela, Aquiles se inclinou e a beijou nos lábios.

Kat fechou os olhos e se apoiou nele. Não de forma agressiva, apenas de um modo delicado e convidativo, deixando-o definir o ritmo. Quando finalmente se separaram, ambos arfavam, contudo Kat não viu nenhum sinal da Fúria nos olhos azuis.

— Posso hipnotizá-lo outra vez, se quiser — sussurrou.

— Eu sei que pode. — Ele a tocou no rosto e deixou a mão deslizar, acariciando a curva de um ombro nu. — E eu vou permitir que faça isso, se achar que deve.

— Mas? — ela perguntou.

— Mas eu gostaria de fazer amor com você sem nenhum feitiço. Quero experimentar tudo, e não apenas como um sonho maravilhoso. Vai me deixar fazer isso, Katrina?

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Aquiles estudou os expressivos olhos castanhos de Kat enquanto aguardava por sua resposta. Pôde perceber sua própria respiração e batimentos cardíacos se acelerando, porém ambos sempre se elevavam quando ele treinava, e nem por isso a Fúria o possuía.

Não preciso dela agora... Não preciso dela agora, repetiu para si mesmo em silêncio.

— Sim, Aquiles. Faça amor comigo!

As palavras o aguilhoaram.

— Não está com medo? — ele indagou, perplexo.

— Claro que não. Enquanto *você* estiver comigo, estou segura.

Ele a puxou para si e a abraçou com força, inalando o perfume dos cabelos úmidos e sentindo a leve umidade de sua pele. *Por todos os deuses!*, não trairia a confiança de Kat! Não era mais nenhum adolescente. Aquilo não iria terminar como terminara seu primeiro amor.

Beijou-a, lembrando a si próprio de fazê-lo lentamente e manter o controle. Kat abriu a boca, e sua língua encontrou a dela numa doce exploração. Braços delicados o envolveram pelos ombros, e ela se inclinou para ele, fazendo com que a manta deslizesse por seu corpo.

Então congelou no meio do beijo.

Num gesto lento e deliberado, Aquiles recuou de leve, de modo a apreciar o corpo nu. Quietamente e sem dizer nada, olhou para ela e, em seguida, estendeu as mãos e a tocou numa longa carícia desde o pescoço, passando pelos seios, pela curva da cintura, até os quadris e coxas. Em seguida seus olhos se encontraram outra vez.

— Você é maravilhosa — falou com reverência.

Kat sorriu, e ele viu o futuro em seus olhos. O *seu* futuro. Aquele com que tinha parado de sonhar, em que deixara de acreditar. Ela o trouxera de volta como uma possibilidade real.

Respirou fundo. Não sabia o que havia feito de tão bom para que as deusas o abençoassem com uma mulher tão milagrosa. Mesmo assim, prometeu-lhes em pensamento que, se elas o contemplassem com uma nova vida ao lado de Kat, de seus filhos, e dos filhos de seus filhos, iria louvá-las para todo o sempre.

Deslizou as mãos pela cintura delgada e a tomou nos braços outra vez, beijando-a com paixão e permitindo que os dedos percorressem a maciez de suas costas até as nádegas perfeitas. Segurou-as, pressionando-a com mais firmeza contra a ereção que pulsava entre as suas pernas. Kat moveu os quadris em resposta, e uma lembrança erótica de seu primeiro encontro lhe invadiu a mente. Excitado, ele se lembrou do corpo quente e úmido deslizando

para cima e para baixo em seu membro...

Uma onda de desejo o assolou, quase afogando-o com sua intensidade, e ele lutou para se controlar conforme pressentiu o calor da Fúria se insinuar em sua pele aquecida pela luxúria.

— Abra os olhos, Aquiles! Olhe para mim!

A voz doce de Kat foi como um bálsamo contra o fogo que ameaçava conflagrar em seus pensamentos.

Ofegante, ele obedeceu e encontrou seu olhar. A Fúria o ameaçava. Podia sentir sua sombra à espreita, pronta para possuí-lo, para sufocar e reprimir toda a sua humanidade.

No entanto, Kat não demonstrava medo. Seu sorriso continuava confiante. Não saiu de seus braços, tampouco abriu o medalhão a fim de pedir socorro à deusa.

— Não vai me deixar — ela murmurou com voz calma e melodiosa. — Vai ficar aqui comigo e me manter segura.

— Sim — ele sussurrou de volta, beijando-a de leve. — Vou mantê-la em segurança — afirmou, buscando a própria essência, aquela parte de si mesmo que era a sede de seu espírito, e se concentrou nela. — Esta paixão é diferente da que preciso para a guerra...

Não havia se dado conta de que tinha dito as palavras em voz alta, até Kat responder:

— É isso mesmo. O seu amor por mim não precisa destruir nada.

— Ao contrário. Quer apenas construir — ele completou, comovido.

Fitando-a nos olhos, mudou de posição de modo a deixá-la por baixo do corpo. Ergueu-se sobre um cotovelo e continuou com o olhar fixo no dela conforme lhe segurava um seio e acariciava o mamilo endurecido com a palma calejada. Os lábios carnudos de Kat se apartaram, e sua respiração se acelerou. Quando a mão dele se moveu para a fenda úmida entre suas pernas, Kat gemeu e arqueou os quadris. Ofegante, colocou a mão sobre a dele, guiando-o, ensinando-o a lhe dar prazer. Nem mesmo quando seu corpo sacudiu, tomado pelo êxtase, desviou o olhar do dele.

Antes que os tremores do clímax de Kat cessassem, Aquiles ergueu o corpo e, devagar, mergulhou o membro túrgido em seu âmago quente e macio.

— Fique comigo, Aquiles! Não me deixe! — Kat pediu num sussurro.

— Eu nunca vou deixar você! — ele prometeu, a voz profunda e rouca com o esforço que fazia para manter o controle. Levantou os quadris, deslizando quase para fora dela, e então tornou a investir, desta vez com mais firmeza.

— *Aquiles!* — Kat exclamou, entontecida de prazer com as seguidas estocadas.

Ele continuou arremetendo contra ela, como se querendo possuir não apenas seu corpo, mas também sua alma.

— Aquiles! — Kat gemeu mais uma vez, ancorando-o não só a ela, mas também à sua

sanidade e à sua humanidade.

Quando ele finalmente atingiu o orgasmo, foi o nome dela que brotou em seus lábios. Era a imagem dela que preenchia seus olhos. A alma de Kat era dele.

Aquiles e Kat retornaram ao acampamento dos Mirmidões quando o sol já se punha. Andando de mãos dadas e conversando, despreocupados, alcançaram a área iluminada pela fogueira. Divertida, Kat viu Aetnia arregalar os olhos quando ele jogou a cesta vazia a seus pés e disse “obrigado”.

— Estava tudo muito bom, Aetnia — completou em seguida e, enquanto todos o fitavam, boquiabertos, beijou Kat profundamente. — Eu já volto. Vou conversar com Pátroclo — explicou. Depois se afastou, parecendo muito satisfeito consigo.

— Esperem aí. Aquiles disse “obrigado”? — Jacky se levantou de um salto de onde descansava ao lado do fogo.

— Não sei por que boas maneiras a surpreendem tanto! — contrapôs Kat, acomodando-se a seu lado. — Nossa. Acho que preciso de um cálice de...

— Vinho, princesa?

Ela ergueu a cabeça e sorriu, aceitando a taça que a serva lhe oferecia.

— Aetnia, você é uma verdadeira vidente!

— Eu também vou tomar mais um pouco — decidiu Jacky.

Aetnia hesitou e olhou para Kat, que acenou com a cabeça. Só então a criada encheu o cálice de Jacky com a mão meio trêmula.

— MUITÍSSIMO obrigada, Aetnia — agradeceu Jacky com exagero.

— Não seja desagradável! — Kat sussurrou.

— *Buuu!* — Jacky bateu os pés diante da serva, e esta disparou para o outro lado da fogueira.

— Tem de provocá-la?! — Kat ralhou, exasperada.

— Para sua informação, ela é uma peste quando você não está por perto. Essa história de “princesa isso”, “princesa aquilo” é tudo teatro! Quando não está aqui, Aetnia só fica espalhando boatos entre aquelas mulheres que vivem nos olhando *atravessado*. Essa *praga* está aprontando alguma coisa! Não duvido de que eu seja obrigada a chutar aquela bunda seca e branquela qualquer hora dessas!

— Jacky, por favor... Lembre-se de que agora a sua bunda também é branca e magra!

— Sim, por isso mesmo estou comendo tanto. Estou determinada a mudar essa situação.

— Ah... Faça o que quiser.

— Às bundas grandes! — Jacky saudou, erguendo a taça.

— À *sua* futura bunda grande — corrigiu Kat, batendo o cálice no da amiga.

Jacky tomou um longo gole da bebida, depois ergueu uma sobrancelha para Kat.

— Muito bem... Detalhes.

Kat chegou mais perto dela e baixou a voz:

— Fizemos sexo.

— Meu bom Deus... *Derrubou* o sujeito outra vez? Quero dizer, literalmente?

— Não. Aquiles continuou no total controle de todas as suas faculdades mentais.

— Não ficou inconsciente, pensando que estava sonhando?

— Não.

— Está me dizendo que ambos sabiam que estavam *trepando*, ao contrário daquelas duas noites em que praticamente cometeu estupro?

— Eu já disse que não estuprei ninguém!

— Estou *pouco me lixando* para a sua semântica. Responda logo à pergunta.

— Sim. Estávamos ambos conscientes de estarmos *trepando*.

— Se está rindo feito uma idiota, é porque a coisa foi boa.

— Foi ótima! — garantiu Kat.

— E ele controlou a Fúria?

— Bem, na verdade, Aquiles controlou a si mesmo para que a Fúria não o possuísse.

Jacky tomou um gole do vinho e olhou para o fogo em silêncio.

— O que foi? — Kat indagou.

— Estou meio preocupada por ele não controlar essa coisa.

— Mas que diferença isso faz? Ele se controlou para que a coisa não o possuísse. Não é esse o objetivo?

— *Sei não*. Se ele for possuído, e se você não estiver por perto, imagino que faça uma grande diferença.

— Talvez não. Quando esta guerra acabar, Aquiles vai voltar para casa e terá uma vida sossegada. Se ele nunca mais entrar em uma batalha, talvez a Fúria não volte a dominá-lo.

— Em outras palavras, sua teoria é a de que ele precisa apenas ignorar a Fúria, e esta irá embora.

— Não. Não exatamente.

Jacky revirou os olhos, e Kat franziu a testa para a amiga.

— Está bem. Talvez.

— Bem, esperemos que a sua teoria seja mais bem-sucedida com a Fúria do que é com uma gravidez, por exemplo.

— Aquiles vai ficar bem — Kat falou com convicção.

Ambas olharam para o fogo e bebericaram o vinho.

— Vai ficar com ele, não é? — Jacky perguntou por fim.

— Sim. — Kat observou a melhor amiga, pensativa. — E quanto a você? O que vai fazer? Jacky suspirou.

— Infelizmente, parece que vou passar o resto da minha vida branca.

Rindo, Kat colocou o braço em torno dela.

— Podia *pegar uma corzinha*... Iria se sentir melhor?

— Claro que não! Não vou ser uma dessas branqueiras que ficam se bronzeando para depois ficar parecendo carne-seca aos quarenta anos! Tenho muito bom-senso para isso. Quantas vezes eu mesma gritei para que tirasse o traseiro do sol?

— Vezes demais para eu contar.

— Pois então. Sou sensata demais em relação a essas coisas — Jacky afirmou. — Sabe do que essas babacas torrando ao sol me fazem lembrar?

— De perus se afogando na chuva porque são estúpidos demais para sair dela ou engolir a água! — Kat respondeu de pronto.

— Como sabe disso?!

— Jacky... Cansou de dizer que eu parecia um peru me afogando na chuva!

— Isso porque também precisava tirar essa sua bunda branca do sol.

Kat estreitou os olhos para fitá-la.

— O que foi? — indagou a outra moça.

— Suas bochechas estão cor-de-rosa demais para o meu gosto. Como se tivesse se bronzeado!

— Ah, *merda*! Eu só quis pegar um pouco de cor.

— É assim que começam os transtornos obsessivos — apontou Kat, presunçosa.

As duas se entreolharam e depois caíram na risada.

Quando controlaram o riso, Kat enxugou os olhos e examinou a clareira iluminada pelo fogo e ainda frequentada pelo grupo habitual de noivas de guerra — o qual havia se acomodado o mais distante que podia dela e de Jacky.

— Por que Aquiles e Pátroclo estão demorando tanto?

— Tomara Aquiles esteja metendo um pouco de juízo naquela cabeça-dura do primo dele.

— Por quê? O que está acontecendo? — Kat quis saber.

— Pátroclo está reagindo muito mal a essa história de ficar fora da guerra. Parece que Ulisses bancou o *Superman* hoje. Estava imbatível e fez seus homens darem tudo na luta. Dizem que eles podem até vencer se continuarem assim.

— Os Gregos, quer dizer?

— *Hã-hã*.

— Isso é bom... Acho. Afinal, as deusas só queriam o fim da guerra. Se Ulisses de repente se tornar invencível, isso porá fim à Guerra de Troia. Por que Pátroclo está tão incomodado?

— Porque quer que Aquiles e o restante dos Mirmidões se juntem ao Exército. Diz que a vitória seria certa se isso acontecesse.

— Oh, Deus!... — Kat murmurou.

— “Oh, Deus!” mesmo.

— Acha que eu deveria incitar Aquiles a lutar? — Kat sentiu o estômago se contrair enquanto esperava pela resposta da amiga.

— Mas seu namoradinho não pode morrer se continuar lutando?

Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Não me lembro muito bem do restante daquela droga de *Ilíada*, mas esse fato é muito difícil de esquecer: Aquiles morre na Guerra de Troia.

— Então, não! — Jacky falou com firmeza. — Não o deixe lutar. Acabou de encontrá-lo e precisou vir de outro mundo para ficar com ele. É cedo demais para perdê-lo. Assim como sei que é cedo demais para eu perder Pátroclo. Não quero que aquele tonto volte para a guerra.

— Se é assim, vou me ater ao plano original e fazer o que eu puder para manter Aquiles fora dessa luta.

— Parece o melhor a fazer, mesmo.

— Vamos brindar a isso.

— Parece uma boa ideia.

Elas tocaram os cálices mais uma vez e sentaram-se para esperar por seus homens.

— *Pelos testículos peludos dos sátiros*, você estava certa! — Vênus caminhou de um lado para o outro da câmara interna do templo de Hera, no Monte Olimpo.

O oráculo da Rainha dos Deuses girava com imagens de Ulisses comandando os Gregos em vitória após a outra contra os Troianos.

— Atena o presenteou com algo além de seus fluidos divinos. O homem está imbatível!

— O que foi que eu disse? Ela nunca tem amantes e agora está encantada com seu brinquedinho humano — comentou Hera, franzindo a testa para o oráculo.

— Isso só prova o que venho dizendo há eras. Atena é muito reprimida, precisa se soltar um pouco! Devia mais era estar se encontrando com Ulisses na praia há anos! Desse modo, isso não teria sido uma experiência emocional tão violenta para ela. — Vênus suspirou, dramática.

— Isso significa que não haverá conversa com ela, você sabe.

— Então estávamos certas. O que vamos fazer? Essa guerra precisa acabar. Agora!

— Odeio dizer isso, mas acho que devemos apoiar os Gregos. Vamos acabar logo com essa coisa — decidiu Vênus, franzindo o cenho diante do oráculo.

— Vai mandar sua mortal moderna persuadir Aquiles a voltar com os Mirmidões para a batalha?

Vênus hesitou, não querendo contrariar sua rainha.

— Está decidido, Vênus! Precisa se certificar de que Aquiles retorne para a guerra com os Mirmidões.

— Acho que tem razão — a deusa concordou, relutante.

— É claro que tenho. Está resolvido. Agora vamos cuidar para que tudo isso aconteça depressa, antes que Zeus fique sabendo de alguma coisa. O dever dele é permanecer neutro, motivo pelo qual também deveríamos ficar de fora disso — observou Hera.

— Mas todos sabem que Zeus tende a apoiar os Troianos, principalmente o velho Príamo — Vênus lembrou.

— Eu sei, eu sei... Zeus começou a coisa toda, ficando do lado de Laomedonte contra Poseidon anos atrás, embora nunca devesse ter apoiado um mortal contra o Deus do Mar. Acontece que aqueles dois estão sempre discutindo sobre alguma coisa, e Zeus é muito rancoroso. Eu gostaria muito que ele...

— *Hera! Esposa! Onde está você?* — A voz do deus trovejou pelo Olimpo.

Hera deu um pulo, culpada, e Vênus revirou os olhos.

— Ele é tão rude!... Não devia ficar berrando para todo o Olimpo ouvir.

— Acha que eu não sei disso? — Hera correu para o oráculo e fez um gesto para que este ocultasse as cenas que aconteciam em Troia. — E, quando preciso dele, acha que consigo encontrá-lo? Claro que não. Mas basta Zeus precisar de alguma coisinha e já fica me chamando aos gritos!

— Talvez eu devesse ter uma conversa com ele — Vênus se ofereceu, amável. — O Amor tem direitos que outros imortais não têm. Nem mesmo o Rei do Olimpo deve se privar de um pequeno conselho amoroso.

— Não, não, obrigada. Melhor não. Nosso casamento vai muito bem.

Vênus torceu os lábios, parecendo duvidar.

— De qualquer forma, querida, preciso que o mantenha ocupado enquanto opero a minha magia lá embaixo. — Fez um gesto na direção do oráculo agora apagado.

— *Hera!* — Desta vez, a voz de Zeus soou bem mais próxima.

— Já estou indo!... Pode ir, Vênus. Eu cuido das coisas por aqui — garantiu a Rainha do Olimpo.

— Isto vai dar uma ajuda. — A outra deusa moveu os dedos na direção de Hera, banhando-a com um pó cintilante que impregnou sua pele.

— O que... — Hera começou, então ofegou ao sentir o corpo arrepiar e os mamilos enrijecer.

— Apenas um presentinho do Amor para sua rainha. — Vênus piscou para ela e, em seguida, desapareceu.

Com o corpo formigando, Hera correu para fora da câmara e acabou trombando com o corpo sólido do marido.

— Zeus! Por que estava se esgueirando?!

— Esgueirando! O Governante Supremo dos Deuses não precisa se esgueirar! E quanto a você? Por que estava correndo, toda aflita? — ele exigiu, olhando por cima de seu ombro delicado para a câmara interna que ela acabara de deixar.

— Eu não estava correndo, e muito menos estava aflita. Só queria ir ao seu encontro, como qualquer esposa atenciosa faria.

Zeus apenas bufou, exasperado.

— Por que estava berrando por mim e perturbando o Olimpo inteiro? — Hera ralhou.

— Eu não conseguia encontrá-la. Não estava em nossa sala do trono, nem nos jardins onde costuma caminhar a esta hora do dia. Por isso a chamei. Mas não estava berrando — ele afirmou com petulância.

— É claro que não — ela ironizou, mudando de humor e sorrindo conforme dispensava o comentário. — O que deseja de mim, meu senhor?

— Eu a tenho visto tão pouco ultimamente que imaginei que fosse gostar de me acompanhar em uma visita ao mundo antigo.

Hera refletiu que precisava mesmo passar mais tempo com o marido, ao menos até que aquela maldita guerra terminasse.

— Como de costume, tem toda a razão, meu amor — concordou com doçura. — Tenho estado muito ocupada com minhas funções divinas.

Zeus deixou escapar um grunhido satisfeito.

— Muito bem. Então está decidido. Vai me acompanhar até Troia. Ouvi dizer que os Gregos fizeram um avanço repentino na guerra. Tão repentino que há rumores de que houve interferência divina, embora eu tenha proibido os olímpicos de desempenhar qualquer papel ativo na batalha. — Ele estendeu o braço para ela. — Vamos até lá agora mesmo. Talvez você e eu possamos ter um almoço íntimo na praia depois de eu me certificar de que ninguém andou me desobedecendo.

O estômago de Hera se contraiu com o pânico, e ela tratou de reprimi-lo. Aproveitando-se

da nuvem de luxúria com que Vênus lhe polvilhara a pele, aceitou o braço do marido e sorriu para Zeus com malícia, roçando o mamilo contra o bíceps musculoso.

— Pensei que tivesse chamado por mim, querido...

— E chamei — ele confirmou, tentando não se deixar abalar pela sedução escancarada e incomum da esposa. — Imaginei que deveríamos ir a Troia juntos, formando uma frente.

— Ah. — Hera fez um beicinho com os lábios rosados e carnudos, e lançou um olhar para o lado. — E eu pensei que me queria para algo mais íntimo do que viajar a trabalho.

— Bem, é claro que quero, mas, como eu disse... — Zeus começou, e depois parou de falar quando a esposa levantou-lhe a mão e levou seu dedo indicador para dentro do ninho quente e macio da boca, chupando-o profundamente antes de lavá-lo com a ponta da língua. — Ah, mulher!... — ele gemeu quando, com a outra mão, Hera segurou o membro já endurecido entre suas pernas. — Tenho sentido a sua falta, e você sabe como me agradar!

— Eu apenas comecei a fazer isso, meu amo...

Ao ver sua necessidade de viajar para Troia substituída por outra, mais imediata, Zeus puxou a esposa para os braços e, com um movimento firme, transportou-os para o quarto onde esta não se fartou de agradá-lo cada vez mais.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

— Pátroclo, por que não consegue entender? — insistiu Aquiles. Ele havia encontrado o primo na volta do acampamento grego, e os dois agora caminhavam lado a lado pela praia enquanto conversavam. — Tenho uma chance de mudar o meu destino, e pretendo aproveitá-la.

— Eu compreendo. — Pátroclo parou e o encarou. — E também quero que seu destino seja outro. Mas isso não significa que não possa liderar nossos homens na batalha. Só precisa ficar longe de Heitor. Apenas se o matasse estaria fadado a morrer.

Aquiles balançou a cabeça.

— Uma batalha é um verdadeiro caos. Dizer que bastaria eu me manter distante de um dos guerreiros de Troia serviria se eu não estivesse possuído pela Fúria, em meio à fumaça, ao sangue e à confusão da guerra.

— Posso ajudar você. Todos os Mirmidões irão ajudá-lo e se certificar de que fique longe de Heitor.

Aquiles sorriu e esmurrou o primo leve.

— Se pretendem tomar conta de mim, como querem que eu os lidere na batalha?

Pátroclo se afastou dele.

— Isto não é nenhuma brincadeira.

— Acha que estou brincando com o meu destino?

— Não. — O rapaz suspirou e passou a mão pelo cabelo, frustrado. — Também levo essa profecia a sério, mas a última coisa que desejo é a sua morte, primo.

— Pois já devia ter se acostumado a ela. — Pátroclo começou a protestar, contudo Aquiles o interrompeu. — Eu também já havia me acostumado. Estava preparado para morrer antes de completar trinta verões, às portas de Troia, depois que matasse Heitor... E a ter meu nome reconhecido por séculos. Foi a escolha que fiz. Quando eu era jovem, a glória e a imortalidade do meu nome eram tudo o que eu desejava. Mas depois amadureci e compreendi a natureza do que tinha escolhido. Foi quando eu soube o que era arrependimento. O problema era que meu destino já era uma pedra rolando montanha abaixo. A única coisa que eu poderia fazer era deixá-lo acontecer. Mas então *ela* veio e tudo começou a mudar.

— Sim! É exatamente esse o meu ponto. Tudo mudou agora. As deusas arrancaram as almas de Katrina e Jacqueline de outro mundo, de outro tempo, e as trouxeram aqui para mudar as coisas. Como poderiam permitir que perecesse?

— Talvez se eu fosse tolo o suficiente para ignorar tudo o que elas me proporcionaram e voltasse para a batalha.

— Aquiles, você me disse que conseguiu impedir que a Fúria o possuísse hoje. Pode ter sido um presente das deusas. Será que elas não pretendem que use isso na batalha? Que tenha a capacidade de lutar e nos liderar sem se perder para a Fúria?

— Meu presente é Katrina. Foi ela quem me permitiu enfrentar a Fúria. E Kat não iria para a frente de batalha comigo. Jamais. — Aquiles colocou a mão no ombro do primo. — Eu a amo. Desejo passar o resto da minha vida com ela, e não apenas mais alguns dias.

— Eu também amo Jacqueline! — Pátroclo gritou, exasperado. — Mas nem por isso desisti de lutar pela glória da Grécia.

— Não estaria lutando pela glória da Grécia. Estaria lutando pela glória de Agamenon.

— Não é deste modo que a história vai se lembrar desta guerra — declarou Pátroclo.

— A história que se dane! Já estou farto de pensar no que vai ser ditou ou não a meu respeito no futuro.

— Os homens precisam da sua ajuda, Aquiles. Pode salvar vidas!

— Já salvei muitas — ele falou por entre os dentes enquanto mirava o mar iluminado pela lua. — Agamenon se cansou de me usar para lutar em suas batalhas. Pela primeira vez estou escolhendo salvar a minha própria vida. Pela primeira vez tenho a chance de contar com um futuro com o qual eu apenas sonhava. Não vou jogá-la fora. Não por Agamenon e sua ganância.

— Não é assim que eu vejo — insistiu Pátroclo. — Eu não estaria lutando por Agamenon. Eu estaria lutando pela Grécia.

— Se é tolo o bastante para arriscar sua vida e jogar fora o amor que lhe foi concedido, então lute. Não sou eu quem irá impedi-lo — decidiu Aquiles, virando-se e começando a caminhar para longe, na praia.

— Os homens não vão aceitar a minha liderança! — Pátroclo gritou às suas costas. — Eles só iriam seguir os seus comandos. Eu não sou Aquiles!

— Pois eu gostaria que fosse! — ele falou por cima do ombro. — Eu ficaria bem feliz em viver sua vida longa e frutífera enquanto estivesse entrando no campo de batalha com essa sua teimosia e ansiando por uma morte gloriosa!

Pátroclo observou o primo se afastar, depois apanhou uma concha e, com um grito de frustração, arremessou-a no mar.

— E ele ainda me chama de teimoso! — resmungou para si mesmo enquanto andava de um lado para o outro na beira da praia. — Não sei nem por que está sempre preocupado em usar aquele elmo de ouro. Nenhuma espada poderia atravessar aquela cabeça-dura! — O jovem guerreiro quis urrar de ódio. Como era possível que Aquiles não enxergasse? Liderar os Gregos em mais uma batalha — a batalha final da Guerra de Troia — não o levaria à morte.

As deusas tinham mudado as coisas. Elas decerto não iriam permitir que todos os seus esforços fossem desperdiçados.

E ele, Pátroclo, sentia-se muito grato. Não apenas porque agora acreditava que o primo fosse sobreviver, mas também porque havia encontrado a mulher dos seus sonhos. Não estava ignorando Jacqueline por querer lutar. Estava apenas zelando pela própria honra. De qualquer maneira, ela estaria lá, esperando por ele. E, depois de tudo, Jacky iria cuidar de suas feridas, recebê-lo em seu corpo macio e curá-lo.

O problema era que não haveria nenhuma batalha final e honrosa. Se Aquiles não estivesse lá para liderar os Mirmidões, estes não iriam lutar e, mesmo com o repentino destaque de Ulisses no campo de batalha, aquela guerra continuaria a se arrastar indefinidamente.

— Ah, se eu pudesse ser Aquiles!... Nem que fosse apenas por um dia! — murmurou Pátroclo.

— Quer saber, querido? Não é má ideia — conjecturou Vênus após se materializar em uma nuvem de fumaça brilhante a seu lado.

— Deusa! — exclamou Pátroclo, e caiu de joelhos, inclinando a cabeça.

— Levante-se, Pátroclo. Deixe-me olhar para você.

— Como, minha senhora? — ele perguntou, confuso. No entanto se pôs de pé, assim como Vênus havia ordenado.

— Deixe-me ver... — Ela caminhou num círculo lento ao redor do atordoado guerreiro. — Têm quase a mesma altura e constituição física. É óbvio que são parentes. Aquiles é mais encorpado, claro. E você é bem mais loiro do que ele. Mas, sob a armadura, isso não será tão perceptível. Além do mais, posso usar um pouco de magia aqui, outro acolá... Basta que use o elmo do seu primo, o restante de sua armadura, e ninguém será capaz de notar a diferença. Ainda mais no calor da batalha.

— Não compreendo, senhora. — Mesmo enquanto proferia as palavras, no entanto, Pátroclo soube que a Deusa do Amor estava fazendo planos, e seu coração disparou, ansioso.

— Não mesmo, querido? Acabou de dizer que gostaria de ser Aquiles para liderar o ataque final dos Gregos contra os Troianos. Pois acredito que eu possa lhe conceder esse desejo. Se for realmente isso o que quer... É isso o que deseja, jovem Pátroclo?

Pátroclo quis gritar de alegria e aceitar de imediato a oferta da deusa, porém os Olímpicos eram muitas vezes caprichosos, e seus caprichos poderiam ser perigosos e mortais.

— Por que deseja me ajudar, Afrodite?

A deusa franziu a testa, e o ar ao redor deles se aqueceu, fustigando a pele de Pátroclo.

— Será possível que vocês, Gregos, nunca se lembram de que prefiro ser chamada de Vênus?

Pátroclo inclinou a cabeça.

— Perdão, grande deusa! Eu não quis ofendê-la.

Vênus respirou fundo, a brisa quente cessou, e o agradável frescor da noite voltou à beira-mar. — Claro que não, querido. Eu não devia ser tão sensível, mas tenho estado sob um terrível estresse nestes últimos tempos. Esta guerra está me dando nos nervos, o que nos traz de volta à razão desta minha pequena visita e à sua pergunta. Eu gostaria de ajudá-lo porque a Guerra de Troia já foi longe demais. Nós queremos que ela acabe, e pode nos ajudar para que isso aconteça.

— “Nós”? Quer dizer que os deuses estão realmente envolvidos na luta?

— Na verdade, as *deusas* é que estão envolvidas na guerra.

Pátroclo arregalou os olhos ao compreender tudo.

— Atena está ajudando Ulisses!

— Entre outras coisas — Vênus murmurou e, em seguida, limpou a garganta. — E sim, eu estarei ajudando você.

— Sinto-me honrado, grande deusa. Mas por que eu? Nunca fui fiel à senhora. — Ele sorriu, meio tímido. — A verdade é que, até pouco tempo atrás, eu não sabia quase nada do amor.

Vênus o tocou no rosto, e Pátroclo sentiu uma onda quente de amor e felicidade percorrer o corpo.

— Mas o encontrou, não encontrou?

Ele assentiu, incapaz de falar.

— Por isso mesmo eu o escolhi. O amor recém-descoberto é a mais poderosa das emoções. Detém uma magia muito especial. Já o vi afastar a morte, curar almas e frustrar o destino. Usarei a magia do amor recém-descoberto e também a sua semelhança física com o seu primo. Essas duas coisas juntas e abençoadas por mim irão permitir que se faça passar por Aquiles apenas por tempo suficiente para que lidere os Mirmidões e o exército grego contra os Troianos. Vai ordenar o ataque quando as muralhas forem violadas.

Pátroclo estremeceu com excitação e seus olhos cintilaram.

— Eu o farei! Farei isso pela Grécia e pela senhora.

Vênus inclinou a cabeça em reconhecimento diante da promessa.

— Fico feliz em ouvir isso. Agora, tudo o que precisa é da famosa armadura de Aquiles e da minha bênção logo após o amanhecer.

— Meu primo guarda a armadura em sua tenda. Como eu...

— Deixe isso comigo. O Amor irá manter Aquiles ocupado — garantiu Vênus.

— Mas e quanto aos Mirmidões? Como faço para reuni-los sem alertar Aquiles?

— Basta espalhar entre as tendas, esta noite, que ele convocou um treinamento especial para amanhã, e todos virão para cá pouco depois do amanhecer. — Vênus fez um gesto ao redor, apontando a praia onde estavam: bem no meio do caminho entre o acampamento grego e o dos Mirmidões. — Deixe implícito que Aquiles se encontra inquieto. Os homens já se encontram surpresos com sua decisão de se retirar da luta. Não demorará a convencê-los de que ele retomou seus antigos hábitos.

Pátroclo concordou com um gesto de cabeça, pensativo.

— É verdade. E se o Amor mantiver Aquiles ocupado em sua tenda, ele não vai ouvir falar do treinamento que supostamente teria organizado. — Sorriu de leve. — Meu primo vai ficar furioso quando descobrir que foi enganado.

O sorriso de Vênus quase o cegou com sua beleza.

— Até lá esta guerra estará terminada e os Gregos terão saído dela vitoriosos. Aquiles estará alegre e ocupado demais, fazendo planos para voltar a Phthia, para ficar zangado com você.

— É brilhante, senhora! — elogiou Pátroclo com um floreio, curvando-se.

A deusa piscou os longos cílios, toda coquete.

— Claro que sou, querido.

— E quanto aos Gregos? Diremos a eles que Aquiles é que está no comando?

Vênus levantou uma sobrancelha fina.

— Acredito que Ulisses possa nos ajudar a espalhar esse boato.

— Então está decidido.

— Isso mesmo. Ao amanhecer, estarei à sua espera, atrás da sua tenda. — Vênus fez uma pausa ao se lembrar de mais um detalhe. — Precisa tirar Jacqueline do caminho. Ela é uma mulher moderna e não ficará de braços cruzados enquanto estiver liderando os Gregos na batalha.

Pátroclo assentiu e riu baixinho.

— Jacqueline jamais ficaria de braços cruzados. Ela tem o corpo de uma jovem donzela e o coração de uma guerreira. É uma mulher muito incomum.

— Tem razão, ainda que não tenha conhecido muitas mortais modernas. De qualquer forma, isso será um problema para nós. Ela é obcecada por você e não... — As palavras de Vênus sumiram quando ela começou a sorrir.

— O que foi, minha deusa?

— Jacky está tão louca por você que deseja muito lhe agradar. Pois acorde-a antes do amanhecer. — Ela sorriu sugestivamente. — Faça-a despertar de uma vez e, em seguida, diga-lhe que está morrendo de vontade de comer aqueles mariscos frescos que o mar revela na

maré baixa.

— Na maré baixa? — ele indagou, sem compreender.

Vênus suspirou.

— A maré baixa acontece quase no meio da noite. Peça a Jacky que vá colher amêijoas enquanto treina com os homens. Ela deixará a tenda durante a madrugada e estará fora do caminho.

— Tem certeza de que ela faria isso por mim?

— Dê-lhe prazer primeiro, demonstre seu amor por ela, e Jacky irá atrás dos moluscos sem pestanejar. As mortais modernas são muito lógicas. Se fizer algo de bom para ela, Jacky há de querer retribuir.

Pátroclo sorriu.

— É assim, tão simples?

— Será depois de uma pitada ou duas da minha magia. Agora vá ficar com sua mulher, valente Pátroclo, e amanhã estará preparado para a glória! — Vênus bateu palmas e desapareceu em uma nuvem cintilante de fumaça.

Sorrindo até as orelhas, Pátroclo correu pela praia, determinado a levar Jacqueline para a tenda e passar o restante da noite fazendo amor.

Não foi difícil encontrar Atena e Ulisses. Nem seria preciso possuir a magia divina do Amor encarnado para reconhecer os gemidos e suspiros da paixão que estes compartilhavam. Por consideração, Vênus se materializou numa curva da praia, em meio a um bosque de árvores altas e, em silêncio, aproximou-se dos amantes. Atena se encontrava deitada sobre uma manta de cetim, usando apenas um robe prata transparente. Já Ulisses, completamente nu e — Vênus registou com satisfação — mais bem dotado do que ela imaginava, beijava o arco do pé da deusa.

Tomara Atena tivesse pedido às ninfas da floresta que lhe fizessem uma pedicure completa!, pensou Vênus, decidida a conversar com a outra mais tarde sobre aquele tipo de coisa.

Limpou a garganta.

Ulisses agarrou a espada e, num movimento rápido, girou o corpo, agachando-se na defensiva diante de Atena.

Vênus levantou uma sobrancelha.

— Como é protetor, meu querido!...

Atena se pôs de pé em um instante, postando-se entre Ulisses e Vênus.

— Como ousa me interromper? Não tem o direito de...

— *Blá, blá, blá...* — Vênus revirou os olhos. — Reserve essa sua arrogância para os mortais, Atena. Até porque não vou interrompê-los por muito tempo. Tenho apenas que dar um recado a Ulisses.

Os olhos da Deusa da Guerra se estreitaram.

— O que quer com ele?

O sorriso da Deusa do Amor foi lento e sábio.

— Ciúme? Que divertido. Ridículo, mas divertido. Fique tranquila. Não tenho nenhuma intenção de seduzir o seu amante. Ulisses, querido... — Vênus desviou os olhos de Atena, que continuava a fulminá-la com o olhar, e o guerreiro deu um passo para mais perto de sua deusa, o que lhe proporcionou uma agradável vista frontal de toda a sua glória. — Ah, aí está você... Muito bem de saúde, por sinal.

— *O recado!* — Atena falou por entre os dentes.

Vênus suspirou.

— Claro. É só que Aquiles vai liderar os Mirmidões na batalha de amanhã, logo após o amanhecer.

Ulisses cerrou os punhos e abriu um sorriso.

— Eu sabia que ele ia ceder! — exclamou. Em seguida, virou-se para Atena e se pôs sobre um joelho.

— Amanhã, minha deusa, meu amor, os Gregos lhe presentearão com a vitória sobre os Troianos.

— Que interessante — Atenas respondeu, porém seus olhos não deixaram a Deusa do Amor um só momento. — E por que isso estaria acontecendo?

— Se não tivesse andado tão preocupada, saberia o motivo. — Vênus fez um gesto para que elas se afastassem alguns metros. — Será que podemos ter uma conversa em particular?

Ainda franzindo a testa para a outra diva, Atena virou-se para Ulisses.

— Eu já volto — resmungou, e seguiu com Vênus praia abaixo. — Explique-se! — exigiu, tão logo se encontravam distantes do campo de audição do guerreiro.

— Em primeiro lugar, devo repetir: devia tê-lo tomado como amante *eras* atrás!

— Minha vida amorosa não está aberta a discussões.

— Querida, eu não estou discutindo a sua vida amorosa, apenas a ausência dela até agora. De qualquer modo, a coisa toda é muito simples: tem ajudado Ulisses, o que basicamente tornou a presença de Aquiles no campo de batalha dispensável.

Atena respirou fundo, preparando-se para elaborar uma desculpa, porém Vênus ergueu a mão, silenciando-a.

— Poupe-me! Foi bom para você. — Lançou um olhar por cima do ombro da deusa para o

local onde Ulisses a aguardava. — Na verdade, foi ótimo... Mas acabou prejudicando o nosso pequeno plano.

— Eu sei — Atena admitiu.

— Por isso mesmo, Hera e eu fizemos algumas alterações nele. Os Gregos podem muito bem vencer agora. Não importa para nós, contanto que essa guerra tenha fim.

— Eu me importo — declarou Atena.

— Imagino. De qualquer forma, isso tudo ficar duas vezes melhor para o seu lado. Os Gregos vencem, seu amante é Grego... E todos viverão felizes para sempre. Ei, talvez possa manipular as coisas, de modo que Ulisses demore outra década para voltar para casa! Assim poderia tê-lo só para si por muito mais tempo.

Os olhos cinzentos de Atena se estreitaram de novo.

— Eu já disse que não estamos discutindo a minha vida amorosa.

— Pelas nádegas molhadas de Poseidon, você é muito aborrecida! — exclamou Vênus. Em seguida, lembrando-se de onde estava, lançou um olhar nervoso na direção do mar. — Desculpe-me, querido. Sabe que eu disse isso com amor.

— Quer fazer o favor de manter o foco? E quanto a Aquiles e seu destino? Isso significa que ele vai morrer amanhã? — Atena quis saber.

— Ah, não se preocupe com isso. Aquiles estará dormindo, bem seguro, em sua cama. Será Pátroclo, ajudado por um pouco da minha magia, quem irá liderar os Gregos. Mas não compartilhe essa informação com o seu namorado!

— Ele não é meu nam... — Atena começou a vociferar.

— Não importa! Só não conte a ele. Eu a verei amanhã, assim que essa coisa toda terminar. A menos que esteja ocupada outra vez...

Vênus jogou um beijo para Ulisses e, em seguida, desapareceu.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

As enormes tendas de Agamenon vibravam com festa. Naturalmente, a maior parte dos farristas era de contemporâneos do rei — homens muito velhos ou então de posição proeminente demais para ir a combate, ainda que não se pudesse dizer isso diante de seus brindes e discursos.

Também havia mulheres a rodo. Jovens e submissas noivas de guerra que, se não ansiosas por agradar, ao menos pareciam dispostas a fingir que sim diante das vantagens que uma noite como aquela poderia lhes proporcionar.

Briseida odiava todos eles. Cada um daqueles bodes velhos no cio, com seus testículos murchos. Mesmo assim, lançava discretos sorrisos àqueles que considerava menos repulsivos. Agamenon poderia se cansar dela a qualquer momento e, se isso acontecesse, ela poderia se valer de algum daqueles futuros cadáveres até que houvesse algum guerreiro disposto a lutar por ela contra seus camaradas.

O que ela não daria para pertencer a alguém tão viril como o dourado Aquiles!... Suas cicatrizes nunca a haviam incomodado, e a Fúria sempre a animara mais do que assustara. Entretanto, quando pertencera a ele, Aquiles não costumava nem mesmo olhar em sua direção, a menos que quisesse vinho ou comida. Desde que ele dera permissão para que Agamenon a levasse, ela vinha se amaldiçoando por não ter sido mais ousada ao ter uma chance com ele. Devia ter ido para sua cama sem ser convidada. Devia ter pensado em enfeitiçá-lo, como fizera Polixena.

— Briseida! Mais vinho! — Agamenon ordenou, esticando-se de onde estava, sentado em seu trono de ouro, para lhe agarrar um peito e apertar dele a ponta, apenas para a delícia dos generais que a tudo assistiam.

Briseida quis cerrar os dentes e sibilar como uma víbora, mas, em vez disso, arqueou as costas num gesto sensual e falou com voz rouca:

— Qualquer coisa que desejar, meu senhor. — Então apanhou o enorme jarro de vinho e desfilou diante dos outros homens, acariciando o lado liso da cerâmica sugestivamente enquanto lhes permitia apreciar seus jovens mamilos intumescidos e fantasiar sobre tudo o que quisessem.

Assim que saiu da tenda, desistiu do caminhar sensual e passou a se mover com o silêncio de um gato — habilidade que tinha aperfeiçoado quando ainda era apenas uma criança. E claro que aqueles guerreiros idiotas que se amontoavam ao redor dos barris de vinho não se deram conta de sua aproximação.

Ao ouvir o nome *dele*, Briseida congelou em meio às sombras.

— Aquiles?! Tem certeza? — indagou um baixinho de aparência rude.

— Ouvi o próprio Ulisses falando. Deve ser verdade! — Foi a resposta de um soldado alto e cheio de marcas.

— Com Aquiles e seus Mirmidões liderando o ataque, irmãos, a vitória será nossa, amanhã!

— Eu não acreditava que ele fosse lutar de novo. Ouvi dizer que a princesa de Troia havia lhe lançado um feitiço — comentou outro homem.

— Ela lançou um feitiço apenas *aqui* — respondeu o homem baixo, agarrando os genitais e projetando os quadris —, e não aqui. — Com a outra mão, ele levantou a espada e a fez girar em arco ao redor da cabeça.

Todos os homens riram, e Briseida saiu das sombras.

— Agamenon deseja mais vinho. Encha isto — falou, fria, estendendo o jarro.

O baixinho o apanhou.

— Vou enchê-lo para você... — Seu olhar persistente dizia que ele gostaria de enchê-la assim como faria com o jarro; contudo Briseida sabia que, enquanto ela fosse o prêmio de guerra de Agamenon, nenhum homem falaria abertamente de sua luxúria. O rei poderia fazer o que quisesse com ela, mas não seus homens.

O homenzinho entregou-lhe o jarro de volta, os olhos fixos nos mamilos eretos por baixo das vestes transparentes.

— Qual é o seu nome? — Briseida quis saber.

Ele sorriu, exibindo os dentes podres.

— Aentoclus, senhora.

— Pois muito bem, Aentoclus. Se olhar de novo na minha direção, direi a Agamenon que tentou me violentar e pedirei ao meu amante, o seu rei, que me traga seus testículos como compensação.

Enquanto o guerreiro perdia a cor, Briseida sorriu e foi embora, segurando o jarro com cuidado para não derrubar vinho nas vestes.

Voltou para o lado de Agamenon, desta vez ignorando os olhares lascivos dos generais. Encheu seu cálice e inclinou-se para o rei, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Tenho notícias sobre Aquiles.

Os olhos perspicazes do monarca se desviaram para os dela, e o que ele viu neles o fez bater palmas e ordenar:

— Mais música e dança!

A música explodiu no ambiente enquanto adolescentes vestidas apenas com correntes de

ouro ondularam através da tenda, desviando a atenção dos homens.

— O que ouviu? — ele perguntou com calma.

— Aquiles e os Mirmidões vão liderar o ataque amanhã — Briseida sussurrou, acariciando-lhe o ouvido, e sentiu o choque que atravessou o corpo de Agamenon.

— Tem certeza?

— O próprio Ulisses se encarregou de espalhar a notícia.

— Se isso for verdade — ele passou o braço ao redor de sua cintura —, você é uma joia rara, minha querida.

— E sempre sua, meu amo. Sempre sua. — Briseida sorriu, presunçosa, e se aninhou junto dele, deslizando a mão macia de modo a acariciá-lo no interior da coxa. Não, Agamenon não se cansaria dela. Não importava o que ela tivesse de fazer: continuaria a ser a noiva de guerra do rei mesmo quando eles voltassem para a Grécia.

— Kalchas! — Agamenon levantou a voz acima da batida sensual dos tambores.

— Aqui, meu senhor. — O velho profeta pareceu materializar-se do nada.

Ele é como uma névoa venenosa, Briseida pensou, alimentando seu desgosto por aquele velho nojento que vivia se esgueirando. Ele era um dos homens favoritos do rei, e ela, esperta demais para se mostrar sua inimiga.

— Vá chamar Ajax para mim.

— Ajax, senhor?

Briseida notou que os generais que tinham ouvido o comando de Agamenon também ficaram confusos. Ajax era brilhante no campo de batalha. Fora deste, mal conseguia concatenar as ideias. O homem era, literalmente, tão grande, forte e estúpido como um boi.

— Sim, Ajax. Eu tive um sonho ontem à noite em que ele era fundamental para uma grande vitória amanhã. Quero contar-lhe a respeito desse sonho e da recompensa que pretendo lhe dar por seus feitos heroicos.

— Sim, senhor. — Kalchas curvou-se e correu para fora da tenda.

Os generais que a tudo haviam escutado sorriram e sinalizaram sua concordância. Sonhos eram enviados pelos deuses, e ver seu rei se baseando em um deles para agir era algo a que jamais se oporiam.

Mas Briseida sabia: Agamenon estava mentindo. A única coisa com a qual ele sonhara na noite anterior fora com suas pernas abertas. Ele mesmo lhe revelara isso naquela manhã quando, ao acordar, pusera o rosto entre suas coxas.

Acariciou seu ouvido outra vez enquanto sussurrava:

— O que pretende fazer, amo?

Em um movimento rápido, Agamenon a puxou para o colo de modo que ela montasse em

sua ereção e ele pudesse empurrá-la intimamente entre suas pernas. Briseida inclinou-se sobre ele e, escondido por seus longos cabelos, o rei revelou:

— Se Aquiles lutar contra os Troianos amanhã, será sua última batalha; e também o dia em que seremos vitoriosos. Espero há quase dez verões que a maldita profecia de sua morte se concretize, e não vou esperar mais.

— Mas ouvi de minhas fontes, no acampamento dos Mirmidões, que Polixena parece estar frustrando a profecia! Talvez isso seja verdade. Sabe que nem mesmo os asseclas de Poseidon poderiam matá-la.

Agamenon mordeu-lhe o pescoço.

— Tudo o que Aquiles precisa fazer é matar Heitor, e sua morte virá em seguida — sussurrou, malévolo. — Foi Zeus quem decidiu assim. Nem mesmo um oráculo protegido por uma deusa pode mudar isso. Polixena o tem mantido fora do campo de batalha e, portanto, distante de Heitor. Mas talvez a arrogância de Aquiles o tenha levado a acreditar que seu oráculo, de alguma forma, vá protegê-lo no campo de batalha. Meu trabalho será apenas garantir que o caminho de Heitor até Aquiles esteja aberto. O destino fará o restante.

Briseida riu com voz rouca.

— É mesmo brilhante, querido — falou com um gemido, ondulando o corpo contra o membro túrgido de olhos fechados e fingindo que cavalgava o corpo jovem e forte de um guerreiro.

— Esse feitiço não pode ser assim, tão simples — comentou Aquiles.

— Eu já disse que não é magia, é auto-hipnose. E, sim, ela é muito simples... e complexa ao mesmo tempo — admitiu Kate. — A nossa mente é incrível. Pode fazer uma pessoa acreditar que está doente ou, melhor ainda, fazê-la acreditar que está bem quando deveria estar doente. Já testemunhei verdadeiros milagres nesses dez anos de prática.

— E essa auto-hipnose, que não é feitiço, mas se parece muito com um, pode me ajudar a manter a Fúria sob controle — ele concluiu, pegando uma mecha grossa do cabelo de Kat, enrolando-a no dedo e depois levando-a aos lábios. — Isto é como uma pele de zibelina. Eu nunca vou me cansar de tocá-lo.

— Eu dei sorte — sussurrou Kat, inclinando a cabeça para que Aquiles pudesse acariciar os fios com mais facilidade. — Polixena tinha um cabelo maravilhoso.

Aquiles sorriu.

— Eu me esqueço de que este corpo nem sempre foi seu. Qual era a cor do seu cabelo antes?

— Era loiro. Não tão comprido assim, mas também era bom.

— Seria linda de qualquer forma para mim — ele afirmou, beijando-a nos lábios de leve.

— Que bonitinho... Mas não vai conseguir mudar de assunto tão fácil. Sim, a auto-hipnose, que não é um feitiço coisa nenhuma, pode ajudá-lo a controlar seu corpo e suas emoções, de modo que consiga se manter relaxado o suficiente para evitar os gatilhos que despertam a Fúria. Não importa o que esteja acontecendo com você.

— Quer dizer, então, que o nosso filho não vai me despertar a Fúria acidentalmente ao acreditar que não pode se afogar por ser neto de uma deusa do mar... — elaborou Aquiles, fitando-a nos olhos.

Refém das profundezas azuis da alma daquele homem incrível, Kat vislumbrou um futuro em que o amava e vivia a seu lado. Queria, sim, ser a mãe de seus filhos. Assim como queria netos ou qualquer que fosse o equivalente, no antigo e mágico mundo grego, para a família tradicional. Em uma casa com *cerquinha* branca, de preferência. E ainda queria um cachorro. Queria tudo.

— E se for “a nossa filha”?...

Aquiles piscou, pois não tinha considerado essa possibilidade. Depois soltou uma risada seca, e seus lábios se curvaram no esboço de um sorriso.

— Acho que vou ter de aprimorar a minha prática de auto-hipnose. Ou talvez não praticá-la de modo algum. Afinal, ser dominado pela Fúria seria uma coisa boa ou ruim quando algum pretendente tentasse tirar a minha filha de mim?

Kat sorriu.

— Creio que o controle ainda é a chave nesse caso. Se ele for um sujeito todo largado, daqueles que veste calças de *emo* e usa delineador, deixamos a Fúria tomar conta. Mas se for um bom menino, só precisa rosnar e assustá-lo um pouco.

Aquiles franziu a testa, confuso, e Kat caiu na risada.

— Em resumo, você só devora os pretendentes de que não gostarmos, que tal?

Ele continuou de testa franzida.

— A Fúria não devora ninguém.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Pelo menos não normalmente — Aquiles acrescentou.

Kat estava decidindo se iria questioná-lo a respeito daquela história de “pelo menos não normalmente” quando o grito de uma mulher chegou até a tenda. Aquiles se pôs de pé, porém o grito foi seguido por uma explosão de risadas. Ele chegou a dar um passo hesitante em direção à saída, contudo Kat o agarrou pela mão e o puxou de volta para a cama.

— Por mais embaraçoso que seja admitir, é Jacqueline. E, não, ela não precisa de ajuda.

Aquiles sentou-se na cama a seu lado.

— Ela é sempre tão escandalosa?

— Não. Esse é o seu grito mais espetaculoso. O que significa, e posso afirmar isso com cem por cento de exatidão, que Pátroclo não está mais aborrecido com você. Está lá fora, proporcionando a Jacky o melhor momento de sua vida.

— Sei — ele resmungou. — Esse pirralho está mais é causando uma balbúrdia. Ele e Jacqueline deveriam ser mais discretos, mais reservados.

Kat ergueu as sobrancelhas.

— Aquiles, está parecendo um velho celibatário! Meu Deus, preste atenção no que está dizendo... Parece ter cem anos de idade!

— Não sou celibatário coisa nenhuma.

— E pensar que Hera e Atena acusaram Jacky e a mim de sermos duas solteironas apenas porque tínhamos um pouco mais de idade! Você, sr. Herói de Guerra, não passa de um velho resmungão, apesar de nem ser idoso! — Mais risos derivaram através das barracas e, desta vez, foram acompanhados por uma voz masculina profunda, sensual e insistente. — E *ele*... — Kat fez Aquiles voltar o queixo em direção à tenda ao lado — ... não é nenhum “pirralho”.

— Está cobiçando meu jovem primo? — indagou Aquiles, os olhos azuis cintilando.

— Posso responder a essa pergunta depois que Jacky me contar todos os detalhes amanhã?

— Gosta mesmo de me provocar — resmungou Aquiles antes de, rosnando de brincadeira, puxá-la de volta para a cama com ele.

— E você é um velho solteirão! — insistiu Kat, fingindo se debater.

— Um solteirão faria isto?... — Aquiles se curvou e cobriu a boca macia com a sua.

Não foi um beijo selvagem, fora de controle. Ele se lembrou de como ditar o ritmo, de monitorar a respiração e de certificar-se de que a luxúria não o dominasse, despertando a Fúria.

Mesmo assim, foi um beijo profundo e apaixonado; uma promessa íntima de muito mais.

Quando Aquiles descolou a boca da dela, Kat estava sem fôlego.

— Se eu retirar essa coisa de solteirão, vai parar de me beijar assim?...

— Nunca — Aquiles garantiu num sussurro.

— Fico feliz em ouvir isso porque não quero que pare. Jamais.

— Não vou parar, minha Katrina... Minha princesa...

Aquiles fez amor com Kat. Lenta, langorosamente, como se seu corpo fosse um projeto e ele fosse construindo seu prazer aos poucos, com um toque de cada vez, até que ambos encontraram a plena satisfação.

Conforme Kat mergulhava no sono em seus braços refletiu que ter um homem que a amava com tanto vagar e cuidado fora a experiência mais erótica de sua vida.

Vênus materializou-se na penumbra da tenda onde os amantes se encontravam adormecidos. Movendo-se como uma sombra, afastou o cortinado da cama e sorriu para Aquiles e Katrina. *Amor verdadeiro*, pensou, feliz. *Eu sabia que essa mulher havia nascido para algo muito especial no momento em que a vi. O Amor nunca se engana.*

Levantou as mãos sobre o casal e sussurrou o feitiço:

Quero que descanses, herói e guerreiro,

Por toda a manhã, quieto e saciado.

O que o Amor ordena não podes negar...

Apenas quando o sol no céu estiver alto

É que, satisfeito, irás despertar

Ergueu mais a mão, e uma cachoeira de pó cintilante se derramou sobre o corpo de Aquiles. Ele sorriu e mergulhou profundamente no abraço mágico do Amor.

Suspirando, satisfeita, Vênus deixou a cabeceira, encontrando sem dificuldade o canto da tenda onde a famosa armadura do guerreiro jazia, descartada. Com um ligeiro movimento de pulso, ela e a armadura desapareceram no ar.

Vênus teve que fazer apenas mais uma parada a fim de polvilhar sua magia da conciliação sobre a teimosa Jacqueline. Em seguida só precisaria esperar até o amanhecer, quando iria ao encontro de Pátroclo para vesti-lo com a armadura emprestada de Aquiles. Bastaria um toque de seu poder depois disso, e então aquela guerra teria fim.

Suspirou mais uma vez. *Trabalho, trabalho, trabalho...* Quando aquilo tudo terminasse, trataria de tirar um bom período de merecidas férias!

CAPÍTULO VINTE E SETE

Jacky despertou devagar. Estava tendo o mais delicioso dos sonhos eróticos. Spike (da sexta temporada de *Buffy* e, portanto, no tempo em que ainda bancava o vilão) estava com o lindo rosto entre suas coxas morenas e usava sua deliciosa boca com a maior das habilidades. Ela sempre acreditara que aquela boca tinha outras serventias...

Abriu os olhos, sobressaltada.

Estava, de fato, com o rosto de um lindo loiro em meio às pernas; porém suas coxas eram jovens, magras demais para seu gosto e inacreditavelmente brancas.

Não que isso importasse muito no momento.

— Pátroclo! — murmurou.

Ele ergueu a cabeça para fitá-la, fazendo uma pausa em seu trabalho.

— Sim, minha linda. Está acordada?

— Quase — ela admitiu, sonolenta, abrindo mais as pernas para que ele se acomodasse melhor entre elas. — Que tal me fazer despertar de vez?

Conforme Pátroclo retornava à sua tarefa, Jacky pensou que era como se ele tivesse sido abençoado pela própria Deusa do Amor... O que era bem possível, concluiu, lembrando a si mesma de agradecer a Vênus mais tarde.

O problema era que não estava conseguindo pensar em mais nada!

— Ei, Kat! Acorde, *diacho*!

As pálpebras de Kat tremeram. *Deus!*, ela estava tendo um sonho ruim? Podia jurar que Jacky se encontrava debruçada sobre ela, sacudindo-a com uma das mãos enquanto carregava um balde de madeira (balde?...) na outra.

— Vá embora! — ralhou para o que, esperava, era mesmo um sonho. — Quero que esses malucos se danem hoje! Eles que façam autoterapia!

— Levante-se, sua tonta. Não está sonhando! Preciso fazer uma coisa, e você vai comigo...

— Jacky puxou as cobertas da cama, expondo o corpo nu da amiga. — *Cacete*, você é menina mesmo! — exclamou, estudando-a com atenção.

Kat saltou da cama e pegou uma túnica de baixo.

— Com licença! Não tem que ficar vendo as minhas particularidades!

— Ah, sem essa! Sempre *te* vi pelada. A propósito, suas coxas estão bem mais finas nesta vida do que na última.

— E a sua bunda está minúscula, Jacqueline.

Jacky respirou fundo. Estava pronta para contra-atacar quando um profundo ronco transformou ambas em estátuas. Devagar, Kat olhou para o monte de cobertas e o homem nu em meio a estas. Jacky recuou na ponta dos pés e espiou por sobre um ombro. Aquiles se encontrava deitado de lado, o torso nu e a coxa musculosa, marcada por uma cicatriz, projetando-se dos lençóis de linho.

Kat virou-se para Jacky e pôs o dedo contra os lábios.

— *Shh!* — Apanhou o restante das roupas e agarrou a mão de Jacky, puxando-a para fora da tenda.

Lá fora, observou, incrédula, um céu que apenas começava a exhibir os primeiros sinais da aurora.

— Que diabo está fazendo? Em primeiro lugar, acordada a esta hora absurda e, em segundo, me acordando também?!

Jacky olhou para o céu, depois para a melhor amiga. Então, se moveu, inquieta.

— Essa não! Aposto que me acordou por uma idiotice! — concluiu Kat.

— Talvez — admitiu Jacky.

— Por que está segurando um balde?

— Precisamos buscar umas coisas.

— Que coisas?

— Umas coisas para Pátroclo — resmungou a moça.

— *Pardon moi?*

Jacky limpou a garganta.

— Umas coisas para Pátroclo! — repetiu de modo que Kat pudesse ouvi-la.

— Quer ir buscar algo para o seu anjinho. E para isso precisou perturbar o meu sono...?

— Não o chame de “anjinho”! Cheguei à conclusão de que eu o adoro pelo que ele é, não por sua semelhança com o Spike. E você tem que ir comigo porque é a minha melhor amiga e me ama.

— É alguma coisa constrangedora?

— Mais ou menos.

— Podemos beber a esta hora da manhã?

— Em minha opinião profissional de enfermeira, no mundo antigo é mais saudável beber vinho do que água.

— Isso quer dizer “sim”?

— É óbvio. Posso pegar um odre cheio de vinho antes de deixarmos o acampamento — resolveu Jacky.

— Por acaso há algum sanduíche de pernil pronto por aqui?

— Já pensei nisso também. — Ela apontou para um pacote embrulhado em um pano grosseiro de algodão e aninhado junto do balde.

Kat hesitou ao olhar para a tenda silenciosa de Aquiles.

— Mas por quanto tempo nós vamos...

— Ah, por favor! O seu namoradinho está dormindo como uma velha drogada em um asilo! Ele vai continuar *apagado* por horas.

— Está bem... Eu vou com você. — Kat seguiu Jacky enquanto esta apanhava um odre da mesa próxima ao fogo apagado. Não havia ninguém por perto, exceto uma serva que dormia; e ela nem mesmo se moveu enquanto as duas se esgueiravam para fora do acampamento. — Antes que eu me esqueça, o símile está dormindo como um bebê, não como uma velha drogada.

— Kat, precisa passar mais tempo em um ambiente hospitalar. Bebês praticamente não pregam os olhos enquanto idosas chegam a babar por dias! *Fala sério!*

— Agora está sendo grossa. Acho melhor eu voltar e...

Jacky agarrou a mão dela.

— Desculpe, desculpe... Esqueça o que eu falei. Não bebo café desde que virei branca, e acho que isso anda me deixando irritada.

— Jacqueline, aonde estamos indo?

— Catar amêijoas.

— *Hã?* Você disse “catar”?

— Isso mesmo. Uma boa mariscada não lhe parece interessante? daquelas com muita manteiga?

Kat olhou para Jacky e quase tropeçou em um tufo de algas.

— Espere um pouco. Está me dizendo que vai catar mariscos para Pátroclo? Para ele comer?

— Nós vamos catar. E sim, vamos catar mariscos para Pátroclo comer.

Kat começou a rir baixinho, mas, ao olhar para Jacky, caiu na gargalhada. A moça a fulminou com o olhar, e ela buscou o ar, enxugando os olhos.

— Qual é a graça? — exigiu Jacky.

— Vai cozinhar para um homem! — exclamou Kat, ainda em meio ao acesso de riso.

— Vou coisa nenhuma. Isto é quase como ir ao supermercado comprar os ingredientes para que outra pessoa cozinhe para o meu homem enquanto ele e eu nos sentamos e desfrutamos um jantar.

— Pobre mulher apaixonada! — provocou Kat, controlando as gargalhadas com dificuldade. — Deixe que a dra. Kat a ajude. Querida... — começou devagar, como se

estivesse falando com um aluno do ensino fundamental. — ... Está saindo para a caça e a colheita, ou seja, foi praticamente domesticada.

— Sabe que eu acabei de vê-la nua, e está magra feito um palito. Não seria nada difícil chutar o seu traseiro.

Kat explodiu em uma gargalhada mais uma vez.

— Além do mais — Jacky acrescentou —, está precisando de uma boa depilação. Do tipo virilha cavada.

— Sério? — Kat perguntou, fingindo inocência. — Tem certeza? Veja direito... — falou, enquanto fazia menção de erguer as vestes. — Este corpo é novo e ainda não aprendi a lidar com ele muito bem.

— Ah, Jesus amado, não vá levantar essa maldita saia!

— Verdade, enfermeira! Acho até que ando sentindo uma coceira estranha. Não pode me examinar, por favor?

— É a sujeitinha mais sórdida que já conheci! — ralhou Jacky, tentando não rir.

— Por isso mesmo é que me ama! — afirmou Kat, erguendo as saias e dançando como uma bailarina de canção.

— Quer parar?! Meu homem quer apenas alguns mariscos e isso, junto com o melhor sexo que ele já teve na vida, é exatamente o que eu pretendo lhe proporcionar.

— E por acaso sabe como catar amêijoas, espertinha?

— Como pode me perguntar uma coisa dessas? Meu povo cresceu perto do mar!

— Mas você cresceu comigo bem no centro do país, em Tulsa. *Helloo!*... Não há oceano lá.

Jacky endireitou a espinha, por mais que sua atual altura fosse mínima, e Kat pensou como era engraçado que ela estivesse presa a um corpo tão diferente do seu e ainda mantivesse gestos e expressões tão característicos, além da mesma postura determinada.

— Eu pesquisei no Google sobre coleta de mariscos para as nossas férias. Sabe... aquelas que tiramos antes de morrer.

— Sim, tenho uma vaga lembrança. — Kat franziu o cenho. — Mas, nas Ilhas Cayman, não me lembro de nada dizendo que precisávamos catar nossa própria comida. *Diacho*, não precisávamos nem mesmo nos levantar para pegar bebida!

— Mas eu pesquisei mesmo assim. Faça o que eu fizer e vai dar tudo certo.

— Ei, e o que Pátroclo está fazendo agora? — Kat quis saber.

— Dormindo, ora. — O sorriso de Jacky foi lento e malicioso. — Não faz ideia das maravilhas de que a boca daquele homem é capaz!

— Desembuche!

— Esta manhã, acordei com o rosto dele entre as pernas. Pensei que fosse morrer de novo,

mas desta vez não tive dúvida quanto a estar ou não no Céu!

— E pensar que eu podia ter acordado do mesmo modo se não tivesse ido lá me amolar! — resmungou Kat.

— Relaxe. Seu namoradinho não parecia estar disposto a fazer qualquer tipo de exercício esta manhã. Deixe-o se recuperar, sua assanhada. De qualquer forma, isto não deve demorar muito. Quem sabe, quando voltarmos, pode deslizar para o lado dele na cama e ainda dar sorte?... A propósito, notei que Aquiles tem uma bela de uma coxa.

Kat ergueu as sobrancelhas.

— Não é apenas a coxa que ele tem de belo.

Jacky riu, em seguida fitou a amiga nos olhos.

— Estamos completamente apaixonadas por eles, não estamos?

— Completamente — confirmou Kat.

— É tudo muito estranho.

— Verdade. Se quer saber, acho que sinto tanto a falta de champanhe quanto a de água corrente quente.

— Se é assim, pode usar seu desejo para pedir fornecimento vitalício de champanhe — sugeriu Jacky.

— Meu desejo?

— Esqueceu? Assim que a guerra acabar, as deusas terão de nos conceder um desejo.

Kat piscou.

— *Merda!* Eu tinha me esquecido disso! — Ela ergueu uma sobrancelha para a amiga. — Quer que eu desperdice o meu desejo em champanhe, assim pode beber também!

— Nossa, isso me faz parecer tão superficial, Katrina!

— Acertei, não acertei?

— Que dúvida!...

Elas haviam chegado à praia, cuja maré estava recuada, e Jacky começou a amarrar as saias, sinalizando para que Kat fizesse o mesmo.

— Muito bem, é fácil. Basta irmos sentindo essa faixa de areia exposta com os pés até encontrarmos as amêijoas. Depois as colocamos no balde e as levamos para que uma das servas as cozinhe.

— Tudo bem, mas se algo tentar me comer...

— Eu sei, eu sei. Abro o seu botão de pânico ou grito para Aquiles. Mas não se preocupe. A mãe dele me garantiu que nada do mar vai atacá-la de novo. Ei, agora que estou pensando nisso, deve ser muito *legal* ter uma sogra deusa.

— Tem razão. Infelizmente para você, ouvi dizer que a mãe de Pátroclo é uma harpia.

— Jesus amado! Está de brincadeira comigo?

Kat sorriu para ela e começou a cavar em torno da areia molhada e macia.

— Eu faria isso?...

Jacky tinha razão. As amêijoas praticamente pularam para dentro do balde, o que as fez se perguntar se a deusa do mar, mãe de Aquiles, lhes dera alguma ajuda.

Mal haviam se passado duas horas após o amanhecer quando as duas, já bem alimentadas por sanduíches de pernil e uma boa dose de vinho, começaram a cambalear de volta ao acampamento.

Foi então que o dia se apresentou.

— O que deu nele? — Kat perguntou, apontando para um guerreiro que se aproximava, correndo como louco pela praia.

Jacky protegeu os olhos e os apertou para enxergar melhor, depois deu de ombros.

— Pátroclo mencionou algo sobre os homens terem de treinar esta manhã. Talvez eles estejam começando com um *sprint* praia abaixo.

— Treinar? Está falando sério? Estranho Aquiles não ter dito nada.

— Talvez sua boca estivesse ocupada com outras coisas na noite passada — provocou Jacky.

Kat abriu a própria boca para concordar, e ainda acrescentar mais alguns detalhes sórdidos, quando o corredor as avistou e mudou de rumo, vindo em sua direção.

— Há alguma coisa errada — intuiu Jacky.

— *Merda!* — Kat praguejou, concordando.

O guerreiro chegou por fim. Era Diomedes, o parceiro de Aetnia, Kat reconheceu. Estava ofegante, porém suas palavras soaram dolorosamente claras.

— Princesa, você e Melia precisam vir comigo. É Pátroclo... Ele está morrendo!

Jacky agarrou a mão de Kat.

— Leve-me até ele. Agora! — gritou, aflita.

O guerreiro inverteu seu caminho, diminuindo o ritmo de modo a não se distanciar das duas mulheres. Kat queria perguntar o que havia acontecido, mas não tinha fôlego para gastar com palavras. Muito menos a mulher pálida e silenciosa que corria a seu lado.

A jornada pareceu durar uma eternidade, porém eles finalmente alcançaram o acampamento dos Mirmidões, e a tenda de Pátroclo. Kat observou a expressão sombria dos homens manchados de sangue que cercavam a barraca, e sentiu o coração afundar.

Ela e Jacky entraram correndo na tenda e depararam com Pátroclo deitado na cama larga, encharcado de sangue fresco, com Kalchas pairando sobre ele tal qual um abutre.

— Saia de perto dele! — Jacky gritou, empurrando o velho magricela de lado. — Oh, Deus, não!... — Foi tudo o que Kat a ouviu dizer antes que a moça se pusesse a trabalhar. Olhou para os dois guerreiros de pé ao lado da cabeceira. — Ajudem-me com esta armadura!

Eles a obedeceram de pronto, tirando a armadura cujo dourado se transformara em úmido escarlate.

Kat sentiu uma onda de náuseas ao ter uma visão mais clara do ferimento que Pátroclo trazia no pescoço. O rapaz sangrava por meio de várias outras lacerações no corpo, entretanto era o corte na garganta o que a apavorava mais.

Jacky se inclinou sobre ele, cutucando-o, examinando-o. Sem fitá-la, dirigiu-se a ela.

— Precisa encontrar algo parecido com um canudo para mim. Não pode quebrar fácil, mas não pode ser muito maior do que um canudo, entendeu? Depressa, Kat!

— Vou encontrar alguma coisa! — Ela se deteve apenas por tempo suficiente para fazer um afago no braço da amiga, então correu para fora da tenda.

Quando viu Ulisses se aproximando, quase gritou com alívio.

— Ele está morto? — indagou o guerreiro.

— Ainda não, mas estou com medo de que morra se não me ajudar a encontrar uma coisa — Kat apressou-se em dizer.

— Farei o que puder.

— Preciso de um pedaço de junco ou algo deste tamanho que seja comprido e oco. — Ela mostrou com as mãos. — Não pode ser frágil nem muito flexível. Não pode se quebrar, entendeu?

— Sim. Por aqui! — Ele se virou, e Kat tentou alcançá-lo conforme Ulisses corria em direção às dunas. — Por sorte estamos no verão! Eles são muito fracos na primavera e muito frágeis durante o inverno, mas nesta época do ano podem servir. — O rapaz parecia estar falando mais para si mesmo do que para ela conforme procurava em meio às gramíneas. — Pensamos que era *ele*, você sabe.

— Ele?... — Kat mal escutava. Queria apenas ter ideia de como era aquele junco para poder ajudar Ulisses.

— Aquiles! Pensamos que Pátroclo fosse Aquiles. Até mesmo eu me deixei enganar. Ao menos foi isso o que Atena havia dito.

Kat fitou o rosto moreno do guerreiro. Ulisses parecia aborrecido, quase zangado com sua deusa.

Tocou-lhe o braço, e ele parou de procurar a planta para se voltar para ela.

— Não estava sabendo sobre tudo isso, estava? — Ulisses quis saber.

— Não faço ideia do que está falando — afirmou Kat.

— Onde está Aquiles?

A pergunta a pegou de surpresa.

— Ele devia estar aqui com você, ou ao menos com seus homens. Levantei-me muito cedo esta manhã, e imaginei que ele estivesse com os Mirmidões.

Ulisses a observou por algum tempo antes de responder.

— Está falando a verdade. Não teve nada a ver com isso, não é? Não sabe o que Pátroclo fez.

— Ulisses, já chega! O que aconteceu?!

O famoso guerreiro a encarou, capturando-a com seu olhar inteligente.

— Esta manhã, Pátroclo vestiu a armadura de Aquiles. Deve ter contado com a magia de uma deusa porque agiu exatamente como ele. E nós o seguimos até o campo de batalha. Todos nós.

CAPÍTULO VINTE E OITO

— *Não!* — Kat exclamou.

Que diabo Pátroclo tinha na cabeça? Ele não devia ter lutado sem Aquiles!

— Ele se cansou de esperar.

— E por isso colocou a armadura de Aquiles e se fez passar por ele?!

— Foi mais do que isso. Pátroclo *era* Aquiles. Parecia-se com ele, movimentava-se como ele, lutava como ele. Até falava como ele. Mesmo depois que foi ferido, eu ainda acreditava que ele fosse Aquiles.

Kat sentiu o corpo formigando.

— E Pátroclo conseguiu fazer tudo isso por conta própria? Eles são primos, mas não são assim, tão parecidos! Fomos enganados pelas deusas!

— Atena mentiu para mim.

A profundidade da dor na voz de Ulisses chocou Kat.

— Meu palpite é de que havia mais do que apenas uma deusa nessa história. — Em seguida, outro pensamento, ainda mais terrível, se abateu sobre ela. — Ulisses, quem feriu Pátroclo? — indagou, mas sabia a resposta.

— Foi o seu irmão, Heitor.

— Oh, Deus!... — Kat sentiu os joelhos falharem e sentou-se na duna.

— Heitor ainda está vivo, princesa — Ulisses tentou acalmá-la.

— Como pode ter acontecido uma coisa dessas? — ela se perguntou, afundando o rosto nas mãos.

— Ajax. Era como se ele estivesse possuído. Gritou um desafio para Heitor, dizendo que Aquiles finalmente tinha vindo até ele, e então abriu caminho entre os dois guerreiros. Heitor o matou pouco antes de ele e Pátroclo começarem o combate.

— Isso não faz sentido. Aquiles jamais iria lutar com Heitor. Ele não queria lutar com mais ninguém!

— Ele vai querer lutar com Heitor agora — concluiu Ulisses com uma expressão grave.

— O quê?

— Se Pátroclo morrer, Aquiles vai querer vingança pela morte do primo.

Kat olhou para Ulisses quase sem compreender as palavras, e um terrível calafrio deslizou por seu corpo.

— Pátroclo não pode morrer. Encontre esse junco e leve-o para Jacky!

— Jacky?

Kat balançou a cabeça, como se tentando clareá-la.

— Eu quis dizer *Melia*. Consiga o junco para ela! — Levantou-se, obrigando as pernas a trabalhar. — Vou atrás de Aquiles.

Ulisses a tocou no braço.

— Tenha cuidado, princesa. Aquiles não é a Fúria, mas esta não é humana e pode matá-la. Nunca duvide disso.

Kat assentiu em silêncio e começou a se afastar, contudo as palavras seguintes a detiveram:

— Sei que você e Melia não são o que parecem, mas, a menos que sejam imortais, não creio que possam derrotar a Fúria.

Ela encontrou o olhar do guerreiro apenas por mais um instante antes de bater em retirada. Tinha a mente focada apenas em uma pessoa: Aquiles. Sabia onde ele estava. O modo estranho como este continuara dormindo mesmo com a maneira escandalosa com que Jacky a acordara fazia sentido agora.

Kat irrompeu tenda adentro. O interior estava frio, pouco iluminado, e Aquiles não se movera desde que ela partira na companhia da amiga. Hesitou ao olhar para seu rosto adormecido. Ele parecia tão sereno e relaxado, ali, esparramado sobre a cama!... O cabelo dourado cobria-lhe parte do rosto, escondendo as cicatrizes e fazendo-o parecer tão moço que, por um momento, ela não conseguiu respirar. Sabia que tudo iria mudar depois que o acordasse.

E não queria mudar coisa nenhuma.

Afastou uma mecha dourada do rosto moreno, porém Aquiles não se mexeu. Beijou-lhe a face, e os lábios benfeitos se inclinaram de leve. Então ela apertou o ombro largo.

— Aquiles, precisa acordar!

Precisou sacudi-lo antes que ele rolasse na cama, ainda grogue, e piscasse para ela.

— Katrina... — Aquiles sorriu. — Eu estava sonhando com você.

O olhar doce do guerreiro fez o estômago dela se apertar. Kat preparou a si mesma e manteve a voz calma e firme:

— Precisa vir comigo. Houve um acidente e Pátroclo foi ferido.

Aquiles se livrou do último vestígio do que o mantivera adormecido por toda a manhã.

— Como ele está? — perguntou enquanto vestia as roupas e rumava para a saída.

— Aquiles... — Ela o segurou pelo braço, e ele fez uma pausa para fitá-la. — Seu primo não está bem. Tem que se preparar. Pátroclo precisa de você, e não da Fúria. Não há batalha por que lutar, compreendeu? — falou devagar e claramente.

— Sim, sim, eu compreendo — ele respondeu um pouco impaciente. — Onde ele está?

— Em sua tenda. Lembre-se... — ela acrescentou em voz baixa, conforme se apressava

para ir atrás dele — ... Jacky é enfermeira, uma curandeira muito talentosa, mas Pátroclo parece estar mal e... — Sua voz falhou. Ela não foi capaz de mentir. Não poderia dizer a Aquiles que Jacky salvaria Pátroclo.

Em seguida percebeu que não precisava ter se preocupado com o que dissera ou não. Aquiles nem sequer a ouvira. Já estava caminhando direto para a tenda do primo, e ela precisou correr para acompanhá-lo.

Quando ele avistou os Mirmidões manchados de sangue ainda trajando suas armaduras completas e em pé do lado de fora da barraca, todos em silêncio e com expressões sombrias, Kat pôde sentir o choque que o atravessou como se fosse em seu próprio corpo. Aquiles fez uma pausa, respirando fundo várias vezes antes de inclinar a cabeça e se abaixar para entrar na tenda. Preocupada, ela o tocou no braço, e seu olhar encontrou o dela.

— Não há nenhuma batalha para lutar — ele repetiu baixinho.

— Nenhuma batalha — ela concordou, como se as palavras contivessem poder.

Entraram na tenda. Aquiles deu dois passos em direção à cama, e o som terrível de ar borbulhando em meio ao sangue chegou até eles, fazendo-o estacar como se houvesse trombado com uma parede invisível.

Jacky ergueu a cabeça, e seus olhos passaram de Aquiles para Kat.

— Trouxe o que eu pedi?!

— Ulisses está cortando junco — Kat assegurou. — Deve chegar aqui a qualquer instante.

— Eu preciso dele agora! — gritou a moça.

— É um corte de espada. Ele... *Eles* andaram lutando! — concluiu Aquiles conforme se postava na lateral da cama, chutando inadvertidamente uma parte ensanguentada da armadura. Quando olhou para baixo, Kat viu a dúvida em seu rosto. Em seguida, os olhos azuis se arregalaram. — Pátroclo estava usando a minha armadura!

Para Kat, a voz de Aquiles soou baixa, mas, de alguma forma, esta chegou até Pátroclo. Ele abriu os olhos, e seu olhar se voltou imediatamente para o primo.

— Pelos deuses, o que fez?! — indagou Aquiles, estendendo a mão para o rapaz.

Pátroclo não podia falar, entretanto. Tudo o que podia fazer era lutar para respirar. Seus lábios ensanguentados formaram a palavra “Perdão”, e então ele revirou os olhos antes de fechá-los.

— Ele usou a minha armadura e os levou a combate... — Aquiles murmurou com voz sumida enquanto observava o primo, agora inconsciente, ainda lutando por ar.

— Pensamos que ele fosse o senhor — contou Diomedes, falando de um canto escuro da tenda.

Kat viu os olhos de Aquiles faiscarem para o guerreiro, e Diomedes encolheu os ombros,

tenso. — Todos pensaram que ele era você. Mesmo Heitor imaginou estar lutando contra Aquiles até arrancar o elmo de Pátroclo. Foi nesse momento que parou e...

— *Heitor!*

Kat nunca ouvira nada parecido com a frieza na voz de Aquiles, e gelou até a alma.

— Sim, senhor. Foi Heitor — confirmou Diomedes.

— Heitor o matou — concluiu Aquiles no mesmo tom gélido e sem emoção.

— *Ainda não!* Pátroclo não está morto! Não diga uma besteira dessas, ele pode estar ouvindo! — gritou Jacky, sem nem mesmo lançar um olhar na direção de Aquiles. Mais uma vez, seus olhos buscaram os de Kat. — Eu preciso do junco. *Agora!* Se Ulisses o encontrou, tem que ir atrás dele!

Kat acenou com um gesto de cabeça, mas hesitou por um momento, tão preocupada em deixar Aquiles quanto apavorada com o que poderia acontecer se não conseguisse encontrar Ulisses e a planta.

— Vá. Encontre-o — falou Aquiles no mesmo tom frio. — Consiga o que é necessário.

Ela mal se voltara na direção da saída quando Ulisses irrompeu tenda adentro. Ofegante, correu para Jacky e entregou-lhe vários pedaços de junco de diferentes tamanhos, todos na forma de canudos.

— Será que vão servir!

— Têm que servir — ela sussurrou.

Pátroclo parou de respirar.

— Pátroclo! *Primo!* — Aquiles gritou e começou a sacudi-lo pelos ombros, assim como Kat tinha feito para despertá-lo momentos antes.

— Já chega! — Jacky o interrompeu. — Ulisses, leve Aquiles daqui!

— Eu não vou s... — Aquiles começou a rugir, porém Kat se pôs a seu lado e o tocou no braço.

— Não vai ajudá-lo ficando nesse estado!

Aquiles a fulminou com o olhar, porém ela manteve a voz calma.

— Não há batalha por que lutar aqui, Aquiles. — Kat lançou um olhar rápido na direção de Ulisses. — Leve-o.

O guerreiro assentiu, aproximando-se com cuidado do amigo.

— Vamos, Aquiles. Precisa...

— Quero esta tenda vazia *agora!* — A voz alterada de Jacky se sobrepôs à de Ulisses. — Quero todos fora daqui, exceto a princesa!

Aquiles ameaçou discutir, e Kat tratou de se colocar entre ele e a cama.

— Não há tempo para isso. E também não temos como lidar com a Fúria aqui dentro. Se

existe uma chance de Jacky salvá-lo, precisa sair daqui e se manter sob controle.

Prendeu a respiração quando Aquiles cerrou a mandíbula e seus olhos turquesa se tornaram mais escuros; contudo ele concordou com um gesto tenso de cabeça e, seguido por Ulisses e Diomedes, deixou a barraca.

Kat voltou-se para a cama a tempo de apanhar um bolo de trapos de linho que a amiga lhe jogava.

— Suba na cama e tente manter todo esse sangue fora do meu caminho — orientou Jacky enquanto inspecionava, apressada, todos os juncos que Ulisses trouxera. Escolhendo um deles, curvou-se sobre Pátroclo e aproximou uma pequena faca afiada de sua garganta.

Kat cerrou os dentes, combatendo as ondas de náusea enquanto auxiliava a amiga na traqueostomia. Aquilo pareceu demorar dias, mas a lógica lhe dizia que apenas alguns minutos tinham se passado quando o peito de Pátroclo começou a subir e descer outra vez. Ela respirou fundo, aliviada, então olhou para Jacky, que continuava pálida e com os lábios apertados.

— Pátroclo está respirando agora — murmurou, preocupada. — Ele não vai ficar bom?

— Por algum tempo. Está com o pescoço estraçalhado. É como colocar um Band-Aid em uma represa... Não vai durar.

— O que mais podemos fazer?

— Levá-lo a um hospital. Com médicos de verdade, medicina de verdade, cirurgia de verdade. — Jacky enxugou a testa molhada na manga, e Kat notou que suas mãos tremiam. — Ele vai morrer, Kat. Não há nada que eu possa fazer para impedir isso. Não aqui, não agora... — Ela apertou o dorso da mão contra a boca na tentativa de abafar um soluço.

— Não. Nunca! Pátroclo não vai morrer por causa do plano infeliz de uma deusa! — Kat abriu o medalhão em forma de coração que pendia da corrente em seu pescoço. — *Vênus!* É uma emergência! Preciso de você agora! — gritou, e prendeu a respiração, rezando em silêncio.

Por favor... Por favor, apareça!

No centro da tenda, uma nuvem de pó cintilante explodiu, e Vênus surgiu do brilho que se desvanecia.

— O que foi, querida? Tétis garantiu que não haveria mais nenhuma surpresa marítima desagradável. — O olhar da deusa a percorreu de cima a baixo, constatando que Kat se encontrava ilesa. — E me parece perfeitamente saudável. Katrina, sabe que eu a adoro, mas não pode ficar desperdiçan...

— Não sou eu, é Pátroclo! — Kat a interrompeu, apontando para a cama atrás de Vênus.

A deusa virou-se e soltou uma exclamação.

— *Não!* Não era para acontecer isso!

Kat se postou a seu lado, tensa.

— Então sabia que ele havia tomado o lugar de Aquiles.

Os belos olhos de Vênus se encheram de lágrimas.

— Foi uma boa ideia. Pátroclo podia ter levado os Gregos à vitória fingindo ser seu Aquiles. A guerra teria acabado, e Aquiles teria sobrevivido. — A deusa balançou a cabeça para Jacky, inconformada. — Eu não queria que ele fosse ferido.

— Salve-o! — Jacky falou em uma voz baixa e tensa.

— *Por favor!* — reforçou Kat. — Se não queria que ele se machucasse, precisa salvá-lo!

Vênus se aproximou do corpo alquebrado de Pátroclo. Pressionou a mão em sua testa e fechou os olhos. Um tremor a sacudiu, e ela deixou escapar um doloroso gemido.

— Ele vai morrer. Está além dos meus poderes curá-lo. É o destino.

— *Não!* — Jacky gritou. — Já mudou o destino antes! Kat e eu morremos, você pegou nossas almas e mudou nossa sina! Faça isso outra vez!

— Não posso. Algumas coisas fogem do alcance até mesmo do Amor.

— Não, não fogem — Kat contrapôs com firmeza. — O Amor é mais poderoso do que qualquer outra coisa. Pode salvá-lo, Vênus! Tudo o que precisa fazer é mesclar seus poderes com o mundo moderno, e já fez isso antes.

— O que está imaginando, Katrina? — a deusa perguntou, obviamente intrigada.

— Dê-lhe um pouco de sua magia divina. Não o suficiente para mudar sua sina, apenas o bastante para lhe emprestar um pouco de força. E depois envie-o para Tulsa. Deixe que a medicina moderna cuide do destino de Pátroclo. Os médicos modernos vivem fazendo isso.

— Minha magia e o seu mundo moderno... Talvez tenha razão.

— O Pronto-Atendimento do Saint John's seria perfeito. Você conhece Tulsa, Vênus. Pode fazer isso!

— Talvez dê certo — concordou a deusa.

— Nada vai dar certo se não se apressar! — lembrou Jacky, levantando o pulso frouxo de Pátroclo.

— Você o ama? — Vênus perguntou de repente.

Jacky encontrou os olhos da diva.

— Sim.

— Se é assim, vou ajudá-la. — A deusa sorriu, beijou a palma da mão e soprou o beijo para Pátroclo, que cintilou brevemente como se tivesse sido mergulhado em *glitter*. — Agora, vá com ele e certifique-se de ser a primeira pessoa que ele virá ao acordar. A deusa bateu palmas, e Pátroclo e Jacky desapareceram em uma nuvem brilhante de fumaça.

Nem Kat nem Vênus viram Agamenon, que deixou a tenda nesse mesmo momento. Também não haviam notado quando o rei grego deslizara para dentro da barraca em silêncio, preparado para fingir pesar pela morte daquele que devia ser Aquiles.

A verdade era que Kalchas havia lhe trazido a amarga notícia de toda aquela farsa após ele já ter adentrado o acampamento dos Mirmidões. O velho viera tão logo ficara sabendo que não fora Aquiles quem tombara sob a mão de Heitor.

O problema era que muitos dos guerreiros já o tinham visto. Se ele retornasse, poderia ser culpado pelo embuste que estava custando a vida de Pátroclo.

Sua irritação e frustração, contudo, haviam desaparecido diante da cena que testemunhara entre a deusa e as duas mulheres que fingiam ser Polixena e sua serva.

Então, as deusas estavam mesmo orquestrando a guerra. Ele soubera disso todo o tempo! Talvez a própria Hera tivesse sussurrado em seu ouvido para que ele corresse até o acampamento dos Mirmidões.

Sim, estava certo de ter ouvido a voz suave da deusa...

E agora sabia exatamente o que fazer.

Em silêncio, Agamenon deixou a tenda e se virou para os Mirmidões que a vigiavam.

— Pátroclo se foi — murmurou, solene, adorando a ironia da verdade que revelava apenas em parte. — Onde está Aquiles? Ele precisa ser avisado.

Diomedes avançou um passo.

— Ele foi para a praia com Ulisses. Ficamos de lhe dar notícias lá.

— Compreendo — respondeu Agamenon. — Devia estar tentando controlar a Fúria caso Pátroclo precisasse dele. Bem, isso não será de nenhuma serventia agora. Seu senhor precisa saber. Diomedes olhou para a tenda, por cima do ombro do rei.

— As mulheres estão preparando o corpo — prosseguiu Agamenon. — É um momento solene. Não pode haver a presença de guerreiros.

— Quem vai contar a Aquiles?

— Eu sou seu rei. Eu mesmo o farei.

Diomedes hesitou.

— Mas, senhor, talvez...

— *Talvez* — Agamenon o interrompeu, ríspido — você deva reunir os seus homens à beira do campo de batalha. O que acha que Aquiles vai fazer quando souber da morte do primo?

— Senhor! — Desta vez foi Automedon quem falou. — Não deveríamos nos preparar para a cerimônia fúnebre de Pátroclo? Ele não será homenageado por sua bravura?

Agamenon arregalou os olhos, fingindo surpresa.

— É óbvio que sim. Mas o que imagina que Aquiles vai dizer? Ou melhor, o que imagina

que a Fúria vai fazer?

Os homens murmuraram entre si, e Agamenon sorriu para si mesmo.

— Vamos reunir os soldados e nos preparar para voltar à batalha — decidiu Automedon.

Diomedes concordou com um gesto de cabeça.

— E eu vou dar a Aquiles essa triste notícia — completou Agamenon.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

— Acho que foi mesmo uma boa ideia — Vênus falou com um longo suspiro após Pátroclo e Jacky desaparecerem. — Como eu ia imaginar que Pátroclo ia deparar com Heitor? Heitor e Aquiles têm evitado um ao outro durante toda a guerra. Simplesmente não faz sentido.

— Faz se houve algum tipo de interferência divina — afirmou Kat.

— O quê? Está desconfiando de mim? Eu não fiz nada para Heitor! E também não fiz quase nada para Pátroclo, exceto, talvez, incentivar uma ideia que ele próprio havia tido, jogando um pouco do meu feitiço divino sobre ele.

— Eu não estava desconfiando de você. Todos nós sabemos que há várias deusas envolvidas nesta história.

— E deuses — completou Vênus, pensativa. — Hera precisou manter Zeus ocupado. Ele estava demonstrando interesse demais em Troia, e parece que tinha ouvido dizer que os Olímpicos vinham interferindo na guerra.

— Acha isso?

Vênus franziu a testa para Kat.

— Não estou falando sobre mim, Hera e Atena. Bem, pelo menos não sobre mim e Hera. Atena andou perdendo a cabeça, mas isso ia acabar acontecendo mais cedo ou mais tarde. *Pelo pau duro de Apolo*, aquela criatura é tão reprimida! No fim, o que nós três fizemos não foi nada. O único problema é que não devíamos ter atraído a atenção de Zeus.

— Acho que está subestimando o efeito que vocês três têm sobre os mortais, mas, que seja... O negócio é que esta guerra precisa acabar antes que mais alguém morra.

— Exatamente, querida.

— Então vamos dar um jeito nisso. — Kat lançou um olhar nervoso para a saída da tenda. — Em primeiro lugar, para onde, diabos, vou dizer a eles que Pátroclo e Jacky foram?

— Não diga nada aos Mirmidões, exceto que a sua serva, uma curandeira dotada pelos deuses, precisa ficar sozinha com Pátroclo para rezar, jejuar e curá-lo. Eles vão imaginar que deve estar havendo intervenção divina e permanecerão serenos até verem Pátroclo, curado e saudável, caminhando entre eles.

— E vou contar a verdade a Aquiles.

— Se acha que deve... Sabe que algumas coisas até o Amor mantém para si mesmo.

— Ele já sabe.

— Como?

— Eu disse a Aquiles a verdade sobre nós. E Pátroclo também sabe de tudo.

— Ah, claro que sim.

— Não me parece surpresa — observou Kat.

— Querida, você e a gracinha da sua amiga podem ser tudo, menos discretas.

— Verdade. Eu só queria que também soubesse. Agora me diga: como vamos acabar com esta guerra?

— Se parar para pensar, foi por isso que eu trouxe vocês duas — principalmente você — para o meio desta confusão — lembrou Vênus. — Se tivéssemos uma maneira rápida de impedir esta guerra, já o teríamos feito, mas não sem dar início a outra disputa, desta vez no Olimpo. E uma guerra no Olimpo nenhuma de nós está disposta a provocar.

— Não consigo tirar a história do cavalo da cabeça.

— De que cavalo, querida?

— Do Cavalo de Troia que foi descrito naquela maldita *Iliada* — resmungou Kat.

— O tal cavalo gigante de madeira que levou o exército grego para dentro das muralhas de Troia? Da mesma história que afirma que Aquiles só pode ser morto se for atingido no calcanhar? É desse cavalo que está falando?

— Isso mesmo. Sem dúvida houve licença poética por parte de... sei lá qual era o nome dele, mas talvez haja uma pitada de verdade nisso tudo. Eu mesma vi algumas das noivas de guerra usando pingentes que pareciam a cabeça de um cavalo.

— Algumas delas também usam pingentes que lembram um falo ereto, mas isso não significa que podemos construir um pênis gigante, enchê-lo com guerreiros e despejá-los em Troia. Se essa artimanha desse certo, eu já teria pensado nisso anos atrás... Afinal sou especialista em pênis.

Kat coçou a cabeça. Estava se sentindo péssima: cheia de calor, sal e sangue. E Vênus já estava lhe provocando uma enxaqueca!

Também precisava contar a Aquiles que Pátroclo iria ficar bem. Ao menos esperava que tudo fosse ficar bem.

— Tenho que falar com Aquiles — disse a Vênus. — Pátroclo foi mesmo para Tulsa, não foi?

— Claro que sim.

De repente, Kat sentiu o estômago se contrair.

— Vênus, você vai trazê-los de volta, não vai? Jacky e Pátroclo?... Não pode simplesmente abandoná-los lá, com Jacky no corpo errado e tudo o mais. — *E, ainda por cima, num mundo muito diferente do que eu estou!*, acrescentou em pensamento, combatendo o pânico.

— É claro que eles vão voltar. Ambos. Se ele sobreviver. Do contrário, não creio que Jacky fosse qu... — A deusa fez uma pausa ao perceber os olhos arregalados de Kat, depois

balançou a cabeça. — Não. Pátroclo tem de viver. E, sim, vou trazê-los de volta. Nesse meio-tempo, lançarei um pouco da minha magia aqui e acolá antes que fiquem sabendo que eles deixaram esta barraca. Na verdade... — Vênus levantou a mão — ... precisa ir agora, querida. Vou selar a tenda.

— Mas e se alguém perceber? E se alguém tentar entrar?

Vênus sorriu.

— Estamos no mundo antigo, Katrina. Se eles não conseguirem abrir a tenda, vão concluir que ela está amaldiçoada ou abençoada. Tudo dependerá de seu ponto de vista. — A deusa fez um gesto para Kat. — Vá em frente, vamos!

— Está bem, vou atrás de Aquiles enquanto continua pensando em uma maneira de pôr fim a esta guerra.

— Sim, sim... claro. Chame se precisar de mim — Vênus a orientou.

— Pode contar com isso — murmurou Kat, e abaixou-se para deixar a barraca, sentindo como se uma estranha porta houvesse sido batida e trancada na aba fechada atrás dela.

Piscou, ajustando os olhos ao sol forte e ofuscante do meio da manhã. Mal podia acreditar que já era quase meio-dia. Parecia que anos haviam se passado.

Mas onde, diabos, estava todo mundo? Não havia um só guerreiro à vista.

— Aquiles? — chamou, caminhando pela lateral da tenda. — Ulisses?...

Ninguém. Nem um só soldado ou noiva de guerra nervosa.

— Isto não está me cheirando bem — falou para si mesma conforme corria para a tenda de Aquiles.

A primeira coisa que notou foi Aetnia, sentada no banco ao lado da fogueira. Quando a moça ergueu a cabeça para fitá-la, Kat viu que esta tinha o rosto banhado em lágrimas.

— Aetnia! Você está bem?

— Ah, senhora! É tudo tão terrível! Ele vai matar o príncipe Heitor, eu sei que vai!

— O quê? Fale devagar. Quem vai matar Heitor?

— Aquiles, claro! Aquele bruto horroroso! Agamenon foi dar a ele a notícia da morte de Pátroclo. A Fúria vai dominá-lo e, então, o nosso príncipe estará condenado! — A serva apertou as mãos de Kat de repente. — Talvez possa avisá-lo, senhora! Vamos juntas! Agamenon ainda não deve ter dito nada a Aquiles. O dia está apenas começando, e Heitor provavelmente ainda se encontra no campo de batalha. A senhora pode adentrar as muralhas quando bem entender! — Aetnia puxou as mãos de Kat, como se querendo arrastá-la para Troia.

— Pare, Aetnia! Não há tempo para isso!

A moça deixou cair as mãos, o rosto cheio de confusão e choque.

— Diga-me onde posso encontrar Aquiles — ordenou Kat.

Aetnia balançou a cabeça devagar.

— O que aconteceu com a senhora, princesa? Melia também a enfeitiçou?

— Aetnia, essa história de feitiço é bobagem. Por que, diabos, você e todas as outras mulheres daqui se mostram tão dispostas a acreditar que quando alguém age de modo diferente do normal deve estar enfeitiçado, louco ou coisa mais bizarra? Que tal pensarem apenas que tenho minha própria opinião sobre Aquiles e sobre esta maldita guerra, e que as coisas podem não ser como o... — Ela se interrompeu, quase dizendo “governo”. Depois mudou a palavra para algo que faria mais sentido para Aetnia: — ... como o soberano deste lugar deseja.

Aetnia abriu e fechou a boca, lembrando quase uma carpa.

— Creio que eu já conheça Aquiles e alguns desses outros homens o suficiente — Kat prosseguiu. — Há quanto tempo está com Diomedes? Dois anos? Talvez esta guerra seja um total equívoco para ambos os lados. Talvez esteja mais do que na hora de ela acabar. Aliás, Aquiles não é nenhum monstro — acrescentou com firmeza. — Agora me diga: onde ele está?

Aetnia apontou para o mar atrás de Kat.

— Ele e Ulisses foram para a praia. Agamenon foi atrás deles há apenas alguns minutos.

— Obrigada! — Kat agradeceu rapidamente e se pôs a caminhar. Em seguida, olhou por cima do ombro. — E você... trate de pensar por si mesma daqui para a frente.

Agamenon já tinha visto a Fúria antes. Muitas vezes, na verdade, embora houvesse sido sempre a distância, quando Aquiles derrotava o campeão desta ou daquela tribo e poupava o exército grego de mais uma desagradável batalha. Em todas essas vezes, ele, o rei, nunca temera a criatura que possuía o guerreiro.

O que não aconteceu naquele momento. O que Agamenon testemunhou, então, o deixou petrificado.

Ele havia alcançado Aquiles e Ulisses na praia, onde o guerreiro cheio de cicatrizes andava de um lado para o outro, próximo da beira-mar, decerto tentando controlar suas turbulentas emoções.

Ulisses falava com o amigo em uma voz baixa e calma quando notou Agamenon se aproximando, e ambos os homens mergulharam num silêncio tenso enquanto o rei grego se juntava a eles.

— Diga-me — pediu Aquiles.

— Ele se foi. Pátroclo já não é deste mundo — Agamenon falou sem delongas. — Decidi honrar sua memória vindo lhe dar esta notícia pessoalmente.

— Honrar sua memória? — Aquiles rosnou. — Não há honra, nem justiça ou esperança

neste mundo! Meu primo morreu fingindo que era eu, no que não vejo nenhuma honra!

— Discordo, Aquiles — contrapôs Agamenon, dominando a própria satisfação ao ver o autocontrole do guerreiro se desintegrando como a coluna de sustentação de uma acrópole. — O senso de honra típico dos Gregos é que fez Pátroclo criar essa farsa. E foi o destino que colocou Heitor em seu caminho.

— Destino? Pois eu amaldiçoo o destino e todos os seus assecclas no Olimpo! Este mundo pode não ter honra, nem justiça, nem esperança... mas pode ter vingança! — As últimas palavras saíram num rosnado.

— Aquiles, meu amigo, vamos voltar para o acampamento e planejar o funeral do seu primo — sugeriu Ulisses, postando-se entre o rei e o guerreiro.

— Ouça o que diz Ulisses, Aquiles. E eu até ordenarei que nenhum Grego vá a combate por dez dias para homenagear Pátroclo... — Agamenon concedeu, fingindo consternação — ... embora tenhamos que esperar até o fim do dia para cessar o combate. Afinal, muitos dos Mirmidões ainda estão lutando contra Heitor. O príncipe tem guerreado como se estivesse possuído desde que fez seu primo tombar — completou Agamenon, adorando a ironia evocada nas palavras.

Ulisses agarrou o braço do rei.

— Basta, Agamenon! Sabe que os Mirmidões seguiram suas ord...

Agamenon puxou o braço da mão de Ulisses.

— Como ousa, Itacense!? — De repente silenciou, os olhos se arregalando enquanto recuava vários passos aos tropeços.

Ulisses se virou.

— Aquiles, *não!*

Era tarde demais. Os olhos do guerreiro já haviam começado a ficar congestionados, tingindo-se de um vermelho escarlata.

— Diga-lhe que o sonho acabou... Ela precisa retornar para sua casa... Peça-lhe que me perdoe — começou a grunhir numa voz que, decididamente, não era humana. Então ergueu os braços para o céu e soltou um rugir ensurdecador conforme, numa onda, a ira cascadeava por seu corpo.

Agamenon continuou a se afastar do que antes era Aquiles. Aquela posse da Fúria parecia diferente. O corpo do guerreiro crescia e se retorcia com músculos gigantescos. Suas cicatrizes, sempre grotescas, se espalharam pelo restante de sua pele, de modo que ele parecia feito de retalhos e ferimentos... definido pela dor. Seu rosto conservava apenas a estrutura daquele do homem, mas sobre essa estrutura formaram-se as feições de uma besta monstruosa, desumana. Uma criatura que não conhecia nada, a não ser a raiva, a dor e o desejo por sangue.

Agamenon se deu conta do que havia acontecido e, mesmo apavorado, precisou reprimir um grito de vitória. Até aquele momento, Aquiles sempre lutara contra a Fúria. Lutara para conservar um vestígio de humanidade, de modo que pudesse encontrar o caminho de volta para si mesmo.

Desta vez, entretanto, não parecia ter a intenção de voltar. O que ele estava testemunhando, refletiu Agamenon, era a destruição absoluta do homem. A fragmentação de sua alma. Embora Aquiles ainda pudesse estar em algum lugar dentro daquela casca torcida, tinha desistido e, por fim, acatado seu destino.

Com outro rugido assustador, aquilo que fora Aquiles correu na direção das muralhas de Troia.

Agamenon respirou, profundamente aliviado. Em seguida sentiu os olhos de Ulisses fixos nele e lançou ao rei de Ítaca um olhar inocente.

— Fiz um favor a Aquiles. Ele vai parar de combater agora e, sem dúvida, seu nome será lembrado por eras pelo que está prestes a fazer. — Aquela parte do plano era desagradável, Agamenon acrescentou para si mesmo, porém inevitável.

— Você o enervou de propósito.

— Aquiles escolheu a glória há muito tempo. Eu apenas lhe concedi seu desejo.

Ulisses fulminou o velho rei com o olhar.

— Mentira.

Agamenon levantou os ombros cobertos de ouro.

— Claro que não. Pátroclo não pertence mais a este mundo, e os Mirmidões estão no campo de batalha assim como Heitor, tenho certeza.

Ulisses balançava a cabeça e olhava para o rei grego, enojado, quando Kat tropeçou em uma duna, depois se aproximou deles.

— Aquiles! — falou, ofegante, tentando recuperar o fôlego. — Onde ele está?

— Abraçando o destino em vez de você, princesa — ironizou Agamenon com um sorriso sarcástico.

— O que fez, seu velho imbecil?!

— Não se atreva a me falar dessa maneira, mulher!

— *Foda-se!* — explodiu Kat, o rosto a centímetros do dele, o que fez Agamenon recuar um passo, chocado.

Com um olhar de puro desprezo, ela deu-lhe as costas, voltando-se para Ulisses.

— O que aconteceu?

— Aquiles soube que Pátroclo está morto. A Fúria tomou conta dele por completo, e ele foi matar Heitor — contou o guerreiro.

Kat sentiu como se o mundo estivesse desabando.

— *Não!* — Ouviu-se dizendo em meio a um estranho zumbido nos ouvidos. — Ele não está morto!

— Mas estará em breve. Não há como detê-lo. O monstro já dominou o homem — Ulisses falou com pesar.

— Não estou falando de Aquiles, estou falando de *Pátroclo!* — explicou Kat, lutando para não entrar em desespero.

Ulisses cercou Agamenon.

— Afirmou que Pátroclo estava morto!

— Eu disse que ele havia deixado este mundo, o que é não é mentira.

Kat soltou uma exclamação ao ler a verdade nos olhos malévolos de Agamenon.

— Você sabia que Pátroclo não estava morto! Viu quando eles desapareceram!

— O que eu vi foi a prova de que não é a princesa de Troia!

Kat cerrou os dentes para o rei.

— Até que enfim falou uma verdade! Não sou mesmo uma mulher do mundo antigo, que você pode intimidar.

— Verdade? Pois parece muito frágil para mim. — Agamenon ameaçou fazer um movimento em sua direção, contudo Ulisses se pôs rapidamente entre eles.

— Não ouse tocá-la!

Agamenon hesitou, em seguida riu, irônico.

— Imagino que seja justo ficar com ela agora que seu amigo está fora do caminho... Mas saiba que ela está mentindo para você também. Não é nenhum oráculo de Atena. O que tem é um conluio com a Deusa do Amor. Eu as vi juntas.

— Talvez devesse retornar ao seu acampamento, grande rei — A voz de Ulisses soou dura como pedra. — A batalha está prestes a ser ganha em seu nome, e precisa estar lá para gozar sua glória.

Agamenon estreitou os olhos para Ulisses.

— Ela é apenas uma mulher. Prefere ficar a seu lado e contra o seu rei?!

— Deus, como você é idiota! — Kat desabafou antes que Ulisses pudesse falar. — Acha mesmo que sou apenas isto? — Ela apontou para o próprio corpo. — Isto não passa de uma concha. E temporária. É o nosso espírito o que dura e realmente conta.

— Ah, mas acredito no que diz, *princesa* — falou Agamenon, a voz cheia de sarcasmo. — O que torna o que aconteceu com Aquiles ainda mais trágico. O que havia dentro dele se foi. Mas não se desespere... Seu nome será lembrado para sempre.

Kat sentiu a raiva erigir dentro dela. Agindo por puro instinto, agarrou o pingente de Vênus

com uma das mãos, enquanto apontava um dedo para o rei com a outra.

— Hoje é seu dia de sorte. Acertou duas vezes. Não sou uma princesa antiga, e estou mancomunada com a Deusa do Amor. Portanto, é com o poder de Vênus que afirmo que o amor vai lhe trair, assim como traiu o meu amor. O amor será a sua morte e a sua maldição.

Agamenon estremeceu, contudo recuperou-se depressa.

— Não pode me amaldiçoar, sua bruxa. Eu tenho a proteção da Rainha dos Deuses!

Kat riu sem vontade.

— É mesmo? Da última vez em que Hera e eu conversamos sobre você, ela me disse que não passava de um cretino arrogante.

— Está mentindo!

— Se estou mentindo, então faça com que os monstros marinhos dos quais Hera ajudou a me salvar venham até aqui me agarrar. — Resoluta, Kat avançou alguns passos na beira da água. As ondas invadiram seus sapatos enquanto ela esperava, mirando o oceano. Quando a água plácida não fez mais do que se mover, virou-se devagar para encarar Agamenon. — Está perdido.

Agamenon a fitou, e o que viu em seus olhos o fez perder toda a cor.

— Fique longe de mim, sua feiticeira! — gritou. Depois começou a correr pela praia, de volta ao acampamento grego, o manto dourado voejando às costas como se ele fosse uma enorme e desengonçada gaivota dourada.

Kat continuou a fitá-lo por algum tempo, rezando com todas as fibras de seu ser para que as maldições realmente dessem certo naquele mundo.

CAPÍTULO TRINTA

— Tem que me levar até Aquiles! — pediu Kat.

— Isso só vai matá-la ou coisa pior! — contestou Ulisses. — É muito próxima dele. A Fúria pode avistá-la muito fácil e, se você morrer, o resultado não poderia ser melhor para Agamenon!

— Bobagem! Trazer Aquiles de volta será o melhor para todo o mundo. Agora, leve-me até ele, por favor!

— ... O campo de batalha é por ali.

Ulisses apontou na direção das dunas que, eventualmente, davam lugar a um campo de trigo, um bosque de adoráveis oliveiras e também a vários templos cheios de gente. Além dos templos, Kat avistou as maciças muralhas de Troia.

Enquanto eles corriam para a cidade, ela pensou ter reconhecido o templo de Hera, onde ela e Jacky haviam sido trazidas para aquele mundo.

— Vou levá-la para o ponto mais próximo possível do campo de batalha, mas precisa ficar longe de lá. Aquilo não é lugar para uma mulher — alertou Ulisses.

— Ulisses, não vou mentir. Não tenho nenhuma intenção de ficar longe do campo de batalha. Vou aonde Aquiles estiver, e pronto.

— Não é um oráculo de Atena, é?

Ulisses a impediu de se concentrar na barra das saias conforme ela corria para acompanhar suas passadas largas.

— Não — confessou Kat. — Não sou nenhum oráculo de Atena.

— Por acaso é imortal?

— Antes fosse! Não, claro que não. Sou apenas uma mulher comum.

— Não é nem mesmo uma das sacerdotisas de Atena?

Algo na voz de Ulisses a fez fitá-lo, e Kat se deu conta da terrível decepção nos olhos do guerreiro. Lembrou-se, então, de como ele olhava para Atena e, em seguida, de sua expressão quando ele havia dito que a deusa tinha mentido para ele.

O que Atena fizera com Ulisses, afinal? Ele a amava!, concluiu Kat.

— Bem, não exatamente — respondeu por fim. — Eu trabalho para três deusas. Posso afirmar até que sou bem próxima de Vênus. — Ela não quis parecer muito “divina”, mas aquilo tudo era muito difícil de explicar. — Escute, há muitas coisas acontecendo. Coisas que podem parecer bastante confusas.

— A deusa não confiou em mim. Pensei que ela... — Ulisses desviou o olhar, ferido demais

para continuar.

Kat se condeou por ele. Não sabia muito sobre Ulisses ou Atena, mas conhecia bem o que era se sentir magoada ou traída. Também reconhecia um homem decente quando via um, e Ulisses era um deles. Sem dúvida.

— Foi Vênus quem ajudou Pátroclo a se fazer passar por Aquiles. Atena não teve nada a ver com isso. Decerto nem está sabendo o que aconteceu.

— Espero que seja verdade. Espero que ela não tenha me usado — Ulisses falou devagar, e Kat percebeu como estava sendo difícil para ele demonstrar tanta vulnerabilidade. Já tinha visto aquilo muitas vezes em seu consultório: normalmente quando um homem se descobria apaixonado.

Tomara Atena merecesse Ulisses.

Comovida, Kat decidiu contar a ele tanto da verdade quanto conhecia.

— Já vi você e Atena juntos e posso dizer que há algo muito forte entre vocês. Algo que ela também não consegue ignorar.

Ulisses a fitou por muito tempo.

— É difícil amar uma deusa. Eu tenho uma esposa... E ela está esperando há quase dez anos para que eu volte ao nosso reino.

— E você a ama?

— Atena me fez essa mesma pergunta, e minha resposta também foi a mesma: eu honro Penélope como minha esposa e a respeito como a mãe do meu filho. Mas amor?... — Ele balançou a cabeça. — Meu verdadeiro amor eu conheci quando ainda era menino.

— O que aconteceu nessa época? — Kat fez a pergunta, porém já tinha a certeza da resposta.

— Eu conheci Atena e prometi dedicar minha vida a ela.

— E não percebeu a gravidade da sua escolha?

— Ah, percebi!... Mas me apeguei a ela com todas as forças. Pertencço a Atena desde o primeiro momento em que a vi. Nunca me arrependi do meu amor por ela, mesmo quando parecia que eu não passava de um brinquedo favorito entre muitos. Nem sequer me importei de ser usado como um peão. Eu era dela, e isso era suficiente... Até agora. Hoje, pela primeira vez, eu me pilhei desejando não amar Atena.

Ulisses parecia destruído, e até mesmo em meio à turbulência com Aquiles, Pátroclo e Jacky, Kat quis ajudá-lo.

— Você e Atena tornaram-se amantes.

Ulisses concordou com um gesto de cabeça, soltando uma risada autodepreciativa.

— Sim, apesar de saber o quanto isso seria insensato. A verdade é que me joguei com

prazer em seus braços. Lembre-se disso, princesa, ou seja lá quem for. Quando os mortais amam os deuses há um preço a pagar; e em geral é o mortal quem o paga. Aquiles é resultado de um amor assim, e eu o vejo sofrer com sua mortalidade e sua humanidade desde que o conheci.

— Vou me lembrar — ela prometeu baixinho. — Quer dizer que Aquiles também foi uma vítima.

— Ele não é mais Aquiles. Verá isso em breve.

Não parecia haver mais nada a dizer, e Kat se concentrou em acertar o passo com o de Ulisses enquanto se perguntava que diabo iria fazer quando deparasse com o Aquiles transformado pela Fúria no meio da batalha. Podia até ouvir a voz de Jacky chamando-a de idiota.

Então percebeu que não era a voz de Jacky o que povoava sua mente, mas as vozes de muitos homens — acompanhadas do som de espadas, cavalos e gemidos — lutando ao lado de uma renque alinhada de oliveiras.

Kat estacou, chocada, e Ulisses a tomou pelo cotovelo, amparando-a.

— Que *merda*! — ela deixou escapar.

As muralhas de Troia se estendiam à sua frente, espessas, altas, magníficas. Eram da cor do calcário, e o sol do meio-dia as fazia brilhar com um amarelo suave e hipnotizante. Podia-se avistar parte da cidade construída em seu lado interno, cujo centro exibia um lindo palácio com pilares que se estendia pelo interior das muralhas da cidade até o lado esquerdo dos gigantescos portões de entrada. Belíssimas janelas em arco levavam a balcões repletos de heras e flores, os quais deviam proporcionar excelentes vistas da movimentação plácida e próspera de comerciantes, agricultores e do povo de Troia.

Naquele momento, porém, as varandas desertas davam apenas para o caos.

— São tantos! — murmurou Kat, assistindo ao corpo a corpo de guerreiros que gritavam, lutavam e morriam diante dos muros que cercavam a cidade.

Como vou encontrá-lo?

Mas antes que pudesse fazer a pergunta em voz alta, um rosnado terrível soou do centro do campo de batalha. Tão poderoso que varreu ambos os exércitos.

— *Aquiles!* — ela exclamou com o coração aos saltos.

— Não é Aquiles — lembrou Ulisses. — Não está lidando com o homem. Está lidando com o monstro.

— O homem ainda está dentro do monstro — ela afirmou, obstinada.

— Talvez. Mas não vi nenhuma evidência disso quando ele se deixou possuir. — Ulisses fez uma pausa e então pousou a mão no ombro dela, fazendo Kat fitá-lo interrogativamente. —

Antes que a Fúria o dominasse, Aquiles pediu que eu lhe transmitisse uma mensagem. Disse que o sonho acabou, e que você precisa voltar para casa. Seu último desejo foi que o perdoasse. Pense bem, princesa... Imagine o que aconteceria com Aquiles se ele soubesse que matou mais uma vez a mulher amada.

Kat sentiu a garganta arder com as lágrimas contidas. Lembrava-se muito bem da história que Aquiles lhe contara: de quando a Fúria violentara e matara sua jovem noiva, a qual também era prima de Ulisses.

— Sei que está sendo sensato — murmurou com voz embargada. — Sei que deve estar achando que estou sendo imprudente e teimosa, mas a verdade, Ulisses, é que não pertenço ao seu tempo. Não pertenço nem mesmo a este seu mundo. Sou diferente das mulheres que conhece porque trago dentro de mim o poder do conhecimento de inúmeras gerações de pensadores independentes, de mães, irmãs, filhas e amigas. Acredito em mim mesma e na força de uma mulher. Isso me dá um tipo diferente de poder. Um poder que Vênus, Hera e Atena sabiam ser necessário aqui. Posso mudar o curso das coisas. Tudo o que tenho a fazer é confiar em mim mesma e acreditar que Aquiles fará o mesmo.

Ulisses a escutou com atenção, estudando-a enquanto ela falava.

— Você me faz ter esperanças de que está com a razão, princesa — falou por fim.

— Katrina. Esse é o meu verdadeiro nome. Meus amigos me chamam de Kat.

Ele sorriu de leve.

— E devo acompanhá-la até o meio desse caos, Kat?

Ela fez uma leve reverência.

— Há poucos homens com os quais eu aceitaria ir até lá. Você é um deles.

O campo de batalha não era nada do que Kat podia ter imaginado. Não apenas o cheiro já era horrendo, como eram assustadoras as imagens e os sons.

Assim que eles se aproximaram mais do combate, Ulisses enviou um mensageiro grego para reunir o maior número possível de Mirmidões. Ela esperou atrás das linhas de batalha, aflita, desejando desesperadamente poder contar com meios modernos de comunicação e transporte, enquanto o rugido da Fúria soava, impregnando o ar com uma violência tão bestial que os homens lutando e morrendo a apenas alguns metros dali pareciam protagonizar uma cena quase banal.

Os Mirmidões responderam ao chamado de Ulisses muito mais depressa do que Kat imaginava, e logo ela se viu olhando para os rostos surpresos e respingados de sangue de muitos conhecidos que a cumprimentaram.

— Precisamos levar a princesa até Aquiles! — anunciou Ulisses.

As expressões dos Mirmidões não podiam se mostrar mais confusas.

— Mas ele não é mais Aquiles! — lembrou Automedon.

Como se para confirmar as palavras do guerreiro, outro rugido sacudiu o campo de batalha, fazendo os próprios homens estremecerem.

— Conheço bem a Fúria, mas creio que eu possa recuperar Aquiles — afirmou Kat, olhando de homem para homem. — Pátroclo não está morto. Tudo o que tenho de fazer é alcançar o Aquiles que ainda existe dentro do monstro e fazê-lo compreender isso.

— *Pátroclo vive!* — Automedon exclamou, enquanto os homens mais próximos repetiam o brado, fazendo-o ondular através do grupo. Em seguida, o guerreiro virou-se para ela, sorridente. — Traga Pátroclo ao campo de batalha, princesa! Mesmo transformado pela Fúria, Aquiles deve reconhecer o primo. Quando ele vir que Pátroclo está vivo, tudo ficará bem outra vez!

— Sim! — concordou outro guerreiro, cujo nome ela não conseguia se lembrar. — Enquanto isso podemos impedir que Aquiles se aproxime de Heitor e se faça cumprir a profecia!

Todos a fitaram, na expectativa — inclusive Ulisses — e Kat desejou poder trazer um Pátroclo em perfeito estado, andando, falando... Mas claro que aquilo era impossível. Mesmo que o jovem guerreiro continuasse vivo, provavelmente devia estar passando por uma cirurgia. Arrancá-lo do mundo moderno o poria em risco tanto quanto a espada de Heitor.

— Pátroclo não pode ser trazido para o campo de batalha, pois acabaria perecendo. Ele está vivo, mas se encontra muito ferido. Sou tudo com o que vocês podem contar. Precisam me levar até Aquiles!

— Aquiles não a enxergará, senhora — ponderou Automedon com tristeza. — É a Fúria quem está lutando, e não poderemos salvá-la se a criatura decidir atacá-la.

— Eu sei disso. Não terão que me salvar. Tenho como me defender.

Os homens a fitaram como se ela tivesse acabado de dizer que faria brotar uma capa vermelha nas costas e voaria mais rápido do que uma bala.

— Apenas levem-me até ele — Kat repetiu com um suspiro. — Eu cuido do restante. Não vou responsabilizá-los pela minha morte se as coisas não derem certo. E assim que me levarem até Aquiles, recuem todos. Não quero que ninguém saia ferido.

Kat notou os olhares incrédulos e ouviu alguém murmurar com ironia:

— Ela não quer que saíamos feridos?...

Tentou ignorar o comentário. Eles não estavam ajudando a aumentar seu nível de confiança.

— Muito bem. Vamos levá-la até Aquiles — decidiu Ulisses.

Os homens trataram de obedecer, guerreiros experientes e disciplinados que eram. Criaram

uma falange, colocando-a em segurança no meio desta. Depois começaram a se mover pelo campo de batalha, lutando aos poucos, como um só homem, avançando inexoravelmente e chegando cada vez mais perto dos gritos animalescos que vinham da criatura que antes era Aquiles.

Kat jamais conseguiria precisar se aquela jornada de pesadelo pelo campo de batalha durara muito ou pouco tempo. Foi como se tivesse entrado em um lugar onde o tempo não tinha qualquer significado; em um cenário de morte, sangue e violência de *Além da Imaginação* que seus olhos viam, mas que sua alma se recusou a enxergar ao menos por algum tempo. Mais tarde, tais imagens lhe viriam à cabeça, a maioria delas como *flashes* em preto e branco de um filme de horror — mas, naquele momento, ela apenas se abismou com o que a mente humana era capaz de negar para sobreviver.

Pouco depois, o ritmo do grupo mudou, e este se reorganizou antes de parar. Ulisses se pôs a seu lado, respirando com dificuldade.

— Há apenas mais uma camada de homens entre nós e a Fúria. Vamos passar sem problemas por eles.

— Que bom! Então façam com que eu me aproxime dele.

— Não terá muito tempo antes que a Fúria parta para cima de você — alertou Ulisses.

— Pode deixar comigo.

Ulisses concordou, hesitante, em seguida falou aos homens que os rodeavam.

— Avancem através da linha de batalha, depois abram um corredor para a princesa!

Kat sentiu enjoo de tanto medo. Conforme se viu avançando outra vez junto dos soldados, imaginou que fosse vomitar e apertou os lábios.

De repente, os escudos escuros à sua frente se abriram, deixando passar a luz do dia e expondo o caos.

Aquiles estava parado em meio a uma clareira de mortos, onde o sangue transformara a terra seca em uma lama cor de ferrugem. E estava de costas para ela, o que lhe deu um bizarro momento de paz no qual ela pôde estudá-lo.

Ulisses e os outros homens tinham razão: aquela criatura não era Aquiles. Seu corpo assumira uma proporção tão gigantesca e disforme que a túnica que ela o vira vestindo da última vez se rasgara, deixando-o nu, exceto por um envoltório de linho curto, atado ao redor da cintura.

Ela devia ter soltado uma exclamação involuntária porque, de repente, ele se virou para encará-la.

Kat sentiu a tensão dos homens e lançou um olhar na direção de Ulisses.

— Vão! — gritou, antes de afastar de sua proteção.

A criatura rosnou. Ela avançou mais alguns passos, distanciando-se ainda mais dos guerreiros, em seguida parou e encarou os olhos vermelhos do monstro. Sangue lhe cobria o corpo cheio de cicatrizes e escorria por seu cabelo emaranhado. O rosto também não era o de Aquiles. Assim como o restante de seu corpo, este se encontrava deformado, como se algo sob a pele tentasse abrir caminho.

— Sou eu, Aquiles, Katrina — ela afirmou numa voz firme e calma, como se ele fosse um paciente pensando em cometer suicídio. Pois não era exatamente isso o que Aquiles estava fazendo? Ele acreditava ser o responsável pela morte do primo, e agora planejava compensá-la com a sua própria. — Aquiles — repetiu —, Pátroclo não está morto.

Ele curvou os lábios, exibindo os dentes, e começou a se mover em sua direção devagar, com uma graça mortal e quase sedutora. Lembrava uma enorme cobra venenosa, pensou Kat, contendo o impulso de fazer meia-volta e correr para o mar de guerreiros atrás dela.

Em vez disso, respirou fundo, enviando uma prece silenciosa a Vênus e, implorando por sua ajuda, manteve-se no lugar.

— Aquiles, precisa me ouvir — repetiu com firmeza. — Pátroclo não está morto. Ele está vivo e vai ficar bem.

Conforme ele a circundou, deixou escapar um grunhido que a fez se arrepiar dos pés à cabeça. Foi então que ela percebeu que a criatura ria.

— Aquiles — falou outra vez, virando o corpo de modo a continuar a encará-lo. — Sei que está aí, em algum lugar. Sei que pode me ouvir... Pátroclo não está morto!

— Vou provar você.

A voz que proferiu as palavras era tão horrível, tão inumana e diferente da de Aquiles, que ela cerrou os punhos para que seu tremor não se tornasse óbvio.

— Creio que não. — Kat manteve o tom e os movimentos cuidadosamente neutros, mostrando-se o mais calma possível. — Aquiles me ama, e ele não vai permitir que me machuque.

O riso do monstro soou terrível, zombeteiro e apavorante.

— Mulher tola. Eu não sou Aquiles. — Quase à distância de tocá-la, ele parou de andar à sua volta.

Kat sentiu o forte cheiro de sangue, suor e masculinidade que emanava do monstro e ergueu o queixo mesmo assim, utilizando todas as habilidades que aprendera em sua experiência clínica para manter-se serena e não se deixar afetar pela fera.

— Aquiles... — recomeçou, porém a besta a interrompeu.

— NÃO! Aquiles não existe mais!

Conforme ele se lançou em sua direção, Kat cambaleou para trás, sentindo a coragem

desmoronar.

— *Aquiles!* — gritou aos prantos. — Tem que voltar para mim!

Mesmo em pânico, ela viu uma ponta de reconhecimento cintilar nos olhos injetados, resfriando seu tom escarlate e fazendo com que o monstro hesitasse, desajeitado.

— Aquiles! — repetiu, tonta de alívio, mas, antes que pudesse falar mais ou avançar em sua direção, teve um braço puxado para trás e para cima, e se viu içada no ar para longe da clareira.

— Polixena, minha irmã!... Pelos deuses! Pensamos que estivesse morta! — exclamou o lindo homem de olhos doces que a resgatou para cima da garupa de um imenso e agitado garanhão preto, amparando-a nos braços.

Kat mal teve tempo de fitar Heitor nos olhos antes que a Fúria rugisse seu desafio e atacasse.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Mantendo um braço ao redor de Kat, Heitor cutucou o garanhão para que este saltasse de lado, evitando o golpe da Fúria. Com um movimento fluido, o enorme cavalo girou enquanto Heitor apanhava uma lança da aljava da sela e a arremessava contra a criatura.

Kat gritou, porém, com os reflexos inumanos da Fúria, Aquiles a rebateu como se esta não passasse de um palito.

— *Heitor! Não!* — Pensando freneticamente, ela puxou o braço do estranho. — Deixe-o! Vamos para dentro das muralhas!

O guerreiro a fitou, tentando manobrar o garanhão para evitar o ataque seguinte de Aquiles.

— Não vai ficar com ela! — rosnou a criatura.

— Pelos deuses! É você quem ele quer! — exclamou Heitor, o braço apertando-a de modo protetor.

— Tire-me daqui, Heitor! — Kat gritou acima do barulho ensurdecedor da batalha.

— Troianos! Venham até mim! Protejam a sua princesa!

Por um instante Kat pensou que ia dar certo e que eles deixariam Aquiles rugindo, impotente, nas muralhas de Troia, o que lhe daria tempo para decidir que diabo fazer. Heitor começou a fazer o garanhão recuar da clareira enquanto uma linha de guerreiros troianos vinha correndo a seu encontro.

Foi então que a criatura que fora uma vez seu amante soltou um urro terrível e se lançou contra o cavalo. Conforme Aquiles passou por eles voando, sua espada sangrenta atingiu o flanco do garanhão que relinchou e tropeçou, a pata traseira escorregando na lama sangrenta e traiçoeira. Kat se jogou para a frente num impulso, segurando-se no pescoço largo do animal ao mesmo tempo que sentia o braço de Heitor soltá-la quando Aquiles o agarrou pelo ombro, arrancando-o de cima da sela.

Tudo aconteceu com ofuscante rapidez. Heitor recuperou o equilíbrio, apanhou a espada e o escudo, e seus olhos encontraram os dela, emanando todo o amor que ele sentia por Polixena. Kat soube, nesse momento, que Heitor faria qualquer coisa para manter a irmã em segurança.

— Vá para dentro das muralhas! Vou segurá-lo por tanto tempo quanto me for possível. — Dito isso, ele deu um tapa na anca do cavalo, enviando-o a galope em direção a Troia.

Aquiles ainda tentou alcançar o garanhão, rugindo, mas Heitor correu, saltou e se colocou bem no caminho da Fúria, impedindo-o de chegar até ela. Os guerreiros de Troia a cercaram, assim como ao animal ferido; contudo Kat ainda conseguiu ter uma excelente vista do campo de batalha conforme estes lutavam contra os Mirmidões agora liderados por Ulisses, ao

mesmo tempo que se moviam na direção dos portões da cidade.

Agoniada, ela manteve os olhos fixos em Aquiles e Heitor, observando tudo como se em câmera lenta. Heitor lutou bravamente, mas não combatia um ser humano. A criatura era incontrolável. Ainda assim o jovem príncipe se manteve firme até que Aquiles o golpeou nos músculos das coxas, fazendo-o cair de joelhos. Mesmo ferido, o rapaz lutou nessa posição, mantendo o monstro ocupado até que os enormes portões gemeram, abrindo-se para ela, o garanhão e a guarda do palácio. Mal estes se fecharam, Kat ouviu um gemido conjunto de desespero soar do alto das muralhas da cidade e soube que Heitor, o Príncipe de Troia, estava morto.

Os soldados a levaram direto até o rei. Príamo a abraçou, e ela chorou com o rei enquanto este a segurava nos braços.

— Um milagre dos deuses... Um milagre dos deuses!... — repetiu o homem diversas vezes. Por fim, ele se controlou e pediu vinho para ambos. Só então Kat conseguiu encará-lo, e sentiu o coração se apertar. Príamo era a versão mais velha e mais baixa de Heitor, um homem bonito, com olhos castanhos e espessos cabelos escuros e grisalhos. Chocada, ela percebeu que seus olhos não lhe eram familiares apenas por causa de Heitor. Desde que fora transportada para o mundo antigo e colocada naquele corpo, aqueles mesmos olhos castanhos e expressivos também se encontravam em seu rosto.

Príamo deixou-se sentar em um trono de madeira de espaldar alto, primorosamente esculpido com garanhões empinados. Suas mãos tremiam quando bebeu o vinho que lhe fora trazido. Sentindo-se tonta, Kat também tomou um gole da bebida e, em seguida, entregou o cálice de volta para uma serva que chorava em silêncio. Ouvia uma exclamação abafada e, mais uma vez, alguém a abraçou com força. Uma mulher um pouco mais velha, porém esbelta e elegante, e uma moça muito bonita e delicada, de seus vinte e poucos anos, soluçavam enquanto a abraçavam com força.

Comovida, Kat só pôde permanecer onde estava, desejando que tudo houvesse sido diferente; que ela tivesse conseguido fazer a coisa certa.

— Heitor está morto. Aquiles o matou.

Junto com as outras mulheres que a abraçavam, Kat ergueu o olhar, querendo saber quem havia falado. Um rapaz magro se encontrava parado na porta em arco que dava para a espaçosa câmara. Não era muito mais velho do que Polixena e também tinha os mesmos olhos expressivos do restante da família. Uma moça loira se pôs atrás dele, na sombra do portal — a beleza intocada pelas lágrimas que lhe banhavam as faces —, e olhou com adoração para o rapaz que acabara de se pronunciar.

Kat prendeu a respiração. Nunca vira uma mulher tão linda. Ela rivalizava até mesmo com

a beleza de Vênus!

Paris e Helena! Só podiam ser eles!

Foi então que o grupo registrou as palavras terríveis, e a mulher que devia ser a esposa de Príamo, a mãe de Heitor, Paris e Polixena, atirou-se no chão aos pés do rei, arrancando os cabelos e gemendo, desesperada. A moça que a abraçava não emitiu um só som, porém tombou, inconsciente.

— Vá buscar Astyanax! Segurar o filho de Heitor vai ajudá-la a sobreviver a isso — ordenou o rapaz após adentrar o salão.

— Sim, lorde Paris. — Chorando, a serva apressou-se em atender à ordem.

Paris correu para a mulher caída, cujas pálpebras começavam a se fechar. Levantou-a e a carregou para uma *chaise* não muito distante do trono de Príamo.

Em seguida, Kat se viu nos braços do rapaz. Abraçou-o com força e pôde sentir os tremores que lhe perpassavam o corpo.

— Você está viva... *Viva!* — ele sussurrou uma vez mais, o hálito quente se mesclando às lágrimas que lhe umedeciam os cabelos.

Kat não pôde fazer nada além de assentir em silêncio. Sua mente se encontrava em um verdadeiro turbilhão e seu coração parecia estar se partindo ao meio.

Um soluço se fez ouvir atrás deles, e Paris soltou sua suposta irmã, relutante, voltando-se para a *chaise*.

— Andrômaca, mandei buscar seu filho — falou baixinho para a mulher que voltava a si. — Estão trazendo Astyanax para você. — Ele tocou-lhe a face, depois se ergueu devagar, quase dolorosamente, e virou-se para o pai.

O rei acariciava o cabelo da esposa. Esta afundara o rosto em seu colo, os gemidos transformados em soluços. O rosto de Príamo não tinha qualquer expressão.

— Pai... — Paris falou com voz embargada, enxugando o próprio rosto com a parte de trás da manga. — Ele está morto!

Os olhos do velho monarca descansaram sobre o filho mais novo por um momento. Sua expressão vazia não se alterou, e então ele focou o olhar acima do ombro de Paris como se assistindo ao passado.

— Precisa levar sua irmã para o quarto dela. Não conseguirei lhes dar atenção enquanto estiver de luto pelo meu primogênito. — A voz de Príamo não soou cruel. Contudo, assim como seu rosto, parecia desprovida de emoção, o que tornou tudo ainda mais terrível.

Paris desabou.

— Pai, também sou seu filho!

— Sim, algo sobre o qual os deuses nunca me deixam esquecer — murmurou Príamo. —

Vá agora. E só volte à minha presença quando eu chamar. — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — E leve a sua mulher.

— ... Venha, irmã. — Paris estendeu a mão para Kat.

Sem saber o que fazer, ela a aceitou, permitindo-se ser guiada para longe da sala do trono de Príamo.

Quando passaram por Helena, esta se pôs a caminhar do outro lado de Paris. Manteve a cabeça baixa, reparou Kat, como se tentando ocultar o rosto estonteante com os lindos cabelos.

Andaram em silêncio por um corredor com piso de mármore e passaram por vários quartos arejados e adoráveis. Mas era como se o desespero caminhasse com eles. Por todos os cantos do magnífico palácio ecoava o choro de mulheres.

Chegaram a uma porta marchetada com prata, por fim, e Paris se deteve.

— Vou pedir que as servas venham ajudá-la — decidiu, as faces ainda úmidas e a voz rouca pela emoção. — Estou tão feliz por eles não a terem matado, Xena!...

Kat engoliu em seco. Assim como acontecera com Heitor, apesar do pouco tempo que se encontrava ao lado de Paris, podia afirmar que este também amava muito Polixena.

Num impulso, ela o abraçou.

— Obrigada!

Paris se agarrou a ela.

— A culpa é minha! — desabafou com voz entrecortada. — Eu causei a morte dele. Fui o responsável por todas as mortes!

Kat se condeou pelo rapaz. Ele não passava de um adolescente! Não devia ter mais do que treze ou catorze anos quando tomara Helena dos Gregos.

Aquelas duas crianças haviam começado uma guerra que já durava quase uma década?, perguntou-se Kat, inconformada. Não fora necessário para ela conhecer Agamenon e seus comparsas para ter certeza de como aquilo tudo era absurdo!

Balançou a cabeça para o inconsolável menino à sua frente.

— Não, Paris. Isso tudo vai muito além da sua culpa.

— Venha, meu amor. Polixena precisa tomar um banho e descansar. Venha comigo, querido! — Helena o persuadiu com uma voz doce.

Ainda soluçando, Paris assentiu em silêncio e se afastou, trôpego, tendo o braço de sua amada ao redor da cintura.

Kat adentrou a câmara ampla sem se deixar tocar por seu esplendor, e lá ficou, entorpecida, enquanto aguardava a chegada das servas. Estas vieram em poucos minutos — mulheres com expressões alquebradas que a trataram com reverência, mas que, vez ou outra, deixavam

escapar um soluço. Kat permitiu que elas a banhassem, ungissem e vestissem com um quitão de seda simples. Elas lhe providenciaram vinho e comida e, em seguida, ainda em meio a murmúrios e soluços, pareceram se desvanecer.

Sentindo-se sozinha e perdida, Kat atravessou o quarto até uma imensa janela em arco que se encontrava aberta. Cortinas douradas e finas como gaze filtravam a luz do sol poente, tingindo tudo ao redor com tons de ferrugem, laranja e amarelo. Sons de luta ainda derivavam com a brisa quente, e ela saiu para a varanda que dava para as muralhas frontais de Troia, as quais proporcionavam completa vista do campo de batalha. Não se permitiu assistir ao combate, entretanto. Assim como não deixou que os ouvidos reconhecessem — acima de todos os outros gritos e do rumor do confronto entre os dois exércitos — a voz da criatura que possuía Aquiles. Em vez disso, mirou o horizonte embaçado a distância, e o sol que morria pouco a pouco no mar. Fitou-o até que lágrimas lhe borraram a visão, transbordaram e correram por suas faces.

Foi então que, em meio à dor e aos sons caóticos da guerra, ouviu outro ruído, o qual pareceu varrê-la como águas claras e frescas sobre as pedras de um riacho. Algo nele mexeu com ela, acalmou-a, e a resposta veio ao seu subconsciente antes mesmo que este o compreendesse. Foi um estrépito de corrente seguido por vários *clicks* e, pouco depois, um gemido que já tinha ouvido antes — quando atravessara os portões de Troia montada no garanhão ferido de Heitor.

Foi até a beira da sacada. Seguindo o barulho, olhou para baixo e para a esquerda. Havia um recuo do lado de dentro das paredes espessas; um nicho grande o bastante para abrigar um homem, onde uma única janela estreita proporcionava uma visão parcial do campo de batalha. Ao lado do homem no nicho havia uma enorme corrente, cujos elos deviam ter a metade do tamanho de seu corpo.

Kat observou-os deslizar para baixo em um buraco, tal qual uma cachoeira de ferro aos pés da sentinela. À frente desta avistou um sistema de alavancas, as quais o guarda posicionara no sentido descendente.

— Fechem os portões! — Na plataforma do lado de fora do nicho, um guerreiro deu o comando e baixou uma bandeira vermelha que vinha mantendo acima da cabeça. O guarda no nicho imediatamente moveu todas as alavancas, colocando-as na vertical, e a gigantesca corrente parou de deslizar.

Kat debruçou-se ainda mais sobre o parapeito e viu quando mais de duas dezenas de guerreiros correram para os portões de Troia a fim de ajudar a fechá-los, enquanto arqueiros tentavam manter o exército grego a distância. Os portões haviam sido escancarados para que todos os soldados troianos se abrigassem dentro da cidade. Dessa forma, tinham levado um

bom tempo para ser fechados, mas, por fim, com outro estranho gemido, a cidade fora selada.

Kat voltou o olhar para o guarda no nicho. Ele e o soldado que segurava a bandeira saudaram um ao outro e depois relaxaram em uma posição que parecia a de descanso.

Então era necessária ao menos uma dúzia de homens para fechar os portões da cidade e apenas um para baixar algumas alavancas e abri-los?...

Sentiu o corpo se aquecer, depois regelar. Foi como se tudo de repente se encaixasse. Ela e Jacky não haviam pegado o espírito da coisa. Não era necessário enfiar o exército grego inteiro em um ridículo cavalo oco de madeira, do qual este surgiria para acabar com os Troianos como no mito. Bastava que uma só pessoa vencesse as divinas e impenetráveis muralhas de Troia e abrisse suas portas.

Kat olhou para as alavancas e os dois homens que as guardavam. De maneira alguma estes permitiriam que alguém chegasse perto dali o suficiente para soltar a corrente e abrir os portões.

Mas a princesa de Troia não era qualquer pessoa.

— Eu sou o cavalo de Troia! — sussurrou, sentindo um terrível calafrio cortá-la dos pés à cabeça.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Kat levantou a mão para agarrar o pingente em forma de coração que ainda trazia pendurado ao pescoço, mas, com o canto dos olhos, viu um movimento do lado de fora da cidade. Tons de ouro e escarlate brilharam ao longe, capturando sua visão. O exército grego já recuara e agora desaparecia por trás do olival. Apenas um guerreiro permanecera.

— *Aquiles!* Oh, Deus, não!... — Kat balançou a cabeça, horrorizada. Ele dirigia uma biga, açoitando os cavalos conforme passava diante dos portões da cidade seguidas vezes, arrastando atrás dele o corpo ensanguentado e brutalizado de Heitor.

A cena terrível a fez decidir. Faria o que fosse preciso para dar fim àquilo tudo.

Resoluta, voltou para o quarto e abriu o medalhão.

— Vênus! — chamou. — Venha aqui, por favor!

Desta vez, o brilho da nuvem divina da deusa pareceu menor quando esta se materializou.

— Heitor está morto, eu sei — Vênus começou. — Ouvi os gritos desesperados de Andrômaca. Eles eram muito apaixonados.

— E viu isso? — Kat fez um gesto aflito na direção da varanda.

A deusa se aproximou o suficiente para olhar o que acontecia lá fora, e Kat viu o choque que atravessou seu corpo quando ela percebeu o que estava testemunhando.

— Aquiles está profanando o corpo de Heitor!

— Não é Aquiles!

— Isso é monstruoso!

— *Não é Aquiles!* — Kat respirou fundo, tentando se controlar. — Preciso que traga Hera e Atena para cá. E Tétis, também. Acho que sei como pôr um fim nisso, mas todas terão que me ajudar.

— Não sei se Hera poderá vir. Ela está tentando manter Zeus ocupado. — Vênus lançou um olhar breve para a varanda antes de continuar. — E ela precisa fazer isso. Se Zeus souber o que está acontecendo lá fora, não teremos a menor chance de salvar seu Aquiles.

— Mas, se a Fúria está aqui, a culpa é de Zeus! Foi ele quem amaldiçoou Aquiles! — Kat falou com raiva.

— Querida... — Vênus começou baixinho — ... a escolha foi de Aquiles. Por isso está sendo tão terrível para ele. Ele está apenas cumprindo com seu destino.

— Pois eu vou mudar isso. O Amor está mudando isso!

— Eu?

— *Nós.* E mudando o destino de Aquiles vou pôr fim a essa maldita guerra!

— Descobriu uma maneira! — exclamou Vênus.

— Eu sou o Cavalo de Troia — afirmou Kat.

— Como?

— Apenas confie em mim.

— Eu confio. Do que precisa?

— Imagino que Tétis, sendo uma deusa do mar, possa fazer surgir um nevoeiro...?

— Claro que pode, querida.

— Muito bem. Pouco antes do amanhecer, faça com que ela produza um nevoeiro vindo do mar. O suficiente para manter escondidos os Mirmidões. E peça a Atena que faça Ulisses guiar os homens de Aquiles até os portões da cidade... Eu mesma vou abri-los.

— Você?!

— Sou o Cavalo de Troia, lembra-se?

Vênus assentiu devagar.

— É o que parece.

— Pois então.

Kat suspirou. Fazendo uma analogia melhor talvez fosse Judas, concluiu. Mas tratou de afastar o pensamento. Aquela linha de raciocínio não iria ajudá-los em nada.

— Certifique-se de que Atena faça Ulisses e o exército grego esperarem fora de vista. O exército grego inteiro! Esta é sua única chance.

— Está feito. E o que faremos com Aquiles?

— Nada. Ele é problema meu. — Kat tornou a assumir sua postura profissional, mantendo-se calma, imparcial, livre de emoções virulentas como desespero, culpa e medo. — Se alguém olhar pelas janelas da cidade, verá Aquiles. A neblina fará o resto. Só assim os Gregos adentrarão as muralhas de Troia. Supõe-se que eles possam acabar com esta guerra, certo?

— Pode-se dizer que sim — afirmou Vênus. — O que vai fazer?

— Vou tentar trazer Aquiles de volta.

Vênus hesitou antes de falar.

— Preciso alertá-la. Não tente fazer isso. Não deu certo hoje e provavelmente não dará certo amanhã, mas...

— Mas...? — incitou Kat.

— ... Mas eu acredito no poder do Amor — a deusa completou.

— Eu mesma comecei a acreditar nele — murmurou Kat.

Vênus sorriu.

— Eu sabia que tinha feito a coisa certa ao escolher você.

— Esperemos que sim. — Ela respirou fundo. — Muito bem, preciso de mais uma coisa...

Uma poção para dormir cujo efeito seja rápido e bem forte.

Sem qualquer hesitação, Vênus estendeu a mão e agitou os dedos. Quase no mesmo momento, uma pequena garrafa de cristal cheia de um líquido claro apareceu em uma nuvem de poeira cintilante.

— Cuidado com isto. É o que os deuses usam quando precisam relaxar. É feito por ninfas da Ilha dos Lotófagos, os comedores de lótus. Se isto apenas tocar a pele de um mortal, este já sentirá seus efeitos.

Kat apanhou o frasco com cuidado, colocando-o sobre a superfície polida da penteadeira.

— Obrigada. Parece perfeito.

O vento aumentou de repente, fazendo as cortinas diáfanas que emolduravam a varanda voejar para dentro da câmara e trazendo com ele o rugir insano da Fúria. Vênus se aproximou de Kat e segurou seu rosto com a palma macia.

— Katrina, eu a deixo agora com a bênção do Amor. — Beijou-a na testa com suavidade, e Kat sentiu uma onda deliciosa de calor e ternura varrer o corpo.

Conforme a deusa levantava a mão, Kat de repente lembrou-se de perguntar:

— Vênus! Pátroclo ainda está vivo?

A deusa sorriu.

— Vivo e se recuperando da cirurgia com a ajuda da enfermeira Jacqueline.

— Então não os traga de volta enquanto eu não puser fim a esta bagunça — Kat pediu, embora com dor no coração por Jacky estar em um mundo tão distante do que ela se encontrava.

A deusa do amor assentiu, solene.

— Se algo acontecer e eu não conseguir sair desta... — recomeçou Kat — ... promete cuidar de Jacky?

— Claro — concordou Vênus. Em seguida levantou uma sobrancelha fina. — Mais alguma coisa, minha exigente amiga mortal?

Kat mordeu a parte interna da bochecha e, em seguida, decidiu. Por que não?

— Sim. Se eu morrer — desta vez por uma boa causa —, você me deixaria ir para onde a alma de Aquiles for? Ele vai ficar muito sozinho sem mim.

— Tem a minha promessa quanto a isso, Katrina. Se morrer amanhã, irei escoltar sua alma pessoalmente até os lindos Campos Elíseos — garantiu a deusa.

— Nossa. Isso me faz sentir muito melhor.

— Mas não vai morrer amanhã, Kat, querida.

— Tem certeza? — ela perguntou, esperançosa. — Por acaso algum oráculo divino previu meu futuro?

— Chamemos isso de intuição do Amor. Vejo um final muito feliz se aproximando. — Vênus levantou o braço outra vez, moveu o pulso e desapareceu em sua nuvem de fumaça brilhante.

Kat suspirou.

— Maravilha. Ao menos agora eu sei a origem do ditado “O Amor é cego”...

Ulisses havia perdido as esperanças. Tinha falhado com a princesa que se autodenominava Katrina, com os Mirmidões, com seus próprios homens e com Aquiles.

Uma profunda inquietação corria pelo Exército. Ninguém, nem mesmo um único homem, aprovava o que Aquiles estava fazendo com o corpo de Heitor. A profanação de qualquer morto irritava os deuses. A profanação de um guerreiro honrado, de um príncipe de sangue real, iria, sem dúvida, fazer o Monte Olimpo descarregar sua ira sobre eles.

Tudo aquilo era muito ruim, porém ele já irritara os deuses antes e nunca se sentira como naquela noite.

Mas sabia por quê. A traição de Atena o cingia até os ossos. Não importava o que Katrina houvesse dito. Ele reconhecia suas palavras pelo que elas eram: apenas uma tentativa gentil de tranquilizá-lo.

Na verdade, as coisas estavam muito claras agora. Claro que Atena sabia sobre a farsa de Pátroclo. Ela era a Deusa da Guerra. Como podia não saber?

Ulisses deixou-se sentar na cadeira simples da tenda parcamente mobiliada. Olhou para o cálice de vinho do qual se servira, desejando poder ler as respostas no líquido cor de sangue.

De repente, a atmosfera na tenda mudou: ficou mais quente, mais doce... pouco antes de *ela* se materializar.

De nada adiantou ele se preparar para encará-la. Sua reação foi a mesma de quando tivera o primeiro vislumbre da deusa quando menino. Desejá-la aquecia e adoçava seu sangue, assim como acontecera com o ar ao seu redor.

— Meu Ulisses — murmurou Atena. Ela caminhou até ele e lhe ofereceu a mão.

Ulisses a tomou nas dele. Pondo-se sobre um joelho diante de sua diva, fechou os olhos, pressionou os lábios em sua pele e inalou seu perfume.

— Minha deusa — falou num sussurro. Então tornou a abrir os olhos, soltou-lhe a mão e se levantou. — Sinto-me honrado com sua visita — completou, porém sua voz soou tão vazia quanto seu coração.

Ulisses havia se esquecido de que sua deusa o conhecia muito, muito bem. Os olhos cinzentos de Atena se estreitaram enquanto ela o estudava.

— Não se lavou nem trocou de roupa depois da batalha de hoje... Está um horror. O que

aconteceu?

Ele encheu o cálice, usando o gesto como desculpa para não encará-la.

— Creio que saiba o que aconteceu hoje, grande deusa. Aquiles acredita que Pátroclo esteja morto e se entregou completamente à Fúria. A princesa, que me revelou hoje ser Katrina, tentou fazê-lo voltar a si e foi *resgatada* por Heitor e seus Troianos — ele pronunciou a palavra com sarcasmo. — Aquiles trucidou o príncipe. No momento, está profanando o corpo de Heitor.

Atena enrijeceu.

— E você está com raiva de mim.

Ulisses encontrou seu olhar por fim.

— Pensei que me amasse.

Ele viu o choque que as palavras causaram à deusa conforme ela reagia de pronto:

— Mas eu amo você!

— Se me amasse não teria mentido para mim.

Atena nada disse, porém Ulisses viu a verdade em seus olhos. Ele estava certo. Ela sabia de tudo.

— Todas as deusas estavam envolvidas na brincadeira que armou para Aquiles, ou apenas você e Vênus?

— Não foi nenhuma brincadeira — Atena rebateu, os olhos cinzentos faiscando de raiva. — Era para ter funcionado! Devia ter acabado com a guerra.

— Podia ter funcionado se tivesse me contado! Se eu soubesse, podia tê-lo protegido! — Ulisses gritou, as emoções reprimidas explodindo de vez. — Será que valho tão pouco que nem mesmo confia em mim?

— *Tão pouco?! —* Atena repetiu. Quando as palavras fizeram o chão sob eles tremer e as paredes da tenda oscilaram, respirou fundo para se acalmar e recomeçou: — É o único mortal que já amei. Não há um só dia em que eu não tema por sua mortalidade porque sei que eventualmente precisarei me render ao destino e perdê-lo.

— Mas sou um homem de verdade para você? Com um coração, uma alma e uma mente dignos de respeito? Ou apenas o seu brinquedo favorito? — ele perguntou, amargo.

O rosto da deusa corou.

— Como pode dizer uma coisa dessas depois de tudo o que passamos juntos?

— Digo isso porque todos os mortais conhecem bem os caprichos dos deuses.

— Não os meus! Não tomo amantes humanos por capricho. Não tomo nenhum amante por capricho. Imaginei que soubesse disso. Pensei que me conhecesse melhor.

— Eu também. — Ulisses soou derrotado, com os ombros largos caídos. — Mas não

confiou em mim.

Foi então que Atena, Deusa da Guerra e da Sabedoria, o surpreendeu por completo.

— Eu estava errada. Completamente errada! — afirmou, encontrando seu olhar. — Perdão... Eu não devia ter mentido.

— Atena, eu... — Ulisses recomeçou, porém uma imensa alegria lhe estreitou a garganta e sufocou as palavras.

A deusa de olhos cinzentos caminhou até ele e descansou a cabeça em seu ombro.

— Meu Ulisses!

Ele a abraçou, comovido.

Mais tarde, deitada a seu lado, Atena revelou tudo sobre Katrina, Aquiles, Vênus e Hera.

Ulisses suspirou, aliviado. Pela primeira vez, a Deusa da Guerra dividia seus planos de batalha com um mortal, em vez de fazê-lo se dobrar a seus caprichos, concluiu, sentindo o coração leve.

Kat estava tão nervosa que suas pernas tremiam. Quando o negro da noite havia apenas começado a ceder a um tom de cinza, derramou a poção para dormir em um cântaro de barro cheio de vinho tinto até a metade, pegou dois cálices da cômoda de cabeceira e deixou o quarto.

Era um palácio de luto. Um palácio repleto de lágrimas abafadas e melancólico silêncio. Os corredores se encontravam desertos, iluminados apenas por um ou outro candeeiro. Desimpedida, ela vagou, fazendo o possível para manter a direção que imaginava ser a certa.

Seu senso de direção sempre fora ótimo, mas já estava começando a acreditar que jamais encontraria o caminho para o nicho na parede quando dobrou uma esquina e deparou com uma mulher de meia-idade, vestida de modo simples, que saía de uma câmara lateral.

— Sente-se bem, princesa? Há algo que eu possa fazer pela senhora? — a serva indagou, preocupada, após uma rápida reverência.

— Estou perdida — Kat confessou. Tinha ensaiado como reagir às muitas situações em que poderia se meter naquela noite e optou por ficar o mais próxima possível da verdade, certa de que isso poderia reduzir seus erros. Isso se não gaguejasse!... — Sei que parece absurdo, mas ainda estou meio confusa. Deve ser porque não tenho dormido o suficiente desde que... — Ela deixou a voz morrer, não encontrando nenhuma dificuldade em parecer triste, assustada e desorientada.

— Oh, senhora! Lembre-se sempre de que não está sozinha. Deixe-me ajudá-la a voltar para o seu quarto.

— Não pode me levar até os guerreiros que estão tomando conta dos portões?

— Quer dizer as sentinelas? Não compreendo, princesa.

— Ouvi falar que os dois homens que vigiam as alavancas que abrem os portões foram fundamentais no meu resgate. — Kat cruzou os dedos mentalmente, esperando não estar dizendo nenhuma bobagem. O rosto da criada continuou um ponto de interrogação, então ela fez a única coisa que poderia fazer: começou a chorar. — Preciso agradecê-los! Heitor gostaria que eu fizesse isso! Foi tudo tão terrível!... — falou, soluçando.

— Oh, princesa! Por favor, não chore! Está em casa agora, senhora. Tudo vai ficar bem. — A serva estendeu as mãos, hesitante, como se quisesse tomá-la nos braços mas não tivesse certeza se podia.

— Vai me levar até os guerreiros que ficam nos portões? Por favor!

— É claro que vou, princesa. Está exausta, abalada, por isso se perdeu. As sentinelas dos portões não ficam muito longe daqui, a senhora vai ver... Já estava quase lá.

Mantendo com ela uma conversa suave e tranquilizadora, a criada a guiou por uma curva no corredor até uma bifurcação para a direita e, em seguida, deteve-se diante de um arco estreito. Uma porta se encontrava aberta para uma passarela de pedra, na qual se viam uma plataforma de madeira e o nicho esculpido na muralha de Troia. Assim como ela vira da varanda, um guerreiro se encontrava posicionado em guarda na plataforma, e o outro, entre a corrente e as alavancas.

Kat fungou e sorriu.

— Obrigada.

— Devo esperar pela senhora para que encontre o caminho de volta para os seus aposentos?

— Não, não... Estava certa. Eu ando muito confusa e abalada, mas sei onde estou agora.

— Como quiser, senhora. — A mulher fez uma reverência, lançou-lhe mais um olhar preocupado, então refez o caminho pelo qual elas tinham acabado de vir, desaparecendo na curva do corredor.

Kat enxugou os olhos com a manga, colocou sua melhor expressão de donzela sofredora no rosto, e saiu para a passarela.

Ambos os guerreiros se voltaram em sua direção, porém nenhum deles falou qualquer coisa. Ela limpou a garganta e fez a voz soar tão delicada quanto possível.

— Olá... Vim agradecer a vocês dois.

Observou a confusão nos olhos dos homens e sorriu.

— Por terem me salvado daqueles... — Kat parou e começou a soluçar.

No mesmo instante, a confusão dos homens se transformou em pânico.

— Princesa Polixena! Não precisava. Nós não...

— Claro que sim! Vocês me salvaram! Eu ainda podia estar lá, no meio dos Gregos, naquele acampamento horrível onde eles... — Kat prosseguiu choramingando com palavras ininteligíveis.

Um pouco pálidos, os homens se entreolharam, impotentes.

— Princesa — falou o guerreiro que se encontrava de pé no nicho, juntando-se ao outro soldado na plataforma —, está segura agora. Nossas muralhas sagradas irão protegê-la para sempre dos Gregos. Tem o nosso juramento.

Sentindo-se a pior das criaturas do Universo, Kat sorriu, inocente, em meio às lágrimas.

— Obrigada, meus queridos — balbuciou, soando como Vênus. E num golpe de misericórdia, acrescentou: — Como agradecimento, eu lhes trouxe um pouco do vinho do meu próprio quarto. — Entregou a cada um deles um cálice e, mais do que depressa, serviu-os com uma generosa dose da bebida. — Aos guerreiros de Troia! — brindou chorando, e levantando o punho no ar.

Os dois rapazes se entreolharam, e Kat quase pôde vê-los dar de ombros mentalmente.

— Aos guerreiros de Troia! — ambos repetiram, e viraram os cálices.

— Sinto-me muito melhor agora — Kat balbuciou. — Tomem... Há mais aqui.

Ela mal começara a erguer o jarro para encher o cálice do primeiro homem quando este arregalou os olhos como se em choque. Kat olhou para o outro soldado. Ele tinha a testa franzida, como se tivesse uma pergunta a fazer e houvesse esquecido qual era. Em seguida, os dois oscilaram e, sem emitir um só som, caíram para trás como se a mão de um gigante os tivesse atingido.

Kat se curvou sobre os guerreiros apenas por tempo suficiente para se certificar de que ambos roncavam, então apanhou a espadas de um deles, a qual caíra na plataforma. Conforme agarrou a empunhadura, ficou surpresa em ver como a arma era pesada. Ficou satisfeita, contudo. Decerto esta a impediria de continuar tremendo.

Aproximou-se das alavancas e olhou pela janela estreita e comprida em direção ao campo de batalha. A noite havia passado do tom do carvão para o de ardósia e, com o crepúsculo, o nevoeiro de Tétis surgira, cobrindo todo o campo com ondas de névoa que, beijando o olival sem pudores, se derramavam sobre a crosta de sangue que cercava as muralhas de Troia. Em sua beleza sinistra, era um cenário de sonho que logo se transformaria em pesadelo.

Com o coração aos saltos, Kat viu formas se movendo em meio à neblina e a escuridão. Espectros que poderiam ser parte da bruma, homens ou imaginação sua.

Mas, à frente destes, de repente, surgiu a criatura que antes era Aquiles.

Para Kat, essa foi a expressão máxima daquele pesadelo. Ele não havia deixado o campo de batalha. Tinha tocado os cavalos a noite toda ao redor das muralhas de Troia, arrastando os

restos do corpo do príncipe e parando apenas quando os animais caíram de joelhos, sem poder continuar. Então ainda exigira uma nova junta. Automedon trouxera outros garanhões, e Aquiles continuara sua viagem monótona e sanguinolenta.

Ela sabia disso, pois o observara de sua janela a noite toda. Sentia que precisava fazê-lo. Alguém precisava se preocupar com Aquiles, alguém precisava acreditar nele! Era necessário que o vigiassem.

Colocou as mãos nas alavancas, fechou os olhos e as puxou para baixo. O estrépito das correntes gigantescas ganhando vida foi alto demais em meio ao silêncio impregnado por sua culpa.

Kat abriu os olhos e os manteve fixos nas silhuetas fantasmagóricas que vislumbrara em meio à névoa. Logo teve a certeza de ver a figura distinta de Ulisses guiando os soldados para o mais perto possível dos portões que se abriam devagar. Mesmo escondido pela bruma mágica, o guerreiro emanava uma luz que parecia envolvê-lo, e que só podia ser uma evidência do favorecimento de Atena.

Tensa, Kat sussurrou uma oração para a deusa sem tirar os olhos de Ulisses:

Ele é um bom homem e a ama muito. Tente mantê-lo em segurança, Atena!

De repente, um grito se fez ouvir logo abaixo dela. Um homem percebera a abertura dos portões maciços, muito embora não houvesse sinal de que o exército troiano estivesse montado e pronto para sair para o campo de batalha.

Kat correu de volta para a porta que se abria para a passarela e a fechou, trancando-a com uma barra. Em seguida puxou os guerreiros que dormiam para dentro do nicho e se espremeu contra a parede, tentando se manter oculta.

Os gritos, contudo, foram ficando cada vez mais altos conforme os portões, tal qual no Mito de Sísifo, se abriam irremediavelmente. De onde estava, Kat pôde perceber que três dos homens que se aproximavam já poderiam atravessá-los.

— Fechem os portões, idiotas! Ninguém ordenou sua abertura até o meio-dia! — veio o comando de uma voz poderosa, logo abaixo dela.

Kat tratou de obliterar os gritos na cabeça e começou a contar até dez.

— Um Mississippi, dois Mississippi, três Mississippi, quatro Mississippi...

Quando chegou a “dez Mississippi”, homens esmurraram a porta para a passarela.

Ela olhou para os portões lá embaixo. Mirmidões, liderados por um iluminado Ulisses, começavam a invadir a cidade.

Satisfeita, ergueu a pesada espada acima da cabeça com ambas as mãos, e então desferiu um golpe com toda a força contra o sistema de engrenagens, correntes e contrapesos que a cidade tão meticulosamente refinara ao longo de vários séculos. Com um guincho que pareceu

o de uma mulher ensandecida, a corrente emperrou, e os portões pararam com um gemido.

Agora tudo o que restava era Aquiles... e a batalha final por sua alma.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Kat tinha se posicionado entre os corpos dos dois guerreiros desmaiados quando a porta para a passarela se escancarou. Ao ver os outros soldados, ela respirou fundo e deixou escapar o grito mais ensurdecedor que uma mulher poderia soltar. Em seguida, revirou os olhos e caiu em um desmaio digno de Scarlett O'Hara.

Continuou fingindo enquanto um guerreiro a ergueu nos braços e carregou para longe da guarita em meio a muita discussão sobre o que podia ter acontecido. O consenso geral era de que algum mal divino se encontrava em andamento.

Kat entreabriu um olho e espiou por sobre o ombro do soldado, vendo os outros guerreiros tentar lidar, impotentes, com o sistema de engrenagens quebrado. A meio caminho do quarto, “despertou”.

— O que aconteceu? — perguntou com voz fraca. Em seguida, soltou uma exclamação e começou a se debater. — Ponha-me no chão! Para onde está me levando?!

O soldado obedeceu como se ela tivesse pegado fogo.

— Foi encontrada na guarita dos portões, princesa. Tanto você como os guerreiros estavam inconscientes.

— Guarita dos portões? — Kat olhou ao redor, forçando os olhos a se encher de lágrimas. — Do que está falando? — O ruído da batalha que se alastrava pela cidade já subia até eles. Kat segurou o pescoço, parecendo prestes a desmaiar de novo. — O que é esse barulho?

— Os portões foram abertos e a cidade foi invadida, princesa!

Ela soltou novo grito e cambaleou, dramática.

— Princesa, deixe-me levá-la até...

— Não! Tem que ajudar a manter os Gregos longe do palácio! Vá! Eu mesma vou encontrar meu pai. — Quando o rapaz hesitou, ela acrescentou: — *Depressa!* — Então fez meia-volta e se afastou pelo corredor.

Por sorte, o soldado não foi atrás dela.

Mesmo com o coração apertado, Kat prosseguiu bancando a princesa histérica enquanto deixava o palácio. Foi mais fácil do que imaginava. O caos reinava absoluto e o pânico era geral. Mulheres gritavam, correndo desesperadas para fora, depois para dentro ao vislumbrar os guerreiros Gregos, contudo estas nem precisariam ter se preocupado. Ao menos não naquele momento. Seus inimigos se encontravam muito ocupados com os embates sangrentos com os Troianos para estuprá-las e cometer saques.

As pedras das ruas da cidade ficaram escorregadias com sangue enquanto o céu parecia

pegar fogo com o amanhecer. O mundo parecia tingido de vermelho. Os gigantescos portões continuaram abertos, vomitando guerreiros gregos para dentro da cidade.

Kat espremeu-se contra a muralha, procurando desesperadamente por um rosto familiar. Por fim, percebeu um grupo de Mirmidões lutando não muito longe dali e foi se movendo através da massa de guerreiros em ebulição, engolindo o pavor à medida que se esquivava das espadas ensanguentadas e dos corpos desmembrados.

— Mirmidões! Ajudem-me! — gritou enquanto lutava para se aproximar deles.

Uma das cabeças protegidas por elmos se levantou, e depois outra. Olhos se arregalavam conforme ela era reconhecida.

— É a princesa de Aquiles! — bradou Diomedes.

Em conjunto, os Mirmidões foram até ela e a rodearam, formando um círculo de proteção.

— Levem-me até Aquiles! Preciso tentar fazê-lo voltar a si!

O olhar incrédulo de Diomedes foi espelhado no dos outros homens.

— Princesa, Aquiles não existe mais. Ninguém conseguiu fazê-lo voltar ao normal!

— Eu posso fazer isso! — ela rebateu com firmeza, agarrando o braço ensanguentado do jovem guerreiro. — Têm que me deixar tentar, e depressa!

— Deixe-nos tirá-la daqui em segurança, princesa! Poderá voltar para Phthia conosco e ser eternamente honrada pelo amor que Aquiles lhe reservou!

— Não desista dele, Diomedes! — ela gritou, desesperada.

— Leve-a até Aquiles de uma vez! — berrou um dos guerreiros cujo nome Kat não conseguia se lembrar.

Automedon avançou, cumprimentando-a.

— Também sou a favor de que a levem até Aquiles.

— Sim! — concordou outro homem.

— *Sim!* — repetiram em coro vários outros.

— Muito bem. — Diomedes suspirou. — Vamos levá-la até Aquiles. *Em forma!*

Mover-se em meio à falange foi uma sensação familiar para Kat, ainda que sinistra. Cercada pelos Mirmidões, ela passou sem problemas pelos portões, feliz por sua visão se encontrar blindada contra o caos pelos ombros largos e os escudos dos homens.

E eu causei tudo isso!, sua consciência a repreendeu.

Mas estou pondo fim a esta guerra!, gritou de volta para si mesma.

A que custo?, contrapôs a culpa que a assolava.

O rugido da Fúria interrompeu seu debate mental, e ela empurrou o ombro de Automedon.

— Deixe-me passar, deixe-me vê-lo!

Os homens se apartaram o suficiente para que ela pudesse vislumbrar Aquiles ainda

arrastando o corpo esfaqueado de Heitor atrás da biga. Contudo ele também se encontrava envolvido na batalha, dizimando qualquer infeliz Troiano que conseguisse ultrapassar os portões da cidade.

— Precisam obrigá-lo a descer do carro!

— De que modo?! — indagou Automedon.

— Cerquem a biga! A princesa e eu faremos o restante!

Kat ergueu o olhar, vendo Ulisses se juntar aos Mirmidões.

— *Agora!* Espalhem-se em torno dele! — gritou o guerreiro. — Vou protegê-la enquanto estiverem se posicionando!

Os Mirmidões obedeceram ao comando, deixando-a sozinha com Ulisses.

— Eu sei como pode fazê-lo voltar a si — ele falou quando pôde.

— Então diga! — implorou Kat.

— Tem que ser por meio do Amor. Não pense em acalmar Aquiles. É mais do que isso. Não tente discutir com ele ou falar de Pátroclo, pois ele não irá ouvi-la. Basta que lhe dê a certeza de que, não importando o que aconteceu ou vá acontecer em suas vidas, ele poderá contar com o seu amor. Aquiles tem de acreditar que você o valoriza acima de qualquer outra coisa, Katrina. Que o vê como alguém verdadeiramente digno. Só assim irá trazê-lo de volta.

Kat fitou os olhos do famoso guerreiro e soube que ele falava com o coração, com a alma e por experiência própria.

— Ela a ama, não é? — falou sorrindo.

Em meio ao caos, os olhos de Ulisses cintilaram como se ele fosse um menino outra vez.

— Ama, sim.

— Princesa! — chamou Diomedes.

Kat e Ulisses ergueram os olhares. Os Mirmidões haviam cercado Aquiles, e ele havia parado de dirigir insanamente os cavalos. Agora continuava sobre a biga, apenas rosnando para seus homens.

Ulisses estendeu a mão para ela.

— Pronta?

— Como nunca vou estar. — Kat aceitou o gesto, segurando-se em Ulisses como se suas mãos unidas pudessem transferir para ela a força do guerreiro.

Ele a conduziu através do círculo de soldados e parou bem no meio da formação.

— Aquiles! — gritou. — Tenho algo que lhe pertence!

Rosnando, Aquiles virou-se para enfrentá-los. Seus olhos vermelhos e flamejantes se estreitaram ao avistar Katrina e, com uma velocidade espantosa, ele avançou em sua direção.

Kat não se deu tempo para pensar, para hesitar... Nenhum tempo para reconsiderar. Apertou

de leve a mão de Ulisses, em seguida a soltou e deu um passo à frente, indo ao encontro da criatura. Viu a ponta de surpresa nos olhos cor de sangue, contudo esta logo foi substituída por uma malévola satisfação.

Aquiles a alcançou e a agarrou pelos ombros.

— Agora eu vou prová-la, mulher!

Kat olhou para o rosto transformado à sua frente, vendo que este parecia ter piorado ao longo das últimas vinte e quatro horas. A posse da Fúria tornara-se ainda mais pronunciada. Ele tinha a pele esticada, os lábios repuxados, expondo dentes que se pareciam mais com presas do que dentes humanos, e sua cabeça se tornara bulbosa como se estivesse literalmente tentando mudar de forma.

E, para piorar aquele pesadelo, uma camada de sangue e sujeira — além do odor pútrido da morte — o cobria dos pés à cabeça.

Mesmo assim, Kat avançou um passo, deslizando as mãos pelos ombros deformados.

— Não há razão para esta ira, Aquiles. Não vai haver mais nenhuma batalha aqui.

O monstro hesitou e ela pôde sentir o tremor que varreu seu corpo. Concentrou-se, então, em todo o amor, o carinho e o desejo que tinha pela alma complexa que ainda habitava aquele corpo atormentado. O corpo do seu Aquiles, um homem que acreditava nunca ter sido bom o suficiente e que só pensava em si mesmo como quase um líder, quase um marido, quase um herói... E que, portanto, não era verdadeiramente digno de amor.

— Eu *te* amo, Aquiles, e isto não é um sonho... Volte para mim! — falou, emocionada. Em seguida segurou o rosto deformado e o beijou.

O fato de Agamenon ter declarado a morte de Pátroclo e ter sido o porta-voz que selara seu destino fora uma insuportável ironia para Aquiles. Ele sabia que não podia escapar de sua sina. Por causa de Katrina, fingira acreditar naquela ilusão, porém esta não passara disso: um sonho que ele se permitia ter vez ou outra.

E como todos os sonhos, por sua própria natureza, este precisava ter um fim.

Por isso ele permitira que seu desespero por perder Katrina casasse com a dor pela morte do primo, alimentando a própria revolta e depois se rendendo a esta. Pela primeira vez não se agarrara à sua humanidade. Em vez disso, dera boas-vindas ao calor escaldante da Fúria, permitindo que a criatura o dominasse e inflamasse sua agonia. Transforma-se na essência da ira, abraçando o destino que o perseguia havia mais de uma década; e o homem dentro dele se retirara para os confins de sua alma, onde aguardava que a morte inevitável o libertasse. A luz da consciência o pinçara uma vez, e seu lado humano até se manifestara, mas logo a raiva tornara a explodir, cegando-o e obliterando sua humanidade.

Quando essa luz voltou a brilhar, não foi apenas como uma breve claridade em meio à escuridão avermelhada da Fúria. Desta vez foi na forma da voz de Katrina, como um farol cintilante, uma água fresca que apagou o fogo da criatura, abrindo um caminho de amor até o espírito de Aquiles: o homem dentro do homem.

A visão do guerreiro voltou de repente, num choque. Katrina se encontrava em seus braços.

Desorientado, ele percebeu a transformação absurda e hedionda que a Fúria operara em seu corpo e teve vontade de empurrar Kat para longe, depois encontrar um lugar em águas profundas onde pudesse se esconder para sempre.

Foi então que Katrina voltou a falar:

— Eu te amo, Aquiles, e isto não é um sonho... Volte para mim!

Quando o segurou pelo rosto e o beijou, ela derrubou os pilares de ódio que o sustentavam, permitindo que apenas sua humanidade e seu amor lhe servissem de apoio. Com um suspiro de alívio, ele a envolveu nos braços e retribuiu o beijo.

Kat se inclinou para trás o suficiente para fitá-lo nos olhos, e Aquiles soube o que ela veria. Embora houvesse recuperado a consciência, seu corpo continuava devastado, definitivamente transformado pela completa possessão da Fúria.

Consternado, ele se preparou para a rejeição de sua amada, prometendo a si mesmo que combateria a criatura até que Katrina estivesse em segurança.

Foi então que ela sorriu, e seu sorriso foi acompanhado de uma deliciosa risada.

— Eu sabia que ia voltar para mim! — Atirou-se em seus braços, apertando-o contra si. — Aquiles, Pátroclo não está morto! Eu lhe dou a minha palavra, ele está vivo e bem, na companhia de Jacky!

Exultante, ele a abraçou com força. Pátroclo estava vivo e Katrina o amava apesar de tudo!

De súbito, seu cérebro processou o que havia diante de seus olhos, e ele a empurrou de leve, olhando, incrédulo, para um mundo muito diferente do que ele se lembrava. Os portões de Troia encontravam-se abertos, a cidade estava em chamas, e ele não fazia ideia de como tudo aquilo acontecera. Antes, sempre que voltava a si, lembrava-se de tudo o que a Fúria tinha feito, como se num jogo do qual ele participara como mero expectador.

Desta vez não via nada, entretanto. Apenas uma espécie de borrão carbonizado na memória.

Atordado, percebeu que ele e Katrina se encontravam bem no meio de um círculo de guerreiros ainda em luta. Atrás dele viu a biga e, atado a esta, um corpo ensanguentado que...

— Aquiles! Meu amigo! — Ulisses falou de repente, segurando-o pelo antebraço. — É verdade... *Ele voltou!* — gritou para o círculo de Mirmidões, os quais desfizeram sua formação para se aproximar de seu líder, hesitantes.

— O que aconteceu? — Aquiles perguntou.

— A princesa abriu os portões, e Troia sucumbiu a nós — garantiu Ulisses.

— Você fez isso?

— Bem, tive ajuda das deusas, mas, basicamente... sim — assentiu Kat.

Aquiles percebeu que ela parecia contrafeita e se perguntou qual seria toda a história, ainda que na esperança de ter anos, ou melhor, décadas, para que ela a contasse.

Seus olhos se viram mais uma vez atraídos para o corpo profanado. Havia algo naquele guerreiro morto que...

— Quem é esse?

Ulisses hesitou, Kat empalideceu. Então ele soube.

— *Heitor!* Eu o matei! — Aquiles sentiu-se varrido por uma onda de horror. — E ainda profanei seu corpo!

— Não foi você quem fez isso, Aquiles! Não foi! — Kat falou com firmeza.

— Pelos deuses!... Por que me deixaram fazer isso?! — Ele caminhou devagar até o cadáver de Heitor e abaixou a cabeça, lutando com os próprios sentimentos, recusando-se a permitir que a Fúria tivesse outra oportunidade de espalhar mais destruição. Em seguida falou para o corpo dizimado: — Era um príncipe valente, guerreiro e honrado, meu amigo. Prometo que farei a coisa certa agora: terá uma pira funerária tão grande que até mesmo o Monte Olimpo sentirá o seu calor!

De repente, uma dor lancinante na perna arrancou dele um grito. Aquiles tentou virar-se, agachar-se na defensiva, porém a lança atravessara seu tornozelo e o pregara ao chão. Agarrando-se inutilmente à arma arraigada no solo, ele girou o corpo a tempo de ver o rapaz esbelto, cujos olhos estavam arregalados com ódio e loucura, puxar o arco e lançar uma flecha flamejante, coberta de alcatrão.

— Morra, seu monstro! — Paris gritou.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Em chamas, a seta atingiu Aquiles bem no meio do peito, fincando-se até a ponta, derramando o alcatrão derretido por seu corpo abaixo feito lava transbordando. Mesmo em meio à agonia, ele ouviu o grito de Katrina e a viu correr para ele enquanto os Mirmidões convergiam para Paris, enterrando-o sob uma avalanche de espadas e sangue.

A Fúria recém-banida tornou a dominá-lo, então. Aquiles lutou contra a possessão, contudo seu corpo começou a arder, e a dor foi mais forte.

O rosto de Katrina oscilou diante dele e, em meio a uma bruma vermelha, Aquiles a viu erguer a corrente de ouro do pescoço e abrir o medalhão.

— *Vênus! Hera! Atena!* Eu as invoco para reclamar a bênção que me devem!

O ar cintilou como a neblina se erguendo do campo pela manhã, e as três deusas surgiram, vendo Aquiles de joelhos. Com o corpo e a mente em chamas, ele ainda lutava contra o domínio da Fúria.

— Eu cumpri a minha parte do acordo e como bênção quero Aquiles! — bradou Kat. — Reivindico o homem e peço que o salvem do monstro!

Aquiles começou a perder as esperanças quando as deusas trocaram olhares, surpresas. Era demais. Katrina havia tentado. *Ele* havia tentado. No entanto seu destino era inevitável. O que fora proposto pelos deuses não podia ser modificado nem mesmo pelos próprios deuses. Fechou os olhos, concentrando-se em manter sua humanidade. Queria morrer como um homem, não como um monstro.

— Por favor! — Kat olhou, suplicante, para cada uma das deusas.

— Querida, se escolher isso, não poderá retornar à sua antiga vida — alertou Vênus.

— Vai viver e morrer neste mundo antigo — Atena explanou.

— Portanto certifique-se de que é esse mesmo o seu desejo — completou Hera.

— Eu nunca estive mais certa sobre uma coisa na vida! Salvem-no agora... *Por favor!* — implorou Kat.

Vênus sorriu.

— Você já o salvou. Segure a mão dele e diga seu nome. — A deusa soprou-lhe um beijo, e Kat sentiu o choque do poder divino preenchendo o próprio corpo.

Correu para Aquiles. Ele estava completamente envolvido em fogo, contudo ela não hesitou. Estendeu a mão através das chamas e segurou na dele. Não sentiu calor, nem dor, apenas o amor que nutria pelo guerreiro.

— Venha, Aquiles! — Sua voz ecoou por toda Troia, ampliada pela magia das deusas, e ela

o sentiu estremecer.

Algo cedeu sob sua mão, então. Ela o puxou, e do corpo da Fúria devastado pelo fogo saiu um guerreiro dourado. Era menor em estatura do que Aquiles e parecia anos mais jovem. Seu corpo não possuía qualquer cicatriz, e seus olhos eram de um azul claro e brilhante. Não via nele a dor, o desespero, o arrependimento e a culpa que tinham sido seus companheiros por mais de uma década. E ele a fitava com uma expressão tão pura de felicidade, que ela pensou que o coração fosse explodir de alegria.

Aquiles a puxou para os braços e a beijou com ternura. Depois, ainda segurando sua mão, voltou-se para as três deusas. Pôs-se sobre um joelho, e os homens ao seu redor fizeram o mesmo.

A luta cessou ao redor e todos os olhos se voltaram para as divindades.

— Meu nome não será lembrado por milhares de anos, mas prometo que meus filhos irão honrá-las enquanto meu sangue correr por suas veias.

— Na verdade, querido, o seu nome ainda será lembrado para todo o sempre — falou Vênus.

— Não, grande deusa. — Ele apontou para o corpo ardente agora quase reduzido a cinzas. — Aquilo é Aquiles. Eu sou apenas um homem. Não uma lenda, um mito... muito menos um deus.

— Pois eu descobri que ser homem significa muito mais do que qualquer uma dessas coisas — interveio Atena, os olhos cinzentos encontrando os de Ulisses.

— Siga com as nossas bênçãos, mortal. E saiba que quando o amor é forte o bastante, pode fazer até mesmo o destino mudar seu curso — observou Hera.

Ainda de mãos dadas, Aquiles e Katrina deixaram o campo de batalha tendo os Mirmidões em silêncio às suas costas. Os exércitos grego e troiano se apartaram para deixá-los passar. A guerra, após quase uma década, finalmente terminara.

Portanto, não foi com pouco espanto que Kat ouviu um grito de mulher ensurdecedor. Eles estavam no meio das dunas entre o acampamento grego e o dos Mirmidões quando um pequeno grupo de soldados surgiu. Havia duas mulheres com eles. Uma delas estava sendo conduzida por uma corda que levava ao redor do pescoço esguio e branco. Mantinha a cabeça erguida e ignorava tudo e todos à sua volta. A outra se lançava contra o homem que guiava os demais. Era ela quem gritava e chorava.

Kat reconheceu a mulher histérica no mesmo instante.

— Santo Deus, é Briseida!

— Depois de tudo o que fiz por nós, você ousa me trocar por Cassandra, aquela bruxa! — Briseida gritou para Agamenon.

O rei fez a linha de soldados estacar.

— Briseida, eu já lhe garanti que vou mandá-la de volta para o seu pai junto com um bom dote, e ele lhe providenciará um excelente casamento.

— Meu pai é um réprobo! Se estou aqui é porque fugi de sua casa!

— E, mais uma vez, eu lhe digo: isso não é da minha conta. — Agamenon fez um sinal para sua guarda pessoal. — Acompanhem a senhora até o barco que providenciei e despache-a em segurança com a próxima maré.

Os guerreiros fizeram uma reverência e, com expressões completamente neutras, começaram a se afastar, puxando Briseida.

— Maldito seja, Agamenon! Rejeita o amor, e o amor será a sua ruína!

O rei bocejou.

— Receio que essa sua praga tenha chegado atrasada... Já fui amaldiçoado pelo amor uma vez.

— Imbecil! — murmurou Kat.

Como se a tivesse ouvido, Agamenon voltou-se para onde eles estavam. Kat viu seus olhos passarem por Aquiles, descartá-lo, e em seguida se arregalarem, descrentes, ao voltar para ele.

Kat olhou para seu amante, então. Ele tinha os lábios curvados num sorriso ao encontrar o olhar chocado do rei.

— Foi amaldiçoado pelo amor três vezes — corrigiu Aquiles sem gritar, a voz derivando, serena, pela duna. — Mas não merece nada, mesmo, além de ser destruído por tudo aquilo que pensou usar contra os outros.

Agamenon empalideceu, gritou um comando a seus homens, e o grupo saiu correndo de volta em direção ao acampamento grego.

Aquiles olhou para Kat enquanto eles continuavam a andar.

— Foi você quem o amaldiçoou pela primeira vez?

— Claro — ela admitiu.

— Fico feliz por isso — ele confessou com uma risada.

— Eu gostaria de me lembrar o que aconteceu com Agamenon de acordo com a Mitologia grega — Kat cochichou com Aquiles enquanto eles seguiam para a praia dos Mirmidões, onde navios de velas negras se encontravam ancorados em alto-mar. — Você sabe, Jacky é tão ruim em Mitologia como eu e... — Kat ficou sem palavras conforme a verdade a atingiu. Jacky ainda estava no mundo moderno!

— Cobre delas — incitou Aquiles.

— *Ahn?* — ela indagou, confusa.

— As deusas não prometeram uma bênção para Jacqueline também? Cobre delas e, se esse for o desejo de Jacky, elas a trarão de volta para cá.

Kat sorriu.

— E Pátroclo também!

Aquiles espelhou seu sorriso.

— E Pátroclo também.

Ela abriu o medalhão que ainda segurava com força.

— *Ahn*, Vênus?... Desculpe incomodá-la novamente, mas acho que vocês três se esqueceram de que também prometeram uma bênção para Jacky. E eu sei, com certeza, que ela gostaria de voltar para cá com Pátroclo. Então, se não for nenhum incômodo, eu gostaria muito que...

Com uma pequena explosão, Jacky e Pátroclo se materializaram na praia à sua frente: ela usando um uniforme completo de enfermeira, justo e curtíssimo — do tipo que se pode encontrar nas *sex-shop* por ocasião do Halloween — com meias brancas sete-oitavos, ligas e sandálias vermelhas do tipo “pode vir quente que eu estou fervendo”. Estava, sem dúvida, no meio de um delicioso “rala e rola” e fora apanhada bem no momento em que jogava os cabelos longos e loiros para trás num gesto fatal. Pátroclo, que se materializou com o traseiro na areia, vestia um avental de hospital aberto na parte de trás. Exibia vários tamanhos e formas diferentes de bandagens, sendo que a mais evidente envolvia seu pescoço. Encontrava-se obviamente *muito vivo*, ainda que em fase de recuperação.

Jacky piscou e olhou ao redor. Então arregalou os olhos.

— Jesus amado! Não podiam ter esperado mais alguns minutos?!

— Jacky! — Kat gritou, lançando-se nos braços da amiga enquanto Aquiles e os Mirmidões rodeavam Pátroclo, batendo em suas costas sem muita delicadeza e fazendo comentários sobre seu estranho traje.

Kat comentava com Jacky o quanto estava se sentindo fedida quando o mar começou a entrar em ebulição. Aquiles postou-se a seu lado, ignorando os protestos de Pátroclo e colocando-o quase nu atrás dele, junto de Kat e Jacky, e gritou para que os Mirmidões entrassem em formação, ao mesmo tempo que um deus surgia da enseada.

Kat nunca tinha visto, nunca sequer imaginara algo como o ser que se ergueu do mar, avultando-se sobre eles. Ele era enorme. Em vez de pele, possuía escamas sombreadas com todas as cores dos oceanos. Sua barba branca se desenrolava até o peito largo, combinando com a espessura do cabelo que caía em cachos em torno de seus ombros. Crustáceos feitos de diamantes, safiras e águas-marinhas lhe ornavam o corpo, e ele carregava um tridente esculpido em coral vermelho, que levantou e em seguida bateu contra o fundo do mar,

provocando ondas de espuma na enseada plácida e fazendo os Mirmidões sacudir precariamente, tal qual brinquedos na banheira de uma criança mimada.

— *As muralhas de Troia foram violadas!* — Sua voz ecoou através da água. — Elas já não detêm os Gregos, portanto também não deterão o mar. Essa é uma praga que o velho Príamo não pode ignorar. — O deus levantou seu tridente mais uma vez, como se estivesse se preparando para um ataque, porém uma voz melodiosa o fez hesitar e olhar para trás.

A linda Tétis dos Pés Prateados deslizou por cima das ondas como se estivesse caminhando na terra seca.

— E não gostaria de recompensar a mortal que finalmente lhe entregou Troia, Poseidon? — indagou, calma.

O deus levantou as espessas sobrancelhas brancas.

— De fato, encantadora Tétis.

A deusa olhou em sua direção. Aquiles curvou a cabeça em deferência à mãe e, em seguida, segurou a mão de Kat e a conduziu até a beira da praia, curvando-se diante de Poseidon.

O deus também inclinou a cabeça.

— É um prazer ver que superou a maldição que lhe foi imposta por meu irmão, Aquiles. E, pelo bem de sua mãe, fico feliz por não estar mais sob o domínio da Fúria. Que recompensa lhe devo por ter violado as muralhas de Troia?

— Grande Deus dos Mares, agradeço sua gentil oferta, mas não é a mim que deve uma recompensa. — Aquiles tomou o braço de Kat e a apresentou a Poseidon. — Esta mortal é a responsável por lhe abrir as muralhas de Troia.

Poseidon a fitou. Kat não tinha certeza do protocolo correto, por isso ensaiou uma rápida reverência.

— Essa pequena mortal fez o que um exército inteiro de Gregos não conseguiu?

— ... Sim, senhor — ela balbuciou.

Poseidon curvou-se de modo a olhar melhor para ela, então seus olhos se arregalaram.

— Você!? Mas você é a princesa de Troia, Polixena!

— Parece que sim — ela disse apenas.

— Quer dizer que lhe devo uma bênção dupla: uma por me abrir as muralhas de Troia e outra por um ligeiro, *ahn*, mal-entendido, que poderia ter terminado muito mal sem intervenção divina. — O deus pareceu realmente consternado e lançou a Tétis um olhar de desculpas. Em seguida tornou a se concentrar em Kat. — E então, princesa, que recompensa vai escolher? Ofereço-lhe qualquer coisa que estiver nos amplos mares deste mundo.

O olhar de Kat encontrou o de Aquiles.

— Escolha para nós, minha princesa — ele incitou.

Ela olhou por cima do ombro largo para Jacky e Pátroclo, que assentiram e sorriram para ela. Respirou fundo.

— Sei muito bem o que quero. Quero que me dê uma ilha escondida do restante do mundo. Um lugar de inigualável beleza, dedicado à cura, à paz e às deusas.

Poseidon coçou a barba enquanto pensava.

— Acredito que tenho uma ilha assim, mas é muito distante daqui. Em outro tempo e lugar.

Kat apertou a mão de Aquiles.

— Quanto mais distante, melhor.

— Então, venham. — Poseidon fez um gesto abrangendo a enseada, e os barcos de velas negras dos Mirmidões se espalharam como folhas de outono quando uma galera cintilante, toda cravejada de pérolas, assomou à superfície, vinda do fundo do oceano. As águas da enseada se apartaram, deixando uma trilha de terra seca que conduzia ao navio iridescente.

Aquiles voltou-se para seus homens.

— Não posso mais liderar vocês. O antigo Aquiles morreu nas chamas do campo de batalha troiano, e eu não desejo mais nenhuma luta, tampouco almejo a glória. Quero apenas a magia da paz. Se é isso o que também querem para as suas vidas, sintam-se livres para se juntar a mim. — Ele esboçou um sorriso. — Mas apenas se estiverem dispostos a se curvar às deusas. — Em seguida segurou a mão de Kat, e ambos começaram a descer a trilha aberta pelo Deus dos Mares com Jacky e Pátroclo logo atrás deles.

Kat olhou para trás e ficou satisfeita ao ver que quase todos os Mirmidões e várias de suas noivas de guerra, inclusive Aetnia, também haviam escolhido tomar o caminho para o navio perolado.

— Poseidon! — Jacky chamou quando o último dos Mirmidões embarcou e ela, Kat, Pátroclo e Aquiles já se encontravam na proa do navio.

O deus olhou para baixo, avistando-a, e ergueu as sobrancelhas espessas ao ver o que ela vestia.

— Sim, mortal com traje incomum? Tem uma pergunta para Poseidon?

— Tenho, sim. Eu estava pensando... Essa ilha que está dando para K... *ahn*, para a princesa... Ela tem nome?

— Sim. Os mortais a chamam de Avalon.

Kat e Jacky trocaram olhares atordoados.

— Jesus amado!... — Jacky sussurrou, abanando-se e se apoiando em Pátroclo. — *Meu coração!* Acho que ele vai parar outra vez!

— *Putá merda!* — deixou escapar Kat, balançando a cabeça.

— Meu Deus, Kat! Mal posso esperar para conhecer os nativos! — Jacky emendou, rindo

baixinho.

Aquiles envolveu Kat nos braços.

— Está tudo bem? Conhece essa ilha chamada Avalon?

Ainda atordoada, Kat fitou os lindos olhos do amante.

— Conheço. E é absolutamente perfeita! — Ela puxou o rosto de Aquiles para si e o beijou enquanto Poseidon fazia um gesto sobre a enseada e as águas voltavam ao normal.

O navio perolado deslizou em direção ao fundo do mar em uma nuvem que cintilava e ondulava como mágica.

— *Tenham uma boa viagem e um futuro abençoado!* — falou o Deus dos Mares.

— Kat, pare de namorar e preste atenção! Acho que estamos navegando em um *troço* que não é normal! — Jacky comentou, cutucando Kat nas costas.

Ela se virou, ainda nos braços de Aquiles, e observou a magia ondulante que os carregava em direção ao futuro.

— É melhor esquecermos qualquer coisa que considerávamos normal — decidiu, resignada.

Jacky se aninhou junto ao peito de Pátroclo, e Kat ficou feliz em ver que os guerreiros haviam arrumado algo mais adequado para o rapaz vestir, ainda que o avental do hospital houvesse revelado um lado bem interessante do jovem guerreiro...

— Por mim tudo bem. Eu nunca gostei de coisas muito normais, mesmo — concluiu Jacky.

— Talvez porque sempre tenha sido anormal! — Kat provocou.

— Vão ter que me dar outro nome — Aquiles lembrou de repente. — Não quero que nada estrague a nossa vida nova, e Aquiles é um nome que precisa mais é morrer em Troia.

— Tenho uma ideia! — exclamou Jacky, e três pares de olhos se voltaram para ela. — Acho que deveríamos chamá-lo de Angel.

— Jacky, você é uma perturbada! Já está na hora de superar essa sua obsessão por *Buffy*! Isso não está certo! — contrapôs Kat enquanto os dois homens as fitavam, confusos.

— Eu não estava me referindo ao Angel de *Buffy*. Estava pensando em um anjo mesmo, como aqueles tais anjos caídos! *Fala sério!* Ele nem tem cabelo castanho! — Jacky resmungou.

Kat balançou a cabeça, desgostosa.

— Não acho uma boa ideia. De qualquer forma, tenho uma melhor.

— Como vai me chamar? — Aquiles quis saber.

Kat virou-se em seus braços.

— Que tal Kirk?

— Kirk — Aquiles testou o nome. — Pode ser. Gostei.

— Soa como o nome de um líder — observou Pátroclo.

— O que achou? — Kat se voltou para Jacky.

— E ainda tem coragem de ficar me passando sermão sobre a minha queda por *Buffy*, sua maníaca por *Jornada nas Estrelas*! — provocou a moça.

— Mas não é sem graça, é? — Kat sorriu, maliciosa, para a melhor amiga.

Jacky riu.

— O que eu acho é que o nosso futuro vai ser tudo, menos sem graça!

E o nevoeiro mágico se fechou em torno do navio perolado, lançando-os na direção de um novo tempo, um novo lugar... e um futuro que estava longe de ser entediante.

EPÍLOGO

A batalha havia acabado. Remanescentes dispersos do exército de Troia foram reunidos e, sob a liderança de Ulisses, tratados com misericórdia. Atena ordenou que os guerreiros gregos percorressem todos os templos do lado de fora das muralhas de Troia para se certificar de que nenhuma sacerdotisa ou sacerdote tivesse sido maltratado. Quando Poseidon surgiu com seu exército de Oceânides — as ninfas do fundo do mar — e começou a derrubar as muralhas, as três deusas, revirando os olhos, procuraram um lugar mais seguro no bosque de antigas oliveiras.

Hera encontrava-se inquieta e pulava a cada graveto quebrado ou folha que adejava.

— O que há com você? — Vênus perguntou. — A guerra acabou. Conseguimos o que queríamos. — Eu sei. Atingimos nosso objetivo... mas deixando bem claro que nós três orquestramos tudo. — Hera fez um gesto abrangendo Troia. — A qualquer momento Zeus vai despertar da exaustão que os nossos magníficos dias de amor lhe provocaram e então saberá da nossa interferência aqui. “Raiva” chega a ser um eufemismo para o que ele vai sentir, e sabem muito bem o que acontece quando ele fica irritado.

— Nossa... Quer dizer que o deixou esgotado? Parabéns! — congratulou Vênus.

Atena suspirou.

— Para variar, o Amor não entendeu nada.

— Entendi sim, senhora! Mas gostei mais da primeira parte da história — contrapôs a deusa.

— Ele vai ficar louco da vida! — Hera falou em voz baixa. — E nós estávamos nos dando tão bem!...

— O melhor a fazer nesse caso é nos certificarmos de que Zeus não fique sabendo do que andou acontecendo por aqui — concluiu Atena.

— O que sugere? — Hera indagou. — Saiba que não estou em condições de manter o ritmo dos nossos encontros sexuais. Por alguns dias até foi divertido, mas pela eternidade seria no mínimo doloroso! — Ela fez uma careta.

— Vamos enfeitiçá-los — declarou Atena.

— *Ahn?* — Vênus indagou. — Enfeitiçar os órgãos genitais do Rei e da Rainha do Olimpo vai ser muito mais difícil do que...

— Será que dá para você esquecer os genitais alheios um pouco? Estou falando sobre os Gregos e os Troianos! Não seria problema se nós três juntássemos os nossos poderes. Podemos apagar as memórias dos mortais de tudo o que aconteceu após a Fúria ser eliminada.

— Será que podemos? — perguntou Hera, começando a se entusiasmar.

— Não vejo por que não! — respondeu Vênus, estreitando os olhos para Atena. — Quer saber, todo esse sexo teve um excelente efeito sobre você. É claro que odeio dizer isso de novo, mas eu bem que avisei.

— Apesar de contrariada, eu admito que estava certa... — concedeu a Deusa da Guerra.

O rosto de Vênus se iluminou com um sorriso vitorioso.

— ... *Desta vez* — acrescentou Atena, os olhos cinzentos se voltando irremediavelmente para o campo de batalha, onde se encontrava o guerreiro alto que ela tanto amava. — Venha até mim, Ulisses — falou, a voz soando num sussurro.

E, mesmo a distância, ele olhou para ela, sorriu e começou a cobrir a distância que os separava.

— Por que o está chamando? Ainda temos que limpar as memórias dos mortais! — lembrou Hera.

— Não a dele — decidiu Atena. — Não me importo com o restante deles, mas Ulisses sempre se lembrará de tudo.

— É um direito dela — concordou Vênus. — Atena o ama. Mexer com a memória de Ulisses estragaria tudo o que eles compartilharam.

Pela primeira vez, Atena sorriu para a outra deusa, agradecida.

— Obrigada, Deusa do Amor.

— De nada, Deusa da Guerra. — Vênus fez uma breve reverência.

— Mas, se apagarmos as memórias dos mortais, o que vamos colocar no lugar do que aconteceu? — perguntou-se Hera.

— Podemos colocar a culpa em Poseidon — Atena sugeriu. — Ele já está aqui e sempre teve problemas com os Troianos.

— Não. Todos sabem que ele não podia tocar as paredes de Troia até que estas fossem violadas. Poseidon fez esse trato com o rei Laomedonte décadas atrás. Se este pudesse ter sido rompido antes, ele já o teria feito. Além do mais, ninguém aqui quer provocar a ira do Deus do Mar. Vocês sabem como a coisa fica feia quando os mares estão turbulentos — lembrou Hera.

Vênus caiu na risada de repente.

— Já sei! E é perfeito! Lembram-se do tal Cavalo de Troia que aquele autor ridículo inventou junto com aquela história toda sobre o calcanhar de Aquiles?

— Claro que sim. É como esse boato imbecil de que fomos nós três que demos início à Guerra de Troia! — Hera falou com desgosto.

— O que é simplesmente inconcebível!

— Pois muito bem, vamos usar esses rumores cretinos e essa baboseira toda em nosso benefício! Vamos mandar o Cavalo de Troia para a cidade e colocar isso na memória dos mortais — resolveu Vênus.

— Brilhante ideia! — comemorou Hera.

— Também gostei — concordou Atena.

— O que é esse Cavalo de Troia? — Ulisses quis saber.

Atena sorriu para ele, amorosa.

— E ainda podemos dar o crédito para Ulisses!

Atena e Vênus deram de ombros.

— Como quiser — falou a Deusa do Amor.

Hera concordou com um gesto de cabeça.

— Que diabo é um Cavalo de Troia? — Ulisses perguntou outra vez.

— Vou explicar tudo para você mais tarde — disse Atena. — Agora é melhor ficar quietinho.

As três deusas se deram as mãos e, juntas, caminharam pelo campo de batalha devastado. Conforme chegaram mais pertos das muralhas, começaram a cintilar com seus poderes combinados. Alternadamente, a voz de cada uma delas ressoou sobre a cidade, descendendo sobre os mortais tal qual uma chuva fresca.

Concluída está nossa tarefa

É finda de Troia a guerra

Como é finda destas deusas a lembrança

Que com o sol poente se encerra.

Uma nova era agora começa

E com o alvorecer, uma nova esperança...

Hera concluiu o cântico e, em seguida, as deusas ergueram os braços. Em perfeita sintonia, lançaram seus poderes sobre Troia.

Um gigantesco cavalo de madeira se materializou à sua frente ao mesmo tempo que o sol mergulhava no horizonte, tingindo de vermelho o oceano.

— Bem.. É isso! — Vênus falou com um suspiro, batendo as mãos como se ao término de um trabalho benfeito.

— Preciso voltar antes que Zeus desperte! — lembrou Hera. — E querem saber? Isto tudo me revigorou. Talvez eu esteja pronta para mais uma sessão de calistenia... — Ergueu as mãos para abençoá-las. — Foi um prazer, grandes deusas.

— Grande Rainha... — Vênus e Atena disseram em uníssono, curvando-se respeitosamente

conforme Hera desaparecia.

— Eu devia ter explicado tudo a Ulisses — murmurou Atena, os olhos já em busca do amante.

— Pois então vá. E com a bênção do Amor, Atena — Vênus sorriu.

— Obrigada, amiga — A Deusa da Guerra sorriu de volta, em seguida saiu correndo.

Vênus suspirou, feliz, pensando em seu viril marido, Vulcano, com o qual ela não passava tempo suficiente desde que aquela aventura toda começara. Sorriu, já cheia de ideias na cabeça para o encontro romântico que planejava ter com ele naquela noite.

— Hera tinha razão. Também me sinto revigorada — murmurou consigo. — Afinal de contas, o Amor adora um final feliz! — Ergueu o braço delgado e, com um estalo de dedos, desapareceu, deixando uma nuvem cintilante que se transformou num bando de vagalumes, os quais se espalharam pelo bosque silencioso tal qual pequenos faróis de esperança.

NOTAS HISTÓRICAS

Agamenon voltou para a Grécia e para Clitemnestra, a esposa que ele havia deixado para trás. Levou Cassandra com ele, acreditando arrogantemente que sua mulher iria se curvar à sua vontade e ignorar o fato de ele ostentar sua nova amante. Em vez de se submeter a ele, contudo, Clitemnestra viu seu amor por Agamenon se transformar em ódio e o matou quando este se encontrava sozinho em seu banho, após amarrá-lo com um pano de seda. Depois disso, ela também assassinou Cassandra.

Briseida, também conhecida como Hipodâmia, voltou para o pai, o rei Enomau de Pisa, e se tornou sua rainha. Dizem que tinha com ele uma relação incestuosa, pois este fazia de tudo para evitar que a filha se casasse e desafiava todos os seus pretendentes para uma corrida de cavalos, em que estes eram mortos após saírem derrotados. Pélops foi o vigésimo pretendente de Briseida e, com a ajuda desta (alguns contam que tudo aconteceu com o auxílio de Hera, a qual acreditava dever uma bênção à mortal), derrotou o pai da moça e o matou no processo. Eles se casaram, governaram Pisa, e tiveram muitos filhos juntos.

Pélops, entretanto, também possuía um filho de uma ex-esposa a quem amava muito. Cheia de ciúme, Briseida manipulou dois de seus próprios rebentos para assassinar o menino. Desgostoso com Briseida, Pélops a rejeitou e amaldiçoou seus dois filhos. Desesperada, ela cometeu suicídio.

Levou dez anos para que Ulisses retornasse para sua casa em Ítaca. Atena ficou com ele durante todo esse tempo e há até mesmo rumores de que continuou a seu lado depois disso.

Mas essa já é outra história...

* Caro leitor, por favor, entenda que por “notas históricas” eu me refiro à interpretação que eu mesma fiz dos fatos. Mais especificamente, eu mesma decidi como queria que tudo terminasse para cada personagem, então reinventei a história.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.

